BACKGROUND OZZY OSBOURNE PT. 01 · COLLECTION FLEETWOOD MAC

ROADIE CREW

He Classic Rock

SLAYER

KINGS OF THRASH METAL

+ COMO O GRUPO AMERICANO MUDOU O MUNDO EM CINCO LIÇÕES
+ COBERTURA DA 'FINAL WORLD TOUR'
+ DISCOGRAFIA COMENTADA

MIKE PORTNOY: DE PEITO ABERTO

- BATERISTA FALA SOBRE VÁRIOS ASSUNTOS POLÊMICOS
- O AVAL DO BATERA AO NOTURNALL
- THIAGO BIANCHI E O MELHOR MOMENTO DO NOTURNALL

ENTREVISTAS

MASTERS OF CEREMONY • VIPER
DESTRUCTION • MATANZA INC.
DANKO JONES • BATUSHKA
DESMOND CHILD • UGANGA
LACUNA COIL • CELLAR DARLING

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST

A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records
SOUND CITY RECORDS

anúncio: www.jduartedesign.com
foto Helloween: Fabio Augusto

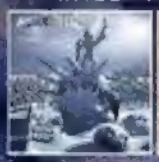
CD DIGIPACK TRIPLO

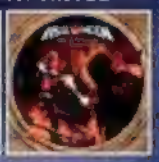
DVD TRIPLO

HELLOWEEN
UNITED ALIVE

LIMITADO EM 1000 UNIDADES CADA
Versões BLU-RAY e LPs disponíveis em versões importadas

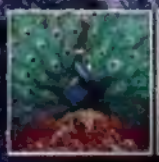
TAMBÉM DISPONÍVEL

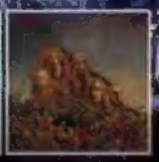




Em 14 meses, a PUMPKINS UNITED fez 69 shows - incluindo 14 shows nos maiores festivais e como headliner - tocando para mais de um milhão de pessoas em 32 países e em três continentes. Esse tão esperado retorno recebeu calorosas recepções. Depois de shows nos EUA e shows adicionais na América Latina, a turnê terminou em dezembro de 2018 com um final altamente emocional em Hamburgo, onde tudo começou em 1984. O sonho continua com o lançamento de "United Alive" e "United Alive In Madrid" Uma experiência audiovisual de extrema qualidade!

TAMBÉM DISPONÍVEL





Versão SIMPLES ACRÍLICO
e DUPLO DIGIPACK
LIMITADO EM 500 UNIDADES

OPETH
IN CAUDA VENENUM

Poucos discos na obra dos suecos são tão envolventes, delicados, panorâmicos, intensos e musicais quanto o décimo terceiro CD do OPETH. Uma capa inteligente de Travis Smith - repleta de piadas internas e uma homenagem ao KING DIAMOND - uma produção magistral do Park Studios (The Hellacopters, Graveyard), a musicalidade de cinco estrelas, engenhoso na sua capacidade de encantar com melodias acentuadas e melancólicas. Realmente, é apenas OPETH sendo OPETH.

BLIND GUARDIAN
LEGACY OF THE DARK LANDS

Prometendo ser um dos projetos mais ambiciosos da história do metal, o próximo lançamento do BLIND GUARDIAN valerá a pena. "Legacy of the Dark Lands"! Sim, é o álbum orquestrado e esteja preparado para esta experiência única em sua vida. "*É incrível que, depois de 20 anos, possamos realmente terminar este projeto emocionante*", afirma Kürsch. "*Estou muito feliz e mais do que satisfeito com isso. Cada faixa única revela mundos espetaculares e conta sua própria história. Com este álbum, nosso maior sonho criativo finalmente se torna realidade*".

TAMBÉM DISPONÍVEL

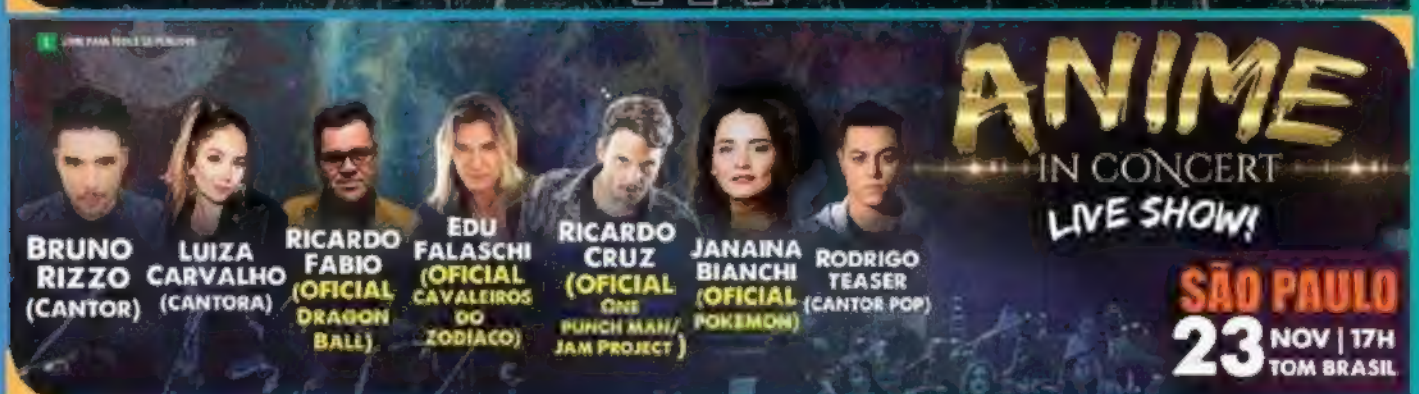
KADAVAR
FOR THE DEAD TRAVEL FAST

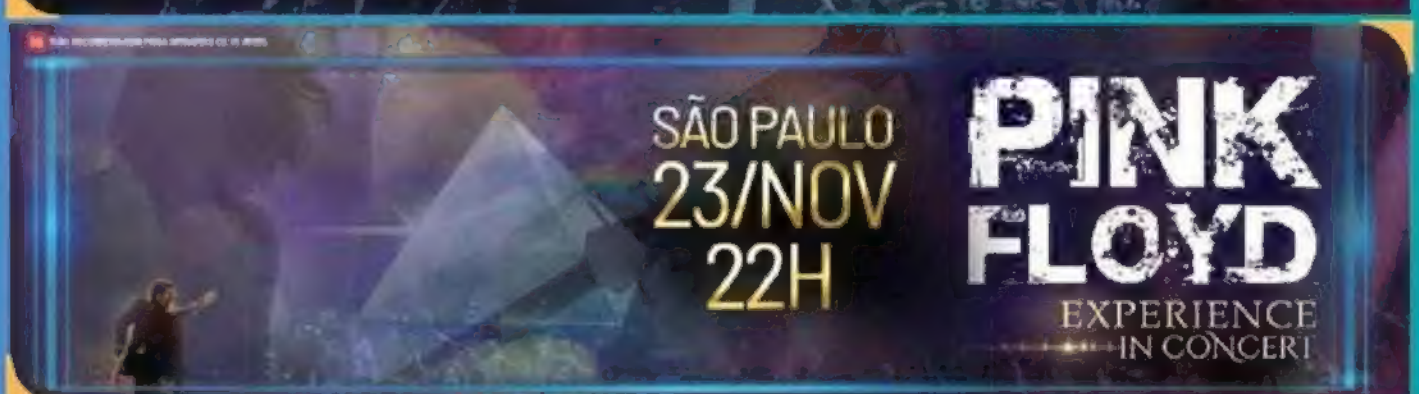
Apropriadamente intitulado "For The Dead Travel Fast", em homenagem ao poeta gótico alemão Gottfried August Bürger, o quinto disco é uma perigosa jornada para a terra dos mortos, uma incursão nos cantos mais sombrios de nossas mentes. Cuidado, este é o KADAVAR que ficou negro como breu! "*Trilhas sonoras de terror antigas e 'Drácula' de Werner Herzog tiveram um grande impacto neste álbum*", afirma o maníaco Tiger. Pense no HAWKWIND com as velhas melodias do PINK FLOYD, misteriosamente cantadas para você do túmulo pelo guitarrista / vocalista Lupus.

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com

Tom Brasil Apresenta

@tombrasilshows
@grupotombrasil
#tombrasil





Patrocínio: Heineken, Coca-Cola | Mídia Partner: UOL | Programa: TudoAzul | Apoio: Estanplaza, shift, Consigaz

Realização: Grupo Tom Brasil | Vendas: Sympla

Todos os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada a apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. **Capacidade máxima = 4.000 pessoas**
Alvará Prefeitura: 2019/01713-00 Val: 01/02/2020 | Alvará Corpo de Bombeiros: nº 381113 Val: 21/10/2019. R. Bragança Paulista, 1281 | www.grupotombrasil.com.br | GRUPOS: (11) 5546 2720

ÍNDICE

06 **CENÁRIO**
16 **ROADIE MAIL**
18 **ESPECIAL SLAYER**
24 **SLAYER**
DISCOS COMENTADOS
31 **SLAYER**
LIVE EVIL ESPAÇO DAS AMÉRICAS (SP)
34 **HEADPHONES IN FURY**
M. MICTIAN (AFFRONT)
36 **SASCHA PAETH'S MASTERS OF CEREMONY**
40 **BLIND EAR**
GUS MONSANTO (HUMAN FORTRESS)
42 **BATUSHKA**
44 **RELEASES**
52 **PLAYLIST**
BRUNO MAIA (TUATHA DE DANANN)
54 **DESTRUCTION**
58 **ETERNAL IDOLS**
GINGER BAKER
60 **MATANZA INC.**
62 **COLLECTION**
FLEETWOOD MAC
64 **DANKO JONES**
66 **VIPER**
70 **MIKE PORTNOY + NOTURNALL**
74 **HIDDEN TRACKS**
SIAM
76 **DESMOND CHILD**
82 **BACKGROUND**
OZZY OSBOURNE (PARTE 1)
88 **UGANGA**
90 **LACUNA COIL**
94 **CELLAR DARLING**
96 **COLUNISTAS**
IT'S ONLY ROCK'N'ROLL / BROTHERHOOD
A LOOK AT METAL / CAMPO DE BATALHA
98 **PROFILE**
SKINNY DISCO (DEATHSTARS)

***FOTO:* DIVULGAÇÃO**

CARTA DO EDITOR

DESPEDIDA DO SLAYER

Para se ter uma ideia da importância do SLAYER para nós da ROADIE CREW, a primeira edição do então fanzine (de #0) traz a banda na capa e até hoje podemos olhar com orgulho e satisfação um exemplar autografado num quadro que permanece ilustrando a parede de nosso escritório. Acompanhamos de perto a passagem da banda pelo Brasil, quando fizeram parte do "cast" do "Monsters of Rock" de 1994, mas, mesmo antes de iniciarmos nosso trabalho com a revista, o Slayer já fazia parte da preferência musical do nosso grupo de amigos nas reuniões constantes que fazíamos para tratar de assuntos envolvendo música e futebol. Seu som esteve permanentemente na trilha sonora dos nossos campeonatos de futebol de mesa (jogo de botão, para os íntimos). Após 1994 alguém da ROADIE CREW muitas vezes esteve presente em reencontros, seja no Brasil ou pelo mundo afora, até que agora, em 1º de outubro, às vésperas do show de São Paulo da "Final World Tour", tivemos a oportunidade de dar um abraço de agradecimento aos membros da banda por esses anos todos de existência do Slayer, num jantar realizado no restaurante Sal Gastronomia, do Chef Henrique Fogaça ("slayermaníaco" de carteirinha).

A matéria de capa desta edição é sobre o Slayer. Gostaríamos que fosse simplesmente um "até logo". Torcemos fervorosamente para que eles se sintam sensibilizados com a reação das plateias presentes aos seus shows, e isso faça com que desistam de "se aposentar".

Muitos fãs guardam na memória, e no coração, suas apresentações que são marcantes basicamente pela música. Aliás, uma das apresentações do Slayer voltou a se mostrar viva nas minhas lembranças recentemente, pois levei um susto quando se definiu pela matéria de capa com o Slipknot na edição #247. Me lembrei com preocupação do que aconteceu quando publicamos a edição #022, de julho de 2000, com as coberturas do "Dynamo Open Air" na Holanda (que na época ainda era o maior festival de metal do mundo) e do "Gods of Metal" em Monza na Itália.

Os eventos aconteceram com apenas uma semana de diferença e ambos os festivais apresentaram basicamente as mesmas atrações, especialmente os grupos mais importantes. Os headliners foram Iron Maiden, Slayer, Testament, Demons & Wizards e... Slipknot. Naturalmente a capa da ROADIE CREW estampou a foto de página inteira com o Maiden e as outras quatro bandas em tamanho reduzido ilustrando o rodapé da capa. Mas aquela pequena foto do Slipknot no cantinho da capa da RC causou celeuma com os "patrulheiros" de plantão que não aceitaram o que consideravam uma concessão ao modernismo por parte da revista. Mas era nossa obrigação fazer jornalismo profissional e mostrar o que foi apresentado de mais importante nos eventos.

Na época o Slipknot ainda era visto como um representante do "nu-metal", por causa de algumas de suas músicas que traziam uma certa dose do som pesado do metal misturado com um balanço enjoativo que não tinha nada a ver com rock. Era uma coisa considerada "modernosa" e comercial demais para todo headbanger que se preze. Quase duas décadas depois é claramente perceptível que os rumos que a evolução musical da banda tomou seguiu por um caminho muito mais "metal", eliminando o prefixo "new" que marcou seu início de carreira. Além disso, os anos que se passaram reforçaram o conceito dos músicos extremamente técnicos e competentes que compõem o grupo de Iowa (EUA), mas ainda assim eu tenho mais afinidade com o som feito pelo vocalista Corey Taylor na sua segunda banda, o Stone Sour do que no Slipknot. Pura questão de gosto pessoal.

AIRTON DINIZ

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 249
OUTUBRO/2019
ANO 22

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Fernando Pires - fernando@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Frans Dourado, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivane Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Braune, Luciano Krieger, Luiz Cesar Pimentel, Marcon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata Valtemir Amler e Vinicius Neves

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Fernando Pires, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-6047
E-mail: redacao@roadiecrew.com

SITE: WWW.ROADIECREW.COM
FACEBOOK/TWITTER: ROADIECREWMAG

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista

For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

FREE PASS

CKC Concerts

APRESENTAM:

OS SUCESSOS DO VAN HALEN PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL

SAMMY HAGAR & THE CIRCLE

SAMMY HAGAR • MICHAEL ANTHONY • JASON BONHAM • VIC JOHNSON

18 MARÇO - RIO DE JANEIRO
20 MARÇO - PORTO ALEGRE
22 MARÇO - SÃO PAULO

SPECIAL GUEST:

SINISTRA

APOIO:

JACK DANIEL'S

MAIS INFORMAÇÕES: WWW.FREEPASS.ART.BR

HICSOS: VETERANOS OTIMISTAS

Quando você lê uma entrevista e vê em algumas citações de que os músicos estão cheios de planos vem na cabeça uma banda nova. Ledo engano, pois estamos falando dos cariocas do Hicsos, que, em quase três décadas de estrada, continua produzindo thrash metal de responsa. Em entrevista para a ROADIE CREW, o baterista Marcelo Ledd fala do mais recente registro, o DVD *26 Years of Thrash* e muito mais.

Marcelo Ledd, Vitor Cofhanos, Alexandre Carreiro e Marco Anvito: o novo Hicsos

Em que momento vocês decidiram retratar a trajetória do grupo no DVD *26 Years of Thrash Violence*?

Marcelo Ledd: Eu comecei a ter essa ideia quando a banda iria completar 20 anos e até chegamos a gravar alguns depoimentos, só que teve a saída de um dos guitarristas. Simultaneamente a isso, começaram a acontecer algumas voltas de bandas antigas e reparamos que o Hicsos era a única banda com mais de 25 anos ininterruptos aqui no Rio e essa história precisava ser contada em imagens. Após tudo ficar como queríamos, decidimos lançar pela Voice Music. Teve todo o conceito da arte do DVD, que é baseada na história do povo bárbaro chamado Hicsos, que dominou o Egito entre 1750 a 1580 antes da era comum (NR: a.C.). A capa representa os hieróglifos egípcios com as capas de nossos trabalhos na parede e o escaravelho no centro que era um bicho cultuado pelos Hicsos e, ao invés de foto, colocamos as imagens da banda como os próprios Hicsos entalhados na rocha. Consegui achar a imagem de uma moeda usada na época e só mudamos o meio dela com nosso H característico e colocamos na parte interna além de fotos de toda a nossa carreira. Estamos satisfeitos com o resultado!

O DVD é um prato cheio não só para os fãs apenas de thrash metal, mas para os aficionados em documentários em geral, por retratar a história da banda e contar com depoimentos de referências na cena como Marcello Pompeu (Korzus) e Airton Diniz (Roadie Crew). O que motivou na escolha deles para essa parte do trabalho?

Marcelo: A ideia era ter depoimentos de várias pessoas que, de alguma forma, passaram pela trajetória da banda, como ex-integrantes, produtores, amigos, jornalistas e por aí vai. Temos depoimentos de quase todos os ex-integrantes, com exceção de dois guitarristas e do outro batera, que infelizmente já faleceu, alguns fãs antigos e novos, além do Pompeu, que produziu todos os nossos álbuns até aqui e que conheço desde os anos 80. Airton Diniz sempre deixou as portas da ROADIE CREW abertas para nós e também temos uma amizade – aliás, converso mais com Airton sobre futebol do que sobre música (risos). Além deles, temos depoimento de produtores de show, músicos de outras bandas dos anos 90 e atuais. Tentamos colocar isso em uma cronologia com os fãs antigos no início e fãs bem jovens no final dando uma noção de continuidade em nossa trajetória.

Outra coisa bacana do DVD foi o fato de terem incluído shows de diferentes fases do grupo, mostrando como a música da banda evoluiu com os anos.

Marcelo: Sim, colocar a banda no palco em diferentes épocas foi uma decisão que tomamos desde o início, só não sabíamos em que contexto isso iria entrar. Aí veio a ideia de colocar como extras. Dividimos da seguinte forma: a primeira formação, depois a formação do segundo álbum e, por fim, a formação da época que o DVD foi finalizado. Quando começamos a assistir as fitas VHS e os arquivos de vídeo começamos a perceber essa evolução, desde o formato, nossa presença no palco, cor do cabelo (risos) e, principalmente, nossa música. Acredito que evoluímos bastante nesses anos. Porém, também acredito que temos um som com identidade própria, com a mesma característica.

Redes sociais são importantes, mas as principais ferramentas na consolidação de uma banda são os shows e vendas de merchandising. Como andam as coisas para a banda nesses quesitos?

Marcelo: Estamos fazendo poucos shows por conta de estarmos compondo o álbum novo, mas estamos fazendo shows bacanas para não perder a rotina. Afinal, adoramos o palco como quase toda banda. Temos ido bem com o merchandising, pois o pessoal hoje pede tudo pela internet. A galera entra em contato por uma dessas mídias que a banda tem pedindo algum produto, inclusive fãs do Rio mesmo. O DVD está saindo bem e a galera está curtindo! Estamos aprontando uma nova linha de camisas que será liberada em breve, mas acho que enquanto velhinhos do metal, temos que ampliar mais nossas fronteiras nessa área digital. Quanto aos shows tem muita coisa pré-agendada para 2020 e outras para esse fim de ano.

Não é novidade para ninguém que a situação underground no Brasil é complicada, com a falta de interesse do público em conhecer novas bandas e assistirem shows de grupos menores. O que pensam sobre isso e se acha que essa situação pode melhorar?

Marcelo: Isso é realmente um grande problema. A garotada de hoje em dia é muito diferente de quando começamos. Neguinho só quer ficar em casa assistindo YouTube e paga uma grana alta em shows de bandas grandes. Não que não tenham que ir nesses shows, pelo contrário. Quando garoto, eu sonhava que um dia teríamos vários shows de bandas de fora, mas a cena brasileira no geral é maravilhosa, tem banda de todo tipo de metal e muito bem feito. Acho que está na hora do pessoal começar a prestar atenção no cenário brasileiro, que é muito criativo. Isso parece estar começando a acontecer. Aqui no Rio, a Zona Oeste sempre foi celeiro do metal e está começando a voltar a fazer barulho no underground carioca. Sou sempre otimista.

Como enxerga a cena thrash mundial hoje? O que acha dos atuais discos de bandas como Slayer, Kreator, Death Angel e Overkill?

Marcelo: As bandas da infância sempre serão maravilhosas, né? Esse pessoal está lançando discos maravilhosos, e os novos do Overkill e do Death Angel estão matadores. Kreator continua mantendo a mão certeira nas composições novas e Slayer é Slayer... Fora outras bandas que vêm lançando discos maravilhosos, como Anthrax, Testament e Sacred Reich, que lançou seu disco novo recentemente. Mas tem outras bandas por aí com discos fantásticos, com umas da Espanha muito boas e umas do cenário underground alemão, que também estão fazendo thrash de qualidade. Fora o thrash brasileiro, que sempre foi um celeiro de discos excelentes em toda a sua história. Às vezes, acho que o thrash cresceu muito no mundo novamente como foi nos anos 80, mas ainda falta muito para chegar naquele patamar e o retorno de grandes bandas daqui e de fora é um bom indicativo. E o Hicsos está nessa. Só iremos parar quando não conseguirmos mais tocar, quando não for mais possível fisicamente. Amamos o que fazemos e é isso que nos dá força para estar aqui até hoje sem tirar de dentro.

João Messias Jr.

ONE OF THEM: FIDELIDADE AO THRASH OLD SCHOOL

Formada em Porto Alegre em 2004 com o objetivo de fazer thrash metal old school, o One of Them lançou sua primeira demo em 2009 e uma década depois finalmente estreia em disco com *Blind Faith*, EP de seis faixas que mostra a fúria e a competência do quinteto. Para falar sobre a trajetória do grupo e, principalmente, sobre o álbum recém-lançado, GG Mussi (vocal), Ivan Santos (guitarra), Jeff Witt (guitarra), Alex Guterres (baixo) e Jonas Koehler (bateria) bateu um papo com a ROADIE CREW.

Ivan Lopes, Alex Guterres, GG Mussi, Jonas Koehler e Jeff Witt: thrash metal sem concessões

Pra começo de conversa, queria que vocês explicassem o motivo do nome One of Them. Parece que tem uma história interessante por trás dele...

Jeff Witt: Primeiramente, muito obrigado pela oportunidade de podermos falar da banda e do nosso trabalho. Somos leitores de décadas da revista. Bem, o nome One of Them saiu da mente criativa do nosso ex-batera e co-fundador da banda Zé Henrique. Ele disse: 'A banda que eu mais odeio é Nenhum de Nós! Vamos botar 'Um Deles' (que é o inverso) que é pra eu lembrar todos os dias o quanto eu odeio essa banda!' (muitos risos) Evidentemente, teve o apoio dos demais. Mas como seria o som em inglês, passamos para One of Them. Deixando claro que os caras são legais, o problema é só com as músicas! (mais risos)

Vocês começaram em 2004 e em 2009 lançaram a primeira demo, *I Am One of Them*. Qual foi a repercussão dela?

Jeff: Iniciamos tocando clássicos do metal de bandas que escutamos desde sempre, desde o longínquo início dos anos 80. Veio evidentemente a vontade de fazer um som próprio e em 2009 saiu *I Am One of Them*, que teve boa repercussão e rendeu comentários positivos e diversos shows pra gente. Tem pessoas que ainda vêm falar com a gente por causa daquela demo e isso é muito gratificante.

Alex Guterres: Foi bem legal a receptividade no meio metal underground de Porto Alegre e arredores, o que nos abriu muitas portas e nos facilitou a realização de vários shows na região. E recebemos uma bela avaliação na sessão Garage Demos da ROADIE CREW, o que foi bem legal e atestou que estávamos no caminho certo.

Em 2012 vocês abriram para o Overkill em Porto Alegre. Como foi essa experiência?

Alex: Foi algo meio surreal, pois nunca tínhamos tocado num local tão grande como o Opinião, com equipamento de qualidade e som poderoso. E olhar pro lado e ver o D.D. Verni bangeando junto foi sensacional! E ainda teve o Bobby Blitz vindo nos cumprimentar pelo 'grande show' que fizemos. Inesquecível, com certeza...

O novo disco, *Blind Faith*, saiu este ano. Por que demoraram dez anos para lançar o sucessor de *I Am One of Them*?

GG Mussi: Basicamente por mudanças de formação, que trouxeram mudanças de rumos. Nesse período trocamos de guitarrista duas vezes e, por fim, de baterista. Depois dessa última mudança resolvemos recomeçar praticamente do zero, limando algumas composições que já tínhamos, modificando outras e escrevendo novas. A entrada do Ivan e do Jonas deu outra cara e apontou outro caminho pra nós. Por isso a demora.

Uma coisa que impressiona no disco é a qualidade da gravação. Os timbres das guitarras e a voz chamam muito a atenção. Como foi a produção do disco?

GG Mussi: Eu diria que foi tranquila e meticulosa. Gravamos com Sebastian Carsin, no Estúdio Hurricane, em Porto Alegre, onde já tínhamos gravado o primeiro trabalho. O cara é um mestre, perfeccionista, e deu muitas e importantes dicas de timbragem. Também sugeriu vários detalhes que, depois de gravados, acabaram somando muito a determinadas músicas.

Ivan Santos: O Sebastian me puxou muito para conseguirmos ter uma qualidade de som com muita pegada e peso nas bases e solos. No final, conseguimos esse resultado. Ficamos muito satisfeitos!

Por que lançaram um EP em vez de um álbum completo?

Jonas Koehler: Acho que vários fatores levaram a optarmos por um EP. A questão de uma década da gravação do EP anterior, a nova formação e as músicas que já estavam bem ensaiadas e consolidadas foram os fatores mais determinantes. Isso estava gerando certa ansiedade por ver o material registrado.

O disco é em inglês, mas tem uma música em português, *Pulverizados*. Por que essa opção?

Jeff: A levada dela remete às bandas brasileiras de thrash dos anos 80. Então, pareceu que a letra em português a deixaria ainda mais destruidora. Não deixa de ser uma homenagem a bandas que admiramos também! Mas admiramos mesmo! Não como o lance do Nenhum de Nós... (risos)

Ivan: Quando começamos a tocar essa música, ela estava em inglês, mas depois de ouvir ela toda, sentimos que as bases nervosas pediam essa música em português mesmo.

Após gravar um disco, a intenção de toda banda é cair na estrada. Mas é raro encontrar lugares que tenham estrutura condizente com a qualidade da banda. Como lidar com isso?

GG Mussi: Não tem jeito... tocando!! Queremos tocar! Sabemos que vamos encontrar lugares com equipamento e estrutura adequados e outros nem tanto (ou nem perto disso). Paciência. Essa é a realidade do underground onde uma banda como a nossa circula.

Alex Guterres: Aceitando, porque dói menos... (risos) Velho, temos que superar tudo isso se quisermos mostrar nosso som e nos divertir. Faz parte, infelizmente...

E o exterior? Já estão programando o lançamento do disco por lá? E uma turnê pela Europa, está nos planos?

Jeff: Olha, seria sonho de consumo. Vontade não nos falta, nem passaporte! Mandamos o CD para um camarada da Alemanha, vamos ver o que ele consegue. Participamos de uma eliminatória do Wacken em 2010 promovida pela ROADIE CREW e recebemos muitos elogios. Foi por um triz! (risos)

Pra encerrar: vai demorar mais dez anos pra sair o próximo disco?

Jeff: De jeito nenhum! Outro dia, quando entreguei nosso CD para um cara, ele disse: 'A banda nunca deveria ter parado.' Fiquei pensando: 'Porra, a gente nunca parou...' Ou seja, não dá pra deixar esse vácuo novamente. Estamos estabilizados e com uma formação encarnada. Pra ter ideia, no meio das gravações já começamos a escrever músicas novas. Então não vai demorar tudo isso não! Up the Ones!

Jonas: Espero que não! Se demorar mais uma década talvez eu já não tenha este fôlego de 'guri' de 57 anos! Mas acredito que com a estabilidade alcançada e a maturidade atual não passará tanto tempo até um próximo lançamento.

Antonio Carlos Monteiro

GREY WOLF: UM LOBO SOLITÁRIO DO METAL ÉPICO

Embora já tenha feito parte de algumas alcateias do metal no passado, Fabio "Grey Wolf" Paulinelli é agora um lobo solitário, responsável por tocar sozinho um projeto que ele próprio iniciou em janeiro de 2012, o Grey Wolf. Inspirado em histórias de "Conan, o Bárbaro", mitologias e o som do heavy metal tradicional, de bandas como Manowar e Judas Priest – embora o traço mais épico do Bathory também se faça presente –, Fabio segue proliferando seu pungente "sword and sorcery true metal". Conversamos com ele a respeito do quarto e mais recente disco de estúdio do Grey Wolf, *The Lost Journey of an Old Viking*, e um pouco mais da trajetória deste projeto, nascido em Contagem (MG).

Fabio Paulinelli é o homem por trás da obra do Grey Wolf

O Grey Wolf foi formado em 2012, gravou seis demos antes de conceber quatro discos de estúdio e um álbum de compilações. Qual o saldo que você faz desses sete anos intensos em termos de produção autoral de um projeto que chegou a ser um grupo, mas que acabou se tornando o trabalho de um homem só?

Fabio Paulinelli: Na verdade, o Grey Wolf começou como um projeto de um homem só. No decorrer do caminho, resolvi formar a banda para se apresentar ao vivo. Mas acabou não dando muito certo, e voltei ao status de projeto de estúdio. Me sinto extremamente realizado no que diz respeito à música. No início, eu queria apenas um registro oficial de minhas músicas, ou seja, um CD gravado. Era o que eu almejava quando lancei de forma independente o primeiro álbum em 2014 (*Grey Wolf*). A repercussão foi a melhor possível, e isso me deu uma injeção de ânimo para continuar.

O mais recente trabalho, *The Lost Journey of an Old Viking*, é praticamente um disco de uma pessoa só, porque todas as letras e músicas são de sua autoria, e você gravou os vocais, o baixo, as guitarras e a bateria, embora tenha recebido uma ajudinha na gravação.

Fabio: Sim, sim. De um tempo para cá decidi gravar meus álbuns eu mesmo, com baterias programadas. Contei com a participação de alguns amigos para solos de guitarra, backing vocals, produção, enfim... Daqui para frente será assim. Acho que flui melhor e consigo produzir mais. Os álbuns anteriores são de minha total autoria também, e por isso acho que o Grey Wolf sempre foi mais um projeto do que uma banda.

Qual a história por trás do mais recente disco? E quais as maiores inspirações nesse sentido?

Fabio: Sempre fui fã de tudo relacionado a temas épicos, sejam livros, filmes, séries, quadrinhos etc. Essa abordagem nas letras foi mais que natural. Cresci lendo Conan, que é a principal fonte de inspiração para o Grey. Sempre seguirei esse caminho, pelo menos na maioria das composições. O foco principal do trabalho será sempre o épico, cimérios, vikings, gregos ou coisas da minha imaginação.

O quarto álbum possui um produto físico muito interessante, com o disco, um livreto contando a história do personagem Grey Wolf e uma slipcase. Como surgiu essa ideia de lançar algo que vai além da música?

Fabio: O ilustrador francês Nicolas Bourmay, que desenhou as capas dos meus discos *Glorious Death* (2016) e *The Beginning* (disco de compilações de 2017), me disse em uma ocasião que eu havia criado um personagem muito bacana e que ele gostaria de ilustrar uma HQ dele, desde que eu escrevesse o roteiro. Disse a ele que nunca havia feito isso, mas que iria tentar. Comecei a escrever um roteiro curto, voltado para HQ. Mas acabou que eu e o Nicolas nos desentendemos, e acabou não rolando. Mesmo assim, um amigo meu, que leu o que eu havia escrito, achou que eu não deveria deixar de lado o projeto e sugeriu então que eu lançasse um livro. Então, reescrevi o roteiro incrementando mais coisas à história. Resolvi acoplar essa história ao CD. Ficou um material bem luxuoso, com duas ilustrações, a da capa e a do livreto, além do slipcase. O resultado final me agradou muito.

O que o Grey Wolf tem de diferente para se destacar em meio a tantas bandas que abordam temas épicos?

Fabio: Cara, eu sinceramente não sei dizer. Não me considero um músico de verdade, sou apenas teimoso (risos). Simplesmente meto a cara e faço. Absolutamente nada no Grey Wolf é feito com algum tipo de pretensão. O que posso dizer é que gosto de compor e sou extremamente dedicado ao Grey. Atualmente é a única coisa em minha vida que faz algum sentido.

Sobre as músicas, uma coisa que me chamou atenção, além da atmosfera épica, são os arranjos do baixo. Em meio a tantos bons riffs de guitarra, o baixo parece ser o instrumento mais virtuoso. Há um cuidado maior nesse sentido?

Fabio: Para gravar essas linhas de guitarra foi um sofrimento só, pois não domino o instrumento. Mas, como disse, sou teimoso, pego e tento fazer. Uma hora acaba saindo. Meu instrumento de ofício mesmo é o baixo, apesar de não tocar merda nenhuma também (risos). Então é mais do que natural que o baixo seja o destaque, pois procuro dar mais ênfase nas linhas, dentro das minhas limitações, é claro, para que ele se sobressaia nas composições.

É um disco lançado pelo seu selo, Wolf Productions. Será lançado no exterior, como aconteceu com outros da discografia?

Fabio: No mesmo dia em que soltei o *The Lost Journey*, recebi uma proposta da Stormspell Records (EUA) para uma pequena tiragem lá fora. Mas recusei, já que lancei mil cópias desse álbum em CD. Acho que iria saturar o mercado. Por agora não seria interessante, a não ser que fosse em outro formato, como LP. Conversei com o pessoal da Stormspell sobre um possível relançamento, só que mais para frente, algo que trouxesse mais coisas, como músicas bônus.

Pensa em executar *The Lost Journey* ao vivo?

Fabio: Não. O dia de amanhã ninguém sabe, mas hoje não penso em montar uma banda para isso.

Nos fale do split que sairá ao lado da banda Thunderlord, de Londrina (PR).

Fabio: Esse split terá o título de *Funeral To A Brother of Sword*. Sairá em CD e contará com nove músicas inéditas, sendo quatro do Thunderlord e cinco do Grey Wolf. A capa foi ilustrada pelo Nicolas Bourmay. Será lançado também pelo meu selo, com previsão para o início de 2020. Estou com muita expectativa em cima desse material. O Thunderlord segue a mesma vertente do Grey Wolf, e acho que casou perfeitamente. Já trabalhamos juntos em um outro projeto meu chamado Brothers of Sword, de 2015, onde reuni músicos de várias bandas.

Thiago Prata

DARK TOWER

OBEDIENTIA

ASSISTA A
downfall

AGRESSIVO, CONTESTADOR,
desafiador.

"DO BLACK E DEATH METAL, AO HEAVY METAL TRADICIONAL E COM RIFFS THRASHERS, OBEDIENTIA É UM ÁLBUM MUITO PODEROSO, COM PERFORMANCES EXCELENTES E ÓTIMA PRODUÇÃO!"

GEORGE BOKOS
STONE COLD DEAD, EX ROTTING CHRIST (GRÉCIA)

"DESDE "SPIRITUAL BLACK DIMENSIONS" DO DIMMU BORGIR QUE EU NÃO OUVIA UMA COMBINAÇÃO TÃO INSPIRADA DA FÚRIA DO DEATH METAL E BLACK METAL"

ANIMÆ
DARKEND (ITÁLIA)

"DARKTOWER DÁ UMA AULA DE METAL EXTREMO. COM UMA PRODUÇÃO PERFEITA E MÚSICAS QUE QUE SÃO VERDADEIRAS PÉROLAS, METAL BRASILEIRO MAIS QUE PRONTO PARA O MUNDO!"

ALEX KÄFFER
ENTERRO / MYSTERIIS

"UMA OBRA SIMPLESMENTE FABULOSA, PARA APRECIADORES DE UM DEATH/BLACK METAL TÉCNICO, NA ESCOLA DE BANDAS COMO DIMMU BORGIR E EMPEROR. QUE O BRASIL E O MUNDO SAIBAM RECEBER ESTE DISCO COM A FORÇA QUE ELE MERECE. HAIL SATAN ! STAY EVIL!"

LORD VLAD
MALEFACTOR

nas melhores lojas e em todas as plataformas de streaming!

EXTREME SOUND RECORDS · ELECTRIC FUNERAL · NATIVE BLOOD RECORDS

DARKTOWEROFFICIAL.COM
/DARKTOWERMETAL /DARKTOWERTV /DARKTOWEROFFICIAL

APOIO
SPECTRAFLEX · RAFIVE · PYRO

STRESS: DEVASTAÇÃO, FOGO E PODER

Nascido em Belém (PA) e pioneiro do heavy metal em solo tupiniquim, o Stress confeccionou duas pérolas nos anos 80: *Stress* (1982) e *Flor Atômico* (1985). Infelizmente, uma série de percalços, incluindo a falta de apoio de gravadoras, culminou na paralisação de suas atividades. Em vários momentos o grupo se reuniu, chegando a lançar *Stress III* (1996), mas, depois, esses encontros se tornaram esporádicos. Nos últimos anos, porém, o grupo ressurgiu, e a volta definitiva veio em grande estilo com *Devastação* (2019), fruto dos esforços do trio formado pelos guerreiros Roosevelt Bala (vocal e baixo) e André Chamon (bateria) e o novato guitarrista Emerson Lopes. Conversamos com Roosevelt sobre o novo capítulo dessa lenda e dessa sua 'sina' chamada heavy metal.

Emerson Lopes, Roosevelt Bala e André Chamon: pioneiro do metal brasileiro segue produzindo.

A banda tem mais de 40 anos. Mas exatamente quando o Stress nasceu?

Roosevelt Bala: A gente começa a contar a partir do primeiro show com o nome Stress. Tivemos outros nomes antes, como Pingo D'água, Elektra e TNT. Mas em 1977 veio o nome Stress, uma sugestão do Pedro Valente, nosso guitarrista na época. Contamos oficialmente a partir de outubro de 1977.

Considerando essa data, significa que o Stress lança seu quarto disco de estúdio quase 42 anos depois de seu surgimento. Muita gente esperava que o quarto álbum pudesse ter sido produzido na década passada. Vocês também ansiavam que isso pudesse ter acontecido antes?

Roosevelt: Realmente, as pessoas pensaram que um disco pudesse ter sido lançado antes. Apesar de não termos lançado um álbum, houve singles ao longo dos anos, como *Coração de Metal*, lançado em 2005 e que se tornou um clássico da banda. Em 2009, compusemos a *Brasil Heavy Metal* para o documentário de mesmo nome, e foi lançado um clipe dela, com 16 vocalistas da história do metal nacional dos anos 80. Você chegou a ver esse clipe?

Sim, claro. E como você disse, tem um timaço participando, gente como Andre Matos, Marcello Pompeu (Korzus)...

Roosevelt: Sim, exatamente. Tem o Bozó, do Overdose, o Otávio, do Taurus, China Lee, do Salário Mínimo, e tantos outros ícones. Uma galera de peso... Importante salientar o registro das participações de irmãos que hoje não estão mais entre nós: Júlio Michaelis, do Santuário, que partiu em 2010; e, mais recentemente, o notável Andre Matos, provavelmente, o maior expoente da história do heavy metal brasileiro. Perda irreparável, uma verdadeira unanimidade na nossa cena. No clipe da música, temos uma das raras interpretações do Andre cantando em português. Ele abraçou a causa desse projeto, mostrando seu comprometimento com o movimento... Todas as vezes em que ele veio a Belém, com seus vários projetos, tinha um momento do show em que ele parava para fazer reverências ao Stress, como pioneiro do metal no Brasil... Além de um grande astro, de talento raro, era uma pessoa do bem, com um caráter ilibado e uma humildade peculiar aos nobres. Vai fazer uma falta enorme, insubstituível! Bem, além de *Coração de Metal* e *Brasil Heavy Metal*, fizemos *Heavy Metal É a Lei*, em 2014. Ou seja, produzimos e gravamos algumas coisas ao longo dos anos. Aí veio essa possibilidade de fazermos o *Devastação*.

O novo disco, aliás, conta com a estreia de Emerson Lopes nas guitarras. Qual foi o papel dele no processo de composição e gravação?

Roosevelt: Ele estava numa banda minha, de Belém, chamada Zona Rural. Quando se aproximou a hora de gravarmos o *Devastação*, o Paulo Gui, nosso guitarrista, disse que não poderia gravar o álbum, porque estava se mudando para Portugal. Isso aconteceu numa sexta-feira, e nós iríamos gravar o disco três dias depois. Na mesma noite, conversei com o Emerson, que topou na hora. Apesar de não ser necessariamente um especialista em heavy metal, ele aprendeu tudo muito rapidamente e fez um trabalho primoroso.

A faixa-título abre o disco como um chute na porta, não acha?

Roosevelt: É uma música com todos os elementos do Stress. O tema dela é algo recorrente, principalmente para nós que moramos aqui na Floresta Amazônica. Talvez as pessoas do Sudeste ou Sul do país não entendam, mas aqui, infelizmente, existe a depredação do meio-ambiente. Levamos esse alerta na letra. Esperamos que as pessoas abram os olhos para esses problemas, que incluem queimadas, destruição da fauna e flora, um monte de coisa nociva.

Curioso é que o disco traz em sua primeira metade letras mais críticas, sobre males no Brasil e no mundo, e em sua segunda parte, canções de amor ao metal. Isso foi intencional?

Roosevelt: Bem, a gente queria regravar os singles *Coração de Metal*, *Brasil Heavy Metal* e *Heavy Metal É a Lei* para lançarmos eles oficialmente. Permitimos até fazer novos arranjos para *Coração de Metal*. E as deixamos para a segunda parte do disco, pois inicialmente seriam faixas bônus. Então, acabou sendo uma coincidência ter essa divisão que você citou. As primeiras realmente abordam questões mais sociais e políticas, como *Soldados da Fé*, que fala da violência nas ruas. Depois aparecem os hinos dedicados ao fiel público do metal.

Você acha que o brasileiro sabe valorizar sua própria cena?

Roosevelt: Eu vivi a história, você sabe. Percebi que as coisas foram mudando. Esse amor pelo heavy metal era uma unanimidade nos primórdios da nossa cena, até meados dos anos 80. Vivíamos como uma verdadeira irmandade, todos procuravam se ajudar. Em 1985 ou 1986 começaram as ramificações: heavy, thrash, power, death, speed, black... O cara que ouvia mais thrash deixava de ir aos shows de heavy, e vice-versa. O movimento se rachou. Ao mesmo tempo em que houve aumento na quantidade de pessoas, houve aumento de subdivisões de estilos. Antes, havia 1.500 ou 2 mil pessoas num show. Aí começou a ter 500 pessoas, depois 250... Houve ainda discriminação a quem cantava heavy metal em português. Ao longo dos anos, esse racha atingiu as redes sociais. Agora temos headbangers de direita e esquerda, ou seja, ainda tem mais essa... Tem casos em que uma banda de white metal não pode tocar no mesmo evento de uma black metal. Criaram-se regras absurdas. Se todo mundo fosse apoiador de uma cena só, o Brasil poderia ter a cena de metal mais forte do mundo.

O que podemos esperar do Stress daqui pra frente?

Roosevelt: Pretendemos rodar o Brasil. Existe a possibilidade de o Paulinho Gui reintegrar a banda. Podemos, eventualmente, utilizar a formação de quarteto. Queremos visitar cidades onde nunca estivemos e tocar velhos clássicos e músicas do *Devastação*. Ah, e em outubro disponibilizei *Os Cães Ladram e a Caravana Passa*, novo single do meu trabalho solo.

Thiago Prata

ROCK ADD: PAIXÃO ETERNA INTACTA

Daniel Closs e Luciano Piantonni [illegible] o podcast Rock Add

O legal não é começar a ouvir metal na adolescência, mas permanecer nele durante toda a vida, inclusive mantendo as maiores paixões dos fãs do estilo: shows e coleções. Esse último que foi o embriao do Rock Add, podcast semanal idealizado pela dupla Luciano Piantonni e Daniel Closs, que, em pouco tempo de existência, vem chamando a atenção por apresentar um conteúdo diferenciado. A seguir, a dupla fala sobre a curta e marcante história do veículo, referências e muito mais.

Como dois fãs de metal e colecionadores de discos uniram forças para montarem o Rock Add?

Luciano Piantonni: Falava com o Daniel pelas redes sociais há um tempo – ele mora em São José dos Campos e eu na capital. Entre uma troca de discos, falei sobre a vontade que tinha de ter um podcast – já que fazia a produção no programa Pegadas de Andreas Kisser da 89FM – e deu certo.

O podcast é disponibilizado no YouTube, Spotify e SoundCloud. Como está sendo o feedback recebido e perceberam diferenças nos públicos dessas plataformas?

Daniel Closs: Hoje, o Rock Add está disponível em cinco plataformas: Spotify, Deezer, iTunes, SoundCloud e YouTube. Temos recebido um feedback muito legal dos ouvintes, e um crescimento bem legal nos número de assinantes dos nossos canais. Hoje as duas plataformas principais em número de público são o Spotify e YouTube, que acabam sendo os mais populares e com público mais fiel, que assina o canal, e já ouve o episódio assim que é lançado. Mas a audiência nas outras plataformas tem nos [illegible].

Em menos de um ano e realizado semanalmente, vocês já possuem uma história bacana com convidados de respeito, que vão de John Connely (Nuclear Assault) até a Syang (ex-PUS). Como vocês organizam as pautas e a correria para as matérias?

Luciano: Muito fácil! O fato de já trabalhar com isso há tanto tempo, acabo conhecendo meio mundo, aí é só acionar os contatos e organizar as entrevistas. Não costumo planejar muito, as coisas rolam [illegible].

Existe alguma história exótica ou curiosa sobre alguma entrevista do programa?

Daniel: Caramba, difícil escolher uma. Talvez a que me chamou a atenção foi na entrevista da Fernanda Lira do Nervosa, que nos contou sobre fãs, digamos, menos 'normais' que enviam mensagens pedindo para elas, meias usadas em shows (risos).

Luciano: O curioso é que algumas dessas entrevistas acontecem pelo WhatsApp, e 'encontrar' a Syang depois de tanto tempo, por esse aplicativo é bem inusitado.

Duas inspirações que citam do podcast são o saudoso jornalista Ricardo Boechat e o eterno apresentador do Comando Metal, Walcir Chalas. Em que eles influenciaram no Rock Add?

Luciano: O Walcir Chalas foi e sempre será a maior inspiração, em se tratando de Rock e Metal no formato de rádio. A voz dele apresentando o Comando Metal ainda ecoa na minha cabeça quando penso em rádio. E o Boechat, pelo fato de fazer aquela coisa mais 'falada', algo que temos como prioridade para o Rock Add – a morte dele foi o ponto de partida para a criação do podcast.

Se por um lado a internet derrubou barreiras e igualou as condições para que as bandas e veículos possam expor seus trabalhos, é fato que temos muita coisa de gosto duvidoso rolando por aí. O que fazem para fugir do que é produzido atualmente?

Luciano: Partindo do ponto em que o Rock Add não abre espaço para os 'haters', naturalmente só falamos daquilo que consideramos bom. O fato de não existir pressões externas em nosso trabalho faz com que busquemos apenas o que gostamos.

Sabendo que o metal ainda não é uma atividade rentável. Como é conciliar a paixão pelo heavy metal com a família e trabalho?

Daniel: Como tudo na vida, damos um jeito (risos). Já tratamos o Rock Add como uma empresa. Temos nossos compromissos pessoais e profissionais, mas nos comprometemos a sempre cumprir nossa agenda de gravar um programa por semana, discutir as melhorias, para garantir para os nossos ouvintes um episódio de qualidade toda quinta. E sinceramente, fazer algo que amamos acaba sendo fácil. Então damos um jeito de conciliar tudo.

Luciano, acompanho seu trabalho há pelo menos duas décadas. Desde o tempo que resenhava discos em jornais no ABC paulista. Fazendo uma espécie de linha do tempo, como eram aqueles tempos e como se vê ainda na batalha em prol do metal?

Luciano. Poxa, muito obrigado! Eu dirá que facilitou, a forma como você faz contato com seus ídolos, a exposição e tal. Muito antes dessas resenhas, tive fanzine, fiz parte de duas rádios comunitárias, entrevistava bandas, etc... A paixão segue intacta desde que o Kiss pisou aqui pela primeira vez, em 1983 (risos)!

João Messias Jr.

DOGMA BLUE: DESAFIANO OS FALSOS DOGMAS SOCIAIS

Oriundo da tradicional cena paranaense do rock/metal, o Dogma Blue estreou oficialmente com o single *No Garden*, e já naquela primeira mostra, era evidente o caráter musical do grupo: metal, sem prefixos para limitar a sua abrangência. Trilhando caminhos que vão desde o hard rock clássico até o thrash metal, Marcelo Paes (vocal), Tales Ribeiro e Rodrigo Kolb (guitarras), Roberto Greboggy (baixo) e André Prevedello (bateria) promovem o EP *Quietus*, que novamente evidencia o caráter multifacetado de sua música. Além disso, acrescenta uma boa dose de crítica social ao caldeirão. Enquanto se preparam para criar o sucessor de *Quietus*, Tales e André conversaram com a ROAD E CREW, contando um pouco sobre o que existe no retrovisor e no caminho adiante do Dogma Blue.

André Prevedello, Roberto Greboggy, Tales Ribeiro, Marcelo Paes e Rodrigo Kolb preparam álbum completo para dar sequência à jornada do Dogma Blue

O tradicional cenário paranaense parece estar bastante aquecido, com vários novos nomes surgindo, além das bandas tradicionais que permanecem ativas. O que podem dizer sobre o cenário paranaense e curitibano?

Tales Ribeiro: Curitiba tem uma cena rock muito forte. Nos dez anos que moro na cidade eu só vi aumentar a quantidade de bares que apoiam a cena, sem contar com casas tradicionais da cidade que mantêm o foco no rock/metal. A reabertura da Pedreira Paulo Leminski contribuiu para Curitiba voltar a ser palco de grandes shows nacionais e internacionais, o que vem possibilitando às bandas locais abrirem shows de artistas renomados e ganharem mais visibilidade. Tudo isso contribui para a cena e dá mais força para novas bandas.

O que representa o nome Dogma Blue e como ele se conecta com o padrão musical do grupo?

André Prevedello: O nome Dogma Blue reflete o status da sociedade contemporânea que vive cercada de verdades absolutas (dogmas) como religião, economia e política, que oprimem, exploram e degradam o ser humano. Estas verdades absolutas acontecem disfarçadas como algo bom, muito influenciadas pelas mídias sociais que ditam falsos padrões para a sociedade. A frustração em não atingir tais padrões causa tristeza e depressão, daí o termo 'Blue', e, ainda, a exploração do homem pelo homem continua selvagem. Entendo que a música assim como a arte deve ser um revelador dos problemas da sociedade, ou, seja, deve mostrar as situações que vivemos para então gerar crítica. Afinal, arte apenas como experiência perde sua função e sua necessidade de existir.

A primeira mostra musical do Dogma Blue que chegou aos meus ouvidos foi o single *No Garden*. Poderiam falar um pouco sobre a concepção dela, e por que decidiram por ela para apresentar a banda?

Tales: Logo quando iniciamos a banda, em um dos primeiros ensaios, o Marcelo trouxe a ideia da música: o riff e as letras do verso. Nos ensaios seguintes trabalhamos na estrutura da música e novas partes que deram corpo à música *No Garden*. Logo na sequência decidimos gravar e lançar esse single de forma independente para ver a receptividade.

Vocês poderiam comentar a faixa-título do EP? O que *Quietus* busca transmitir?

Tales: *Quietus* reflete sobre as dualidades da vida, retratadas pelo céu e o inferno. A música possui uma cadência que trabalha esses dois elementos questionando qual rumo tomar e vai crescendo para um final forte que representa diretamente o termo 'quietus', como algo que causa a morte.

***Mucumbo* é outra que foi lançada como single, trazendo ótimas linhas de guitarra, além de momentos de glória para os baixistas de plantão, já que vocês deixaram o baixo evidente na mixagem. Então, temos aqui dois pontos muito interessantes, e o primeiro é a música em si. Falem-nos um pouco sobre ela.**

Tales: Essa música fala sobre tortura, seja ela física, psicológica, sexual etc. O termo Mucumba remete a história brasileira das escravas que sofriam abusos dos seus senhores. Tema que, por incrível que pareça, é bastante contemporâneo, porém com outro contexto histórico. As linhas de guitarra foram escritas pelo Rodrigo e trazem uma energia forte, exigida pelo tema. As linhas de baixo, executadas com perfeição pelo Roberto, foram realçadas na mixagem para trazer ainda mais peso.

A segunda coisa é a mixagem e produção em si. Como foi o processo e quem esteve a cargo destas tarefas?

Tales: Quando terminamos a gravação decidimos buscar um estúdio profissional para realizar a mixagem e a masterização, justamente para realçar todos os elementos do EP. Nossa escolha foi pelo Click Audioworks, em Curitiba, e os trabalhos ficaram a cargo do Paulo Bueno que também trabalhou na edição da bateria.

Com *Quietus* lançado nas plataformas digitais e em formato físico, como têm sentido a repercussão?

Tales: Está sendo bastante positiva em todos os aspectos, desde a qualidade das músicas, quanto ao trabalho da arte, produção etc. A acessibilidade que as plataformas digitais proporcionam ajuda a divulgação ter uma abrangência muito maior.

Sendo *Quietus* um EP, quais são os planos daqui em diante? O EP será usado como no início, quando era uma prévia para o álbum completo?

Tales: A ideia é realizar shows para divulgar o EP, mas já iniciar o trabalho de composição do sucessor de *Quietus*. A nossa ideia é que nosso próximo registro seja um álbum 'full' totalmente inédito.

Por favor, usem este espaço para falar com nossos leitores.

Tales: Agradecemos pela oportunidade e pelo apoio. Convidamos a quem ainda não conhece nosso trabalho que procure pela Dogma Blue em todas as plataformas digitais e para quem já conhece continue ouvindo e compartilhando nossas músicas. Convido também a acessarem nosso site (dogmablue.com) e seguir nossas mídias sociais para se manter atualizado.

Valtemir Amler

SCOTT STAPP

THE VOICE OF CREED

08 NOVEMBRO	10 NOVEMBRO	13 NOVEMBRO	14 NOVEMBRO	16 NOVEMBRO	17 NOVEMBRO
FORTALEZA	PORTO ALEGRE	CURITIBA	BRASÍLIA	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO
LOCAL: COMPLEXO ARMAZÉM	LOCAL: AUDITÓRIO ARAÚJO VIANNA	LOCAL:	LOCAL:	LOCAL: CIRCO VOADOR	LOCAL: QUOIO
VENDAS: uhuu.com	VENDAS: uhuu.com	VENDAS: eventim	VENDAS: uhuu.com	VENDAS: tudus	VENDAS: ticket 360.com
Opus 1	Opus 1	PL BR	Opus 1	Opus 1	

TOCANDO OS MAIORES SUCESSOS DO CREED E MÚSICAS DE SEU NOVO ÁLBUM

NECROFOBIA: ASSINATURA THRASH METAL

Em 2004, ano em que o debut *Dead Soul* foi lançado, muita gente apostou que o Necrofobia, de Ribeirão Preto (SP), seria o novo grande nome do tradicional cenário thrash metal brasileiro. Motivos para isso não faltavam: riffs poderosos, ora flertando com os moldes mais tradicionais e noutras para o groove dos anos 90, além de vocais dotados de raiva em letras nervosas. Todo o pacote que forma aquilo que comumente definimos como um bom disco de thrash metal estava presente. Porém, o fato é que demorou mais de quinze anos até termos o sucessor, *Membership*, em mãos. O guitarrista e fundador Romulo Felício nos contou um pouco sobre o passado do Necrofobia, e, claro, falou sobre o ótimo novo álbum. A parte histórica da entrevista você confere no site da ROADIE CREW, e, aqui, tudo que precisa saber sobre *Membership*.

Rodrigo Tarallo, Romulo Felício, André Faggion e João Manachini: fórmula thrash intacta em *Membership*

Mais de uma década e meia depois temos o novo álbum, *Membership*. Sabemos que o trabalho começou há muito tempo, então, conte nos um pouco sobre este longo processo, das primeiras ideias ao amadurecimento.

Romulo Felício: Começamos a compor logo depois do *Dead Soul*. Em 2005, já tínhamos umas oito músicas compostas e continuamos a compor desde sempre. Como demoramos muito para lançar o novo trabalho, acabamos acumulando muitas músicas e chegamos ao projeto de lançarmos um duplo, com 24 músicas. Porém, quando começamos a colocar em prática a logística de gravar 24 faixas, custos de prensagem, etc., desistimos da ideia e afunilamos para as treze músicas de *Membership*. Todo o processo foi facilitado, pois eu mesmo produzi no meu estúdio. Mas da mesma forma que tem seus benefícios produzir sua própria banda tem muitos entraves. Ao longo do processo de gravação, mudei de estúdio, comprei melhores microfones e equipamentos. Sempre que acontecia isso, eu acabava convencendo a banda a regravar as músicas. Isso foi fazendo o processo ficar bem espaçado. Gravamos as baterias em 2009, o baixo em 2010, todas as guitarras em 2013, inclusive todas as bases foram gravadas com o Guzzardi ainda vivo. Já os solos e vozes foram gravados de 2015 a 2018.

Muitas coisas mudaram nas músicas das demos para as músicas finalizadas? Como gostam de trabalhar no estúdio de gravação, gostam de se ater ao plano original, ou gostam de manter espaço para ideias de última hora?

Romulo: A maioria das músicas que entraram no CD foram as que pudemos tocar ao vivo várias vezes e, desta forma, fomos otimizando-as ao longo dos anos para na hora de gravar já estarem 95% encaminhadas. Claro que alguma coisinha ou outra tem abertura para alteração, mas elas estavam bem solidas. Nos arranjos, as músicas não tiveram grandes alterações quando fomos gravar, mas nas letras acabei alterando muita coisa e refazendo letras inteiras. Em 15 anos a cabeça muda muito, algumas opiniões mudam, e por isso, algumas letras não faziam mais sentido para mim, por isso refiz. Música como *Apatia Social*, a letra saiu quase no final do processo e em português, coisa que dificilmente eu consigo fazer bem.

***Membership* mantém a proposta thrash original do Necrofobia, além de agregar o amadurecimento natural de uma banda com tantos anos de vivência na cena. Você diria que ele apresenta o auge até o momento? No que sente que ele se assemelha e se diferencia de *Dead Soul*?**

Romulo: *Membership* é nosso melhor trabalho. Embora *Dead Soul* tenha ótimas músicas, este é muito especial, pois é o resumo, em treze músicas, de quase quinze anos de trabalho. Acredito que os dois álbuns se assemelham nas composições. *Membership* me parece uma extensão de *Dead Soul*, e consigo notar nossa personalidade neles. A diferença acho que é na qualidade sonora e nas letras, pois consegui me expressar melhor.

Uma das músicas que mais cativou minha atenção foi *Circle Of Trust*, que conta com uma pegada pesada e me fez lembrar um pouco o velho Exhorder. O que pode nos contar sobre ela?

Romulo: Nós gostamos muito de desenvolver uma música inteira em cima de um grande riff. *Circle of Trust* é um exemplo disso. Tentamos fugir um pouco do "bate estaca" do thrash metal e fazer um som mais cadenciado. Nesta, convidamos o ex-guitarrista do Necrofobia, Alexandre Boetto, para gravar o solo. A letra aborda a traição dentro de uma grande amizade e o poder e a fragilidade, ao mesmo tempo, que a mentira tem.

***Rotten Brain* e *Apatia Social* também estão entre as minhas favoritas. Por favor, comente um pouco sobre essas duas canções, e sobre o processo de criação lírica do Necrofobia.**

Romulo: *Rotten Brain* é uma das primeiras que fizemos com uma afinação diferente da que estávamos acostumados e que nos fez compor outras músicas com afinação mais baixa. Ela fala de como estamos apodrecendo nossos cérebros com tanto lixo televisivo, que nos torna consumidores de coisas inúteis e obesos mórbidos insensíveis diante da violência. *Apatia Social* foi uma das últimas que fiz a letra. Inicialmente ela era cantada em inglês e, no final do processo de gravação, acabei desenvolvendo a letra, que se encaixou muito bem. Eu tenho muita dificuldade de fazer letras em português que soam bem nas nossas músicas, por isso que o Necrofobia tem poucas músicas em língua portuguesa. Esta letra aborda de como estamos cada vez mais insensíveis diante dos problemas e sofrimentos alheio e voltamos nossos olhares somente para nosso umbigo. É a mais rápida e violenta de *Membership*.

Existem outras músicas que gostaria de destacar?

Romulo: *Worthless Lives* é uma música que o Guzzardi fez para o Necrofobia antes de falecer e acabamos incluindo no CD. Esta é a primeira do Necrofobia em que a letra não é somente minha, o João Zinho (baixista) escreveu junto comigo e assina a autoria. Outra música com uma história interessante é *Reof Fiction*. Rodrigo (guitarra) fez um grande solo para ela. Ele tentou reproduzir na primeira parte do solo uma memória de infância que tinha, de um grande relógio de sino que tinha na sala da casa dele. Eu acho este solo genial e depois que ele me contou isso, sempre que ouço o solo desta música consigo imaginar, com muita nitidez, este relógio da infância dele.

Após tantos anos, e com um ótimo novo registro lançado, espero que tenham tomado gosto pela coisa e nos brindem com muitos novos discos, (risos). Obrigado pela entrevista.

Romulo: Agradecemos demais a oportunidade e espaço que você e a ROADIE CREW nos concederam. E nos comprometemos a não deixar passar mais 15 anos antes do próximo trabalho (risos). Temos muitas músicas que ficaram de fora do *Membership* que já estão guardados para o próximo. De novidades, ainda este ano será lançado o clipe da música *Silent Protest*. Aguardem. Muito obrigado e grande abraço.

Valtemir Amler

FEIOS SUJOS E MALVADOS: NOVA FORMAÇÃO MANTÉM IDENTIDADE INTACTA

Ostentando com orgulho e merecimento o status de mais um dos bons nomes do cenário metálico paraense, o Feio Sujos e Malvados começou a se tornar conhecido além das fronteiras do seu Estado natal com o álbum de estreia, *Tortura*, que apresentou uma banda violenta e concreta. A música, fortemente calcada no crossover thrash, conta com letras fortes, sempre inspiradas na psique humana e mazelas sociais, está prestes a ser apresentada em um novo álbum, *Crime e Castigo*. Para falar sobre a jornada musical do FSM e dar as primeiras informações do novo álbum, conversamos com o guitarrista fundador Geraldo Capilé.

Presunto, Rugal, Mauro Cavera e Geraldo Capilé buscando elevar ainda mais o nome do FSM no novo álbum, *Crime e Castigo*

O FSM surgiu em 2013, e de cara se mostrou um reforço importante para a às vezes lavada e às vezes real tratada cena crossover do nosso país. No que acreditam que crossover nacional é diferente do estrangeiro, e quais suas principais referências?

Geraldo Capilé: A singularidade dos problemas sociais brasileiros, ainda temos mortalidade ocorrendo por falta de saneamento básico, a agrura do povo brasileiro parece ser mais sofrida que a de outros povos, índices de violência gritantes promovendo estatísticas de guerra, o famoso jeitinho brasileiro que fomenta a festa da corrupção perpetua, cante no nosso idioma e não no inglês, e temos a diferença entre crossover nacional e estrangeiro. Temos influência de RDP, Lobotomia, DFC, DRI, SOD, Nuclear Assault, Municipal Waste, mas o FSM não se prende ao crossover, também temos influência de thrash metal, groove metal com influencias de Sepultura, Pantera, Slayer, entre outras.

Consta que, logo de cara, perceberam que sua proposta musical não os habilitaria a tocar nos bares da cidade (Marabá/PA), então, como fizeram para manter a banda ativa e funcional nos primeiros dias?

Geraldo: A solução para esse problema foi passar a produzir a cena de heavy metal independente na região sul do estado do Pará. Com uma sociedade, montei uma produtora de eventos independente, A Caixa Produtora, e passamos a produzir eventos de metal de pequeno e médio porte. Firmamos parceria com produtores de Estados e cidades vizinhas, fazendo intercâmbio entre as bandas. Aproveitar a passagem das bandas do cenário nacional e internacional, que passavam por nossa região barateava os custos da produção dos eventos. Desta forma, o FSM sempre estava inserido nos eventos.

A atuação intensa no underground habilitou o FSM a tocar ao lado de nomes como Torture Squad, NervoChaos, Lobotomia e Nervecell, entre outros. Tocar ao lado de bandas com tanta experiência nacional e internacional sempre traz resultados, então, o que estes eventos agregaram na experiência de vocês?

Geraldo: Aprendizado constante e absorver o máximo possível no curto período que tínhamos com elas. Atentávamos para o cuidado com a produção do show, a postura dos músicos dentro e fora do palco, a atenção com fãs, a diversidade de merchandise, como se comunicar com o público, ter uma assessoria de imprensa, ter um técnico de som e/ou roadie permanente com a banda. Revemos muito da nossa postura inicial, e estamos correndo forte para chegarmos próximos à qualidade das bandas mainstream.

As músicas sujas e ríspidas de *Tortura* são acompanhadas por letras que seguem uma proposta específica, voltada a saúde mental, que oferece uma gama muito ampla de possibilidades. Como foi o trabalho para selecionar os tópicos principais para cada música?

Geraldo: Profissionalmente convivo dianamente com a temática da saúde mental, pois sou psicólogo. Já para o meu lazer sempre procuro atualizar a literatura científica e ler sobre jornalismo investigativo, e assistir senados sobre crimes diversos, psicopatias, serial killer, comédia... Então, é perceptível temas como internação psiquiátrica (*Holocausto Brasileiro*), crimes por encomenda (*O Contrato* e *Narco Ditadura*), psicopatias diversas (*Retrato de um Psicopata*, *Justiceiro Ceifador*).

Após o lançamento de *Tortura*, o FSM anunciou sua nova formação, com o vocalista Rugal e o baterista Presunto se juntando ao baixista Mauro Cavera e o guitarrista Capilé. Como chegaram nesta formação?

Geraldo: Rugal chegou trazendo um vocal com gutural direto e agressivo com alternâncias de técnicas entre o grave e o agudo, muito inspirado por bandas de brutal death metal e slam, trazendo uma nova identidade sonora para os FSM. Já Carlos Cerqueira, o Presunto, passou por bandas de hardcore e death metal, e trouxe um groove mais agressivo para a banda, além de contribuir em composições para o álbum *Crime e Castigo*, pois é guitarrista e tem riffs compostos aguardando para serem inseridos nas músicas.

Segundo consta, já com esta nova formação vocês prepararam o lançamento de um novo álbum, intitulado *Crime e Castigo*. O trabalho de composição já contou com os novos integrantes? E como foi trabalhar com os novos parceiros no estúdio de gravação?

Geraldo: No álbum *Crime e Castigo*, consegui tirar de cima de mim o peso e responsabilidade do processo criativo, sendo muito prazeroso ter a participação dos membros da banda e de parceiros externos no processo de criação das dez músicas e letras do álbum.

O nome do álbum pode nos fazer pensar em algo relacionado ao livro de Dostoiévski, mas uma checada no nome das músicas denove essa impressão inicial. Sem dar muitos detalhes para não tirar a excitação do que vem por aí, como você descreveria a temática e sonoridade do novo álbum de vocês?

Geraldo: Apesar de o título lembrar *Crime e Castigo*, obra de Fiódor Dostoiévski, a letra foi criada a partir da obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault. A sonoridade do álbum está voltada para o crossover e thrash metal gutural e a temática das letras voltada para temas recorrentes dos FSM como serial killer, psicopatias diversas, política, dilemas morais, internação psiquiátrica, comédia, junte a isso perversão e sangue e você terá o som dos FSM.

Existe uma data prevista para o lançamento de *Crime e Castigo*? E quanto à mídia física, existe a chance de termos uma cópia oficial de *Tortura* e *Crime e Castigo* na coleção?

Geraldo: Sim, dezembro de 2019. Já a mídia física é um dos diversos merchandise que toda banda deve ter, como camisas, patch, canecas, cervejas, etc. Só que hoje vivemos num mundo virtual, digital, onde com dois clicks você tem acesso às músicas da banda em diversas plataformas digitais e muitas vezes até gratuita. Mas, acredito que faremos uma produção limitada em um CD duplo contendo os álbuns *Crime e Castigo* e *Tortura*.

Obrigado pela entrevista. Aproveite o espaço para falar sobre os seus planos futuros.

Geraldo: O ano de 2020 para os FSM será intenso, lançar a mídia física em tiragem limitada, produzir dois vídeos para músicas do novo álbum, mini documentário mostrando o processo de gravação do álbum *Crime e Castigo* no Studio Legacy. Tudo isso de maneira independente.

Valtemir Amler

SUGESTÕES

Estou escrevendo para parabenizar todo mundo pelo trabalho excepcional que vocês fazem todos os meses. Vocês são incríveis! É a primeira vez que escrevo, sou uma leitora recente, compro a revista há apenas três anos, mas já não fico sem nenhuma edição. Eu tenho dois pedidos. Primeiro: eu gostaria de ver na revista uma matéria da banda Theatres des Vampires. Sou fã dessa banda desde os meus 16 anos e seria muito legal ver alguma coisa deles na revista. E segundo: vocês poderiam fazer um especial gothic metal? Seria muito maneiro se vocês falassem dos álbuns mais importantes, das bandas que propagaram o estilo ao redor do mundo, da cena atual e dos subgêneros que surgiram em seguida tipo ElectroGoth, Dark Wave, EBM... Enfim, um especial bem detalhado e bem feito igual vocês fizeram na edição 226 (especial black metal) que tal? Pensem com carinho. Vou nessa. E mais uma vez,parabéns a todos os colaboradores,redatores e todos os responsáveis pelo trabalho de primeira feito na revista que já se tornou minha favorita nesses últimos anos. Vida longa à ROADIE CREW! Beijos.

CRISTINA ALVES CAMPOS
SÃO PAULO/SP

Olá Cristina, tudo certo? Pois é, realmente estamos devendo uma matéria com o Theatres des Vampires. Na época em que a banda surgiu, a Itália vivia uma espécie de 'bipolaridade musical', dividida entre o black metal e o power metal. Foi interessante perceber que, neste contexto, surgiu uma banda que se equilibrava entre os dois polos, com música interessante e temática instigante. Aliás, o que você achou do tema do álbum mais recente, *Candyland* (2016)? Embora diferente (para os padrões deles), achei muito interessante. Quanto ao especial gothic metal... Bem, acho que você acabou de me dar uma ótima ideia, algo que eu teria muito prazer em explorar. Pode ter certeza, vamos discutir isso com muito carinho. Siga ouvindo suas bandas favoritas, e escreva sempre que quiser! (Valtemir Amler)

LEITOR DAS ANTIGAS

Salve ROADIE CREW, a melhor revista de rock e heavy metal da América Latina. Sigo esse trabalho fantástico desde a ed. #10, que foi distribuída gratuitamente no Monsters Of Rock de 1998. São mais de vinte anos saboreando essas matérias, mês a mês. As seções Background e Collection são as que gosto mais, portanto gostaria de ver algumas bandas nessas seções: Stryper, Twisted Sister, Nazareth, Cheap Trick, Magnum e Sweet. Quero dar uma sugestão para uma nova seção sobre os produtores de rock e heavy metal, assim como na Collection, nomeando os principais lançamentos. São muitos nomes: Bob Ezrin, George Martin, Eddie Kramer, Vini Poncia e Ted Templeman, entre vários outros. Abraço à redação e nunca parem com esse maravilhoso serviço de informação, pois o dia que a ROADIE CREW não existir estaremos órfãos de mídia especializada dos nossos tão amados rock e heavy metal.

Rogério Monteiro Martins
Jacareí/SP

Salve, Rogério! Pra começar, obrigado pela parceria de tantos anos! É muito gratificante saber que há leitores como você, que há mais de vinte anos nos acompanham mês a mês. Muito boas as suas sugestões, mas já fizemos Collection com Nazareth (ed. # 153) e Twisted Sister (ed. # 185). E pode ficar tranquilo: nem de longe passa pela nossa cabeça a ideia de parar! Forte abraço, escreva sempre. (Antonio Carlos Monteiro)

REDATOR

Primeiramente, parabéns ao trabalho desenvolvido esses anos todos pela revista e ótima a edição especial sobre o Andre Matos. Ao mesmo tempo, gostaria de dizer que há algum tempo venho desenvolvendo textos sobre o metal em geral, principalmente na parte de resenhas, e como vi a edição com Slipknot na capa, resolvi arriscar e mandar algo sobre o Korn. Sombrio, melancólico, desesperado e pesado! Essas são palavras que definem o que é *The Nothing*, o novo álbum do Korn. Claro que em se tratando da banda essas palavras acabam se tornando eufemismo para categorizá-la, pois desde sempre sua obra é pautada nesses ambientes. Mas desta vez a carga de tudo está bastante acentuada, seja pela idade dos integrantes, que hoje já beiram os 50 anos e com isso toda uma carga de vida está junto dos caras, seja pelos 25 anos da banda. Isso mesmo, há 25 anos, metade da vida deles, aqueles moleques pirados de Bakersfield, vestidos com roupas da Adidas e usando dreads, surgiram fazendo um som maluco que não podia ser categorizado dentro de nenhum dos gêneros do heavy metal e levou a alcunha famigerada de serem uma banda de new metal rodando mundo levando sua música a quem ame ou àqueles que o odeiam.

Marcio Machado
Lambari/MG

Salve, Marcio. Obrigado pelos elogios. E é legal saber que mais e mais pessoas estão se lançando nesse mercado do jornalismo musical. Renovação e novas opiniões são sempre saudáveis. Boa sorte! Forte abraço. (Antonio Carlos Monteiro)

BROTHERHOOD

Escrevo para elogiar o artigo de Luiz Cesar Pimentel em sua coluna Bortherhood da edição 247: "O que Geezer Butler me ensinou sobre a vida". Discordo muito de várias opiniões e formas dele enxergar (ouvir) a música e destilar seu gosto, mas sou fã de seus artigos, exatamente por isso. Ler o que a gente quer concordar ou gostar já faço isso com a Roadie Crew desde a edição 8, mas a revista é informativa e não opinativa. Pois, bem, curto demais os textos de Luiz, porém este foi sensacional. Já parei pra pensar nesse sentido de quem quer se definir como bom, ruim, etc e tal, em excesso... Mas não dessa forma que ele explanou. O texto nos faz refletir e, melhor, sem impor, sem jogar algo na cara, apenas ali, expondo como o autor chegou a tal conclusão. Melhor ainda, exaltando a importância da música e seus temas, mesmo não tendo de ser tão levada a sério assim! Recomendo demais! Parabéns à revista e obrigado Luiz! Um abraço a todos.

Vitor Franceschini
Descalvado/SP

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

ENVIE O ROADIE MAIL (ROADIEMAIL@ROADIECREW.COM) COLOCANDO SEUS DADOS (NOME COMPLETO, CIDADE, ESTADO) E O SEU TOP 3. PUBLICAREMOS ALGUNS PREFERIDOS DOS LEITORES A CADA EDIÇÃO!

CLAUDIO VICENTIN (EDITOR)
Grand Magus – *Wolf God*
Armored Dawn – *Viking Zombie*
Helloween – *United Alive in Madrid*

GUILHERME SPIAZZI (COLABORADOR)
Turilli/Lione Rhapsody – *Zero Gravity (Rebirth and Evolution)*
Flying Colors – *Third Degree*
NorthTale – *Welcome to Paradise*

LEANDRO NOGUEIRA COPPI (COLABORADOR)
Megadeth – *Peace Sells... But Who's Buying?*
Crashdiet – *Rust*
The 69 Eyes – *West End*

ALEX SILVA DE BARROS (LEITOR)
Cellar Darling – *The Spell*
Jono – *Life*
Oceans of Slumber – *The Banished Heart*

DANIEL SIQUEIRA (LEITOR)
Helloween – *United Alive in Madrid*
Opeth – *In Cauda Venenum*
NorthTale – *Welcome to Paradise*

AMANDA CASTRO LAGUNA (LEITORA)
Shaman – *Ritual*
Def Leppard – *Def Leppard*
Journey – *Escape*

Vitor, tudo bom? Cara, a maior satisfação do redator é saber que ele chegou e foi compreendido em sua total intenção, como você fez com a referida coluna. Agradeço muito a gentileza de compartilhar sua visão. Ainda mais em exposição de flexibilidade, que tanta falta faz atualmente neste mundo binário onde se você não pensa como eu, logo é um idiota. Receber resposta como a sua renova minha esperança de que teremos novamente cenários positivos e construtivos de debate. Agradeço mesmo. Enquanto isso cuide bem dessa terra roqueira (a tirar por base as vizinhas Pirassununga e São Carlos. Fora a proximidade com a terra do meu saudoso pai, Araraquara. (Luiz Cesar Pimentel)

RUSH

Salve equipe da ROADIE CREW. Pra começar, vamos pros golaços, inclusive o CD que veio de brinde. Boa seleção de bandas nacionais, com destaque para o Dr. Sin, e que entrevistas com Avantasia, Queensrÿche, Ozzy, Doro, Symphony X e Sabaton, especialmente as duas primeiras. Eu gostei muito da resposta do Tobias Sammet sobre não se vender e modismos efêmeros, foi espetacular. E o Todd La Torre foi direto como um murro e simpático ao mesmo tempo. Espero mais um CD de brinde, com mais uma boa seleção de bandas brazucas. Na bola fora, faço minhas as palavras do leitor José Ricardo Bertolin. Fiquei bem desapontado com a entrevista com a Sharon, ainda mais pela ausência de mais detalhes sobre o CD *Resist*. Parabéns à parte para o Valtemir Amler, pelo background detalhado da lenda Rush. Fiquem com Deus e sucesso para vocês, da ROADIE CREW.

Leonardo de Abreu dos Santos
Petrópolis/RJ

Olá Leonardo, obrigado por escrever! Agradeço por apreciar nosso trabalho. Bem, sobre o background do Rush, vou lhe contar uma história curiosa: eu passei toda a minha adolescência evitando propositalmente qualquer contato com a banda. Naquela época, meu irmão estava aprendendo a tocar bateria e ouvia *Tom Sawyer* o tempo todo, repetidas vezes, nunca deixando o resto do álbum tocar. Fiquei com algum tipo de trauma (risos). Isso só foi corrigido depois do casamento, quando minha esposa insistiu que eu deveria ouvir o Rush, já que a perturbava tanto com Genesis (risos). Eu fiz isso, e, por fim, me tornei um fã apaixonado e extremamente dedicado ao Rush, como espero ter conseguido transmitir na matéria especial. Abraço, continue escrevendo! (Valtemir Amler)

MEMÓRIA

"Se eu fosse montar um box com os grandes álbuns de metal, o Venom estaria entre eles, porque foi uma grande inspiração para mim. Quando saiu *Welcome to Hell*, em 1981, a minha vida mudou", Tom Angelripper (vocal e baixo, Sodom), em entrevista publicada na ed. # 147 (abril, 2011).

SLAYER

ETERNO

COMO O GRUPO AMERICANO DE THRASH METAL
ATUALMENTE EM SUA FINAL WORLD TOUR,
[illegible]

SLAYER

Outro dia vi a manchete: "Estudo confirma que Metallica é a maior banda da história". Nem me importei em clicar e ler o texto, pois já sabia o restante da história. Algum geek planilhou algoritmos que unem vendagem de discos, quantidade de shows, longevidade da banda, prêmios e componentes afins, aplicou uma fórmula de valor e veio com a conclusão disruptiva. Só que música não combina com planilhas de excel ou vetores tecnológicos. São inimigos até. Já que houve uma época de rockstars de verdade, como Paul e John, Robert Plant, Keith Richards. Hoje o papel é despejado no colo, por exclusão, de Mark Zuckerberg ou qualquer desses "gênios" criadores de plataformas de streaming que fazem com que a música seja consumida como em nenhum tempo anterior na história, só que ficam com 99,98% dos lucros auferidos com a arte e os músicos, com 0,01%.

Antes de entrar em outra discussão, vamos ao que importa de verdade. Metallica obviamente não é a maior banda da história. Nem no heavy metal eles chegam próximos à liderança. E isso é colocado por um fã que rói as unhas a cada show do grupo que é anunciado no Brasil ou promessa de trabalho novo.

Consideremos que exista realmente o Big Four do metal, termo cunhado pelo próprio Metallica para o thrash metal. Na lista quádrupla estão Black Sabbath, Judas Priest, Iron Maiden e Slayer. Nessa ordem cronológica até.

O Black Sabbath criou o heavy metal. Ponto. Nem parto para o debate mas e o Led Zeppelin, Deep Purple? Se colocarmos o metal como elemento preto, esses grupos + Blue Cheer e quem mais quiser entubar são no máximo um cinza meio escuro, enquanto o Sabbath é o preto absoluto.

O Judas Priest deu sequência trazendo elementos mais melódicos e imagéticos para o gênero. As guitarras gêmeas de K.K. Downing e Glenn Tipton, o incrível range vocal de Rob Halford e a performance cênica aliviaram o lado profundamente soturno do Black Sabbath sem deixarem de lado peso e velocidade.

Já o Iron Maiden pegou o mundo no meio da briga entre rock progressivo e punk e direcionou o metal para o lado mais prog, com músicas cheias de variações, exibições de virtuosidade mais explícitas e uma fórmula que gerou toda a linhagem de prog metal subsequente. Basta ver que de cara mexeram em time que estava ganhando trocando o 'punk rocker' Paul Di'Anno pelo moço cabeludo que você até deixaria sair com sua filha, Bruce Dickinson.

E na virada dos anos 1980 veio o Slayer, para virar o universo pesado mais uma vez do avesso. Na tropa da Bay Area, simultaneamente vieram Metallica, Exodus, Megadeth, Testament, Death Angel, Forbidden e Vio-lence; Anthrax e Overkill pelas bandas de Nova York, mas nenhum deles causou o terremoto que o metal extremo sofreu nas mãos de Tom Araya, Jeff Hanneman, Kerry King e Dave Lombardo. Dá para resumir grosseiramente dizendo que os grupos pesados geraram correntes de fãs; o Slayer gerou um culto.

Nesses 38 anos de história da banda, isso sempre foi algo subentendido mas não explícito nem revertido em vendagens multimilionárias, turnês de estádios nem convites para tocarem no Grammy ao lado da Lady Gaga. O impacto que causaram e causam é muito mais na estrutura emocional das pessoas, no lado humano, do que na indústria. Falo sem medo de errar que esses 'mega-blaster-grupos' como U2 e Metallica podem ter maior quantidade de admiradores, mas nenhum fez com que mais garotos resolvessem formar a própria banda do que o Slayer.

Isso os coloca numa categoria superior de importância musical, daquela restrita aos artistas que mudaram o mundo de verdade, além de fornecerem um bom entretenimento por minutos em formato musical.

Nenhum demérito aos outros conjuntos, mas na categoria "ficar para a prosperidade", o quarteto de Orange County está léguas à frente. Arrisco uma análise de cinco pontos que embasam a percepção.

1- DINÂMICA

A fórmula Slayer de se fazer música não é nada secreta. Eles pegaram o peso do 'metal sabbathico', a construção melódica 'priestiana', juntaram a agressividade do punk e a velocidade do hardcore e transformaram em canções. Só que junto ao balanço correto desses elementos existe um que os diferenciou involuntariamente: a dinâmica.

Quando me refiro a balanço correto dos elementos, é necessário exemplificar que forçar a dose em um deles (com o objetivo de ser o maior naquilo) salga demais o resultado final. O death metal quando recorre à aceleração desenfreada de blastbeats na bateria e consequente diminuição de impacto de peso é um exemplo de disfunção da fórmula. O black metal com a inversão — forçar o máximo de peso e baixar BPM da bateria (ou mesmo quando variam entre velocidades máxima e mínima) igualmente traz um desbalanço. Ambos têm suas qualidades, formaram legiões de admiradores, mas o desequilíbrio explícito não causa impacto perene.

Já o Slayer, de maneira involuntária, encontrou o ponto certo de cada ingrediente e utiliza-os na maior parte da obra na medida harmônica perfeita. Principalmente desde o segundo disco, *Hell Awaits* (1985), começaram a mexer nas doses de cada sem corromper o resultado final, que sempre atingiu o ponto de ebulição.

Melhor exemplo é o trecho final de *Reign in Blood* (1986), quando nas duas músicas que encerram o disco fica difícil saber de onde vem a pancada, onde atingiu e de onde virá a próxima, em nocaute inapelável.

"É minha parte favorita do disco", diz o baterista Deve Lombardo. "A sequência de *Postmortem* e *Raining Blood* consegue uma fluidez que me impressiona desde a época. É monstruoso."

O único grupo que posteriormente atingiu uma revolução com a dinâmica de sua música foi o Sepultura, quando lançou *Chaos A.D.* (1993) e *Roots* (1996).

2 - INTEGRIDADE

Certo dia, em 2014, (não sei como me referir a ela, talvez celebridade sem mérito seja o termo adequado) Kendall Jenner vestiu uma camiseta do Slayer para apresentar o Canadian Music Awards! Meia-irmã das celebridades máximas sem mérito, as irmãs Kardashian, Kendall teve como resposta uma camiseta do guitarrista Gary Holt com a estampa "Kill the Kardashians".

Segundo ela, resolveu usar porque "odeia pessoas que ficam famosas sem terem feito nada de positivo para isso". É justo o motivo. Mas o recado que mandou é ainda mais justo com os reais admiradores e ouvintes da banda.

Desde o dia 1, o Slayer é um grupo que não deu chance para entrar no repertório das pessoas nada a ver falando "é dia de rock, bebê", tirando foto com mão de chifrinho ou usando camiseta estilo 'vintage cool' com seu logo. A banda é um clube exclusivo que não aceita qualquer um como sócio.

Isso tem tudo a ver com atitude. Em momento algum da trajetória de quatro décadas eles deixaram de ser o Slayer.

Ok, quando gravaram *In-a-Gadda-Da-Vida*, do Iron Butterfly, deram uma escorregada. Aparentemente só perceberam quando a música começou a tocar no rádio. Renegaram-na desde então. Ou quando baixaram acentuadamente a afinação e usaram certo experimentalismo ao gravarem *Diabolous in Musica* (1998), no auge do nu metal e deram pistas de que flertavam com o movimento. Só que eram os estágios finais da década meio que perdida da banda, entre os discos

Seasons in the Abyss (1990) e *God Hates Us All* (2001) e logo viria a luz (ou as trevas) novamente no caminho deles.

Invejosos dirão que à participação de Kerry King no disco de estreia dos rappers Beastie Boys é outro deslize. Só que os rappers nova-iorquinos são igualmente legais para cacete e compartilham o predicado da integridade.

Tal consistência fez com que tivessem o máximo respeito entre artistas de outros gêneros. A cantora e pianista Tori Amos gravou uma versão irreconhecível de *Raining Blood*. E onde já se viu um salto tão grande de gêneros para um tributo?

Quando era o principal conjunto de rap do planeta, o Public Enemy sampleou *Angel of Death* e utilizou em sua *She Watches Channel Zero*.

O mais popular dos integrantes do Jackass, Steve-O, começou a entrar em cena em seus stand ups ao som de *Raining Blood*, com dois packs de cerveja em lata nas mãos e esmagava uma por uma na própria cabeça enquanto rolava a música.

Até o mundo das celebridades (essas, sim, merecidas) se curvou em admiração à banda, como dos atores R.J.Mitte, da série Breaking Bad, Michael Fassbender, famoso pelos filmes da franquia X-Men, o astro do seriado Walking Dead, Norman Reedus, ou o Aquaman Jason Momoa. No Instagram de todos dava até para ver rolarem umas lagriminhas nas postagens com integrantes do grupo.

3 - CRIAÇÃO DE UMA OBRA-PRIMA

Quando o Slayer entrou em estúdio no meio de 1986 para gravar *Reign in Blood*, eles não sabiam o que estavam fazendo. Literalmente.

A declaração do produtor do disco, que apostou no grupo após vê-los ao vivo, é mais que sintomática. "O que mais me surpreendia é que o Jeff (Hanneman) e o Kerry (King) sabiam quais solos eram bons e quais não eram. E nenhum dos solos deles fazia qualquer sentido para mim. Eles estavam falando uma língua diferente do resto do mundo", afirmou depois Rick Rubin, que à época os tirou da Metal Blade e levou para a sua Def Jam.

A frase pode até soar meio ofensiva em relação à técnica dos guitarristas, mas é verdadeira. Eles simplesmente não seguiam uma cartilha de progressões de acordes ou de escalas corretas para solar. Só o que tinham era objetivo – fazer o disco mais rápido e brutal possível – e o senso empírico de direção que os levou em cheio ao objetivo.

Tanto que ao finalizarem o disco, o baixista e vocalista Tom Araya chamou preocupado o produtor e dono da gravadora para uma conversa, dizendo que só percebeu depois que as 10 músicas somavam apenas 29 minutos de música, quando o padrão da indústria era um mínimo ou aproximados 45 minutos. Rubin tranquilizou-o com a resposta: "Vocês têm 10 músicas com verso, refrão e solo. E isso basta".

Não que isso os tenha isentado de problemas com a indústria. A Columbia era a empresa que distribuía os discos da Def Jam. Quando seu presidente, Walter Yetnikoff, colocou a obra no toca-discos deparou de cara com *Angel of Death* e a confusa letra sobre o arquiteto dos experimentos nazistas, Joseph Mengueli. Judeu, ele tirou a agulha do disco e vetou a distribuição. Recorreram à Geffen, que topou distribuí-lo.

O resto é uma história que assombra até hoje quem o escuta pela primeira ou milésima vez. Mesmo sem saber com exatidão técnica o que conseguiriam fazer, o instinto e a honestidade os conduziu à primeira obra-prima do thrash metal.

Difícil encontrar alguém que não tenha no mínimo cogitado montar uma banda depois de ouvir *Reign in Blood*. Basta pensar na primeira vez que você o escutou ou ler as declarações da maioria das bandas extremas posteriores sobre qual foi o ponto de virada em suas vidas que os fez seguirem pelo lado negro da força.

4 - O PALCO

Em 2007, fui cobrir o festival de Roskilde, na Dinamarca. O Slayer meio que abria a tarde de domingo no palco principal. Fiquei na grade acompanhando a montagem. Era como assistir ao carrasco afiando seus instrumentos antes da tortura – montaram dois paredões de Marshall e quando vieram dois roadies carregando os dois bumbos do Dave Lombardo, o ritual estava pronto. Eles saíram do palco aos gritos de "Slayer, Slayer" por um público de uns 80% pelo menos não-headbangers, mas amantes de música boa.

Quando o grupo seguinte, My Chemical Romance, pisou no palco aconteceu a maior chuva de garrafas de plástico que já vi. Mais do que o Carlinhos Brown tomou no Rock in Rio. E olha que a banda estava em turnê de seu melhor trabalho, *Welcome to the Black Parade*.

Só que o Slayer pode ser igualado ao vivo, mas nunca batido. Simplesmente porque em qualquer circunstância eles estavam 100% focados no show, como se cada apresentação fosse a final da Copa do Mundo.

Assisto às apresentações desde que a Woodstock (a loja do Walcir Chalas) passava o vídeo do Combat Tour – com Venom e Exodus –, a todas as turnês no Brasil e três vezes fora do país. Não importa o tamanho do palco, se o Jeff Hanneman estava doente ou havia morrido, se o Tom Araya estava com problemas nas costas, se o PA caía (como aconteceu em um show de São Paulo e o público levou até o final de *War Ensemble* fazendo o vocal sobre a bateria sem amplificação do Dave Lombardo). Sempre foi o maior show que poderiam oferecer naquele momento.

Tanto que nunca ouvi uma pessoa reclamar de um set-list da banda ou de aparência de cansaço. Os clássicos sempre foram contemplados e vez ou outra inseriam uma surpresa que nos faziam redescobrir pérolas do repertório. Como em 2017, quando no Maximus Festival, em São Paulo, tocaram *Fight Till Death* e até hoje não consigo parar de escutá-la repetidamente nas playlists que monto da banda. Ou nesta turnê final quando incluíram no show de São Paulo *Evil Has no Boundaries*, a primeira música do primeiro disco, *Show No Mercy* (1983), e gabaritaram no show derradeiro todas as músicas que os fãs quiseram que estivesse em um repertório.

Fora que a banda é daquelas em que as apresentações contemplam dois shows. Um dos músicos e outro do público. Para entender o que escrevo, assista ao show do AC/DC no estádio do River Plate, na Argentina. Ambos os conjuntos fazem parte daquela linhagem em que por vezes você se perde olhando para trás hipnotizado pela reação do público.

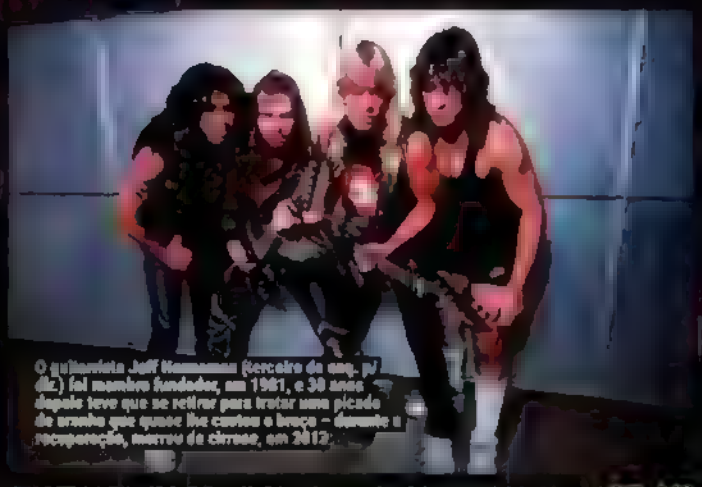
Se bem que a reação pode ser extrema demais, até para o Slayer. "No final dos anos 80, terminava o show e quando passava por onde estava a plateia via piscinas de sangue. Não eram umas gotas aqui ou ali, mas poças mesmo, como se alguém tivesse sido ferido gravemente e sangrado deitado no chão. Era intenso assim", conta Dave Lombardo.

5 - QUÍMICA MÁGICA

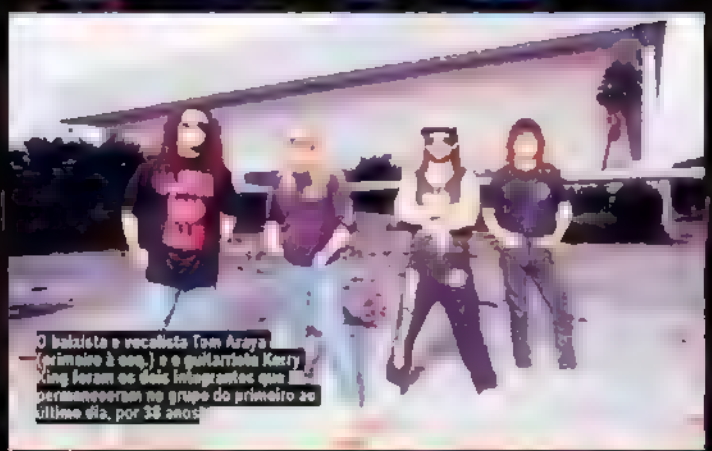
"Existe o fator Slayer, o que quer que seja isso. É algo maior do que a banda", resumiu o guitarrista do Anthrax, Scott Ian, quando perguntado sobre o que fazia do Slayer a banda que é.

Mesmo sem o vocabulário para classificar, Ian introduz o elemento que algumas bandas têm que faz com que tudo se encaixe. Alguns exemplos são os Ramones, Beatles ou o Kiss. Não importa a habilidade técnica do Paul Stanley e Gene Simmons, ou do John e Paul, ou mesmo do Joey e do Johnny. Tampouco

O baterista Dave Lombardo (primeiro à esq.) saiu por três vezes da banda; regularmente durante a turnê do *Reign In Blood*, em 1987, depois entre 1992 e 2002, e, definitivamente, em 2013



O guitarrista Jeff Hanneman (terceiro da esq. p/ dir.) foi membro fundador, em 1981, e 30 anos depois teve que se retirar para tratar uma picada de aranha que quase lhe custou o braço – durante a recuperação, morreu de cirrose, em 2012



O baixista e vocalista Tom Araya (primeiro à esq.) e o guitarrista Kerry King foram os dois integrantes que mais permaneceram no grupo do primeiro ao último dia, por 38 anos

Slayer em 2006: Dave Lombardo, Kerry King, Jeff Hanneman e Tom Araya promovendo *Christ Illusion*

A formação final: o guitarrista Gary Holt (8 anos de Slayer, desde 2011), o baixista e vocalista Tom Araya (38 anos), o guitarrista Kerry King (38 anos) e o baterista Paul Bostaph (15 anos)

importa se são amigos ou se a relação é baseada em ódio. O que importa é que estejam ali, juntos a produzir música e no palco.

O termo mais apropriado para isso é carisma. Só que igualmente não reproduz a química necessária que vai além da compreensão objetiva, pois se técnica fosse tudo a melhor obra do mundo seria do Steve Vai ou de qualquer shredder do Musicians Institute.

Como bem disse Rick Rubin, os solos de Kerry King ou Jeff Hanneman não seguiam lógica teórica, nem a estrutura da canção mais famosa, *Raining Blood*, possuía propriedade matemática, só que ao ser atingido por aquilo você assimilava o recado que eles mandavam em uma língua própria do Slayer.

Outro nó na cabeça acontece quando se considera que os dois únicos integrantes permanentes foram Tom Araya e Kerry King. Para o lugar de Jeff Hanneman, convocaram o guitarrista do Exodus, Gary Holt, que é superior até ao saudoso loiro que tocava com caneleiras de hóquei. Mas só importava é que ele tinha também o carisma do antecessor, não sua habilidade.

Ou que o mais talentoso de seus integrantes, o baterista Dave Lombardo, vivesse em constante rusga com a banda, tendo abandonado-a e retornado três vezes. Se analisado isoladamente, ninguém possui a assinatura de Lombardo. Isso está acima até de sua técnica e da de seu sucessor constante, Paul Bostaph.

O que importa é que quem estivesse no barco teria que entender que o propósito do grupo estava acima de qualquer outro fator. Propósito que eles cunharam no primeiro anúncio de jornal que fizeram em 1983: "A mais pesada, rápida e alta banda dos Estados Unidos". Foram além e atingiram a proposta globalmente.

É preciso encerrar este texto assumindo declaradamente que foi escrito sem a necessária imparcialidade jornalística, pois estou falando do grupo que mudou minha vida para melhor. Tanto que se me perguntarem se gostaria que o Slayer permanecesse na ativa, não saberia a resposta. Por um lado (egoísta) diria que sim, claro, já que não consigo conceber um mundo sem a expectativa de assistir a mais um show ou escutar trabalho novo do Slayer. Mas por outro resta-me/nos um contentamento insuperável de ver heróis da música parando no auge, após a turnê de um de seus melhores trabalhos, *Repentless*, e sendo merecidamente reverenciados por isso.

Os quatro que gravaram o álbum final, Repentless: Paul Bostaph, Kerry King, Tom Araya e Gary Holt; além da apresentação convertida em CD, vinil e DVD, *The Repentless Killogy*

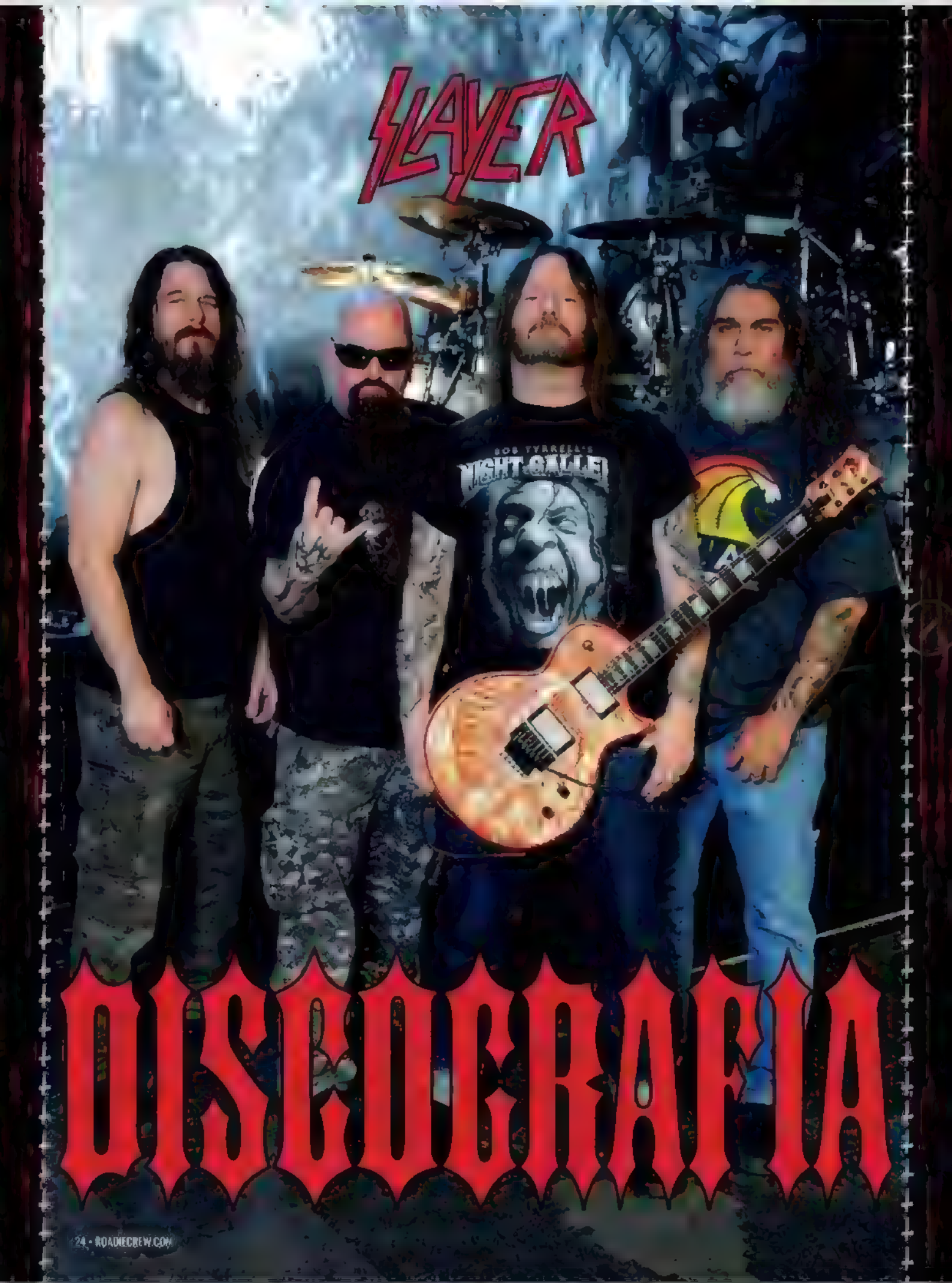
O Metal é para todos!

IGNISPACE

"The Inner Source", disco de estreia da Ignispace.
Já disponível em CD Digipack e plataformas de música!

FINANCIADORES:

"Este projeto é realizado com recursos do Programa de Ação Cultural (Proac) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo e Fundo de Apoio à Cultura, Prefeitura Municipal de Francisco"


SLAYER
BOB TYRRELL'S
NIGHT CALLER
DISCOGRAFIA

SHOW NO MERCY (1983)

O impacto foi fulminante. Em uma época que ainda não conhecia ao certo o que seria o black e o death metal, e ninguém parecia alcançar aquilo que Tom Araya (vocal e baixo), Kerry King e Jeff Hanneman (guitarras) e Dave Lombardo (bateria) fizeram em seu disco de estreia. Na verdade, bastava ouvir os primeiros segundos de *Evil Has No Boundaries* para você se perguntar: "Sério que isso é thrash?".

Em uma época em que os pioneiros do gênero posavam com 'sneakers' brancos de cano alto, coletes repletos de patches e dúzias de cervejas, o Slayer aparecia com uma espécie de 'corpse-paint', empunhando cruzes invertidas. Além disso, clamavam por um mundo sem Deus em canções icônicas, como *The Antichrist* e *Black Magic*.

Na verdade, bastou entrar em cena para o thrash metal ganhar um novo sentido, um algo perigoso e maldito, algo que dali em diante nunca mais seria aplacado. Mas o caminho até ali não fora fácil, já que, sem o apoio de uma gravadora injetando milhares de dólares, o quarteto teve que se virar para custear as oito horas (!) de gravação e mixagem no Track Record Studios.

Com tudo pronto, e tendo engenharia e mixagem a cargo de Bill Metoyer, que no mesmo ano trabalhou com Savage Grace, Bitch, Abattoir e Armored Saint, o álbum foi lançado pela Metal Blade, de Brian Slagel, e o resultado disso você acompanhou no início deste especial, assim como na música de milhares de outras bandas de thrash, death e black metal, que se orgulham de ter o Slayer como principal influência.

Valtemir Amber

HELL AWAITS (1985)

Apenas quinze meses separam *Show no Mercy* (dezembro de 1983) e *Hell Awaits* (março de 1985), mas a diferença entre eles é gritante, em termos de sonoridade e visual. Se o debut trazia em seu lineup traços da influência de Judas Priest e Iron Maiden, no EP *Haunting the Chapel* (1984) o Slayer apontava para uma nova direção, consolidada em seu segundo disco completo. A maquiagem de outrora era deixada de lado, com o quarteto dando ênfase na musicalidade, ainda mais brutal, agressiva e blasfema. O resultado: uma obra-prima capaz de perturbar a ordem cristã e que funcionava como bíblia aos fãs de thrash metal e, para muitos, era o embrião do death metal.

Do atmosfera aterrorizante de *Hell Awaits*, passando pelas não menos ameaçadoras *Kill Again* e *At Dawn they Sleep*, até a crueldade de *Hardening of the Arteries*, cada uma das sete faixas representava um 'evangelho macabro' e reproduzia algo próximo do que seria o Inferno na terra.

Esse disco significa tanto para Tom Araya, que ele chegou a colocá-lo num patamar acima de *Reign in Blood*. "Eu realmente prefiro *Hell Awaits*. Adoro os dois álbuns, obviamente, mas *Hell Awaits* tem mais variedade em termos de ritmo e tipos de músicas", disse, em 2010, ao site The Quietus.

A capa, assinada por Albert Cuellar, ilustra de forma perfeita o conteúdo lírico e musical de um álbum produzido por Brian Slagel e o próprio Slayer e que tem entre seus devotos integrantes de bandas como Korzus, Cradle of Filth, The Mist, Benediction, Six Feet Under e Incantation.

Thiago Prata

REIGN IN BLOOD (1986)

É, foi um misto de sensações ver o Slayer em sua turnê de despedida. Orgulho, por um dia ter ostentado o apelido "Slayer" e tristeza, por saber que a cena não será repetida. Porém, o que vale é a obra deixada para a posteridade. No caso, o melhor disco de thrash metal da história da humanidade: *Reign in Blood*.

"Nunca imaginávamos que ele chegaria a este patamar. Nossa gravadora nos disse: 'vocês acabaram de criar uma obra-prima. Este álbum será o responsável pelo nascimento de um estilo completamente novo de música'. Porém, não entendíamos bem aquilo, tampouco pensávamos assim", declarou o vocalista e baixista Tom Araya à ROADIE CREW.

Gravado no estúdio New Fresh, em Nova York (EUA), contou com Andy Wallace como engenheiro de som e marcou a estreia de Rick Rubin, cofundador da Def Jam Recordings, como produtor. "Recordo-me de ensaiarmos as músicas por várias semanas, colocar vários solos, variações e ideias de todos os tipos. De repente, veio um produtor de rap e nos ajudou a pensar as composições de uma maneira mais direta, curta", observou Dave Lombardo sobre Rubin, que tinha envolvimento com o rap e chegou a atuar sob o nome DJ Double R em uma turnê dos Beastie Boys.

O disco de menos de 30 minutos de duração se tornou o primeiro de ouro do Slayer. São dez referências de thrash metal: *Angel of Death*, *Piece by Piece*, *Necrophobic*, *Altar of Sacrifice*, *Jesus Saves*, *Criminally Insane*, *Reborn*, *Epidemic*, *Postmortem* e *Raining Blood*. Nada mais precisa ser dito.

Ricardo Batalha

SOUTH OF HEAVEN (1988)

Eles até poderiam ter seguido a fórmula vencedora de *Reign in Blood* (1986), álbum que se tornou um dos mais respeitados do heavy metal, porém no sucessor *South of Heaven*, Tom Araya, Kerry King, Jeff Hanneman e Dave Lombardo não se acomodaram na zona de conforto. Se *Reign in Blood* fisgou os fãs do Slayer pelas vísceras, com um thrash metal veloz e sem intervalos entre as músicas, *South of Heaven* explorou o peso, à base de cadência e construções mais elaboradas.

A princípio, fãs e mídia não engoliram tal mudança. "As pessoas que nos acusam de perder a brutalidade cometem o erro de comparar tudo a *Reign in Blood*. Queríamos gravar um disco rápido, e é isso que o *Reign*... é, mas não queremos esse mesmo som o tempo todo", esbravejou Tom Araya em "O Reino Sangrento do Slayer", do escritor britânico Joel Mclver (Metallica, Black Sabbath, Sex Pistols, entre outras biografias). Dave Lombardo também relembrou o inesperado impacto causado: "Era como se *Reign in Blood* estivesse em 78rpm e *South of Heaven* estivesse em 33 1/3rpm, completo.

E por falar em Lombardo, *South of Heaven* é a sua obra definitiva. Contando com uma mixagem que valorizou seu instrumento, o baterista cubano teve uma performance absurdamente avassaladora.

Sei que *Reign in Blood* é quase unanimidade, mas músicas como *South of Heaven*, *Mandatory Suicide*, *Silent Scream*, *Behind the Crooked Cross*, *Ghosts of War* e *Spill the Blood* justificam *South of Heaven* ser meu álbum favorito do Slayer.

Leandro Nogueira Coppi

SEASONS IN THE ABYSS (1990)

Quinto álbum do Slayer, *Seasons in the Abyss* teve um impacto enorme não somente pelo seu conteúdo, mas por ser o início da era do CD e o último com o baterista Dave Lombardo antes do retorno em 2006 para *Christ Illusion*.

O álbum manteve a qualidade do grupo, trazendo uma boa combinação entre faixas rápidas e cadenciadas, com destaque para as guitarras complexas de Jeff Hanneman e Kerry King, além dos vocais sombrios de Tom Araya, que canta letras de horror tangível na realidade: guerra, assassinato e fraqueza humana.

Mor Esemble combina de forma perfeita a letra com o instrumental, tanto que foi usada pelo exército americano em manobras militares no deserto da Arábia Saudita. Quando Araya reflete sobre o vídeo de *Seasons in the Abyss*, mostrando o grupo agitando aos pés da Esfinge, o primeiro pensamento a entrar em sua mente é a guerra. "Foi logo antes do primeiro ataque de Bush ao Iraque", diz ele, referindo-se à Operação Escudo no Deserto, a famosa Guerra do Golfo, ocorrida entre 1990 e 1991.

O Rock in Rio estava acontecendo no Brasil e, ao mesmo tempo, a TV mostrava as imagens da guerra. Apesar da tensão na região, Araya e Kerry King foram recebidos calorosamente por militares americanos para a gravação do clipe. Os soldados estavam se preparando para a invasão que se tornou a "Tempestade no Deserto". "Subornamos todo mundo com pornografia e cigarros", afirmou King sobre a reunião com autoridades egípcias para negociar as filmagens em torno de uma das sete maravilhas do mundo.

Claudio Vicentin

DIVINE INTERVENTION (1994)

Temos aqui um divisor de águas na carreira do Slayer. Pela primeira vez, a banda mais macabra do thrash metal se via com uma nova formação em estúdio. Dois anos antes das gravações de *Divine Intervention*, Dave Lombardo anunciou sua saída, já que queria acompanhar o nascimento de seu filho. Após testar alguns nomes, Tom Araya, Kerry King e Jeff Hanneman concederam o posto ao ex-Forbidden, Paul Bostaph.

Quando *Divine Intervention* foi lançado, muito foi dito sobre a música de abertura, *Killing Fields*, que começava com uma "intro" insana de bateria. Os comentários eram de que o Slayer escolheu abrir o álbum com essa justamente para provar que Lombardo não era imbatível. Segundo o próprio Bostaph, tais argumentos eram pura balela: "Todo mundo pensou: 'Bom, aqui está o novo baterista, ele deve ser horrível...' Eu ainda não entendo por que as pessoas ficam tão animadas com um 'fill' (N.R.: introdução de bateria, equivalente a um riff de guitarra) – mas é o que sempre me dizem: 'Quando ouvi *Killing Fields*, achei ótima!'. Eles gostaram porque ainda era intensa, ainda era Slayer", revelou na biografia "O Reino Sangrento do Slayer".

Realmente, Bostaph, que mostrou ser o cara certo para a vaga, foi feliz em sua afirmação. Pedradas como *Killing Fields*, *Sex, Murder, Art*, *Fictional Reality*, *Dittohead*, *Divine Intervention*, *SS-3*, *Serenity in Murder* e *213*, são fiéis ao legado que o Slayer havia construído até ali. E digo mais, *Divine Intervention* tem lugar garantido no meu Top 5 do Slayer!

Leandro Nogueira Coppi

UNDISPUTED ATTITUDE (1996)

No novo cenário musical dominante, o termo 'punk' ia ganhando um sentido cada vez mais longe do original. Araya, Hanneman, King e Bostaph não eram apenas fãs de hardcore/punk, mas esta era também uma das principais influências do Slayer em seu começo de carreira.

Então, após uma fortuita turnê ao lado de Biohazard e Machine Head em 1995 (duas bandas também abertamente influenciadas pelo hc/punk), o Slayer resolveu dar uma lição para a garotada dos anos 90: punk definitivamente não era a música que Green Day e The Offspring estavam fazendo.

Para tanto, o quarteto recrutou o produtor Dave Sardy – na época conhecido no mundo do metal apenas pela mixagem do álbum *Manic Frustration* (1992), do Trouble – e, no conhecido Capitol Studios, de Los Angeles, começaram a trabalhar nas músicas que formariam seu sétimo álbum de estúdio. A escolha do repertório parece ter sido bastante democrática, e talvez curiosa. Conta-se que eles consideraram seriamente a gravação de uma música do The Doors, uma das influências de Araya, mas decidiram por abortar a ideia, e D.R.I, T.S.O.L., Verbal Abuse, Minor Threat e outros apareceram.

A despeito de controvérsias (na época o Minor Threat declarou achar ofensivo a mudança do refrão '*guilty of being white*' para '*guilty of being right*', interpretado por alguns como uma mensagem racista), o álbum ainda destaca duas músicas escritas por Hanneman para seu projeto punk oitentista Pap Smear (*Can't Stand You* e *Ddamm*), e a inédita *Gemini*.

Valtemir Amler

DIABOLUS IN MUSICA (1998)

Não foram apenas mudanças na orientação musical que ajudaram a transformar o horizonte do Slayer nos anos 90, mas também algumas transformações na formação. A banda, que anos antes tinha trocado Dave Lombardo por Paul Bostaph, assistiu a saída deste último logo após as gravações de *Undisputed Attitude*. Seu substituto inicial foi Jon Dette, na época conhecido por seu trabalho ao lado das bandas EvilDead e Testament.

Embora a nova formação tenha sido efetiva para cumprir a agenda no Ozzfest de 1996, Bostaph já estava de volta ao Slayer em 1997, e foi justamente com esta formação que eles dariam sequência a sua jornada discográfica. Mas não se engane com as aparências, já que o retorno da formação ativa desde 1992 não significava um retrocesso, ou uma vontade de retomar antigas características.

A verdade era justamente o contrário, e *Diabolus in Musica*, sexto álbum da parceria com o produtor Rick Rubin, era justamente o mais experimental que a banda lançara até então. "Quando estávamos escrevendo este álbum, eu procurava algo para bater; queria vencer algo, mas nada me impressionava naquele momento", declarou Hanneman, "nada parecia realmente agressivo ou pesado o suficiente para me inspirar a batê-lo, então eu tive que inventar minhas próprias coisas". Mesmo incorporando influências óbvias do 'nu metal' (o timbre das guitarras e linhas de voz eram notórias), o álbum apresenta ótimos momentos, com *Bitter Peace*, *Stain Of Mind* e *Point* à frente. E foi um sucesso de vendas, claro.

Valtemir Amler

GOD HATES US ALL (2001)

O nono disco do Slayer talvez seja dono do melhor timing da história. Ou do pior. Sendo o Slayer a banda em questão, é difícil precisar. A música de abertura, *Disciple*, tem o refrão gritado "God hates us all". E narra que, fosse o contrário, não haveria tanta desgraça, suicídios e "terrorist targeting the next mark" (terroristas mirando o próximo alvo) no mundo. Mesmo mundo que no exato dia do lançamento acompanhava estupefato o ataque ao World Trade Center, no fatídico 11 de setembro (de 2001).

God Hates Us All recolocou o Slayer na trilha do material irrepreensível e da brutalidade extrema, que a banda não alcançava desde *Seasons in the Abyss*. Vale ponderar que o metal sofreu baque do grunge e do desvio de público para o nu metal. Não que os três discos que a banda lançou na década de 90 sejam abaixo da média. 99,99% dos grupos pesados dariam a perna direita do baterista para terem *Divine Intervention* (94), *Diabolous in Musica* (98) e *Undisputted Attitude* (96), mesmo o último sendo basicamente de covers. Mas, para o Slayer, estes trabalhos não atingem o nível dos anteriores nem daqueles que os precederam.

Gravaram no Canadá, no estúdio do astro pop local Bryan Adams. Deram uma repaginada na decoração, pendurando alguma pornografia nas paredes, caveiras nos amplificadores e luzes baixas. Foi o clima certo para gravar pancadas como a própria *Disciple*, que concorreu ao Grammy, *God Send Death*, *Cast Down* e *Payback*. A última e a primeira estiveram no set do show de despedida do grupo em São Paulo.

Luiz Cesar Pimentel

CHRIST ILLUSION (2006)

Compactuo da máxima de que não existe álbum do Slayer que não seja matador, embora haja uma hierarquia em sua discografia. Dentro dessa 'lógica', e com todo respeito ao grande Paul Bostaph, creio que a banda só alcançou a plenitude nas eras Dave Lombardo. Atire a primeira pedra quem não comemorou o retorno do cara em *Christ Illusion* (2006), lançado16 anos depois de sua então última performance de estúdio em *Seasons in the Abyss*?

Gravado nos estúdios NRG e Westlake, em Los Angeles, tendo Josh Abraham como responsável pela produção e mixagem e Rick Rubin no papel de produtor executivo, *Christ Illusion* reúne dez pedradas. O disco traz a característica simbiose velocidade-agressividade do Slayer em *Flesh Storm* e *Catalyst* e aquela dose de riffs feitos para bangear, presente em *Skeleton Christ* e *Black Serenade*, entre outras.

"E se não tiver uma pitadinha de polêmica, não é Slayer. 'Quando Jeff me disse que tinha uma composição chamada *Jihad* e que imaginou uma letra a partir do ponto de vista de um terrorista, pensei: 'sensacional'. Ninguém ousaria fazer isso", disse Tom Araya à ROADIE CREW.

E não para por aí. A capa original, assinada por Larry Carroll – que, assim como Lombardo, 'voltava' ao Slayer –, causou indignação a cristãos fervorosos. "Enviamos as letras e esboços de algumas músicas para Larry, e ele nos retornou com aquele conceito. Quando percebemos, Jesus estava abatido, com os braços cortados, um tapa-olho de pirata...", recordou Araya.

E aí, *Christ Illusion* traz ou não traz o Slayer em sua plenitude?

Thiago Prata

WORLD PAINTED BLOOD (2009)

Tom Araya, Kerry King, Jeff Hanneman e Dave Lombardo vinham de um disco bem sucedido, *Christ Illusion* (2006), mas nem assim o Slayer fazia planos a longo prazo. Antes do lançamento do trabalho seguinte, Araya declarou que não conseguia se ver mantendo uma carreira na música por muito tempo e que após o próximo álbum iria discutir com o resto do grupo o que fazer – no fim das contas, a decisão de parar acabou levando mais dez anos, só que essa é outra história.

Ao contrário do que sempre fez, o Slayer entrou em estúdio ainda com algumas músicas e letras a serem completadas, mas isso acabou não interferindo na qualidade do álbum. Produzido por Greg Fieldman (único da banda com ele no comando) e contando novamente com produção executiva de Rick Rubin (função que ele havia assumido nos dois álbuns anteriores), *World Painted Blood* tinha cinco composições de King e seis de Hanneman – e seria também o último trabalho do guitarrista com a banda, que nem chegou a fazer a tour promocional e veio a falecer em 2013.

Comercialmente, o disco foi muito bem, principalmente nos EUA, onde vendeu mais de quarenta mil cópias na semana do lançamento e chegou ao 12º da Billboard. Duas músicas, a faixa-título e *Hate Worldwide*, foram indicadas ao Grammy mas não levaram.

E, ao contrário de *Christ Illusion*, que acabou gerando várias polêmicas, *World Painted Blood* não atraiu a ira de grupos religiosos. Tom falou a respeito ao site The Aquarian: "Acho que eles não leram as letras direito..."

Antonio Carlos Monteiro

REPENTLESS (2015)

Como seria um disco do Slayer sem o saudoso Jeff Hanneman (1964-2013)? Talvez esta tenha sido a principal dúvida dos fãs quando *Repentless* foi anunciado, mas nem tanto por sua presença como guitarrista, afinal, o Slayer estava muito bem servido com Gary Holt (Exodus). A questão é que ele era o principal compositor da melhor banda de thrash metal da história. Apesar de Kerry King ser bastante ativo, incluindo aí as letras, Hanneman é autor da maioria dos grandes clássicos (*Angel of Death*, *Raining Blood*, *South of Heaven*, *War Ensemble*, *Dead Skin Mask*, *Seasons in the Abyss*...) e ainda fez de *Diabolus in Musica* (1998) um disco para chamar de seu.

Diante das circunstâncias, foi exatamente o que King fez com *Repentless*: um disco para chamar de seu. E que disco! Bastou a primeira audição para colocá-lo entre os melhores do Slayer, e os quatro anos que se passaram desde o seu lançamento o transformaram no melhor da banda desde *Seasons in the Abyss* (1990) – e olha que não há um álbum meia-boca sequer nessa história.

Repentless, *Take Control*, *Cast the First Stone*, *Chosing Death* (Araya é o melhor vocal do thrash, e ponto final!!), *Implode*, *You Against You*, *Pride in Prejudice* e *Piano Wire* (única composição de Hanneman) tornam mais difícil ainda aceitar o fim do Slayer, e não vamos saber qual seria o resultado da união criativa de King com Holt. Mas se tem um grupo que está parando no auge (e não deve mesmo voltar), este só poderia ser 'The Almighty' Slayer!

Daniel Dutra

HAUNTING THE CHAPEL (EP, 1984)

Show No Mercy acabou se tornando uma espécie de galinha feia e satânica dos ovos de ouro, e rendeu uma boa quantidade de dólares a todos os envolvidos. Com vendas na época de cerca de 40 mil cópias (metade apenas nos EUA), o Slayer tinha marcado definitivamente o seu nome no underground, o que habitualmente não evita, mas sim causa problemas.

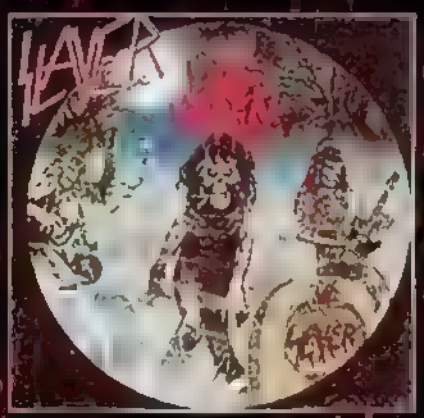
Com o potencial de uma bomba relógio, Kerry King se uniu ao então recém formado Megadeth em 1984, mas, quase ao mesmo tempo que Hanneman declarou que "talvez procurassem por um novo guitarrista", King já abandonava a banda de Dave Mustaine após cinco shows, dizendo que o Megadeth "tomava muito do seu tempo".

Embora uma longa rivalidade entre Mustaine e King tenha nascido ali, cada um seguiu seu caminho, e o Slayer voltou ao Track Record para registrar três novas músicas, que seriam lançadas em um novo EP, que atendia pelo sugestivo título *Haunting The Chapel*.

Sem novidades no time, os pouco mais de treze minutos do disco traziam como principal emenda um som mais voltado ao thrash que se ouvia na época, com a influência de Venom menos latente do que fora ouvido em *Show No Mercy*. *Se Chemical Warfare* parecia brincar com o temor da obliteração humana tão comum nos anos da Guerra Fria, *Captor Of Sin* e *Haunting The Chapel* mantinham a temática sobrenatural em voga, um alívio para os velhos fãs, sempre receosos de qualquer mudança. Ah, e também é aqui que a influência de um certo Gene Hoglan sobre Lombardo começou a ser sentida.

Valtemir Amler

LIVE UNDEAD (1984)



O pôster gigante com a arte de Albert Cuellar, adquirido na Woodstock Discos, já estava na parede do meu quarto, mas quando vi o picture-disc *Live Undead* não teve jeito. Era caro, mas comprei-o. Trata-se da primeira mostra oficial do poder de fogo que a formação clássica – Tom Araya (vocal e baixo), Jeff Hanneman e Kerry King (guitarras) e Dave Lombardo (bateria) – sempre imprimiu em seus shows.

Gravado em Nova York, o primeiro ao vivo do Slayer veio junto a uma polêmica: a inserção, posterior, do áudio da plateia. O produtor Bill Metoyer, questionado sobre o áudio "falso" por Joel Mciver, autor de "The Bloody Reign of Slayer" (2008), resumiu-se a dizer: "Não sei se devo contar. Esse não é um daqueles grandes segredos da indústria? Digamos que, quando você estiver gravando ao vivo, deseja sem ao vivo - mesmo que talvez os microfones não tenham captado o público adequadamente."

Seja como for, a estação de rádio WBAB Fingers Metal Shop, realizou uma promoção, na qual fãs estariam presentes em uma gravação ao vivo do Slayer, ocorrida no Tiki Recording Studios, em Glen Cove. O repertório traz sete faixas tocadas de forma mais rápida e brutal: *Black Magic*, *Die by the Sword*, *Captor of Sin*, *The Antichrist*, *Evil Has No Boundaries*, *Show No Mercy* e *Aggressive Perfector*.

O relançamento em CD de 2006 veio com 11 faixas, contendo o EP *Haunting the Chapel* e a versão em estúdio de *Aggressive Perfector* que, em 1983, mostrou o Slayer ao mundo na coletânea *Metal Massacre III*, da Metal Blade.

Ricardo Batalha

DECADE OF AGGRESSION (1991)

Em 1991, já com dez anos de trajetória, o Slayer havia lançado apenas um disco ao vivo, o EP *Hell Awaits* (1984), com sete faixas e muita polêmica a respeito do som da plateia que se ouve ao fundo.

Porém, quando saiu *Decade of Aggression* o quarteto já tinha uma década de estrada (daí o nome do disco) e havia se tornado uma banda muito maior. Portanto, era o momento de mostrar a quem ainda não tinha visto o que era um show do Slayer. Mesmo assim, as coisas ainda não eram fáceis. Em entrevista em vídeo à Rock Hard, Araya disse que "ir à Europa ainda é complicado por conta dos custos, muitas vezes perdemos dinheiro porque nossa estrutura é grande."

Detalhes financeiros à parte, *Decade of Aggression* é um trabalho que faz jus à banda. Dá pra dizer que suas 21 faixas totalizam uma hora e meia da mais pura agressão sonora.

Lançado como álbum duplo, traz um show principal, que ocupa o primeiro disco, com suas onze faixas gravadas em Lakeland, na Flórida (EUA), em julho de 1991. O segundo disco tem sete temas registrados em San Bernardino, na Califórnia (EUA), em março de 1991, e três capturados no icônico estádio de Wembley, em Londres, em outubro de 1990.

Mesmo gravado em três diferentes locais, o álbum apresenta grande unidade sonora e a banda jura que não houve qualquer overdub nas guitarras.

Com produção de Rick Rubin e trazendo o grupo com sua formação clássica (Araya, King, Hanneman e Lombardo), *Decade of Aggression* foi o último disco ao vivo do Slayer – ao menos até aqui...

Antonio Carlos Monteiro

THE REPENTLESS KILLOGY (2019)

A primeira coisa que chama a atenção neste lançamento ao vivo final do Slayer é a divisão do set para o vinil duplo. Você olha a relação de músicas e se imagina baixando a agulha nas primeiras dos lados A (*Delusions of Saviour/Repentless*), B (*War Ensemble*), C (*Deadskin Mask*) e D (*Hell Awaits*). Que fã antigo do Slayer pode pedir maior retomada de ritual e emoção do que isso?

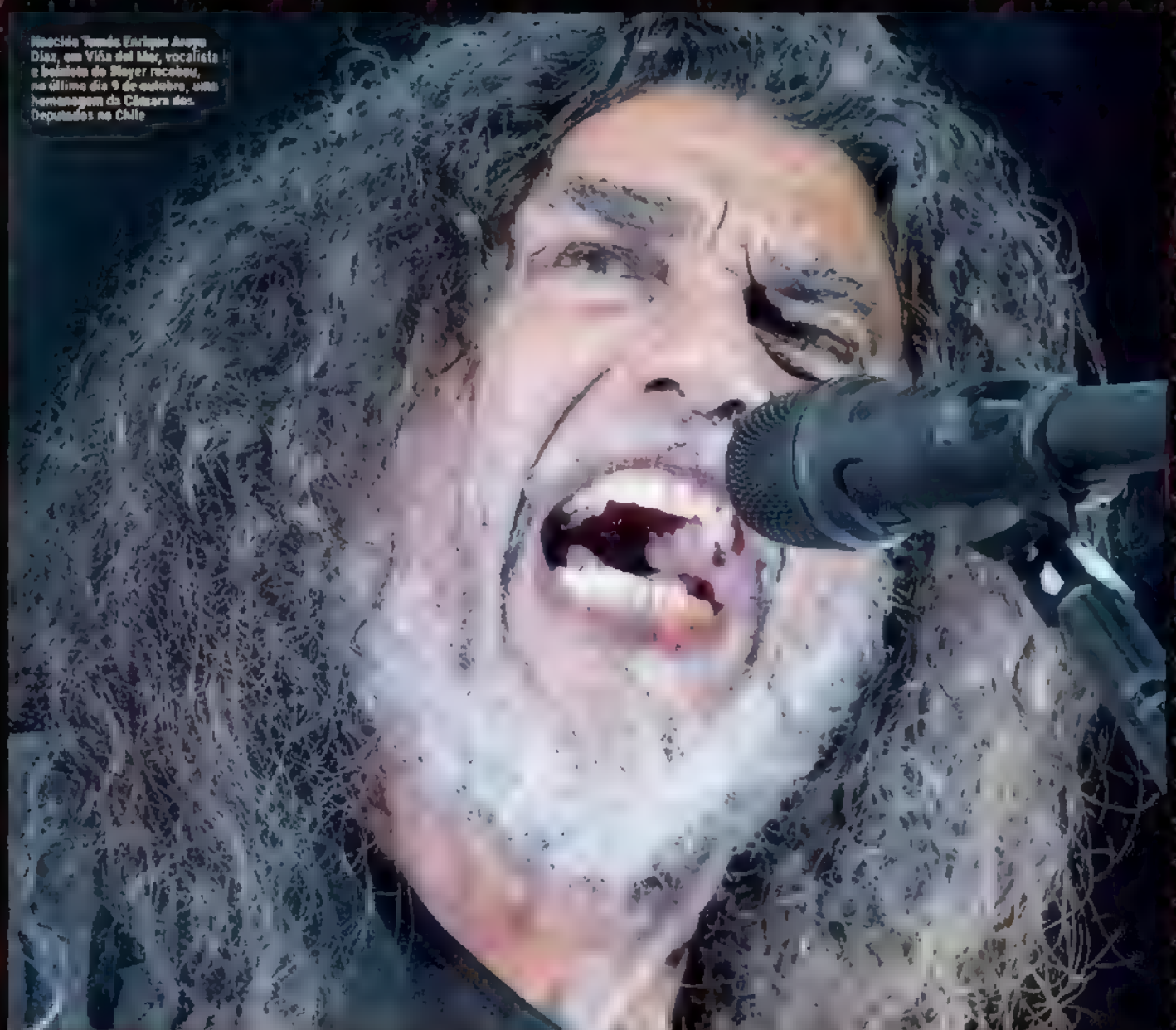
Os CD e vinil trazem a introdução e 20 faixas do meio da turnê de *Repentless*. O concerto foi registrado em agosto de 2017 e fomou-se esta "Killogy" meio da supetão, já que a banda anunciou que seria a última turnê no decorrer dela.

Até ali, o Slayer vinha com planejamento de vídeos que sequencialmente contavam uma história. Registraram *You Against You*, *Repentless* e *Pride in Prejudice*, que formam a *Repentless Trilogy* e contam a história de um pensionista Wyatt (o ator Jason Trost) - que abandona a gangue "The Hand Brotherhood" quando sua namorada fica grávida. Membros da gangue matam a namorada e ele parte para vingança.

Quando anunciado o final da banda, o diretor Wayne Isham resolveu compilar a trilogia de clipes com o show e lançar *The Repentless Killogy (Live At the Forum in Inglewood, CA)*, com exibição mundial em 8 de novembro, no mês em que o grupo encerra as atividades.

Como era a primeira perna da turnê, o set contempla quatro músicas de *Repentless* – além da que batiza o álbum, *When the Stillness Comes*, *You Against You* e *Cast the First Stone*. As 16 outras são clássicos sobre clássico na veia.

Luiz Cesar Pimentel



Narciso Tomás Enrique Araya Díaz, em Viña del Mar, vocalista e baixista do Slayer recebeu, no último dia 9 de outubro, uma homenagem da Câmara dos Deputados no Chile

Além do Slayer, que ajudou a fundar em 1981, Kerry King fez participações especiais em álbuns de Beastie Boys, Pantera, Rob Zombie, Hatebreed, Sum 41, Soulfly e Witchery

LOTAÇÃO MÁXIMA NO SHOW DE DESPEDIDA EM SÃO PAULO!

POR LUIZ CESAR PIMENTEL | FOTOS FERNANDO PIRES

O momento mais marcante do último show do Slayer em São Paulo, na noite de 2 de outubro, aconteceu quando a música parou e as luzes do Espaço das Américas se acenderam. Eles tinham acabado de tocar *Angel of Death* e era sabido pelas 8.200 pessoas – lotação máxima do local – que seriam as 20 canções do setlist e pronto. C'est fini.

Mas ninguém arredou pé. O público ficou saudando primeiro os guitarristas Gary Holt e Kerry King e o baterista Paul Bostaph. Quando esses saíram, o vocalista e baixista Tom Araya retornou em passos lentos, foi para cada um dos cantos do palco e ficou apenas olhando as pessoas. Após um ou dois minutos parado, juntava as mãos como em uma prece, sorria e dobrava o corpo agradecendo.

"Take a look to the sky just before you die/It's the last time you will", como canta James Hetfield em *For Whom the Bell Tolls*.

Sinceramente, não busquei saber o que aquilo significava, pois claramente era uma despedida de ambos os lados. Em um mundo de várias últimas turnês da mesma banda, talvez tenha sido um "até breve". Vai saber. Mas não importa o que aconteça no futuro. Foi aquele momento de aeroporto em que você se despede de um amigo e não sabe quando ou se ele ou ela voltará.

Isso aconteceu após sequência reveladora. No setlist que escolheram como headliners nesta turnê de despedida, dosaram as músicas de acordo com a importância para os fãs e para a própria carreira. Ao esmiuçar as 20 selecionadas (de repertório total de 118 composições), a retrospectiva aponta que *Reign in Blood* pode ser a obra favorita quase de maneira unânime pelos fãs, mas *Seasons in the Abyss* talvez seja a mais importante.

SLAYER

Do considerado maior disco do thrash metal, tocaram três músicas – *Postmortem*, *Raining Blood* e *Angel of Death*. E de *Seasons*, foram cinco canções – *War Ensemble*, *Temptation*, *Born of Fire*, *Seasons in the Abyss* e *Dead Skin Mask*. Você pode até falar que bastaria incluir duas clássicas como *Altar of Sacrifice* e *Jesus Saves* que empataria o jogo para *Reign in Blood*. Só que das que compõem o disco de 1990 caberiam facilmente *Spirit in Black*, *Expendable Youth* e *Hallowed Point*.

Melhor pensar no que escolheram e não no que deixaram de fora.

Abriram com a paulada que se tornou uma das melhores da carreira, *Repentless*, do último disco de mesmo nome, e sacaram a primeira música do trabalho de estreia, *Evil Has no Boundaries*. Que momento foi ecutar pela primeira vez no Brasil o coro ao vivo de "Evil!".

De *World Painted in Blood*, tocaram a música que batiza o álbum de 2009 e *Hate Worldwide*. No miolo teve *Disciple* e *Payback*, de *God Hates us All*, e a única canção dos três discos que lançaram nos 1990, no trio mais fraco de lançamentos da banda, *Gemini*.

Teve *Chemical Warfare*, do EP que, para muitos, é o segundo melhor momento do grupo, *Haunting the Chapel*, e a assustadora *Hell Awaits*, com sua cadência de montanha russa inicial e mosh pit instantâneo desde a primeira descida do carrinho.

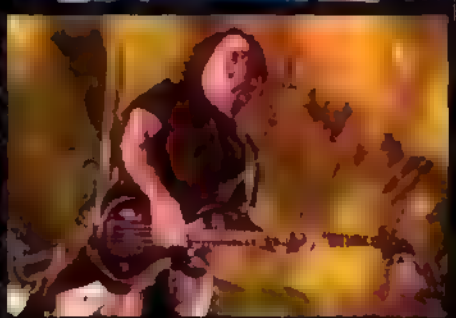
Black Magic, da estreia *Show no Mercy*, ficou ensanduichada na sequência final.

Escrevo sobre o show e já me corrijo sobre o momento mais marcante deste. Pau a pau com a despedida dos integrantes do público está a senha para o final de *Angel of Death*, quando Paul Bostaph sustenta a música somente nos dois bumbos, na criação do mestre do double bass, Dave Lombardo. Naqueles segundos todos os elementos de 34 anos de carreira se encontraram e formou-se a contagem regressiva final do grupo saindo da música para entrar para a posteridade.

Claro que não dá para ignorar a abertura do Claustrofobia, que aconteceu por força de pedido popular. O trio dos irmãos D'Angelo e Rafael Yamada ocupa merecidamente (e agora oficialmente, por conta da abertura) o pódio de melhores bandas thrash do país junto ao Sepultura e Korzus. Se bem que temos Nervosa, Torture Squad e alguns mais que estão nos obrigando a uma ampliação desse local privilegiado.

SETLIST:

Repentless
Evil has no Boundaries
World Painted Blood
Postmorten
Hate Worldwide
War Ensemble
Disciple
Gemini
Mandatory Suicide
Chemical Warfare
Payback
Temptation
Born of Fire
Seasons in the Abyss
Hell Awaits
South of Heaven
Raining Blood
Black Magic
Dead Skin Mask
Angel of Death



Após o show no Espaço das Américas (SP), o Slayer foi ao Rio de Janeiro para se apresentar no Palco Sunset do Rock in Rio, com Tom Araya encarnando o zoi, com *Angel of Death*, declarando: "Vou sentir saudades."

Perfeitamente adaptado ao Slayer, em substituição ao saudoso Jeff Hanneman, Gary Holt planeja novo álbum com o Exodus, sucessor de *Blood In, Blood Out* (2014), e turnê "The Bay Strikes Back" em 2020, com Testament e Death Angel

LANÇAMENTOS CLASSIC METAL RECORDS

NOVEMBRO / 2019

TROYEN - N.W.O.B.H.M.
Anthology - 1981/2019

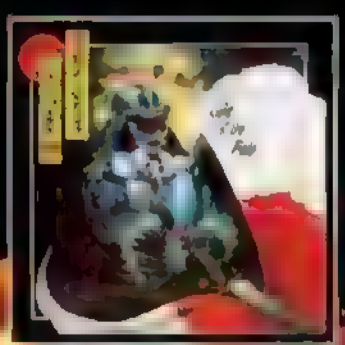
QUARTZ
Quartz - 1977

QUARTZ
Live Quartz - 1980

ATTILA
Deluxe - 2019

ELECTRIC POISON
Live Wire - 2019

TOKYO BLADE - N.W.O.B.H.M.
Tokyo Blade - 1983



TOKYO BLADE - N.W.O.B.H.M.
Night Of The Blade - 1984

QUEPPARDO
Execução Sumária - 2019

Classic Metal RECORDS

PARA O CATÁLOGO DE CDS NACIONAIS E IMPORTADOS, ACESSE O SITE: WWW.CLASSICMETAL.COM.BR
DÚVIDAS E COMPRAS NO ATACADO, ENTRAR EM CONTATO NO E-MAIL: SAC@CLASSICMETAL.COM.BR

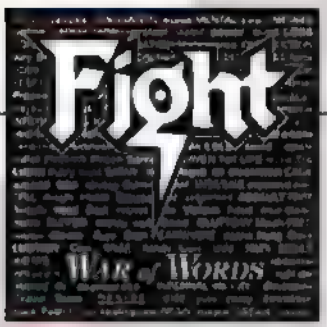
POWERED BY
EDIFIER
fonesdeouvido.com.br

M. MICTIAN
(AFFRONT)

POR DANIEL DUTRA
FOTO DIVULGAÇÃO

SEPULTURA
ÁLBUM: BENEATH THE REMAINS (1989)
MÚSICA: INNER SELF

"Confesso que, por todas as forças da natureza, eu queria ter composto essa música. Sinceramente, é algo bem intimo. Lembro-me, como se fosse hoje. Estava no meu quarto logo depois de ter comprado o vinil de *Beneath the Remains*. Moravamos num barraco de madeira em cima de um valão, e meu pai entrou no quarto quando eu estava vibrando e com o som muito alto! Ele olhou sério para mim e disse: 'Você vai ficar ouvindo essa música maluca?', e eu respondi: 'Vou'. Assim, seco e com medo (risos). Mas ele nunca me proibiu. Este álbum é fantastico, e nunca parei de ouvir."

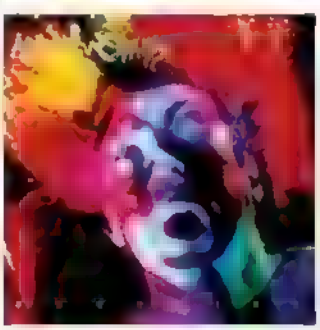


FIGHT
ÁLBUM: WAR OF WORDS (1993)
MÚSICA: INTO THE PIT

"Rob Halford tinha saído do Judas Priest, e um amigo disse que ele tinha montado uma banda nova. Sempre surge aquela desconfiança. Você sabe, né? Mas fomos ouvir, e a primeira faixa do álbum era justamente *Into the Pit*. Fiquei de boca aberta, impressionado de cara. Essa música é vibrante, e a banda era excelente, com Halford cantando espetacularmente. Quando ela acabou, pedi para voltar e ouvir novamente sem antes escutar tudo. Acho que ouvimos umas cinco vezes seguidas a mesma canção, e só depois continuamos a sequência, com *Nailed to the Gun*... O album todo é excelente! *War of Words* é disco de cabeceira."

IRON MAIDEN
ÁLBUM: LIVE AFTER DEATH (1985)
MÚSICA: RUNNING FREE

"Era período de férias de meio do ano no colégio, e um amigo da escola emprestou esse disco para mim sem que o irmão mais velho, que era o dono, soubesse. Nós éramos moleques (risos). 'Você não pode estragar o disco', ele disse, e eu quase o furei porque ouvia todos os dias. Muitas vezes por dia, na verdade (risos). Foi meu primeiro contato com o Iron Maiden, com um álbum que tinha capa dupla. Era sensacional! Bruce Dickinson detonando ao vivo, com uma voz invejável, e o garoto aqui ficou fascinado."



ALICE IN CHAINS
ÁLBUM: FACELIFT (1990)
MÚSICA: SEA OF SORROW

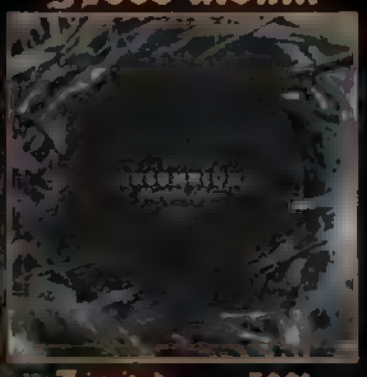
"Conheci o Alice in Chains na antiga MTV e fui atras do disco, mas não encontrava em canto algum a versão em vinil, já que eu ainda não tinha um CD player. Procurei por vários dias até encontrar o LP em uma pequena loja no Centro do Rio de Janeiro. Feliz da vida, igual pinto no lixo, fui para casa com o novo brinquedo e, por mais que a música mais conhecida e tocada na época fosse *Man in the Box*, que é excelente música e um clássico da banda, eu me apeguei e curti muito a *Sea of Sorrow*. Ela me cativou mais pelo seu lado obscuro, denso e melancolico, além de um videoclipe em preto e branco que eu gostava muito. *Sea of Sorrow* está até hoje na minha playlist! É clássica pra mim."

DISSECTION
ÁLBUM: STORM OF THE LIGHT'S BANE (1995)
MÚSICA: NIGHT'S BLOOD

"Sabe aquele barraco de madeira? Eu ainda morava nele (risos). Fui a uma loja comprar um CD, só que não sabia o que comprar na época, não tinha nada específico em mente. Mas eu sempre ia numa mesma loja comprar discos de metal, e naquele dia não seria diferente. Chegando lá, o camarada da loja me chamou e disse: 'Tem uma banda da Suécia que você vai gostar, com certeza'. E ele mostrou o *Storm of the Light's Bane*, do Dissection. O álbum começa com uma breve introdução, e na sequencia vem *Night's Blood*. Mais uma daquelas audições que te convencem nos primeiros acordes, de algo que você adora de imediato, e foi assim mesmo. Com poucos segundos eu já estava vibrando. Segurei o disco e disse: 'Esse é meu!' E continua sendo uma das minhas paixões."

SODOM
ÁLBUM: AGENT ORANGE (1989)
MÚSICA: REMEMBER THE FALLEN

"Eu não tinha o *Agent Orange*, mas um amigo conseguiu comprar uma cópia importada, e era certo de eu pedir para ele colocar para ouvirmos sempre que ia à sua casa. Chegou o momento em que ele já sabia, e eu nem pedia mais. Era certo ele colocar o vinil, e *Remember the Fallen* é minha favorita. Hoje, coloco o álbum e vou direto nela. Ouço algumas vezes antes de todo o restante, mas é também um disco que gosto muito. Os alemães do Sodom são uma das bandas que me influenciaram bastante, então tenho muito respeito por tudo o que fizeram. Eles sempre se mantiveram fiéis ao próprio estilo, e sou fã de carteirinha."



Novo álbum

Slipcase
Cover do Vaihary

Novo álbum

Limitado em 500!

Relançamento

Digipak e Bonus

Novo álbum

Limitado em 500!

Novo álbum

Digipak

Novo álbum

Digipak e Acrílico

Novo álbum

Digipak e Acrílico

Box 3 Cds
Limitado em 100!!!

Cds separados
também disponível
limitados em 200!!!

acessem nosso site para mais informações

MUTILATION PRODUCTIONS

Mutilation Records
Galeria do Rock - 2º Andar - loja 370
www.mutilationrecords.com.br

PODCAST SEMANAL
SOBRE ROCK E HEAVY METAL
NOVOS EPISÓDIOS TODAS AS QUINTAS
Bate Papo com grandes nomes do Metal

ROCK ADD
ROCK ADDICTED
www.rockadd.com.br

SASCHA PAETH'S

MASTERS OF CEREMONY

SIGNS OF WINGS

André Neygenfind, Felix Bohnke, Adrienne Cowan, Corvin Bahn e Sascha Paeth colocam as asas para fora no seu disco de estreia

TUDO MUITO BEM DEFINIDO

SEM TEMPO A PERDER, O GUITARRISTA E PRODUTOR SASCHA PAETH DEFINIU UM DIREÇÃO E PARTIU EM BUSCA DA SUA MÚSICA

POR GUILHERME SPIAZZI

Apesar de ter iniciado a carreira como guitarrista do Heavens Gate, o nome de Sascha Paeth passou a ser sinônimo de ótimas produções de metal melódico a partir de trabalhos ao lado de Angra, Rhapsody e Avantasia. Depois de anos nos bastidores, Paeth retoma a veia autoral ao criar o Masters of Ceremony ao lado de Adrienne Cowan (vocal, Seven Spires), André Neygenfind (baixo), Felix Bohnke (bateria, Edguy) e Corvin Bahn (teclados), músicos com quem também divide o palco no Avantasia. Com *Signs of Wings* lançado, Paeth nos contou sobre a proposta musical de sua banda, as expectativas e ainda nos brindou com memórias ao lado do saudoso Andre Matos.

***Signs of Wings* é um disco de sonoridade pesada e direta. Considerando a sua longa carreira no metal, como produtor, músico e compositor, o que levou você a buscar essa direção para o Masters of Ceremony?**

Sascha Paeth: Foi apenas a minha vontade de mostrar como eu atualmente enxergo um disco de metal e como ele poderia soar. Eu tenho essa visão de um metal bem na sua cara, algo que seja direto e agressivo. Como hoje em dia várias coisas são muitas vezes bastante polidas, eu quis ir para a direção oposta. Quis revisitar um pouco de onde vim, além de resgatar o direcionamento que o Heavens Gate seguia.

Apesar dos seus predicados enquanto compositor e produtor, eu diria que foi a voz de Cowan que deu personalidade ao disco, concorda?

Sascha: Com certeza. Estou muito feliz por contar com ela no álbum. Fazendo uma metáfora, com a voz de Cowan você tem todas as cores necessárias para pintar um quadro. Ela tem total abrangência de tonalidade e de certa forma consegue fazer basicamente qualquer coisa que você queira. Isso faz com que o disco seja bastante versátil. Fiquei especialmente feliz por termos conseguido extrair a voz metal de Cowan. Quando mixei o disco dela (N.R.: *Solveig*, 2017), eu percebi que havia esse elemento metal na voz que poderia ser explorado e que seria fantástico.

Foi assim que você descobriu Cowan e percebeu que ela se encaixaria no Masters of Ceremony?

Sascha: Foi mixando o disco do Seven Spires que a descobri, mas só decidi fazer o Masters of Ceremony no ano passado. Eu estava procurando por um vocalista e tinha em mente o que eu queria, mas depois de escutar alguns cantores eu vi que não havia encontrado aquilo que se encaixava na minha imaginação. Todos cantavam de forma mais limpa e eram mais treinados... Na verdade, eu buscava por alguém como Thomas Rettke, do Heavens Gate, que canta bem na sua cara. Não é tão fácil encontrar esse tipo de gente hoje em dia porque a forma de cantar parece ter se desenvolvido para uma direção um pouco diferente disso. Todo mundo é um pouco mais treinado e controlado. O cara canta isso, canta aquilo... Antigamente as pessoas apenas cantavam (risos). Enfim, era isso que eu procurava. Cowan tem bastante treino, mas ela consegue colocar isso de lado. Também tem outra coisa, eu gosto de trabalhar com pessoas que eu conheça e que sejam super legais, como amigos. Penso assim porque eu quero fazer turnês com amigos.

Como é esse processo de descoberta do potencial que um vocalista carrega consigo? Parece que você tem que ter muita habilidade e compreensão do ser humano para trabalhar isso.

Sascha: Eu sempre digo que para ser um produtor você tem que ser meio psicólogo e meio professor de jardim de infância (risos). O lado do psicológico é muito importante porque envolve uma coisa muito íntima e pessoal. Você tem que aprender a conhecer a pessoa em primeiro lugar. Se você realmente quiser se aprofundar nas emoções, você precisa atingir um nível íntimo. Não é fácil soltar as emoções na frente de outra pessoa, mas é isso que precisa acontecer. É uma questão de compreensão e confiança.

Nos videoclipes de faixa *The Time Has Come* e *Die Just A Little* Neygenfind aparece tocando um contrabaixo, um instrumento de orquestras e não tão comum de ser visto numa banda de metal. O contrabaixo está em todas as faixas ou o baixo elétrico também foi utilizado?

Sascha: Neygenfind é um baixista de verdade. Ele aprendeu a tocar baixo e nunca se interessou em outro instrumento. Além disso, toco com ele desde que eu tinha doze anos de idade. Ano passado nós trabalhamos numa produção em que ele tocou 80% do material no contrabaixo e eu quis integrar esse elemento ao metal. Em *Signs of Wings* nós fizemos o registro em *The Path*, onde ele toca com arco e *Signs of Wings*. Fizemos isso porque o contrabaixo dele não soava legal para o metal. Entretanto, no início desse ano Neygenfind comprou um novo contrabaixo que soa muito bem e ele será mais utilizado da próxima vez. De qualquer maneira eu quero usar o instrumento ao vivo também. Além de ele trazer um som diferente, acho que é legal visualmente falando.

Considerando que o Masters of Ceremony é uma banda, como encara o resultado musical de *Signs of Wings* em termos de personalidade musical?

Sascha: Em primeiro lugar, o plano era fazer um projeto solo meu, por isso eles (a gravadora) incluíram o meu nome, mas como você pode ver, ele ficou bem pequeno (risos). Entretanto, na verdade eu gostaria que fosse uma banda e foi assim que trabalhei o material. Nesse primeiro disco eu fiz muito mais do que eu quero fazer no futuro, mas fiz assim porque queria definir uma direção e encontrar pessoas que queiram seguir ela. Cowan e eu compusemos quatro músicas legais para esse disco e quero fazer muito mais no futuro. Inclusive, nós conversamos sobre gravar o próximo álbum de forma diferente, mais ao vivo. Eu amo trabalhar dessa forma, tanto é que já fiz isso muitas vezes em projetos meus. Por exemplo, Virgo (*Virgo*, 2001) foi ao vivo em estúdio e sem o uso de metrônomo ou fones de ouvido. Nós estávamos apenas tocando naquela sala e registrando tudo em fita analógica. Você cria uma atmosfera diferente quando faz isso. Eu quero tentar novamente, porém para conseguir uma sonoridade metal você tem que empregar uma determinada técnica de produção. Quero combinar as coisas e fazê-la da forma o mais real possível da próxima vez. Quem sabe eu faça um pequeno documentário sobre a produção.

Você fala sobre um segundo trabalho com entusiasmo, mas me explique uma coisa. Considerando que o Masters of Ceremony surgiu a partir de uma proposta feita pela gravadora Frontiers Music, se essa parceria for encerrada você continuará com a banda?

Sascha: Sim, eles me pediram para

SIGNS OF WINGS
FRONTIERS - IMP.

que eu fizesse algo, tenho um contrato com a gravadora e nós, provavelmente, faremos mais que um álbum. Porém, se eles decidirem largar o projeto, eu posso continuar ele com outra gravadora. De qualquer forma eu considero que continuaremos e espero trabalharmos com as mesmas pessoas.

Perguntei isso porque pelo que me consta *Signs of Wings* é o seu primeiro disco de metal desde *Menergy* (Heavens Gate, 1999) e uma continuidade seria bem vinda.

Sascha: Exato. Faz bastante tempo, mas decidi que agora era a hora. Com o Avantasia eu comecei a tocar ao vivo novamente e isso tornou as coisas muito interessantes para mim. Acostumei-me com as turnês novamente, gostei e quis explorar isso com a minha música também. Eu realmente quero construir o Masters of Ceremony como uma banda e continuar com ela. Esse é o meu plano. Antes eu não pensava assim, mas as coisas acabaram sendo tão melhores do que eu esperava... O pessoal da banda, o resultado musical e também a recepção das pessoas. Muita gente gostou. Eu tinha pouca expectativa, para ser honesto. Porém, agora as minhas expectativas estão aumentado (risos). A coisa funcionou e podemos ter resultados. Podemos ter interesse o suficiente das pessoas para que possamos fazer turnês e tocar em festivais. É isso que espero que seja possível. Eu adoraria fazer uma turnê pela América do Sul. Já estamos conversando sobre isso, porém não é algo tão fácil, afinal somos uma banda nova. Mesmo assim queremos ir o mais breve possível.

Falando sobre o Heavens Gate, faz trinta anos que a banda estreou com *In Control* (1989) e vinte anos da sua separação. Qual o significado dessa banda que o lançou como músico de metal e produtor do gênero?

Sascha: Ela foi grande influência na minha carreira. Eu tinha muita liberdade para ser criativo no Heavens Gate. Talvez algumas pessoas não gostem do que fizemos lá pelo final (da banda), mas aquilo era como um parquinho para mim (risos). Era muito bom poder fazer coisas assim com aqueles caras.

Você começou a traçar a carreira de produtor musical no início da década de 1990 e acabou se tornando uma referência no metal melódico. Como você encara o seu papel no desenvolvimento desse estilo musical?

Sascha: Eu nunca pensei nisso porque eu basicamente passei a minha vida trabalhando no estúdio (risos). Não tinha noção que podia ser uma influência até que, há alguns anos, pessoas com certo tamanho na cena vieram me dizer que me enxergavam como um modelo para a sua música. Fiquei espantado, porque eu não pensava nisso. Eu apenas tento fazer as coisas do jeito que acho bom e fico feliz quando alguém diz que sou uma influência. Pelo menos deixei uma pequena marca. Acho que isso é o melhor que você pode fazer, não é?

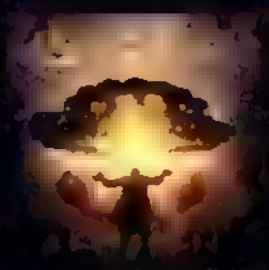
Definitivamente deixou uma marca, tanto é que é impossível não relacionar o seu nome ao metal brasileiro, afinal você fez parte do início do Angra participando das produções de *Angles Cry* (1993) e *Holy Land* (1996), além de também ter trabalhado com o Shaman, Virgo e na carreira solo de Andre Matos. Como foi trabalhar com Angra lá no início?

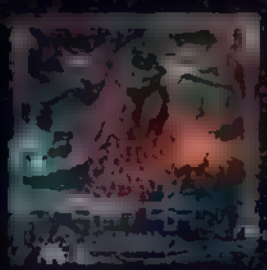
Sascha: Foi lindo. Essa é uma memória romântica minha e já falei sobre isso muitas vezes. Depois do péssimo dia em que Matos faleceu... (Num tom bastante sentimental) Isso ainda me deixa bastante emotivo. O Angra foi uma das primeiras coisas que fiz e de certa forma foi o início de tudo. Eu tinha uns 22 anos e Matos um ano a menos. Nós éramos um pouco ingênuos, tentávamos e atravessávamos as noites gravando. Nunca me esquecerei da noite que gravamos *Wuthering Heights* até às sete horas da manhã com uma ótima atmosfera. Já naquela época falávamos sobre o Virgo, não o nome, mas o que faríamos algum dia. Eu tive uma ligação muito forte com Matos na década de 1990. Sempre tivemos, porém nos últimos anos não passamos muito tempo juntos por causa da grande distância física, além de trabalharmos bastante. Eu não via Matos há anos até que nos encontramos durante o último show que fizemos (N.R.: Avantasia e Shaman em 2 de junho de 2019, em São Paulo). Tivemos um encontro muito caloroso quando eu o vi nos bastidores, antes da apresentação do Shaman, por uns 15 minutos. Tivemos uma boa conversa e combinamos de nos encontrar depois, mas ele já não estava lá no final. Apesar de ter acontecido há muito tempo, a produção de *Angles Cry* é a de que mais tenho lembranças. Lembro-me dos caras em fila no estúdio, dançando o ritmo que embala a música *Never Understand* (N.R.: baião) na minha frente. Eu ainda sei como é a dança. Eu sempre tive essa forte relação com os brasileiros e não sei a que se deve isso. Pode ser devido ao Angra e Matos, pode ser algo natural... Eu não sei. Foi ótimo rever Hugo (Mariutti), Luís (Mariutti) e Ricardo (Confessori) quando retornei. Foi como rever a família. Gravar Matos sempre foi algo bastante particular. Ele gostava de trabalhar na madrugada. Lembro-me dele acordar e aparecer de roupão às três da tarde para dar bom dia, sendo que eu já estava trabalhando há mais de seis horas (risos). Nunca me esquecerei dele lá indo caminhar no jardim e observar as flores. Fico triste ao falar sobre isso. Estou sentado na mesma sala em que trabalhamos muitas vezes.

APENAS TENTO FAZER AS COISAS DO JEITO QUE ACHO BOM E FICO FELIZ QUANDO ALGUÉM DIZ QUE SOU UMA INFLUÊNCIA

ROADIEMETAL

Atualmente um dos maiores veículos de divulgação especializada em música pesada. A Roadie Metal atua em vários campos, sendo o primeiro programa de rádio via streaming pelo Facebook e YouTube no Brasil. Atuamos também como assessoria de imprensa de várias bandas brasileiras e recentemente a empresa se transformou em um selo digital com distribuição mundial de artistas do nosso cast em todas as plataformas de Streaming do mundo.





Confira nossas condições e traga sua banda para a assessoria que mais cresce no país.

GUS MONSANTO
(HUMAN FORTRESS)

POR DANIEL DUTRA
FOTO DANIEL DUTRA

Another Time
YNGWIE MALMSTEEN
FACING THE ANIMAL

"Yngwie Malmsteen! (N.R.: Monsanto começa a cantar) A música é do *Facing the Animal*, né? (R.C.: Exatamente) Para mim, é o último grande trabalho do Malmsteen. Na produção, que é do Chris Tsangarides (1956-2018), na composição, em tudo. Tem o Cozy o Powell (1947-1998), e eu adoro o Mats Levén. Tem uma história legal de quando eu saí do Adagio. Ele me substituiu, por um tempo, e pude ver um vocalista que admiro demais cantando as minhas músicas (risos). O Malmsteen ainda ficou um tempo com vocalistas e músicos bons, mas depois... E ele cantando não dá. Eu gravaria um disco dele de graça! Amanhã, se quiser."

Pretty Tied Up
GUNS N' ROSES
USE YOUR ILLUSION II

"Ah, *Pretty Tied Up*, do Guns N'Roses. Os *Use Your Illusion*, lançados em 1991... Eles são incríveis. Muita gente fala que daria um disco do nível do *Appetite for Destruction* se rolasse uma edição, mas eu gosto do formato que eles lançaram, dois álbuns duplos. Claro, não gosto de todas as faixas, mas a maioria é muito boa. Curiosamente, eu prefiro a primeira parte, o disco amarelo, mas *Pretty Tied Up* é um musicão! (R.C.: E é do Izzy Stradlin, que faz falta). Muita! Fala-se de um CD novo, mas o meu medo é a parte de composição. Slash, Duff e o Axl fizeram coisas legais depois disso, mas o Izzy era a arma secreta."

18 and Life 2015
SKID ROW
18 AND LIFE: SKID ROW'S GREATEST HITS

"Pô, essa aí... (risos). *18 and Life*, do Skid Row, mas não é a versão original. (R.C.: Não). Mas está muito parecido, e olha que eu já ouvi tanto a versão da banda. Parece o James LaBrie, do Dream Theater, mas sei que não é. É o Tony Harnell. Eu amo a voz dele! Em uma das vezes que ele saiu do TNT, eu conversei direto com o batera (N.R.: Diesel Dahl) sobre entrar a banda. Ainda bem que não rolou, porque o TNT é, para mim, Harnell e Ronni Le Tekrø. Sou muito fã de TNT, então seria legal cantar aquelas músicas, mas elas são território sagrado. E acho que a combinação do Skid Row com o Harnell não foi muito boa."

This House Is Not for Sale
BON JOVI
THIS HOUSE IS NOT FOR SALE

"Bon Jovi! Eles tocaram essa música no Rock in Rio. (R.C.: Sim, foi a primeira do show). Essa banda foi uma grande influência quando eu era mais novo, de aprender a fazer segunda voz, trabalhar os backings... Quantas horas eu passei ouvindo o *New Jersey*! Mas o Bon Jovi é tipo aquele amigo de infância que você fica 15 anos sem ver, aí quando reencontra não tem muito assunto (risos). Essa música é muito boa, e olha que refrão legal, mas o resto não dá para ouvir. Já faz um tempo que eles vêm desse padrão de uma ou duas músicas boas por álbum, talvez três. É pouco para um grupo com o legado do Bon Jovi."

Separate Ways (Worlds Apart)
JOURNEY
FRONTIERS

"*Separate Ways*, do Journey. Esse cara é o maior vocalista do mundo, e a música, um clássico absoluto. Não tem muito mais o que falar do Steve Perry (risos). (R.C.: Ouviu o disco solo, *Traces*?). Comprei o vinil duplo, com aquela arte linda, e é muito bom que ele esteja cantando novamente, então o Perry estar na ativa novamente é mais importante do que gostar ou não do álbum. Não me emocionou tanto porque é devagar, tem muita balada, e isso não tem nada a ver com o fato de ele não ter mais o mesmo alcance, porque o Perry é um senhor (N.R.: 70 anos). Mas está interpretando lindamente. É o meu cantor preferido."

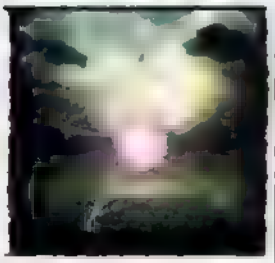
POWERED BY audio-technica always listening

Wild One
DIO
LOCK UP THE WOLVES

"(N.R.: Solfeja a intro de bateria). *Wild One*, do Dio. É o disco com o Rowan Robertson, que hoje em dia acho melhor do que achei na época, porque fiquei meio decepcionado. Não com ele tocando guitarra, mas porque eu já era muito fã do Jens Johansson, então esperava aquela fritação de teclados que havia nos álbuns do Malmsteen. O *Lock Up the Wolves* foi o primeiro trabalho do Dio com aquela tendência de músicas mais arrastadas, e ele faz tanta falta que é preciso ouvir até os seus discos ruins, e ruins entre aspas (risos). O *Strange Highways*, por exemplo, uma continuação do *Dehumanizer*, que é lindo."

Hot Stuff
WHITESNAKE
SLIDE IT IN

"Isso é Whitesnake antigo ou David Coverdale solo? (R.C.: Whitesnake). Ele é ídolo máximo, e esses guitarristas (N.R.: Mick Moody e Bernie Marsden) e os backings eram demais! Agora eu lembrei, é *Hot Stuff*, com Ian Paice na bateria. A banda tem três fases, a inglesa, a americana e a de transição, que talvez seja a mais legal. Para mim, o *Slide it in* é o melhor álbum do Whitesnake, até porque acho que foi o auge do Coverdale como cantor. Ele cantando no *Whitesnake* e no *Slip of the Tongue* é maravilhoso, mas o *Slide it in* tem o Coverdale com as nuances mais bonitas da voz dele. É o grande disco da banda."

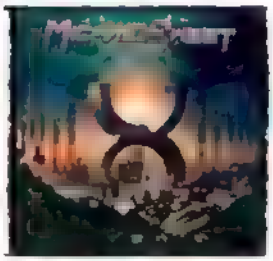


I Don't Believe in Love
ANDRE MATOS
THE TURN OF THE LIGHTS

"*I Don't Believe in Love*, mas não é a versão original. O timbre de guitarra está mais moderno, então vamos ver se eu conheço. Mas o que falar do *Operation: Mindcrime*? É maravilhoso, e o Queensryche é uma enorme influência. Eu conheço essa voz. (R.C.: Tenho certeza de que conhece). Parece um pouco o Tobias Sammet, mas o vibrato está mais controlado. (R.C.: É o André Matos). É o André!? Onde ele gravou isso? (R.C.: É bônus de uma edição japonesa do *The Turn of the Lights*). Agora que você falou, ficou claro. E por falar em fazer falta... Sou muito fã dele, que é uma referência. E era um cara maravilhoso."

Ink & Water
RED DRAGON CARTEL
PATINA

"Isso é antigo. (R.C.: Não). Então é alguém fazendo algo bem retrô. (R.C.: O disco é de 2018, mas o guitarrista é veterano). O som é louquíssimo, legal para caramba. Opa! Pela alavancada eu acho que sei quem é. (R.C.: Ele não usa alavanca). Nunca? (N.R.: As guitarras dele nem têm). É o Jake E. Lee. A música é do *Patina*, que é bom demais. Gostei mais dele do que primeiro disco. Eu ia chutar o Ul Jon Roth, que dá essas alavancadas, só que o Jake E. Lee faz na pata mesmo (risos). É um animal, um dos meus guitarristas favoritos. (R.C.: É o meu favorito). O cara compôs *Killer of Giants*! Eu vibro com ele tocando!"



Son of Man
MICHAEL SWEET
TES

"(R.C.: Isso é muito novo. O disco foi lançado há dois dias). Eu conheço os vocalistas. Um parece o Michael Sweet, e o outro é o Todd La Torre. (R.C.: Sim, são os dois). E do Stryper? (R.C.: Não, é solo do Michael Sweet). Quase disse que o Michael era o Tommy Heart, do Fair Warning, porque está cantando mais ou menos na mesma região. (R.C.: E ele convidou um monte de guitarristas, como o Joel Hoekstra). O Hoekstra é animal, e sei que tem o Ethan Brosh, do Fifth Angel, outra banda que bati na trave. Os caras me chamaram, mas pesou a distância. (R.C.: Fica mais caro). E já perdi muitas gigs por causa disso."

БАТЮШКА

O CISMA E A NOVA ORTODOXIA

POR VALTEMIR AMLER

Considerando-se apenas os últimos vinte anos, é muito provável que nenhuma banda tenha surgido e se estabelecido tão rapidamente no cenário black metal como o polonês Batushka. Uma sonoridade única, que unia a ritualística ortodoxa com a rispidez do black metal eram uma novidade impossível de ser negada, e a banda logo se tornou uma das favoritas do público, com seu debut, *Litourgiya* (2015) tornando-se instantaneamente um clássico do estilo. Mas, de forma nada amigável, a banda se separou do guitarrista Krzysztof 'Kris' Drabikowski, gerando momentaneamente duas versões da banda, e uma profunda divisão dos fãs. Em uma longa entrevista, o vocalista Bartłomiej Krysiuk explica o acontecido, e nos traz informações sobre o novo álbum do Batushka, *Hospodi*. Ao final, ele garante: os fãs não precisarão mais esperar tanto tempo por um novo álbum.

Em maio de 2018, o Batushka fez seu primeiro e até agora único show em no Brasil, em São Paulo/SP. Eu estava nessa performance e lembro que foi um ótimo show. Mas qual era a situação interna da banda naquela época?

Bartłomiej Krysiuk: Sim, eu me lembro daquela noite. Foi um ótimo show. Eu sempre quis me apresentar no Brasil. O projeto, intitulado *Litourgiya* estava chegando ao fim. Estávamos tomando grandes decisões naquele momento.

Pouco tempo depois, estourou toda a situação que surpreendeu seus fãs: a banda estava se separando e não de uma maneira amigável. Qual é a sua perspectiva de como ou por que isso aconteceu?

Krysiuk: Esta situação estava crescendo há muito tempo. No início do ano passado, começou a se tornar insuportável. Mas como nós assinamos muitos shows e eu era totalmente responsável financeiramente pela banda, tivemos que fazê-los. Não havia outra maneira de apenas se apresentar. Eu queria que tudo corresse bem e completamente profissional. No entanto, já sabíamos que uma maior cooperação com Krzysztof era completamente impossível. Antes de tudo, ele não tratou bem músicos com quem colaborou seriamente. Ele não respeitava as bandas com as quais se apresentava, não tratava todo o "projeto" com seriedade. Ele sempre enfatizou que era uma piada. Ele até disse que era um 'troll' e que todos os fãs foram enganados por isso. Então, havia a questão de não irritar os fãs. Seu ego cresceu em proporção direta ao número de shows tocados. Ele se tornou uma 'prima-donna'. Ele nunca estava satisfeito. Eu sabia que tinha que fazer algo sobre isso o mais rápido possível. Depois que terminamos a turnê com o álbum *Litourgiya*, nos separamos de Kris.

Toda a situação ficou muito séria após o vídeo de Krzysztof no YouTube, onde ele afirma ser o criador e a principal mente criativa do Batushka. O que você pode nos dizer sobre o processo criativo do álbum *Litourgiya*?

Krysiuk: Vivemos tempos em que as pessoas não se importam com a verdade. Uma palavra, uma calúnia, um vídeo pode destruir a vida de alguém. Krzysztof é um ótimo manipulador, ele sempre disse que 99% das pessoas são idiotas que acreditam em qualquer coisa. E assim **ele** fez o que fez seguindo seu lema. *Litourgiya* foi gravado por três músicos. Kris, eu e Martin. Kris fez guitarras e arranjos, eu fiz os vocais, e Martin gravou toda a bateria. Todos se esforçaram ao máximo naquele momento e ficaram satisfeitos com o que conseguiram. Kris, é claro, apresentou tudo em sua nota depreciando completamente nossa contribuição. Se eu não tive nenhuma contribuição para *Litourgiya*, remova meus vocais e veja o que sobrará... Ninguém sequer menciona que a atmosfera específica deste álbum é principalmente devido às partes vocais. Todo mundo segue Krzysztof, que os manipulou profundamente.

Hoje, a base de fãs de Batushka parece estar dividida em duas frentes de batalha. Qual você acha que é a principal razão de toda a comoção dos fãs?

Krysiuk: Como mencionei anteriormente, esse conflito cresceu por muitos meses, não apenas entre mim e Krzysztof, mas também entre ele e o resto da banda. No final, houve essa situação, os caras da banda não queriam fazer shows com ele. Eu tive que implorar para eles fazerem isso. Imagine que Kris teve que viajar separadamente, tinha acomodações separadas, pois os caras não queriam passar mais tempo com ele do que no palco. Quanto aos fãs, hoje frequentemente conversamos internamente sobre o quanto Kris é respeitado pelos fãs que ele tratou como macacos sem cérebro e zombou deles. Mesmo quando viajamos pela América do Sul, ele apontava a cor da pele e dizia a todos que o haviam roubado vendendo "bootlegs". É engraçado, de verdade, que ele seja agora reverenciado nesses países. Algo que eu realmente não consigo entender. Se eles soubessem o que ele pensa sobre eles, mudariam de opinião imediatamente. De qualquer forma, o fato é que sem mim o Batushka nunca veria a luz do dia e ninguém conheceria a banda. Mas as mentiras e as calúnias de Kris me fizeram parecer um ladrão.

Até onde eu pude entender, quando tudo isso aconteceu, você já estava envolvido no processo de composição do novo álbum do Batushka, *Hospodi*. Sem Krzysztof e com toda essa situação nos bastidores, como foi o trabalho na criação musical de *Hospodi*?

Krysiuk: No início de dezembro de 2018, eu disse a Krzysztof que estávamos nos separando. Também pedi a devolução do equipamento que era completamente meu. Ele teve que fazer isso depois do último show em dezembro, eu também disse que queria terminar tudo de forma pacífica, mas que não estava interessado em mais cooperação com ele. Após o último show promovendo o álbum *Litourgiya*, em 16 de dezembro, oficialmente nos separamos. A maioria dos músicos da banda também disse que estava encerrando sua cooperação com Krzysztof. Em 18 de dezembro, iniciamos as obras e gravações do álbum *Hospodi*. No final de janeiro de 2019, tínhamos o álbum em nossas mãos. Ninguém foi nas costas de ninguém. Krzysztof, em julho de 2018, declarou que não queria gravar um segundo álbum, então nós, juntamente com os outros músicos, seguimos o nosso caminho e gravamos *Hospodi*.

Existe algum material ou fragmento de material criado por Krzysztof neste novo álbum?

Krysiuk: Nem uma única nota foi escrita ou gravada por Krzysztof em nosso novo álbum. Nenhuma ideia ou conceito de Krzysztof foram usados. Nós gravamos o álbum com nossos guitarristas. É isso.

Ao que sabemos, há um conceito central por trás do *Hospodi*, mas confesso que é difícil de interpretar por conta do idioma. O que você pode nos dizer sobre isso?

Krysiuk: Sim, este é um conceito musical e lírico cuidadosamente preparado, baseado na Liturgia da Morte. É um conceito que traz à tona tristeza e arrependimentos que nos dominam no momento da morte de nossos entes queridos. Essas são as emoções que nos acompanham na hora do luto. Baseamos tudo isso consistentemente na liturgia ortodoxa da morte e nas elegias regionais populares cantadas diante do caixão, antes do enterro. Este é o nosso requiem popular. Uma jornada muito pessoal em direção à morte.

Bem, parte do sucesso do primeiro álbum do Batushka foi um conceito novo e

HOSPODI
HAMMER OF DAMNATION · NAC.

um conjunto de novas ideias, algo que nunca havia sido feito no black metal antes. Repetir a fórmula não repete o resultado, então, como você entrou no processo de criação do *Hospodi*? Havia uma ideia prévia de como o álbum deveria soar?

Krysiuk: Não poderia concordar mais. Desde o início, eu queria fazer algo diferente do que fizemos em *Litourgiya*. Acho que conseguimos tudo o que pudemos com ele, e não sou um homem que entra no mesmo rio pela segunda vez. Eu segui a ideia de que se você ficar em um lugar e repetir algo, isso significa que você está voltando. Tanto em termos de conceito lírico quanto de música, eu queria que fosse algo novo, uma nova abertura, mas seguindo o espírito do Batushka. Então, voltamos aos tempos bizantinos e buscamos inspiração. É daí que a música da igreja ortodoxa vem. Além disso, você ouvirá algumas influências gregas no álbum também. Queríamos combinar músicas bizantinas com a monodia russa e acho que conseguimos isso perfeitamente.

Muitas pessoas atacaram o novo álbum antes mesmo de ouvi-lo. Como conseguiu seguir em frente e se manter focado sem afetar a carreira de Batushka?

Krysiuk: Por conta de todo o drama, que era aquecido de vez em quando, eu esperava um feedback negativo. Mas isso não nos impediu de focar na apresentação apropriada do álbum. Nunca foi minha intenção convencer as pessoas que já apresentaram o veredicto com antecedência, mesmo sem ouvir uma música completa de *Hospodi*. A premissa era um som analógico, que também pode atingir um público mais aberto. Pessoas que procuram algo diferente e ouvem não apenas metal extremo. Agora, com a perspectiva de alguns meses, posso ver como esse conceito musical funciona e cumpre suas suposições. E, acredite em mim, isso nos deixa muito felizes.

Por outro lado, *Hospodi* rendeu ótimas críticas na mídia. Como você se sente sobre esse novo álbum, é o sucessor que planejou para *Litourgiya*?

Krysiuk: Claro que é! É uma continuação de uma forma nova e revigorada, em um novo cenário que não se repete, mas explora algo novo. Eu acho que nesse disco você encontrará muitas emoções espiam para dentro de nossos corações. É algo muito pessoal. Mas não quero falar sobre isso. A música fala por si só.

O que você pode nos dizer sobre a capa? Ela está relacionada ao conceito lírico, certo?

Krysiuk: Sim! A capa e todo o design gráfico estão intimamente relacionados ao conceito da Liturgia da Morte. O ícone que aparece na frente da capa é chamado "Не рыдай Мене, Мати" (tradução: Não lamente por mim, mãe) e é apresentado no sábado após a morte de Cristo. Mais que tudo, o ícone mostra grande luto, tristeza e dor. A esperança também faz parte desse conceito. Obviamente, nós a apresentamos em nossa versão blasfema. A capa foi preparada por um dos maiores designers de capas, que atualmente trabalha com bandas como Ghost, Paradise Lost, Deicide ou Watain. Eu acho que vocês já sabem quem é, mas não vou revelar o nome dele. Deixe o trabalho dele falar por si.

Para finalizar, você acredita que um dia Batushka terá uma "reunião" com você e Krzysztof?

Krysiuk: Como mencionei antes, não sou um homem que entra no mesmo rio duas vezes. Muito obrigado pela entrevista. Eu também gostaria de agradecer aos nossos fãs, todos os nossos apoiadores e nossos inimigos. Para o último, tenho um conselho: abram seus olhos e sua mente para uma perspectiva mais ampla sobre certos tópicos. Pensamento independente, mais frequente, e não seguir a multidão, isso é o que devem tentar fazer.

HELLOWEEN

9,0

BANTD ALIVE IN MADRID
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

Poucas bandas podem ostentar com orgulho o status de precursoras de um estilo musical. No caso do Helloween, dizer que eles são os pais daquilo que hoje chamamos de power metal melódico é apenas constatar o óbvio e fazer justiça, já que sua digital permanece facilmente reconhecível na música de seus discípulos. Nem por isso o tempo foi gentil com os alemães, e a passagem do tempo cobrou o seu preço. Foram várias formações nestes mais de trinta anos de carreira, cada uma delas com seus clássicos e com seus momentos de glória maior. Bem, a celebrada turnê "Pumpkins United" pretendia unir os times de alguns desses momentos de glória, e aqui estamos. Este novo registro ao vivo, promete se tornar uma lembrança musical palpável para aqueles que acompanharam essas apresentações, e a melhor mostra possível do que foi esta turnê para aqueles que não tiveram a chance de presenciar um show.

Claro que repertório não era um problema, e a sensação é que mesmo com mais de duas horas e meia, ainda existem várias músicas que poderiam ter conseguido o seu espaço. Quanto a banda, basta relembrar que Michael Kiske (voz) e Kai Hansen (guitarra/voz) estão de volta, e alguns já começarão a ter espasmos incontroláveis. Juntando uma banda realmente afiada e um repertório muito acima da média, o resultado possível era apenas um, e é justamente isso que analisaremos aqui.

A primeira impressão é excelente, com *Halloween* fazendo as vezes de máquina do tempo, e nos transportando sem escalas até 1985, ano em que *Keeper Of The Seven Keys Part I* foi originalmente lançado. Se o trabalho instrumental impressiona, o trabalho vocal encanta, impressão mantida na sequência, com o hino *Dr. Stein*. Com suas linhas instrumentais marcantes, ótimo riff e melodias vocais cativantes, ela não permite que nenhum erro passe despercebido, e ótimo perceber que eles não desafinam em nenhum momento. O mesmo, infelizmente, não pode ser dito da execução da não menos clássica *Rise And Fall* que, embora instrumentalmente impecável e trabalhada com esmero nos vocais principais, quase põe tudo a perder com um coro constrangedor na ponte para o refrão, algo que logo na primeira audição faz você querer abraçar a versão desta música no antigo *Live In The U.K.* (1989) e jurar não abandoná-la nunca mais.

Além disso, confesso que acho que o momento "câmera do beijo", com *Forever And One* e *A Tale That Wasn't Right* totalmente anti-clímax, e adoraria vê-las substituídas por *A Handful Of Pain* e *Revelation*, o que até combinaria com aquela que vem na sequência, *I Can*. Mas aí já é simplesmente questão de gosto pessoal. Ademais, o que dizer de clássicos primorosamente executados, como *If I Could Fly, Eagle Fly Free, Future World* e *I Want Out*? Exatos trinta anos depois, o Helloween voltou a fazer um ótimo álbum ao vivo. Que o ótimo momento continue

Valtemir Amier

NECROWAR

ALL TRAJECTORY
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Todos que acompanham nossas resenhas certamente já perceberam que não sou grande fã de introduções e vinhetas em álbuns de música pesada. Mas, embora seja algo que vou 'pular' todas as vezes, é compreensível a razão de *Libya 2019* ter sido colocada na abertura deste *All Trajectory*. O som da equipe de tiroteio intenso ao fundo do trabalho da equipe de reportagem dá o clima deste álbum de estreia do Necrowar, que você vai lembrar, lançou há pouco o bom EP *Verdict*. As faixas do EP estão aqui, mas é em músicas como *Reality of Apocalypse* (ótimos riffs, bateria insana), *Revolt* (vocais muito bem trabalhados), *Blood War* (cadenciada e perigosa) e *Alone* que eles mostram sua verdadeira razão de ser. Death metal com alma thrash, toques de Bolt Thrower (os vocais um pouco mais baixos na mixagem e os riffs densos são característicos) e Jungle Rot, temática belica e ótimas ideias rítmicas, tudo isso acompanhado com extremidade sonora, você precisa ouvir. Depois de um EP bastante promissor, um álbum de estreia realmente convincente

Valtemir Amier

THE 69 EYES

WEST END
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

O novo dos finlandeses do The 69 Eyes volta a empolgar os fãs com seu goth'n'roll, sleaze, pós-punk e hard. O sucessor de *Universal Monsters* (2016) traz diversos destaques, a começar por *Two Horns Up*. Nela, constam participações especiais de Dani Filth (Cradle Of Filth), Wednesday 13 (Wednesday 13, Murderdolls) e Calico Cooper (Beastö Blancö), que voltam a aparecer em *The Lost House on the Left*, com letra que homenageia o filme de terror "A Última Casa à Esquerda" (2009). Outras empolgantes são Burn Witch Burn, *Black Orchid* e *Cheyenna*, todas com belas interpretações na voz grave, à la Iggy Pop e Andrew Eldritch, de Jyrki 69. Já *27 & Done*, promovida em videoclipe, fala do "clube dos 27", a respeito de músicos que faleceram aos 27 anos de idade. Celebrando trinta anos de fundação, Jyrki 69 (vocal), Bazie e Timo Timo (guitarras), Archzie (baixo) e Jussi 69 (bateria) conseguiram soltar um dos melhores lançamentos de 2019!

Ricardo Batalha

FLESHGOD APOCALYPSE

VELENO
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,0

Depois dos bem sucedidos *Labyrinth* (2013) e *King* (2016), havia certa pressão para que os italianos mantivessem o bom momento e as boas ideias fluindo, e a resposta de Francesco Paoli (vocal/guitarra) e seus comparsas foi de buscar um nível ainda mais elevado. Talvez essa busca não fique completamente clara quando você ouvir a faixa de abertura, *Fury*. Porém, enquanto *Carnivorous Lamb* e *Sugar* vão se sucedendo, as "novidades" vão ganhando corpo e força. Assim, fica evidente que a forma que eles encontraram para seguir adiante não foi trazer elementos estranhos à sua musica, mas evidenciar aqueles que tornam essa banda algo único e diferente. Um uso de elementos sinfônicos mais inteligente, com corais aparecendo apenas onde realmente são necessários, o foco um pouco mais claro no death metal técnico tão caro aos italianos, tudo aqui parece pensado e calculado para surtir um efeito planejado, o que casa perfeitamente com uma banda de imagem tão teatral. Não deixe de ouvir *Pissing on the Score*.

Valtemir Amier

SIOUX 66

MMXIX

SONY MUSIC - NAC.

8,5

Quem acompanha a galera da Sioux 66 desde seus primeiros dias, com certeza ficará com o queixo caído com o que Igor Godoi (vocal), Bento Mello e Yohan Kisser (guitarras), Fabio Bonnes (baixo) e Gabriel Haddad (bateria) apresentam em *MMXIX*. Sem perder a pegada dos primeiros dias, eles abriram o leque para novas referências e conseguiram fazer uma música potente, empolgante e, ao mesmo tempo, sóbria. Esta impressão é passada na bela capa feita por Bruno Ferreira e na qualidade do som que teve Nobru Bueno na gravação e Paulo Anhaia na masterização. Musicalmente, os caras souberam surpreender logo de cara no single *Aqui Estamos*, que une peso, groove, hard, grunge e solos soberbos, além de uma letra pra lá de reflexiva. O interessante é sacar as diversas nuances presentes no repertório, mostrando uma banda segura e sem medo de arriscar. Ouça a suingada *O Corre* ou as energéticas *Paralisia* e *Respostas*. Em meio a tanta faixa boa, apenas *Jaz*, que conta com uma letra forte, destoa. Um deslize permitido na trajetória de uma banda que carimba seu nome no rol de vencedores do rock nacional, por saber evoluir sem abrir mão de suas raízes.

João Messias Jr.

MAYHEM

DAEMON

CENTURY MEDIA/ROCK BRIGADE RECORDS - NAC.

9,5

Cumprindo o protocolo, o Mayhem escolheu abrir o álbum com a rápida e feroz *The Dying False King*, aquela canção típica que todo mundo sempre espera em um álbum de black metal. Se o início foi protocolar, *Agenda Ignis* chega para mostrar que eles têm mais recursos, e destaca linhas vocais incríveis de Attila Csihar, ao mesmo tempo que a bateria de Hellhammer parece atacar para todos os lados. *Bad Blood* consegue destacar até o baixo de Necrobutcher em sua trama infernal, e a abertura de *Malum* causou me um frio na espinha que não acontecia desde que ouvi *Freezing Moon* pela primeira vez, há mais de vinte anos. Inspiradas e fortemente atmosféricas, *Falsified And Hated* e *Aeon Daemonium* ganham o ouvinte de primeira. A coleção incrível de riffs criada pela dupla Teloch e Ghul não apenas gerou um dos melhores álbuns do ano, mas o melhor disco do Mayhem desde 1994. Se é fã de longa data, você vai adorar este álbum. Se só ouviu o nome do Mayhem através do filme "Lord Of Chaos", surpresa: eles sabem fazer ótima música.

Valtemir Amler

SUN DIAMOND

AT THE YARD

INDEPENDENTE - NAC.

7,5

A proposta do debut dos pernambucanos do Sun Diamond era interessante. Em seu homônimo rebento de 2017, o quinteto de Recife investiu num mosaico musical composto por hard rock, punk melódico, heavy metal e até tonalidades jazz. O resultado? Algumas boas canções, dotadas de um instrumental diversificado, embora nem sempre os vocais de Ailton Neto acompanhassem a qualidade de temas como *Frozen Bones* e *To Call Home*. Dois anos se passaram, e o grupo volta a surpreender. Não, não se trata de um full-length de inéditas, mas sim de um EP com versões acústicas para quatro dos nove temas presentes em seu álbum de estreia. Batizado de *At the Yard*, o registro traz as duas canções citadas e mais *Detached* e *Go to the Yard*, todas em formato desplugado. O curioso é que a performance de Neto soa melhor que a do trabalho de estreia, não exagerando nos vocais mais agudos de outrora. Os guitarristas Eduardo Teixeira e Leo Campanha, o baixista Miguel Guerra e o baterista Lucas Alves também mandam bem nesta proposta mais "light". Um EP longe de ser fenomenal, mas que nem por isso deixa de ser bacana!

Thiago Prata

AXECUTER

SURROUNDED BY DECAY

INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Conhecendo nossos heróis do metal tradicional, percebemos logo de cara uma fina ironia ao reconhecer uma pequena aparição de *The Day That Never Comes*, do Metallica, no início da faixa-título, *Surrounded By Decay*. Sim, o Axecuter não cede terreno e permanece fazendo aquilo que amamos, metal direto e sem firulas, repleto de atitude e diretamente voltado para as raízes do tradicional, do speed e do thrash metal. Impossível não citar o belíssimo trabalho das seis cordas em *Separate Ways* (não, não é cover do Journey), que surge já na primeira audição como uma das favoritas deste novo registro da banda paranaense. *Collecting Enemies* é pura poesia em forma de soco no estômago, uma bela lembrança daquilo que um dia já foi o Kreator. Na sequência, *Darwin Was Right* entrega mais um pouco de ironia e speed/thrash, e mesmo querendo ser econômico e não citar todas as faixas, seria impossível não pedir que o ouvinte preste atenção em *Metal In Wrong Hands* (né?!) e *Spend The Dollar*. Como é bom quando nos lembram o motivo de um dia nos termos apaixonado por heavy metal!

Valtemir Amler

LACUNA COIL

9,0

BLACK ANIMA
CENTURY MEDIA · IMP.

Ao conversar com este repórter, Cristina Scabbia declarou: "Sabíamos que algumas pessoas ficariam chocadas. Mas não estamos aqui para passar a mão na cabeça de ninguém. Todos têm um lado obscuro, quer admitam ou não." Trazer à tona esse lado obscuro da alma foi a tarefa que o Lacuna Coil assumiu em seu nono álbum completo de estúdio, e a julgar pelo início, com a soturna introdução *Anima Nera*, eles foram pelo caminho certo. Já na sequência, Andrea Ferro surpreende gritando com ainda mais força do que nos velhos tempos em *Sword Of Anger*, que contrasta muito bem entre os vocais de Andrea e Cristina. Uma das escolhidas para videoclipe, *Reckless* destaca ao mesmo tempo toda a abrangência dos vocais que Scabbia é capaz de oferecer, e as linhas de guitarra pesadas e modernas típicas da banda (e ainda um belo solo), talvez a melhor música do álbum. *Layers of Time* traz Andrea cantando como um psicótico, e enquanto Richard Meiz dá aula na bateria, Cristina rouba a cena novamente, com linhas melódicas e agradáveis. Você também gostará de ouvir *Under The Surface*, que mescla groove com doses cavalares de metalcore, com vocais limpos e urrados. O início de *Veneficium* acrescenta certa alma de Epica, e ela também se destaca na primeira audição. Pesado, moderno, poderoso. O som do Lacuna Coil ainda ganha mais um adjetivo em *Black Anima*, algo que muitos sempre esperaram deles: Gótico. Não, eles não soam como o The Mission. Mas trazer à tona as mazelas das profundezas da alma humana exige certo compromisso, e eles criaram esse ambiente.

Valtemir Amler

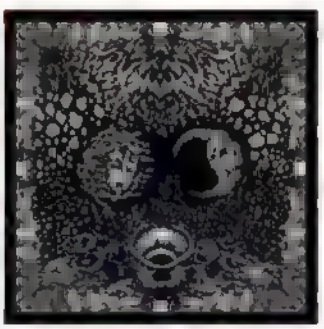
GOV'T MULE

BRING ON THE MUSIC - LIVE AT CAPITOL THEATRE
MELLOW · IMP.

9,0

Formado nos anos 90 por dois integrantes do Allman Brothers, o guitarrista e vocalista Warren Haynes e o baixista Allen Woody, o Gov't Mule acabou se tornando um dos principais nomes do southern rock por conta dos shows enormes e repletos de energia que costuma fazer – não por acaso, é considerada como uma "jam band", aquele tipo de formação que ao vivo se caracteriza por muito improviso, como faziam Grateful Dead e o próprio Allman Brothers em seus primórdios. Neste caso, essa característica fica mais do que clara através de músicas com nove ou dez minutos de duração – tem algumas que praticamente dobram esse tempo! Contando hoje com Haynes, Danny Louis (teclado), Jorgen Carlsson (baixo) e Matt Abts (bateria) – Woody morreu de overdose em 2000 –, o Gov't gravou este álbum em abril do ano passado e seu lançamento está sendo parte das comemorações dos 25 anos de trajetória da banda, completos este ano. No fim das contas, *Bring on the Music – Live at Capitol* confirma aquilo que já se sabia: um show do Gov't Mule é sempre uma experiência inesquecível. E que, neste caso, vem em vários formatos: o lançamento está disponível em DVD, CD, blu-ray e vinil.

Antonio Carlos Monteiro



HATEFULMURDER

LETHORN
INDEPENDENTE · NAC.

8,5

Cerca de dois anos e meio atrás a banda carioca apareceu com mudanças em seu segundo disco de estúdio, *Red Eyes*. Com Angélica Burns nos vocais, a banda assumiu uma sonoridade distinta, e a boa resposta parece ter impulsionado os músicos para o próximo passo, que aparece neste terceiro álbum, *Reborn*. Optando desta vez pelo trabalho independente, *Reborn* foi financiado através de uma campanha de 'crowdfunding', com os próprios fãs garantindo o lançamento do disco. Assim, o que seria mais justo do que tornar este *Reborn* em um presente para os fãs? Fortemente melódica, com linhas de guitarra cheias de groove e vocais extremos, a faixa de abertura, *Rise*, mostra que eles seguem firmes em seu caminho, uma impressão renovada com a faixa-título (com doses cavalares de hardcore). Já *Lost Days* me fez pensar em algo metalcore, mas com vocais muito melhores do que a maior parte das bandas do gênero. Ouça sem susto os elementos modernos em *You Are Not The One*, e atente às linhas de baixo em *Breakdown The Prophecy*. Sim, eles seguem melhorando!

Valtemir Amler

KAMOS

LIVING WITHOUT LIGHT
INDEPENDENTE · IMP.

8,0

Embora não tenha uma grande tradição no heavy metal, a Turquia é berço de boas bandas, como Monbund Oblivion e Pentagram (não confundir com o clássico grupo norte-americano). É de lá também que vem o Kamos, promissor quarteto de Izmir que se envereda pelas trilhas do death melódico e que, cerca de quatro anos após seu nascimento, lança seu primeiro trabalho. Batizado de *Living Without Light*, o EP de estreia se notabiliza pela qualidade e a técnica emanada por suas cinco canções (além de uma intro). Só que aí é necessário dar o devido mérito ao guitarrista e vocalista Alper Tunga Erime. Mesmo contando com três competentes instrumentistas a seu lado no caso, Oktay Birtay (guitarra), Tuğberk Dorman (baixo) e Ayberk Erime (bateria) –, Alper é a mente, a alma e o coração do Kamos. Não à toa é responsável por todas as músicas, letras e arranjos do álbum, cujos destaques são *Battle in Fire* (esta já possui um videoclipe), a mescla de melodia e agressividade da faixa-título e o arsenal de riffs que infesta o disco. Fica agora a expectativa do que virá pela frente, com relação à evolução de Alper e sua trupe.

Thiago Prata

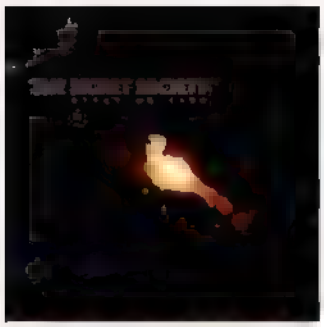
MAJESTICA

ABOVE IN THE SKY
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI · NAC.

6,5

Mais nova aposta da Nuclear Blast, a sueca Majestica debuta no mundo querendo dialogar com você, fanático por aquele power metal carregado de coros, teclados, climas épicos, pedal duplo "descontrolado" e todos os clichês possíveis. Para quem gosta, tal afirmação é motivo de comemoração, afinal *Above in the Sky* não faz questão nenhuma de ousar, transformando-se um prato cheio para fãs de Edguy e Sonata Arctica, de *Theater of Salvation* (1999) e *Silence* (2001), respectivamente. A faixa-título, que abre o CD, já funciona como aperitivo para a sequência do material, com Tommy Johansson usando e abusando das notas altas. Esse clima se estende por todo o repertório, tornando a audição maçante e tediosa até para aqueles que simpatizam com o estilo, como eu. Nem mesmo o alto nível técnico dos músicos ou mesmo a produção cristalina conseguem fazer alguma diferença. Assim, podemos resumir a estreia da Majestica como extremamente restrita e cansativa. Até eu meu tornei repetitivo no texto. Será que peguei a doença?

Matheus Vieira



THE SECRET SOCIETY

RITES OF FIRE

INDEPENDENTE · NAC.

9,5

Volta e meia aparece uma banda que faz você renovar a fé em um estilo, e voltar a ouvir discos que amava e estavam esquecidos no fundo da sua estante. As linhas de guitarra simples e cativantes, o timbre de voz e as boas melodias me mostraram que estava diante de uma banda diferente, acima da média e, talvez, deslocada em seu tempo. O clima denso e absorvente – uma espécie de mistura entre o The Cult dos anos 80 com o Siouxsie & The Banshees dos anos 70 – logo me deixou no clima ideal para mergulhar mais fundo na fórmula deathrock do The Secret Society. Confesso que *Mephistofaustian Translucideration* quase brou lágrimas dos meus olhos, pois fazia quase duas décadas que não ouvia uma banda seguir a cartilha do gothic rock sem soar forçada e desinteressante. E, ao ouvir *Beyond The Gates*, é como se todo o universo se transformasse ao seu redor, num mergulho de volta aos anos 80, ainda mais celebrado na bela *Chariots Of Gods* e em *Sleeping Over Debris*. Esta banda curitibana deveria pertencer aos anos 80, mas, felizmente, pertence ao nosso tempo.

Valtemir Amler

MOB RULES

BEAST OVER EUROPE

CPV · HAR

8,0

Após lançar o ótimo *Beast Reborn* (2018), o Mob Rules embarcou em uma muito bem sucedida turnê por capitais europeias, saciando sua legião fãs, fiéis a proposta ha quase três décadas. Para coroar esse bom momento, os alemães lançaram seu segundo ao vivo, *Beast Over Europe* – o anterior é *Signs of Time* (2005). "Quando começamos, esperávamos fazer dois ou três álbuns com uma gravadora de renome e talvez fazer uma ótima turnê. Hoje, conseguimos muito mais que isso. Sem nossos grandes fãs, não teríamos conseguido nada disso", comentou o vocalista e fundador, Klaus Dirks. E, claro, o clima agora é de muita festa, explícito em um álbum muito bem produzido, com 14 das mais adoradas músicas do Mob Rules. A bonita capa também carrega um detalhe especial: ela foi discutida com os fãs vias redes sociais, angariando opiniões valiosas daqueles que sustentam o power metal do grupo, que está mais forte do que nunca. Fora sua extrema capacidade técnica, o citado Klaus Dirks mostra muito carisma ao conversar com o público. A dupla de guitarristas Florian Dyszbalis e Sven Lüdke também esta afiada. "Bora" para mais uma aula de metal germânico?

Matheus Vieira

ISKALD

INNHOSTINGA

[illegible]

9,0

Mesmo em um mundo globalizado, quando se trata de black metal é sempre bom confiar no trabalho dos noruegueses. E o Iskald, que chega ao seu quinto álbum com *Innhostinga*, entende do riscado. Com as preliminares devidamente ultrapassadas, vamos ao que interessa: trata-se de um album sombrio, que ora envereda pelos lados mais melodicos do black metal, ora mira na parte mais etérea e contemplativa do gênero, sempre com o mesmo sucesso. Em músicas como *De Siste Vintre* e *Offer A Livet*, é possível sentir o vento gelado sobrando e congelando suas veias, enquanto uma tempestade de riffs irrompe como gelo dos alto-falantes. A longa *Lysene Som Forsvant* traz certa melancolia que faz muito bem ao clima geral do disco, sem se tornar piegas ou previsível. A faixa-título mira em caminhos mais rápidos e diretos em certos momentos ameaçando enveredar pelos caminhos obscuros do thrash nórdico. Ótimo álbum, que merece ser conferido.

Valtemir Amler

FRONT COVER

POR MARCELO VASCO*

SLAYER

HELL AWAITS

É sempre irresistível falar da minha banda do coração, e esta não é a primeira vez que cito Slayer aqui na coluna. Então, vamos direto ao ponto. *Hell Awaits*, segundo álbum de estúdio, foi lançado em 1985 pela Metal Blade Records. Este disco teve, como sua forma de promoção, a lendária "Combat Tour", junto com o Venom e o Exodus. É, aquela na qual Tom Araya tocou de olho roxo por levar um soco do Cronos, vocalista e baixista do Venom. Por que? Simplesmente por ter mijado no cabelo dele. Coisa "básica" (risos). Mas essa já é outra história, porque estou aqui para falar sobre a arte de capa desse clássico [illegible].

A ilustração de *Hell Awaits* aborda um cenário infernal, com demônios voando, atacando e estripando "anjos" ou recém chegados da Terra. É, algo desse tipo... O autor da capa é o artista americano Albert Cuellar, que, segundo o vocalista e baixista Tom Araya, preparou-a em apenas uma noite. Depois disso, foi descoberto que, na realidade, os desenhos foram "tirados" de ilustrações de outro artista, presentes na edição de julho de 1977 da revista em quadrinhos Heavy Metal/TeamRock. Este artista é o visionário francês Jean Giraud, também conhecido como Moebius.

Sinceramente, não sei no que isso deu juridicamente falando, mas acredito que em nada muito sério. Como já dizia o saudoso Chacrinha: "nada se cria, tudo se copia" (risos). Então, digamos que a capa de *Hell Awaits* tenha sido uma espécie de "parceria" entre esses dois artistas, mesmo não estando assim nos créditos. Ainda com a colaboração do designer Brian James, que foi responsável pela finalização do layout, acredito que integrando o logo da banda e título do álbum à capa. Enfim, trata-se de uma obra de arte única do seu tempo.

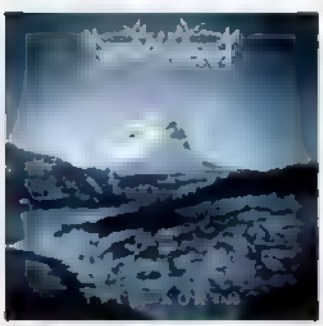
Vale lembrar que Albert Cuellar também foi responsável pela capa de *Live Undead* (1984) e tem em seu currículo muitos outros trabalhos aleatórios, como Designer de Produção e Diretor de Arte para filmes e séries, como "Captain Marvel", "Game Night" e "3rd Rock From The Sun". Além disso, trabalhou em vídeos para bandas como Linkin Park, Prince, Mariah Carey e Enrique Iglesias, apenas para citar alguns. Ou seja, é um profissional extremamente versátil.

*[illegible] QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, MEGADETH, MACHINE HEAD, MASTODON, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

SURRA
ESCORRENDO PELO RALO
LAJA RECS - NAC.

9,5

Curto e grosso: *Escorrendo Pelo Ralo* é um dos melhores discos de crossover que você vai ouvir neste ano. Posto isso, vamos nos aprofundar nesta resenha. Na estrada desde 2012, os santistas do Surra vinham de um momento profícuo, com a divulgação do EP *Ainda Somos Culpados* e de um split ao lado dos cearenses do Damn Youth, ambos de 2018, além de dividir o palco com ícones como Bruceria. Nadando na crista da onda, era hora de colocar mais uma pérola no mercado fonográfico. Com 17 faixas divididas em meia hora, *Escorrendo Pelo Ralo* é um delicioso e contestador ataque sonoro. Neste trabalho, o Surra beira à perfeição com seu impiedoso hardcore/thrash/grind. Da primeira (*O Mal que Habita a Terra*) à última faixa (*A Troco de Nada*), fica evidente que o trio formado por Leeo Mesquita (vocal e guitarra), Guilherme Elias (baixo e vocal) e Victor Miranda (bateria) construiu uma obra de arte do estilo, pintada por meio de riffs agressivos, cozinha brutal, ritmo desenfreado, letras críticas, urgentes e ácidas de cunho político e social e – pasmem – momentos de samba (*Virou Brasil pt. 1*) e reggae/ska (*Viver em Santos*). Maravilhoso!
Thiago Prata



BORKNAGAR
TRIONORTH
CENTURY MEDIA - IMP.

9,0

Junto com a triste saída de Vintersorg, o Borknagar anunciou que o baixista e ex-vocal ICS Vortex retornaria o posto de vocalista ao lado do tecladista Lars A. Nedland. Uma euforia tocava o coração dos fãs por ter em Vortex memórias de discos como *The Archaic Course* e *Quintessence*. Chegamos, então, em *True North* e o que escutamos não lembra tanto aquele passado. Segue sendo Borknagar, claro, com a marca dos riffs do líder Øystein G. Brun, mas a primeira coisa que o fã deve saber é que esse é seu disco mais progressivo, com predominância das vozes limpas e tendo algo em torno de 20% do material com o seu lado mais extremo. Pronto para isso, pode ser ouvido sem medo, mas com algumas audições para ser inteiramente absorvido. A abertura, com *Thunderous*, é bem forte, épica, destacando muito a linha de baixo, lembrando a fase *Empirecism*, e pode ser tida como a melhor música do disco. *Up North* vai para um lado meio hard/prog, um pouco feliz para a banda, mas outros momentos desse formato podem ser ouvidos em *Lights*, com influências setentistas, de nomes como Uriah Heep. *The Fire That Burns* também está entre as passagens mais fortes, com destaque aos riffs de Øystein, mas momentos mais emotivos como *Wild Father's Heart* deixam o fã se pegando cantando o refrão. A quebrada de *Into the White* é perfeita e atual, enquanto *Tidal* volta aquela cara da era Vintersorg. Já momentos como a viajante *Voices* destacam a voz de Lars. Aliás, o tecladista se tornou parte essencial dos vocais e, ao lado de Vortex, abrilhanta o disco formando uma dupla que se divide entre melancolia e breves toques de agressividade. Mais um belo disco, que vai conquistar os fãs e gerar aquela expectativa pela volta deles ao Brasil. Vamos torcer.
Reverton Souza

ENTOMBED A.D.
BOWELS OF EARTH
CENTURY MEDIA - IMP.

7,5

Poucas pessoas no planeta estão tão estreitamente conectadas ao death metal quanto o vocalista sueco Lars Goran Petrov. O dono da voz em *Left Hand Path* (Entombed, 1990) continua ativo, pirado e talentoso, como podemos conferir em *Elimination*, segunda música deste terceiro álbum completo do Entombed A.D. Felizmente, o álbum não destaca apenas esta música, e nem somente a voz de LG Petrov. As guitarras de Guilherme Miranda e Nico Elgstrand tomam o protagonismo em *Fit For A King* e *Through The Eyes of the Gods*, essa última até com certos efeitos no refrão. *Hell Is My Home* e *Tormented Remains* são amostras de como mesclar death metal 'old school' com algo mais moderno, e até os covers chamam a atenção aqui. Confira a versão para *I'll Never Get Out of This World Alive*, de Hank Williams, que ganhou um ótimo acento punk na voz de LG. Alguns problemas saltam aos ouvidos aqui e ali, mas mesmo com a 'nota de corte' tão alta em 2019, *Bowels Of Earth* se salva como um bom álbum de death metal. Nem poderia ser diferente.
Valtemir Amler

IMPLEMENT
DILUVIO ATRO
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Mais conhecida banda de death metal cristão de Pernambuco, o já veterano Implement, grupo formado em 2002 sob a alcunha de Exemplu's, somente agora estreia fonograficamente. Em *Bleeding Alone*, o power trio Ivan Ribeiro (vocal e baixo), Marcio Ananias (guitarra) – ambos pastores do ministério underground Comunidade Extrema Unção – e Angelo Acacio (bateria) mostra um death metal tradicional, que pende muito para os lados do Cannibal Corpse e do Nervochaos, valendo-se também de referências do thrash metal e do grindcore. Músicas como as corrosivas *Infernum Brothel*, *Worm in My Brain*, *The Keys of Hell*, *Great Terror*, *Catacomb*, as velozes *Bleeding Alone* e *Pentecostal Insanity* e a sombria *Mirror of Illusion* são avassaladoras. Ponto positivo também para a produção de Nenel Lucena, que soa impecável. Que o Implement se estabeleça de uma vez por todas e não demore mais tanto tempo para lançar um álbum. Se você é daqueles que se deixam levar pelo preconceito religioso, saiba que está perdendo um dos melhores lançamentos nacionais de death metal de 2019.
Leandro Nogueira Coppi

ALCEST
SPIRITUAL INSTINCT
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,5

Conta se que após o extenuante processo de composição e turnês do álbum *Kodama*, o mentor do Alcest, Neige, se sentiu completamente exaurido de forças, e que precisou se reconectar consigo mesmo para seguir em frente. Ao parar para confrontar a parcela obscura de sua alma, ele conseguiu uma conexão espiritual nova, uma experiência rica e inspiradora, que culminou na criação deste *Spiritual Instinct*. Transformar em música as reflexões, sentimentos e sensações que fizeram parte dessa experiência são sempre um desafio, mas deixando a mente livre para funcionar apenas como um canal de expressão, Neige e o Alcest conseguiram um resultado surpreendente neste novo álbum. Começando pelas já bem conhecidas do público, *Protection* é aquela típica música que amamos nesta banda. Ela tem arranjos ricos, climas densos e variados, que ora transitam com tranquilidade e calmaria, ora descambam para a agressão, perfeitamente demonstrada em vocais ríspidos, que lembram o passado black metal de Neige, e a fase mais louvada do Alcest. Também conhecida, *Sapphire* é criativamente instigante, mesclando elementos de shoegaze e indie rock com precisão. Se a impressão digital de Neige nas guitarras é sempre uma atração à parte, peço que dedique algum tempo à longa L'Île des Morts, que me lembrou até algo de Emma Ruth Rundle em momentos isolados, mas que conta com guitarras bastante pesadas. Ademais, a faixa-título é de cair o queixo, e ouvir Neige se esgoelando como antigamente é um deleite, definitivamente, o Alcest está de volta ao blackgaze, e no topo do jogo!
Valtemir Amler

INFAMOUS GLORY

AN ANCIENT SECT OF DARKNESS

INDEPENDENTE · NAC.

9,5

Se você ainda não conhece a banda, basta atentar para o nome, e se não bastar, preste atenção na logo e na capa deste disco. Pronto, é um disco de death metal, fortemente calcado nas velhas diretrizes, correto? Depois disso, bem, por algum motivo as bandas parecem curtir a ideia de colocar 'intros' em seus discos, mas, embora o meu mal humor neste sentido seja bem conhecido, a audição deste *An Ancient Sect Of Darkness* foi o suficiente para me deixar muito mais tolerante. Afinal, *Abysmal Grief* é quase que uma aula de como death metal old school deve soar. Com riffs colados na velha escola sueca, e com vocais que lembram o antigo Paradise Lost (você pensou em Bloodbath? Eu também), o álbum segue em alta com *Macabre* e *Your Life Is Mine To Ruin*. Logo depois de *Povor Nocturnus* quase destruir meu bom humor, *Increased Pain* traz aquela verve típica do Dismember, algo muito perceptível nas altas doses de melodia mesclada a brutalidade que permeiam este disco. Mas foi com *Reborn Through Hate* e *Sovereign of Darkness* que me convenci estar ouvindo o álbum de death metal do ano. Imperdível.

Valtemir Amler

DUNKELL REITER

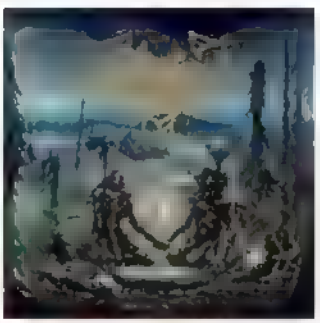
SLAVES OF TERROR

INDEPENDENTE · NAC.

8,0

Guerreiro do underground brasileiro, o Dunkell Reiter vai completar 25 anos em 2020 com a promessa de entrar em estúdio para confeccionar uma obra que faça jus à sua honrosa história. Antes desse banquete comemorativo, o grupo de Contagem (MG) preparou um tira-gosto que vai agradar os paladares (e os ouvidos) de quem é fissurado em thrash metal. O EP *Slaves of Terror* pode facilmente ser dividido em três atos. A introdução *Prelude to Our Madness*, com uma veia Testament, e a quarta faixa, a longa e técnica *Defenders of Metal*, são duas instrumentais de muito bom gosto. Já *Feel the Pain* e *Slaves of Terror* (faixas 2 e 3) esbanjam o lado mais brutal da bolachinha. Completam o play versões ao vivo de dois petardos do álbum anterior, *Unholy Grove* (2014): a faixa-título e *Assassin*, executadas em 2014, na abertura do show do Destruction em Belo Horizonte. Pouco antes do lançamento do EP, o guitarrista e fundador do grupo Rafael deixou o Dunkell Reiter. Com isso, o vocalista e guitarrista Rivelly, o baixista Roberto e o baterista Jonathan têm a missão de manter a tocha acesa e gravar mais um grande álbum no ano que vem.

Thiago Prata



FINSTERFORST

ZERFALL

NAPALM · IMP.

9,0

Depois de deixar alguns fãs com os cabelos em pé com o EP *#YØLØ* (2016), os alemães da "Floresta Negra" estão de volta com seu novo álbum completo. E, quando uma banda intitula seu álbum com a palavra *Zerfall* (desintegração), dá para perceber que o tempo de piadas e diversão acabou, certo? Logo de cara, a aura densa e lúgubre de *Wut* mostra que eles voltaram a fazer aquilo que fazem melhor, um folk metal dotado de fortes elementos climáticos e densos mergulhos pelo metal extremo. As músicas (cinco no total) são todas longas, sendo a faixa-título a menor, com mais de oito minutos. Os vocais de Oliver Berlin entregam aquele ótimo resultado de sempre, e um instrumental talentoso e esmerado completam um prato que ganha um sabor mais do que especial com *Ecce Homo*, um épico de quase quarenta minutos que encerra o álbum. Ao todo, *Zerfall* apresenta mais de uma hora de música, mas acredite, os climas e as texturas variam tanto que você nunca fica aborrecido. O momento da descontração definitivamente se foi. A Floresta Negra continua a mesma.

Valtemir Amler

GLACIAL TOMB

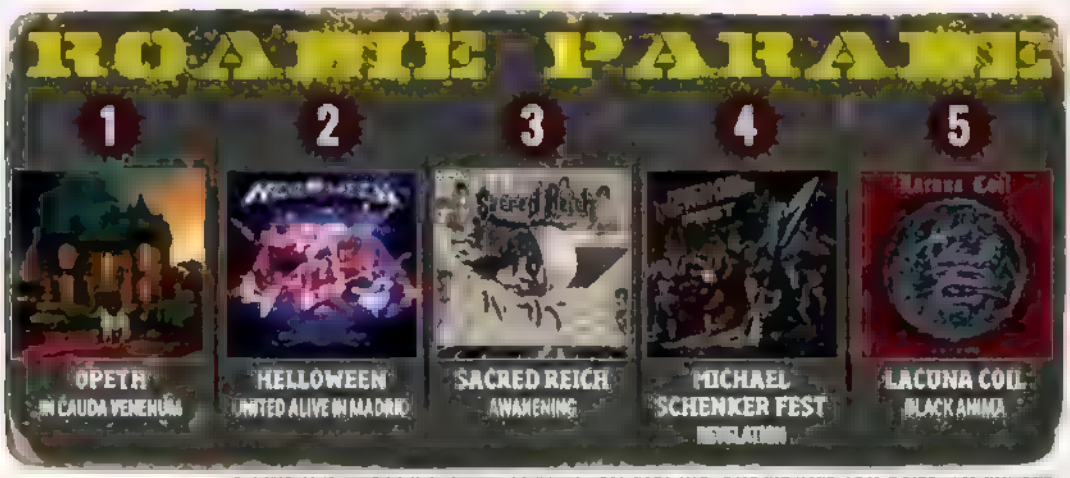
GLACIAL TOMB

GILEAD MEDIA · IMP.

7,5

Formado em Denver, Colorado (EUA) em 2016, o Glacial Tomb é mais um dos novos nomes que vem para fortalecer o cenário do death metal. Já contando com um EP (*Cognitive Erosion*, 2017) na bagagem, o Glacial Tomb também vem fortalecendo seu nome diante dos fãs de sludge e black metal, e este primeiro 'full length' dá a mostra de que a banda merece o espaço que vem conquistando. A primeira faixa, *Monoliths*, é um bom início, e aponta o caminho que o álbum seguirá, mas já na segunda, *Breath of Pestilence*, é que as coisas realmente começam a surpreender. A pausa que a banda inseriu aos quase três minutos da canção é de gelar a espinha - é, faz por merecer a conexão com o nome da banda. *Sunless Down* tem aquele 'crescendo' que parece ir elevando a fúria da composição, e, de algo quase thrash, a música evolui para um death rápido e técnico, algo que pareceria com o Nile se não fossem as fortes melodias de guitarra. Ainda assim, se fosse escolher uma única música para representar o álbum, escolheria *Of Flesh And Worship* sem pestanejar.

Valtemir Amler



CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE)

ARMORED DAWN

8,5

VIKING ZOMBIE
NUCLEAR BLAST · IMP.

Anteriormente considerado como novidade do cenário nacional, o Armored Dawn já pode ser considerado consolidado. Afinal, turnês nacionais e internacionais, e chegando agora ao seu terceiro álbum de inéditas, tudo parece conspirar para que sigam adiante e permaneçam evoluindo. Musicalmente, *Viking Zombie* também apresenta esta preocupação, seja ao manter algumas das principais características da banda ou ao incorporar novos elementos, que auxiliam nos arranjos em momentos específicos de cada música, como, por exemplo, ocorre na faixa de abertura, *Ragnarok*. Esta traz elementos musicais de heavy metal, hard rock e AOR reunidos em uma estrutura musical única! Para aqueles que querem guitarras mais pesadas e riffs mais estridentes (algo que ouvimos muito no álbum anterior, *Borbonians In Black*, do ano passado), *Animal Uncaged* é pedida certa. *Zombie Viking* começa "modernosa", mas vai justamente para o caminho oposto quando entram as guitarras, que quiam a música para algo ortentista. *The Eyes Of The Wolves* traz ótimas linhas de bateria, mas é outra que contém o ritmo, não avança para a velocidade da luz, e confesso, em certos momentos isso faz falta, esperamos por uma explosão que acaba não aparecendo... *Heads Are Rolling* acabou sendo uma das que mais agradou, já que traz um algo forte do metal moderno europeu, como um In Flames atual misturado com hard rock. A fórmula não é comum, mas agrada. Por fim, fica a impressão que em seu terceiro álbum o Armored Dawn não tentou a segurança de consolidar a sua fórmula, mas sim testar uma nova receita.

Valtemir Amler

MANIAC ABDUCTOR

CASUALTIES OF CAUSALITY
NUCLEAR BLAST · IMP.

8,0

É negável que a Finlândia é um dos maiores exportadores de música pesada. Daquelas gélidas terras, nasceram incendiárias bandas, Stratovarius, Sonata Arctica, Children of Bodom, Nightwish, HIM, Ensiferum, Impaled Nazarene... Agora, o país aposta em mais um "cavalo". Parido na cidade de Joensuu em 2013, o Maniac Abductor é o novo orgulho thrash nórdico. Ouvindo o som, porém, pode-se pensar que se trata de um conjunto americano ou alemão, já que o conteúdo presente em seu debut, *Casualties of Causality*, remete a grupos como Dark Angel (o vocalista Niklas Pappinen bebe muito dessa fonte), Overkill e Tankard. O quinteto – completado por Jesse Elo (guitarra), Janne Parviainen (baixo), Jesse Räsänen (bateria) e Late Jaatinen, que deixou a banda após a gravação, dando lugar a Saku Tauru – brilha em grande parte das nove faixas do disco, mas os destaques ficam por conta de *Fooled Again*, *Evil Brotherhood*, *Thrash Assault* (que teve sua primeira versão no EP de mesmo nome, de 2015) e o cover para *Troops of Doom*, do Sepultura. Se vai mesmo vingar, é outra história. Mas o primeiro recado foi dado.

Thiago Prata

MARBLE CARRION

FROZEN HELL
INDEPENDENTE · IMP.

8,0

Já faz um bom tempo que a Rússia se tornou um terreno fértil para a música extrema, e, especialmente no black metal, não é surpresa conferir que alguns dos melhores nomes do cenário estão vindo de lá. Se depender do Marble Carrion, não demorará para o país de dimensões continentais ser também um destaque no meio do death metal. O grupo chegou a lançar seu debut em 2009, *Lost Inevitability*, encerrou atividades, mas retornou em 2016 e agora lança seu segundo álbum, *Frozen Hell*. A banda logo chama atenção pela força de sua música, já que trabalha os riffs com a sutileza de um moedor de carne, ouça a impiedosa *Demon of War* para conferir. Em certos momentos, os russos lembram um pouco o death metal nova-iorquino, mas é quando mergulha fundo no 'old school' europeu que o grupo atinge seu melhor resultado. Em tempo: ouça a 'midtempo' *Combat Prosthesis* em volume alto, e garanta um prêmio para o autor dessa capa, pois realmente chama a atenção

Valtemir Amler

NIHARP

INTO ETHEREAL DUSK
INDEPENDENTE · NAC.

8,5

O Niharp ganhou vida em 2003, passou por alguns anos de hiato, retornou atividades e agora nos brinda com esse surpreendente e bem produzido debut. Mostrando diferencial em *Into Ethereal Dusk*, o grupo paulista forja sua sonoridade costurando elementos que vão desde o rock progressivo setentista ao mais contemporâneo prog metal. Isto explica a extensa duração de algumas músicas, muitas vezes envoltas ao peso do thrash metal, especialmente na contundência das guitarras de Koragem e Murilo Mazza e em certas levadas da cozinha formada por Nilson Figueiredo (bateria) e Helder Silva (baixo). À frente disso tudo, temos a boa performance do vocalista Douglas Rovas, que mostra versatilidade, adaptando-se por onde quer que a música da banda vagueie. Como destaques, temos a variedade de *An Angel's Requiem*, a beleza dos arranjos de *Tempestatis*, a complexidade das duas partes de *The Midnight Curse* (*The Ivory Moon* e *The Ivory Orchid*) e a agressividade da também variada *ILLUSIONATI*. Anote esse nome, pois o Niharp ainda vai dar o que falar

Leandro Nogueira Coppi

SORCERY

NECESSARY EXCESS OF VIOLENCE
NUCLEAR BLAST · IMP.

9,5

Três anos depois de *Garden of Bones*, a lenda cult do death metal sueco Sorcery finalmente chega ao seu quarto álbum, embora a jornada tenha iniciado mais de trinta anos atrás. *The Stellar Circle*, que abre este novo trabalho, é um belo exemplo do que tornou o death sueco em algo gigante: o tom da guitarra é pungente e sujo, os riffs são duros, mas ao mesmo tempo melódicos e com groove comedido (trabalho do fundador Paul Johansson), tudo combinando com linhas vocais fortes (cortesia de outro fundador, Ola Malmström), e um instrumental simples e direto. *Where We Were Born We Will Demise* é outro exemplo dessa dinâmica. *The Darkest Part of You* traz ótimas linhas de guitarra, e cada vez gosto mais da rançosa e traiçoeira *Of Blood And Ash*. Em um álbum onde cada música é um destaque, o Sorcery ainda merece louvor pela belíssima capa, pela destreza no fechamento da obra com *Year of the Plague* e *Language of the Conqueror*, e a coragem de se manter fiel a uma sonoridade que ajudou a criar

Valtemir Amler

TO THE RATS AND WOLVES

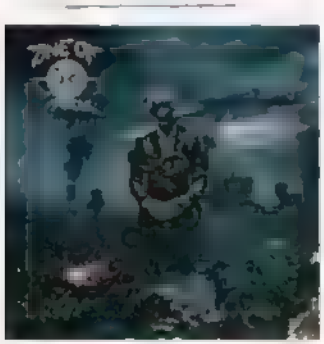
CHEAP LOVE

AUTOMIC EMPIRE · IMP.

3,0

Acho que a resenha deste *Cheap Love*, terceiro disco da banda alemã To The Rats And Wolves, foi um dos desafios mais difíceis dos últimos anos. Bem, imagine se uma "boy band", daquelas "contemporâneas" como um One Direction, por exemplo, resolvesse somar, ao seu clima tosco de festa e balada, algumas guitarras pesadas aqui ou acolá. Qual seria o resultado de tudo isso? Metalcore, como li no release dos germânicos, com certeza, não. Temos, sim, um iminente perigo às vitrolas alheias em um disco que até pode ter o seu valor, porém bem longe do universo do rock e do heavy metal. No álbum, o que mais me incomodou foi a alternância vocal entre Dixi Wu e Nico Sallach. Cada um parece viver e cantar em um mundo particular, não se conectando em nada com o instrumental. Na verdade, todo o material carrega esse sentimento heterogêneo, distante e vago. Que fique claro: não tenho nada contra a mistura de música eletrônica com metal. Aliás, até gosto. Mas gosto de boas receitas, o que não é o caso da The Rats And The Wolves. Se você quiser arriscar, boa sorte.

Matheus Vieira



ONE OF THEM

BLIND FAITH

INDEPENDENTE · IMP.

9,0

Antes de tudo, um aviso: apesar de o nome do álbum remeter a uma das maiores bandas do blues rock mundial, o One of Them abraça com fé e vontade o thrash metal old school, na linha Exodus e Slayer, pra ficarmos em dois exemplos. E faz isso com maestria! Contando atualmente com GG Mussi (vocais), Ivan Santos e Jeff Witt (guitarras), Alexandre Guterres (baixo) e Jonas Koehler (bateria), a banda gaúcha é adepta daquele som direto, pesado, agressivo mas com muita definição que caracteriza o estilo. E a isso se some um excelente trabalho de guitarras (que timbres!), um vocal corretíssimo e uma cozinha que não inventa e privilegia o peso. O One of Them tem história pra contar desde 2004, já lançou um EP em 2009 e chegou a abrir shows históricos, como o Overkill em 2012 em Porto Alegre. E é só ouvir *Blind Faith* pra sacar que a história poderia ter sido muito mais generosa com o quinteto. A faixa-título, a genial *Free Slavery* e a única com letra em português *Pulverizados* são os destaques num disco que só tem um defeito: é um EP e não um álbum completo.

Antonio Carlos Monteiro

NIGHTQUEEN

SEDUCTION

EL PUENTE · IMP.

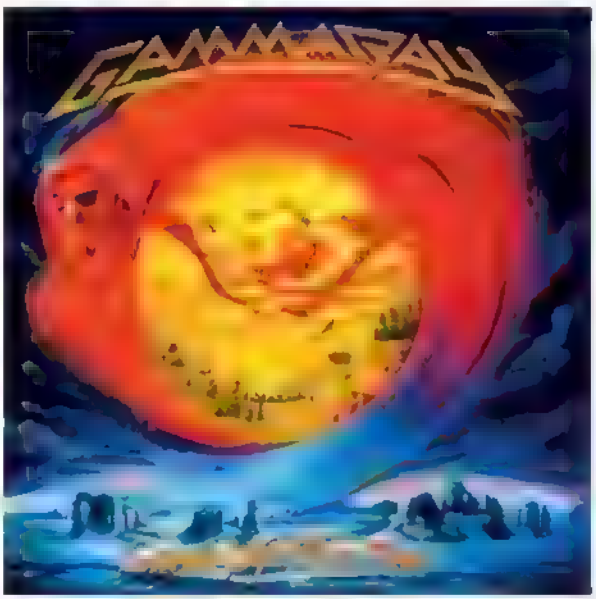
8,0

Surgido em 2004 na cidade de Genk (BEL) como um hobby do guitarrista Rex Zeco, o Nightqueen teve o primeiro registro oficial, *Inauguration* (EP), lançado apenas em 2010 e que foi seguido por *For Queen And Metal* (2012) e *rEVOLUTION* (2014). *Seduction*, o novo trabalho, traz um digno power metal sinfônico, cuja grande mudança é uma formação totalmente diferente. Helen Heart (vocal), Cosi Matrigiani (guitarra), Paddy Lee (baixo), Gio Zuccari (teclado) e Andy Hermans (bateria) acompanham Zeco em 12 faixas com influências claras de Iron Maiden e Helloween em meio a arranjos grandiosos. O destaque é para a potente voz de Helen, que não soa exagerada ou cansativa, apesar do seu alcance impressionante. *In Flames*, *Seduce Me*, *Nightfall*, *Return to Wonderland*, *Wall of Sorrow* e *Nightmares* vão agradar aos amantes do estilo.

Alessandro Bonassoli

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

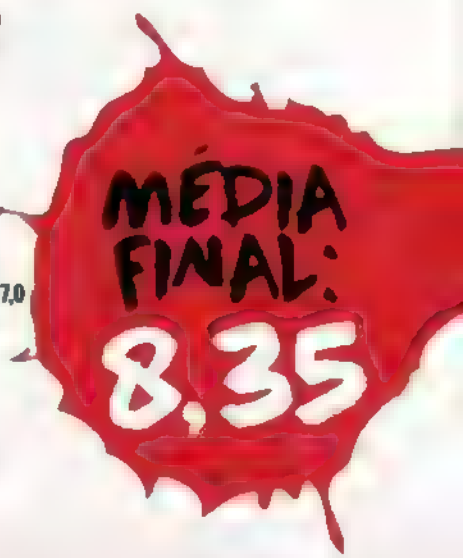


GAMMA RAY

LAND OF THE FREE

Criado pelo vocalista e guitarrista Kai Hansen (Helloween), o Gamma Ray apresentou em *Land of the Free* (1995), sucessor de *Heading For Tomorrow* (1990), *Sigh No More* (1991) e *Insanity & Genius* (1993), elementos que empolgaram seus fãs, começando pela participação especial do vocalista Michael Kiske em *Time to Break Free* e na faixa-título. Além dele, Sascha Paeth e Hansi Kürsch (Blind Guardian) também estiveram entre os convidados especiais - Kürsch canta em *Forewell* e Paeth registrou os teclados. Afora isso, o saudoso baterista Ingo Schwichtenberg, companheiro de Hansen nos tempos de Helloween, foi homenageado na faixa *Afterlife* - ele cometeu suicídio em 8 de março de 1995. "Acho que *Land of the Free* (1995) é essencial", declarou Hansen, que, em 2007, lançou *Land of the Free II*. "O conceito de ambas as partes trata da liberdade. A verdade é que o mundo inteiro discute o tema que abordamos no disco, e não acreditamos que ele exista no mundo real. Ninguém alcança a liberdade plena. Por outro lado, podemos construir um espaço onde consegumos ser e nos sentir livres, mesmo que por instantes. É isso que nos faz lidar melhor com a sociedade e sobreviver diante de coisas que não suportamos", concluiu.

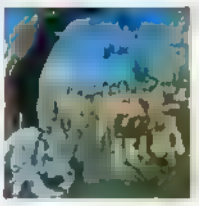
Airton Diniz (editor): **7,5**
Alessandro Bonassoli (colaborador): **10**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **9,0**
Claudio Vicentin (editor): **8,5**
Daniel Dutra (colaborador): **8,0**
Écio Souza Diniz (colaborador): **9,0**
Fernando Pires (diretor de arte): **7,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **8,5**
Heverton Souza (colaborador): **10**
Ivanei Salgado (colaborador): **8,5**
João Messias Jr. (colaborador): **9,0**
Leandro Hogueira Coppi (colaborador): **7,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **8,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **7,0**
Maicon Leite (colaborador): **9,0**
Matheus Vieira (colaborador): **8,5**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **7,0**
Sergionar Menezes (colaborador): **8,0**
Thiago Prata (colaborador): **9,0**
Valtemir Amier (colaborador): **8,5**



BRUNO MAIA

NOME COMPLETO: Bruno Leite Russi Maia
NASCIMENTO: 15 de dezembro de 1980, em Belo Horizonte/MG
BANDAS QUE INTEGROU: Tuatha de Danann, Braia e Kemunna

POR THIAGO PRATA



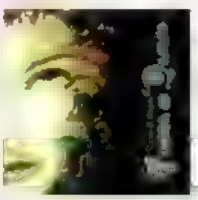
Us: "Especial! Quando fomos gravar o primeiro disco, ninguém da banda a conhecia. Quando terminamos as gravações, nos tínhamos umas horas sobrando, e eu a mostrei para o pessoal. Fomos lá, gravamos rapidinho, e ficou superlegal. Gostamos tanto que ela abriu o disco. Era uma introdução real, tocada por nós, não era um tanto de som de teclados, efeitos etc. Certeza que ela ajudou a banda a ser encarada de outra forma dentro do metal; a ordem dos fatores altera o resultado, no caso. É uma ode a natureza!"
Álbum: Tuatha de Danann (Tuatha de Danann, 1999)

The Dance of the Little Ones: "Creio que é uma das que melhor definem a banda, uma que escancara nossa identidade. Tem o tema celta, as flautas, as vocalizações meio Beatles, uns guturais, e o ritmo é bem Tuatha. É um lance meio Cathedral, Black Sabbath, bem para cima, tom maior... Quando gravamos o *Tingo*, ela nem abriria o disco. O produtor foi quem virou e disse algo do tipo: 'A *Dance* tem de ser a primeira, pois ela mostra o quão vocês são diferentes de qualquer outra banda'. Dito e feito!"
Álbum: Tingaralatingadun (Tuatha de Danann, 2001)

Tan Pinga Ra Tan: "Eu concebi essa música dentro de um carro, em Lavras (MG). Simplesmente surgiu o tema na minha cabeça. Nada a ver com a magia que ela evoca, mas é a verdade: eu estava dentro de um carro. A mágica se deu pela forma que a recebi, sem querer. É uma de nossas canções mais queridas. Ela tem uma coisa muito forte, algo emocional, nostálgica e, talvez, épica, que a aproxime de um hino. A melodia da minha vida!"
Álbum: Tingaralatingadun (Tuatha de Danann, 2001)

Finganforn: "Uma das emblemáticas da banda! Esse disco todo é recheado com um tipo de mitologia própria nossa. *Tingarolatingadun*, a rebelião dos elementais, *Tan Pinga Ra Tan*, uma ilha mágica do amor, e Finganforn, um anão beberrão. Essa quem fez foi o Rodrigo Berne (ex-guitarrista do Tuatha), era uma música bem grande, com partes death metal que excluímos até virar o que virou. É bem divertida e curtinha, massa demais."
Álbum: Tingaralatingadun (Tuatha de Danann, 2001)

The Last Words: "Fomos convidados pela Die Hard Records para fechar o projeto Hamlet, do Shakespeare, que eles fizeram. Fizemos o último ato, quando ele morre. Há participações do Mario Pastore e do Ronaldo Simola (ex-Delpht) nos vocais. Essa musica tem uma história particular, merecendo um vídeo. O tema principal é do Giovani Gomes (baixista) e foi sua primeira contribuição na banda. Eu fiz o refrão e os temas instrumentais do meio dela. O povo gosta bem, é meio balada, acho."
Álbum: The Delirium has Just Began (Tuatha de Danann, 2002)



Land of Youth: "Lembro de ter sido o refrão dessa música. Era um refrão instrumental, igual aconteceu na *Brazuzon*, do album anterior. Era uma melodia celta tocada no whistle muito bonita, e alguém comentou que era um desperdício não arrumar uma musica para aquele tema. Só que era um tema lento, um lamento, lembrava o tema do "Último dos Moicanos". Mas quando terminei a canção, ela ficou bem mais rápida, com um toque de bluegrass, um dedinho de Beatles, e ainda chamamos o Roger Troyyo para cantar no meio e deixar com a cara do Yes. Se você não souber, pensa que é o próprio Jon Anderson cantando."
Álbum: Trova di Danú (Tuatha de Danann, 2004)

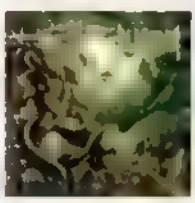
Believe, It's True: "Eu a vejo como uma continuação da *Finganform*, porem mais rica. Talvez ela tenha algo no início que remeta à *Finganform*, mas no meio ela muda totalmente o rumo. Ela é cheia de partes, tem umas flautas legais, um dueto de tappings de guitarra legais e é bem para cima. É um dos pontos altos dos shows, todo mundo canta, dança, bate palma e bate cabeça."
Álbum: Trova di Danú (Tuatha de Danann, 2004)

Trova di Danú: "Essa é uma de minhas preferidas dentre todas que compus, gravei e lancei. Mesmo hoje quando a escuto, sinto a força e a mística que essa canção emana. Conta com a participação superespecial da Isabel Tavares, que faz o papel de fada ou deusa, e não teve nada mais acertado que batizar o disco com esse nome."
Álbum: Trova di Danú (Tuatha de Danann, 2004)

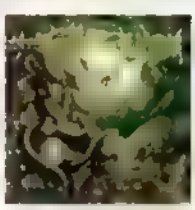
The Wheel: "É uma de nossas peças progressivas. Fala da Roda da Sorte, da vida, dos altos e baixos. Tem uma intro bem celta, com bandolins, whistle, flauta transversal, vocais femininos dialogando com masculinos e desemboca num metal progressivo com muita influência de Yes. Tem uns teclados bem doidos e trechos alucinantes. Grande orgulho de ter feito essa música."
Álbum: Trova di Danú (Tuatha de Danann, 2004)

Lua: "A *Lua* foi uma das primeiras do Braia. É uma das mais lights de todas elas. É tocada numa afinação aberta que confere a ela uma sonoridade diferente, até por conta da montagem dos acordes. É uma música bonita para relaxar no meio do mato ou à beira do rio, um trem desses."
Álbum: E o Mundo de Lá (Braia, 2007)

A Pinga do Duende Maluco: "Essa lecha o disco. É do tipo 'louca', com muitas passagens, personagens diferentes, influências que vão desde Mutantes e 14 Bis até Genesis e Toninho Horta. No Braia, pude explorar muitas outras referências que tenho, e era tudo livre demais. A letra bmaca com o nonsense e fala de uma princesa que toma um gole da beberagem do duende e entra no mundo dele, loucura total!"
Álbum: E o Mundo de Lá (Braia, 2007)



The Last of the Seven Ears: "A gente ensaiava essa música com o Tuatha antes de a banda parar em 2010. Mas depois eu a usei no Kemunna, que foi um projeto do qual me orgulho demais, saca?! Tem musica muito boa no disco. Essa é bem progressiva, tem muito de Yes, claro que com mais peso. E tem uma parte cantada a cappella no meio que é demais. Lembra aqueles musicais da Broadway. A letra foi feita abordando o Sete Orelhas, personagem folclórico aqui de Minas Gerais."
Álbum: The Seim Anew (Kemunna, 2013)

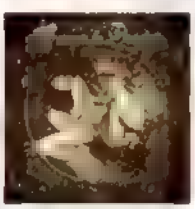


Curupira's Maze: "Esse som é demais! Eu tenho uma frustração com a mixagem desse disco, mas eu adoro as músicas! Esse som cabena bem no Tuatha, mas não foi feita para o Tuatha, foi para o Kemunna mesmo. Ela tem umas passagens meio power metal, muita gaita de fole, violinos endiabrados, inversões harmônicas na base do tema e um refrão muito massa. É dessas músicas que têm uma melodia de voz pop, mas com roupagem pesada, e tem elementos celtas voando para tudo que é lado. A letra aborda o Curupira, mas sob a ótica de um caçador vitima de um encantamento."
Álbum: The Seim Anew (Kemunna, 2013)

We're Back: "Nossos discos sempre se iniciam com uma canção da estirpe da *Dance of the Little Ones*. Sempre em tom maior, para cima. Na verdade, esse é um dos elementos que faz nosso som ser tão particular: o tom maior. Essa tem aquele ritmo com as palhetadas bem características da gente e os temas celtas, neste caso com gaitas de fole, banjo e os 'oh oh oh oh'. É quase uma prece de agradecimento ao retorno da banda."
Álbum: Dawn of a New Sun (Tuatha de Danann, 2015)

Dawn of a New Sun: "Essa musica é de 2006, e eu a escrevi quando a mãe de minha filha estava grávida da minha filha. Era a sensação mais linda que eu experimentava. A letra é quase uma oração à deusa Dana, agradecendo pela vinda da minha filha, que se chama Dana. Eu ouvia muito Marillion à época e percebo uma influência da banda na parte A e no solo que é muito emocional. Um Marillion com uma dose forte de irlandesidade."
Álbum: Dawn of a New Sun (Tuatha de Danann, 2015)

The Tribes of Witching Souls: Se alguém me pedir para mostrar um som do Tuatha, mostrarei essa aqui. Embora tenha dito que a *Dance of the Little Ones* seja a síntese de nosso som, esta tem uma qualidade sonora muito melhor e não deixa de ser da mesma linhagem. É uma música minha cujas melodias adoro: as partes A, B, o refrão, os vários temas instrumentais bem celtas no meio dela, os duendes festejando. Lembro que o refrão dela era diferente, e o Edgard (Britto, tecladista) me encheu o saco para mudar. Ele falou tanto que acabei criando este refrão do nada e que realmente melhorou muito a música. No refrão e nos corais, minha filha canta comigo."
Álbum: The Tribes of Witching Souls (Tuatha de Danann, 2019)



Turn: "Se sair um best of nosso um dia, com certeza *Turn* estará nele! Ela mostra a banda se reinventando sem esquecer de suas raízes. Ela tem um groove envolvente com guitarras marcantes, um tema celta guiado pela gaita de fole com sua base sendo alterada harmonicamente ao longo da música, um refrão legal e meu melhor solo de guitarra. Definitivamente, uma das melhores da banda e que mostra uma outra faceta que temos. Não à toa a escolhemos para fazer nosso clipe depois de 'trocentos' anos."
Álbum: The Tribes of Witching Souls (Tuatha de Danann, 2019)

Your Wall Shall Fall: "Essa é porrada! Uma entre outras parcerias que temos com um de nossos heróis, o Martin Walkyier (Skyclad). Ela tem um pouco de punk na levada, o que casou bem com a temática lírica que ataca o capitalismo selvagem, a tirania do mercado, o fascismo de muitos governos, e qualquer atitude ou discurso que nos separa enquanto seres humanos. É uma canção de amor bem porrada. Gaita de fole, punk e thrash metal! 'Let love be our wrecking ball! Your Wall Shall Fall!'"
Álbum: The Tribes of Witching Souls (Tuatha de Danann, 2019)

Destruction

TIRANOS DO MUNDO INFERIOR

DEPOIS DE VINTE E NOVE ANOS, LENDA DO THRASH TEUTÔNICO VOLTA A GRAVAR COMO QUARTETO, E MOSTRA FORÇA EM SEU NOVO ÁLBUM

A um trio – com *Sentence Of Death* (1984, EP), *Infernal Overkill* (1985) e *Eternal Devastation* (1986) – a banda recebeu um quarto integrante na época do clássico EP *Mad Butcher* (1987), quando o baterista Tommy Sandmann resolveu abandonar o barco, e o novo baterista, Oliver Kaiser, chegou acompanhado do guitarrista Harry Wilkens. Depois disso, a banda chegou até a ser um quinteto (ah, os estranhos anos 90), quando lançou álbuns questionados e perdeu prestígio. O sucesso voltou ao mesmo tempo que o formato "trio", com o álbum aclamado *All Hell Breaks Loose*, de 2000. Ou seja, quarteto mesmo só de *Mad Butcher* até *Cracked Brain*. Lançado 23 anos atrás, e na época já sem o vocalista/baixista Schmier – que retornou justamente para *All Hell Breaks Loose*. Agora, ao lado dos veteranos Schmier (voz/baixo) e Mike Sifringer (guitarra), o Destruction conta com o experiente baterista Randy Black (ex-Annihilator e Primal Fear), e o talentoso guitarrista suíço Damir Eskić, o que transforma a banda novamente em quarteto. Em uma conversa longe, Schmier nos conta o que essa mudança representa no mundo do Destruction, e também, aquilo que nunca mudará no horizonte da banda.

[redacted] dispensa maiores apresentações, o cara foi parte do Annihilator por muitos anos e eu acredito que existia uma parceria muito forte entre ele e Jeff Waters (guitarrista, baterista preferido por muitos anos). Eu sempre postei da atitude e da forma como ele toca... Existe uma vibração diferente, uma técnica apurada que se une à atitude pura e direta, difícil explicar. Estou contente por termos esta chance de criar algo juntos.

Sendo ele o seu baterista favorito por tanto tempo e com o histórico do Destruction, esta foi a primeira vez que pensaram nele para assumir o posto?

Schmier: Na verdade, não (risos). Nós já tínhamos contato com ele há alguns anos. Acho que por volta de 2011, quando nós precisamos de um baterista, ele era um nome no topo da lista, mas ele estava muito bem no Primal Fear naquela época. Depois, há alguns anos, nós precisamos

[redacted]

de um novo baterista, ele era a nossa primeira opção. Claro que fizemos os testes, não basta a vontade, você precisa sentir o momento, precisa sentir o resultado. Ele foi incrível, em todos os sentidos. Nada mais natural então do que ele, enfim, assumir o posto de baterista do Destruction, e isso me deixa muito feliz (risos).

[redacted]

Schmier: Ah, entendo perfeitamente onde você quer chegar, pois realmente faz sentido. Eu mesmo, quando coloco em perspectiva, fico um pouco assustado com o que ele é capaz de fazer, em como consegue soar diferente em cada banda ou projeto que participa... Isso é muito complicado, especialmente quando você vem a sua marca, e mistura-a em harmonia com a marca da banda na qual você está tocando. E ele é capaz de fazer isso. Bem, pelo que sei, tem tudo a ver com a formação dele, com a maneira como ele foi se desenvolvendo. Até onde sei, ele começou tocando músicas do Rush, então ele nasceu de um envolvimento muito forte com o rock progressivo. Então ele entrou para o Annihilator, e já tinha todo aquele trabalho do Jeff Waters, todo aquele catálogo incrível que a banda já possuía e mais as novas músicas. Logo de cara ele já entrou para uma banda que tinha uma identidade muito forte, e precisou aprimorar muito o seu estilo, especialmente ao que se refere aos bumbos duplos. Bem, você sabe tanto quanto eu.

[illegible]

Schmier: Com certeza. Esta música é aquela típica canção para apresentar o álbum, uma espécie de 'carro-chefe', por assim dizer. É direta, agressiva, tem bumbos duplos, guitarras rápidas explodindo riffs na cara, sem 'breakdowns', sem partes cadenciadas, sem enrolação, apenas violência e agressão, algo que os fãs esperam de nós, afinal, isso faz sentido em uma banda chamada Destruction (risos).

[illegible]

Schmier: Sim, e faz sentido que seja assim. Essa é uma música do Randy, ele tinha essa batida característica em mente, algo que remete a uma maneira que ele realmente gosta de tocar, e acabou impressionando a todos nós. A música tem uma vibração diferente, acho que principalmente por conta do refrão, não é isso?

Sim, as linhas de guitarra no refrão, mas os vocais também chamam a atenção.

Schmier: Sim, as linhas de guitarra têm essa coisa mais 'heavy metal', algo mais tradicional, por assim dizer. Queríamos experimentar algo neste sentido, mas sem perder o peso e a violência do thrash, ou seja, antes era impossível. Com apenas uma guitarra, falta a base thrash para dar o contraponto ao lado melódico. Já, quanto às linhas vocais, eu tentei algumas coisas diferentes, temos vocais duplos também... Estou feliz que tenha percebido.

Também temos uma música que chama tanto a atenção pela música quanto pela letra, *Fatal Flight 17*. O que pode nos contar sobre ela?

Schmier: Aqui entra muito daquela parte do ódio, que comentamos antes. Certos acontecimentos causam muito ódio, muita revolta, muita apreensão. Esta música trata sobre o voo Malaysia Airlines 17, ou MH17, como preferir. Toda aquela história é muito nebulosa e terrificante. Para quem não lembra, em julho de 2014 um Boeing 777 da Malaysia Airlines, que fazia a rota Amsterdã – Kuala Lumpur foi derrubado na Ucrânia, com quase trezentos passageiros dentro. Era um voo comercial. Foi abatido por mísseis, sem motivo, sem explicação. Eu tinha amigos nesse voo. Cada um de nós poderia estar nele. E ele foi derrubado como em um ato de guerra, e alguma explicação só foi dada quando uma agência independente, dos EUA, se dedicou a estudar o caso. Este é o mundo onde vivemos.

Tão revoltante quanto assustador. Bom, este álbum traz alguns novos elementos, mesclados com o velho Destruction. Mas no fim, algumas coisas nunca mudam. Parece que vocês mantém a regra de 'só cabeludos no Destruction', afinal.

Schmier: Ah, com certeza (muitos risos). Sabe, nós levamos realmente a sério esta questão, queremos realmente manter aquela imagem oitentista de uma banda de thrash metal, com todos cabeludos, desgrenhados (risos). Este é o primeiro quesito para entrar para esta banda (risos). Bem, esperamos voltar para o Brasil em 2020, estamos ansiosos para mostrar as novas músicas para vocês.

Damir Eskic, Schmier, Randy Black e Mike Sifringer: Destruction ataca novamente como quarteto.

QUEREMOS REALMENTE MANTER AQUELA IMAGEM OITENTISTA DE UMA BANDA DE THRASH METAL, COM TODOS CABELUDOS, DESGRENHADOS.

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

GINGER BAKER

★ 19/8/1939 † 06/10/2019

Peter Edward Baker nasceu em Londres logo antes do início da II Guerra Mundial, e logo ganhou o apelido de Ginger pelos cabelos ruivos. Antes dos 5 anos perdeu o pai durante a guerra.

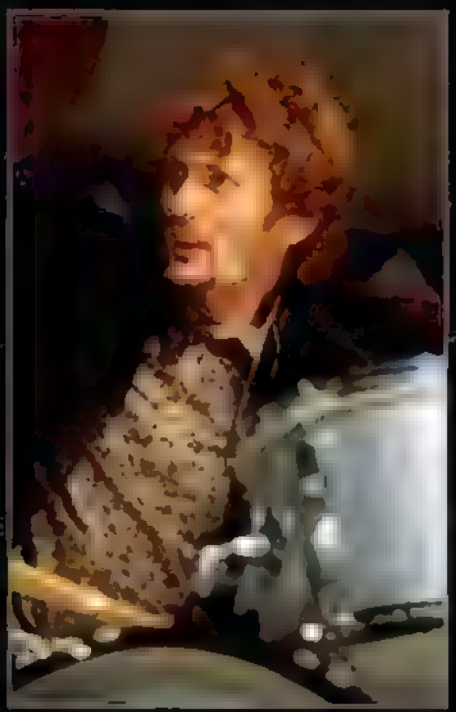
Ginger nunca foi um garoto exatamente sociável. Meteu-se em gangues logo cedo e sua mãe chegava a amarrá-lo em casa para ver se ele evitava se meter em encrencas.

Pensou em ser ciclista, mas ao ouvir o disco *The Quintet of the Year* encantou-se com o jazz do grupo, em especial pelo baterista Max Roach. Logo descobriu o que queria: "Ser baterista é um dom. E eu tenho esse dom", declarou no documentário *Beware of Mr. Baker* (2012). Começou a ter aulas aos 15 anos com outro de seus ídolos, Phil Seaman – que também o apresentou à heroína, sua parceira de vida.

Após uma rápida passagem pelo Alexis Korner Blues Incorporated, ganhou fama quando entrou para a The Graham Bond Organisation, na qual conheceu seu inimigo de toda vida Jack Bruce. Já em 1966 foi convidado por Eric Clapton a formar uma superbanda – e quase bateu o carro quando soube que o baixista seria Bruce. Acabou topando e o Cream, a despeito da curta trajetória (durou até 1968), teve importância vital na história do rock.

Após o final do Cream, voltou a unir-se a Clapton no Blind Faith, outro supergrupo de vida curta – um ano (1969), e um disco. Ainda em 69 montou um supergrupo de jazz rock, o Ginger Baker's Air Force. Mais uma vez, durou muito pouco, apenas até 1971. Como diz Charlie Watts em *Beware of Mr. Baker*, "Ginger montava coisas sensacionais, que a gente esperava que durassem décadas, mas duravam só uma semana..."

Na sequência, foi atrás do verdadeiro ritmo: em 1971, mudou-se para Lagos, na Nigéria, onde começou um trabalho com o músico local Fela Kuti, conhecido como pioneiro do afrobeat. Gravaram quatro discos juntos até que mudanças políticas no país fizessem Ginger sair de lá meio as pressas.



A essa altura, sua técnica exuberante já era cantada em verso prosa. Pioneiro no uso de dois bumbos, ele explicava: "Parece que toco rápido, mas na verdade meus quatro membros estão acentuando em momentos diferentes. Por isso parece rápido, mas na verdade não é!"

De volta, criou o Baker Gurvitz Army, que deixou três discos em dois anos de existência, teve uma passagem meteórica pelo Hawkwind e logo mudou-se para a Itália, onde passaria o começo da década de 80 afastado da música. Depois, mudou-se para os EUA, arriscou-se como ator de cinema e gravou *Album*, do PIL, de John Lydon.

Nessa época, sua personalidade praticamente impossível de se lidar ("ele era seriamente antissocial", declarou Clapton) fez com que os convites para trabalho minguassem, o que o fez até colocar um anúncio numa revista de música oferecendo seus serviços. Naturalmente, acabou fazendo vários trabalhos e em 1993 uniu-se ao Masters of Reality, com quem gravou um único disco.

A essa altura, estava bastante envolvido em uma outra paixão, o polo, participando de vários eventos e investindo pesado em cavalos caríssimos.

Ainda nos anos 90, passou pelo BBM com Jack Bruce e Gary Moore e pelo The Ginger Baker Trio antes de se mudar para a África do Sul.

Em 2005, voltou a juntar-se a Clapton e Bruce para uma reunião do Cream que rendeu uma saudada turnê de sete shows em Londres e em Nova York. Claro que os shows acabaram em (mais uma) feroz briga entre Baker e Bruce.

Ginger Baker publicou sua autobiografia, "Hellraiser", em 2009, e entre 2013 e 2014 se apresentou com o Ginger Baker Jazz Confusion. Ainda em 2014, lançou seu último disco solo, *Why?*

A saúde instável, prejudicada por anos de abuso de drogas e pelo cigarro que o acompanhou até seus últimos dias, cobrou seu preço. Em 2016 passou por uma complicada cirurgia cardíaca, o que o fez anunciar sua aposentadoria dos shows. No dia 25 de setembro último, sua família publicou um comunicado afirmando que Ginger Baker estava internado em estado crítico. Em 6 de outubro, foi anunciado que, aos 80 anos, havia morrido o músico influenciou os melhores bateristas da história do rock. Baker foi casado quatro vezes e deixou duas filhas, Ginette e Leda, e um filho Kofi, que também é baterista.

CREAM
FRESH CREAM
(1966)

CREAM
DISRAELI GEARS
(1967)

CREAM
WHEELS OF FIRE
(1968)

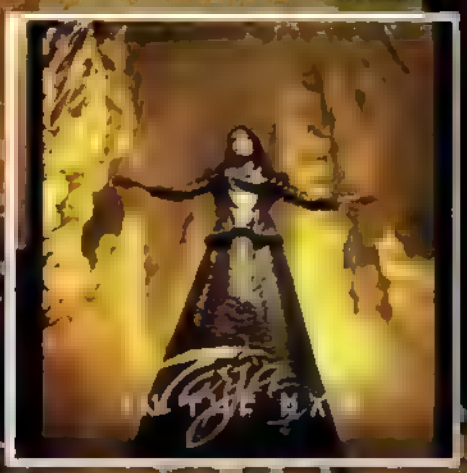
CREAM
GOODBYE
(1969)

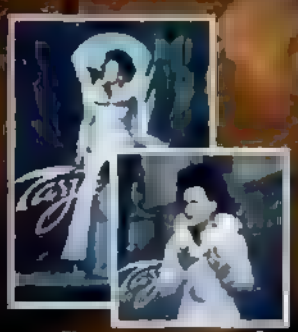
BLIND FAITH
BLIND FAITH
(1969)

SOUND CITY RECORDS

VERSÕES JEWELCASE E DIGIPACK

TARJA
IN THE RAW
O álbum mais heavy metal da vocalista Tarja.
Participações especiais de Björn "Speed" Strid (The Night Flight Orchestra), Cristina Scabbia (Lacuna Coil) e Tommy Karevik de Kamelot.





TARJA – ACT II (CD E DVD)

TARJA – LUNA PARK (CD E DVD)

TARJA
THE BRIGHTEST VOID

TARJA
THE SHADOW SELF

TARJA
FROM SPIRITS AND GHOSTS

IAN GILLAN
LIVE IN WARSAW
Ian Gillan, Don Airey juntos com uma orquestra sensacional!
Incluí clássicos do Deep Purple e da carreira solo de Ian Gillan de álbuns como Toolbox e Naked Thunder.

DEEP PURPLE
LIVE IN NEWCASTLE
Um novo conjunto de gravações de concertos, Purple, The Soundboard Series, começa com o Live in Newcastle 2001. Gravado em Newcastle, Austrália, a qualidade do áudio é alta. E a performance, da formação Gillan / Glover / Lord / Paice / Morse, é empolgante.

NEW MODEL ARMY
FROM HERE
New Model Army retorna com um novo álbum! From Here está sendo aclamado como uma das melhores de sua carreira. Traz mensagens profundas para o mundo em que vivemos e as lutas que estamos vivendo. Um álbum obrigatório de um artista único.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

SAVATAGE
GUTTER BALLET (RE-RELEASE)

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

SAVATAGE
HANDFUL OF RAIN (RE-RELEASE)

11 3719-0993
www.shinigamirecords.com.br
loja@shinigamirecords.com

MATANZA INC

Jonas Cáffaro, Bony Escobar, Marco Donida, Vital Cavalcante e Maurício Nogueira, em nova fase, mas com a velha camaradagem intacta

CRÔNICAS DE UMA NOVA EVA

EM DOZE NOVAS MÚSICAS REPLETAS DE SARCASMO E DOSES CAVALARES DE ROCK'N'ROLL, MATANZA INC. MANTÉM VIVA A CHAMA DO ROCK DE BOTECO

POR VALTINHO AMELIO

O fim do Matanza, em 2018, deixou muitos fãs de rock tristes. Afinal, uma das maiores bandas do gênero no nosso país estava deixando o front, e qualquer pessoa que leve música a sério, sabe que isso não é bom para ninguém, independente de gostos e preferências pessoais. Das cinzas ainda quentes do Matanza, porém, uma fênix de nome Matanza Inc. surgiu, mantendo quase intacta a última formação da banda anterior – exceção feita ao novo vocalista, Vital Cavalcante. Surpreendendo imprensa e fãs, a banda já apresenta seu disco de estreia, *Crônicas do Post Mortem: Guia Para Demônios & Espíritos Obsessores*, e mantém firme a base musical que forjou uma das bandas mais importantes do cenário nacional: poesia de mentes atordoadas (e atormentadas), rock n' roll, heavy metal, punk/hardcore e até country. Disposto a encarar a jornada? Deixe o guitarrista Marco Donida guiá-lo por esse caminho.

Como foi o processo de transição entre o fim do Matanza e o início do Matanza Inc.?

Marco Donida: É sempre muito triste quando uma banda passa por problemas maiores que a sua capacidade de resolvê-los. O Matanza esteve em atividade por mais de vinte anos e é normal que certas relações se desgastem irremediavelmente. Depois do anúncio do encerramento das atividades, eu tinha uma única certeza: a de que eu queria continuar tocando com os caras. Toco com o Jonas (baterista) há quinze anos, com o Maurício (guitarra) há mais de dez. Seria um desperdício jogar fora esse entrosamento musical que temos. Até porque, a música do Matanza nunca foi um problema para nós, muito pelo contrário!

Por que optaram pelo nome Matanza Inc.?

Marco: Quando decidimos continuar tocando juntos, nós começamos a nos referir ao projeto como Matanza Inc., em referência ao Venom Inc., porque aparentemente eles haviam passado por conflitos internos parecidos com os nossos. Chegamos a ter algumas boas ideias, mas concluímos que não faria sentido um novo nome porque não se trata de uma nova banda e sim do recomeço de um trabalho. Inclusive, achamos que uma terminação Inc. seria perfeita para deixar claro que se trata de uma nova fase no Matanza.

E quanto ao processo de formação da banda, como encontraram a formação certa?

Marco: A única mudança na formação foi a entrada de um novo vocalista, Vital Cavalcante. Ele é amigo nosso há muitos anos, velho conhecido do underground carioca e foi só uma questão de tempo até chegarmos ao nome dele. Precisávamos de um cantor que tivesse muita personalidade, um alcance vocal que nos permitisse ampliar os horizontes da banda e principalmente de alguém que fosse muito gente fina. Então,

marcamos um ensaio no Rio e não precisamos de mais do que cinco minutos pra ter certeza de que ele seria 'o cara'.

Com a formação estabilizada, como rolou o processo de composição deste primeiro registro do Matanza Inc.?

Marco: Eu sempre trabalhei sozinho. Então, no momento em que as músicas estão quase prontas, eu as apresento pros caras e vamos decidindo o que funciona com a banda e o que volta pra forja. É um processo lento porque eu costumo fazer várias ao mesmo tempo, pensando na forma como elas vão combinar entre si. Muitas vezes uma música acaba fora do repertório não porque ela está ruim, mas porque ela não se conversa tão bem com as outras.

Quanto tempo trabalharam neste repertório até encontrar o resultado que queriam? Como transcorreu o processo, com ensaios e gravações?

Marco: O processo de ensaio e lapidação dos arranjos foi complicado porque eu moro em São Paulo, o Mauricio mora em Santos e o resto da banda está no Rio de Janeiro. Então, tivemos que trocar muitos áudios por e-mail para que os poucos ensaios que tivemos rendessem suficientemente. Deu certo porque todos estávamos muito comprometidos com o trabalho e sinceramente felizes com o progresso das coisas.

Existe uma razão especial para o título *Crônicas do Post Mortem: Guia Para Demônios & Espíritos Obsessores*?

Marco: Eu quis dar ao disco o tratamento de livro porque todas as músicas a sua maneira são crônicas de um cotidiano sinistro da sociedade, que procuram entender o comportamento dos seus piores elementos. Juntas, formam um guia pra auxiliar demônios e espíritos obsessores que queiram se aventurar no plano físico. Para que as entidades saibam que é preciso ter muito cuidado ao aproximarem dos seres humanos, porque estes podem ser terríveis!

Muito daquilo que trouxe uma multidão de fãs para o Matanza permanece no Matanza Inc.: a base country com doses altas de hardcore e metal. Manter esta forte identidade musical foi uma das bases para esta nova banda? Como garantir este resultado com uma formação diferente?

Marco: Nós temos certeza que existe muito mais a ser feito dentro desse universo musical que viemos construindo ao longo desses anos todos. No entanto, o que faz mesmo diferença é que ficamos verdadeiramente felizes fazendo esse som que fazemos. Por isso, continuar trabalhando juntos nos pareceu uma coisa óbvia.

O aspecto lírico também foi algo tratado com cuidado aqui. O 'desgraçado' continua aparecendo como base central das tramas, com todos os seus vícios e defeitos retratados. Conte-nos, por favor, como trabalham este aspecto, e como nascem essas histórias.

Marco: O elemento principal das letras do Matanza é o ser humano, e tudo o que cerca a sua natureza vil, mesquinha, mentirosa, ardilosa, pequena e infame. Quero, com as letras, levantar a questão do quanto nossa alma é corrupta, o quanto nós conseguimos nos espelhar nos piores exemplos, o quanto a nossa conduta está de fato respeitando princípios que nos outros apontamos e proibimos. Tento ilustrar aquilo que fazemos de pior para que possamos nos comparar e refletir.

CRÔNICAS DO POST MORTEM
MONSTRO DISCOS · MAC.

Mas sempre com algum humor porque são letras de uma banda de rock e não textos para um curso de filosofia.

Agora, gostaria que falasse um pouco sobre a música *O Elo Mais Fraco da Corrente*, com participação de Rodrigo Lima (Dead Fish). Como surgiu essa canção, e como Rodrigo se encaixou na trama?

Marco: Essa é a música mais hardcore do disco e quando ela começou a se resolver em estúdio me ocorreu que a voz do Rodrigo encaixaria perfeitamente. Dito e feito! Rodrigo é um amigo meu de longa data e fiquei muito feliz quando ele aceitou o convite. Gravamos a participação dele no estúdio El Rocha, do Fernando Sanchez, em São Paulo, e achei que fez toda diferença. Quanto à participação de Vladimir Korg (The Mist) na faixa *Para o Inferno*, foi a realização de um velho sonho, porque comprei o *Abominable Anno Domini* (Chakal) na semana em que foi lançado, e fiquei absolutamente viciado nesse álbum. Eu tinha 15 anos na época e o Korg se tornou um ídolo para mim. Quando, décadas depois, tive a oportunidade de chamá-lo para participar de uma música foi uma grande honra! *Para o Inferno* é um thrash metal à la Matanza, que é total homenagem ao metal mineiro da segunda metade dos anos 80.

Outra música que intriga o ouvinte é *As Muitas Maneiras de Arruinar Sua Vida*. Por favor, fale-nos um pouco sobre esta canção.

Marco: Essa música é um legítimo 'Country Core' e garantiu espaço no repertório do disco porque acredito que seja algo que só nós façamos. É fundamental buscar novos ambientes musicais e procurar soluções inéditas a cada disco, mas essa mistura de country music com punk rock e palhetadas thrash é uma coisa que precisamos continuar explorando sempre. Primeiro porque é legal de fazer e tocar nos shows, em segundo porque esse 'gênero' tem um astral que permite uma abordagem lírica muito particular. Se a ideia é ser sarcástico, num country core isso funciona perfeitamente!

Marcello Schevano é uma das grandes personalidades do rock sujo nacional, e ele também aparece neste primeiro álbum do Matanza Inc. Como rolou a participação dele?

Marco: O Marcello nós conhecemos há pouco tempo, mas já se tornou um grande brother! Graças a ele chegamos ao Orra Meu Studios, onde gravamos o álbum. Nós tiramos um som incrível e tivemos uma experiência excelente! A música *Pode Ser Que Eu Me Atrase*, que ele participa, é um southern rock e um piano definitivamente caí muito bem. Deixamos para gravar na última hora de estúdio pra que fosse o gran finale das gravações, com cerveja num copo, uísque no outro e carne na churrasqueira. Foi bem divertido, devo dizer!

Pelo que sabemos, o álbum, além das plataformas de streaming e versões físicas no Brasil, será lançado internacionalmente. Quais são os planos de vocês em relação a turnês, e quando esperam voltar ao estúdio para seguir a história que começou aqui?

Marco: O disco será lançado na Europa pela Raging Planet que tem sede em Portugal e eu não preciso dizer o quanto estamos felizes com isso. Planejamos uma pequena turnê pelo Velho Continente para o meio do ano que vem. Até lá, vamos seguindo fazendo shows pelo Brasil, trabalhando na divulgação do álbum, gravando vídeos e compondo músicas novas. Queremos voltar ao estúdio o quanto antes para o *Crônicas do Post Mortem* volume 2. Aguardem e confiem!

FLEETWOOD MAC

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

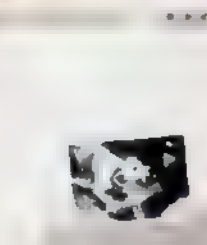
O Fleetwood Mac atravessou duas fases bem distintas em sua carreira. Inicialmente, a banda londrina criada em 1967 por Peter Green (vocal e guitarra), Jeremy Spencer (vocal e guitarra), John McVie (baixo) e Mick Fleetwood (bateria) dedicava-se ao blues, numa linha não muito distante de outros conterrâneos seus, como John Mayal and the Bluesbreakers e Cream, por exemplo. Com esse direcionamento gravaram seus quatro primeiros discos e inspiraram muita gente, até mesmo o Black Sabbath. O grupo chegou a contar com três guitarristas com a chegada de Danny Kirwan, mas com o passar do tempo a formação foi mudando radicalmente e com ela seu estilo, que passou a flertar com o pop e com o soft rock, abrindo mão do blues. Com as entradas de Christine McVie, tecladista, compositora e à época esposa de John, em 1969, e principalmente do guitarrista Lindsay Buckingham e da vocalista e compositora Stevie Nicks, em 1975, o Fleetwood Mac se tornou uma superbanda, passando a vender milhões de discos. A formação com Nicks, Buckingham, Fleetwood e John e Christine McVie acabou se tornando a mais conhecida e mais bem sucedida da história do grupo, que, sem Christine e Lindsay, continua em atividade.

Mick Fleetwood, Stevie Nicks, John McVie, Christine McVie e Lindsay Buckingham: formação clássica do Fleetwood Mac, banda que vendeu mais de 120 milhões de discos

IMPERDÍVEIS

RUMOURS (1977)

A entrada de Stevie Nicks e Lindsay Buckingham de cara gerou um album que obteve excelente resposta de crítica e publico, *Fleetwood Mac* (1975), também conhecido como "The White Album". Isso, ao mesmo tempo em que criou enorme expectativa a respeito de seu sucessor, começou a gerar os primeiros desentendimentos internos, com egos aflorando em relação a participação de cada um. Além disso, o consumo de cocaína atingia níveis problemáticos dentro do Fleetwood Mac. As coisas poderiam piorar? Claro! Foi logo depois de encerrada a tour de divulgação de *Fleetwood Mac* que Christine e John se separaram, gerando um clima pesadíssimo na banda, já que os dois pararam de se falar – apenas conversavam assuntos referentes ao grupo. Porém, mesmo com toda essa tensão envolvendo sua produção, *Rumours* tornou-se, não por acaso, o maior sucesso da carreira do grupo. Temas definitivos como *Dreams*, *Don't Stop* e *The Chain* ajudaram a alavancar o álbum, que conquistou Disco de Diamante na Grã Bretanha e treze Discos de Platina nos EUA, além de chegar ao topo das paradas em mercados como Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá e Alemanha, para ficarmos apenas com os principais. As vendas de *Rumours* superaram os quarenta milhões de copias e renderam a banda o Grammy de Melhor Disco do Ano. Nada mal para um álbum que começou debaixo de desavenças.



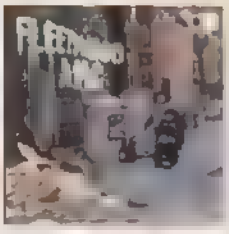
TUSK (1979)

Depois de um disco de sucesso, o que se faz e repetir a formula para ver se o sucesso continua e – quem sabe? – ate aumenta não é mesmo? Não na cabeça de Lindsay Buckingham. A gravadora, naturalmente, queria algo na mesma linha de *Rumours*, mas Lindsay, cada vez mais envolvido na produção dos discos da banda, negou-se terminantemente. Mais que isso, *Tusk* acabou se mostrando um disco até experimental, com os compositores surpreendendo em termos de ousadia. "*Tusk* é mais um mosaico de composições individuais, como "The White Album, dos Beatles", definiu o crítico Stephen Holden, da revista Rolling Stone. O "quase country" *The Ledge*, a intimada *What Makes You Think You're the One* e a divertida *Not that Funny* são bons exemplos disso, bem diferentes de tudo que a banda tinha produzido ate então. E mesmo sem nada disso, a interpretação de Stevie Nicks em *Beautiful Child* já valeria o disco. Só que mesmo vendendo mais de quatro milhões de copias e sendo indicado para o Grammy, o desempenho de *Tusk* acabou sendo considerado abaixo do esperado – e a gravadora não hesitou em culpar o guitarrista. Lindsay apontou duas razões para esse suposto fracasso: o fato de ser um disco duplo (e consequentemente mais caro) e a iniciativa de uma radio novaiorquina que tocou o album na integra antes de seu lançamento e incentivou seus ouvintes a grava-lo.

EXCELENTES

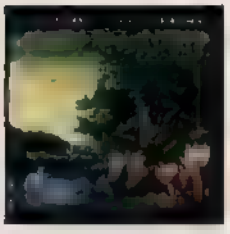
FLEETWOOD MAC (1975)

As entradas de Stevie Nicks e Lindsay Buckingham foram uma verdadeira revolução no Fleetwood Mac. Se a banda havia decidido deixar de lado o blues e atacar de pop rock e soft rock, as escolhas não poderiam ter sido mais acertadas – e pensar que Nicks só foi aceita por imposição de Lindsay, seu namorado na época e com quem já havia gravado um disco, *Buckingham Nicks* (1973). Aliás, foi ouvindo esse trabalho que Mick Fleetwood se interessou em conhecer Lindsay e o resto é história. E logo de cara, ambos já assinaram várias músicas do novo álbum, dando uma nova assinatura ao Fleetwood Mac e marcando seu nome junto ao público. Os temas classudos e grudentos e a voz de "garotinha junkie" de Stevie Nicks logo conquistaram o público e, apesar de já ter conquistado um Disco de Platina e dois Discos de Ouro em trabalhos passados, dessa vez o Fleetwood Mac mudou de patamar. "Nós começamos a tocar direto e o disco foi vendendo", resumiu Stevie. E como vendeu! Foram nada menos que sete Discos de Platina e, pela primeira vez, o topo da parada de sucessos, ambos os feitos no concorridíssimo mercado americano. O Fleetwood Mac atingia outro patamar.



FLEETWOOD MAC (1968)

O primeiro disco do Fleetwood Mac mostra que caso a banda tivesse mantido esse direcionamento musical provavelmente não conquistaria o sucesso que acabou atingindo, mas que não seria de forma alguma uma carreira, digamos assim, desperdiçada. Contando com os guitarristas/vocalistas Jeremy Spencer e principalmente Peter Green no comando das ações (não por acaso, muita gente conhece o disco como "Peter Green's Fleetwood Mac"), o álbum traz um repertório que mixa temas compostos pelos dois e releituras de músicas escritas por nomes clássicos do blues, como Robert Johnson e Elmore James. A maior parte das composições gira em torno do blues samples, mas com vocal em registro mais alto. Como era de se esperar, o destaque está no trabalho das guitarras e da gaita (também a cargo de Green). Além de chegar ao quarto posto da parada britânica, *Fleetwood Mac* fez a crítica se rasgar em elogios. Barry Gifford, por exemplo, escreveu na revista Rolling Stone, referindo-se a um dos polos do blues americano: "Trata-se de um album forte o suficiente para fazer Chicago ficar sabendo a respeito." Nada mal para um disco de estreia.



TANGO IN THE NIGHT (1987)

Aquele que se tornaria o quinto disco com a formação clássica da banda (Stevie, Lindsay, Christine, John e Mick) começou como um projeto solo de Buckingham, que a essa altura de certa forma tomara as rédeas da direção musical do grupo. Mas as coisas não andavam exatamente bem internamente. Stevie Nicks andava envolvida com sua carreira solo e não se sentia nada motivada em relação ao Fleetwood Mac. "Lembro que não estava nem um pouco feliz indo lá (ao estúdio). Tanto que não fui com tanta frequência", confessou ela tempos depois. O desleixo acabou influenciando no seu desempenho, o que irritou Lindsay, que reduziu a participação da cantora no disco. Acontece que todos continuavam sendo brilhantes compositores e isso fez com que *Tango in the Night* fosse aclamado pelo público – foi o disco mais bem sucedido da banda após o insuperável *Rumours*, chegando ao topo da parada britânica e colecionando Discos de Platina ao redor do mundo. Este acabaria sendo o último trabalho com essa formação, já que em seguida Lindsay e Stevie tiveram uma derradeira briga que culminou com a saída do guitarrista.

BONS

THEN PLAY ON (1969)

Apesar de ainda não marcar a transição definitiva, que só ocorreria anos depois, o terceiro disco da banda começava a dar mostras de que o Fleetwood Mac não ia ficar pra sempre no blues. A mistura dos dois direcionamentos que o grupo adotou ao longo de sua carreira aparece nitidamente no disco – e se mostra algo bastante interessante. Apesar de ainda haver uma boa dose blues no repertório, como em *Rattlesnake Shake* ou na sofrida *Without You*, outros gêneros começaram a aparecer na música do Fleetwood Mac, como em *Coming Your Way*, totalmente psicodélica, ou na viajante *Fighting for Madge*, uma rara composição de Mick Fleetwood. Isso acabou gerando algum estranhamento, já que era bem diferente daquilo que o grupo tinha acostumado tanto público como crítica a ouvirem em seus dois discos anteriores. Por outro lado, o trabalho das guitarras de Peter Green e Danny Kirwan, totalmente entrosados, chamava a atenção positivamente. Desde o álbum anterior, *Mr. Wonderful* (1968), a banda contava com o piano da convidada Christine Perfect – que logo se tornaria integrante da banda e a sra. McVie.

BARE TREES (1972)

A essa altura, Christine já era McVie e membro efetivo do Fleetwood Mac, colaborando com suas composições. Mas apenas duas delas aparecem neste disco, cuja maior parte do repertório é dividida entre os guitarristas e vocalistas Bob Welch e Danny Kirwan – especialmente este último. Provavelmente por conta disso, *Bare Trees* é um disco que pode ser considerado o mais "rockero" da banda. Basta ouvir a primeira faixa, a excelente *Child of Mine*, pra comprovar isso. E essa característica acabou fazendo um contraponto interessante com os temas mais suaves e pops de Christine. Também se destaca o excelente trabalho de guitarras do disco, que acabaria sendo o último de Kirwan com a banda – seu comportamento errático acabou fazendo com que fosse mandado embora durante a turnê de divulgação do disco. Danny chegou a morar em abrigos para sem-tetos e morreu em 2018 vítima de pneumonia.

Bare Trees não foi lá muito bem nas paradas, ficando apenas no Top 100 nos EUA e na Austrália, mas acabou certificado Disco de Platina – o primeiro da carreira de uma banda que se acostumaria a colecioná-los.

CUIDADO

TIME (1995)

Como você faz para substituir o craque de um time? Normalmente, você se vira com o que tem e seja o que deus quiser... Foi o que fez o Fleetwood Mac. Assim, depois de perder Lindsay Buckingham em 1987 e gravar um disco sem ele (*Behind the Mask*, de 1990), agora a banda se via sem sua principal vocalista, Stevie Nicks. Para substituí-la foi chamada a cantora country Bekka Bramlett, filha do casal/dupla vocal Delaney & Bonnie. Péssima ideia. Bekka é cantora excelente, mas seu estilo pouco tinha a ver com o da banda. E nem a presença de dois guitarristas/vocalistas, Billy Burnette e o ex-Traffic Dave Mason, conseguiu suprir a falta de Buckingham. Assim, o que temos é um disco até agradável, que se deixa ouvir sem maiores problemas, mas que ficou muito aquém de tudo que o Fleetwood Mac tinha feito nos últimos vinte anos. E como se tudo isso não bastasse, o álbum ainda encerra com a interminável (mais de sete minutos!) *These Strange Times*, faixa com uma melodia que poderia figurar na trilha de alguma pornochanchada nacional dos anos 80 e que conta com letra declamada com voz soturna por Mick Fleetwood. Dispensável.

OUTROS: No total, a banda gravou dezoito discos de estúdio, incluindo o interessante *Fleetwood Mac in Chicago* (1969), registro tanto de clássicos do blues como de temas próprios gravado na cidade americana citada no título com a participação de músicos locais. O último full-length foi *Say You Will* (2003), mas em 2013 saiu um EP intitulado simplesmente *Extended Play*. Com quatro faixas, o disco foi lançado apenas de forma virtual e teve razoável sucesso. Também fazem parte da discografia da banda nada menos que 23 coletâneas, onze vídeos (aí incluídos shows e documentários) e uma infinidade de singles. Há ainda nove álbuns ao vivo, incluindo o mais recente lançamento do Fleetwood Mac, *In Concert*, que reúne gravações realizadas na tour promocional de *Tusk*, em 1979/1980.

DANKO JONES

A SUPREMACIA DO ROCK

John Calabrese, Danko Jones e Rich Knox: celebrando o rock e comemorando a boa fase

Rock'n'roll, blues rock e hard rock: o caldeirão de referências do trio canadense continua ativo e produtivo

POR VALTEMIR AMLER

Considerada por muitos como uma das bandas mais quentes do rock pós-2000, o trio canadense Danko Jones já está na ativa há muito mais tempo que isso. Na verdade, o vocalista Danko Jones fundou a banda que carrega o seu nome em Toronto (CAN) em 1996, e, desde então, foi forjando o caráter do grupo. Dos shows pequenos para os palcos maiores, a cada ano que se passava eles foram ganhando uma reputação melhor, e o lançamento do debut *Born A Lion*, em 2002, pareceu só comprovar o inevitável, eles estavam no jogo para ganhar. De lá até 2018 foram lançados oito álbuns, três nomeações para prêmios importantes – *Born A Lion* (2002) e *We Sweat Blood* (2003) na categoria 'Melhor Álbum de Rock', e *My Love Is Bold* (EP, 1999) na categoria 'Melhor Álbum Alternativo') – milhares de shows lotados ao redor do mundo, e um nome cada vez mais forte em um cenário sempre crescente. Em 2019, ao chegar ao seu nono álbum completo, Danko e seu grupo já não escondem o bom momento que vivem, e o título do novo álbum revela de cara o que a banda almejou produzir: *A Rock Supreme*. Forjado na medida para agradar fãs de várias vertentes da música pesada, o disco apresenta canções multifacetadas, mas sempre dotadas de ritmo e vigor, como convém para uma banda que construiu o seu nome em apresentações ao vivo. Em um dia de festa em sua cidade natal, Danko Jones atendeu a ROADIE CREW para falar sobre o álbum que já é apontado entre os melhores do rock em 2019.

Sei que estão vivendo o 'We The North Day' aí, então, é muita gentileza falar conosco...

Danko Jones: Imagine, eu que agradeço, é um enorme prazer. Sabe, hoje não é realmente um feriado aqui, é um dia normal. Mas as pessoas resolveram parar tudo para celebrar e se embriagar (risos), e, como os políticos não querem causar problemas para as pessoas que faltaram no trabalho, temos o 'We The North Day'. No fim, acho que o motivo é justo. Um dia normal que se tornou especial por conta do contexto (N.R: A entrevista foi realizada no dia seguinte à conquista do título da NBA pelo Toronto Raptors. Foi a primeira vez que um time canadense venceu o torneio, e 'We The North, ou *Nós somos o Norte*' era o lema do time).

São vinte e três anos de Danko Jones, e muitos álbuns lançados. Você ainda lembra o momento em que sentiu que a banda realmente tinha dado certo?

Danko: Sim, vinte e três anos. São muitos anos (risos). Nesse tempo, nove álbuns de estúdio, três EP's, quer dizer, são doze discos de material inédito, mais compilações, shows. São tantos momentos, que até é complicado lembrar. Mas, quando coloco em perspectiva, acho que o

momento que percebi que tinha conseguido foi quando peguei nosso primeiro disco nas mãos. Era um EP de sete polegadas (N.R: *Danko Jones*, de 1998). Ele nem tinha capa, é só a 'jaqueta' e o disco, mas parecia incrível, nunca esqueci a sensação.

É mais ou menos o mesmo que sente agora, ao pegar o novo *A Rock Supreme*?

Danko: Não, é uma sensação diferente. Naquela primeira vez, foi algo inacreditável, pois eu nunca tinha feito algo do tipo. Especialmente porque eu já tinha tocado em duas bandas antes, e as duas não tinham dado em nada, tinham se separado sem gravar um único disco. Quando o Danko Jones lançou o primeiro EP, a coisa foi magnífica, até porque na época eu nem tinha um CD Player (risos), eu só comprei um por volta de 2001. Na época eu só tinha o toca-discos, então foi bem legal, pois o álbum saiu no único formato que eu podia ouvir (risos). Já hoje, praticamente tudo é lançado em vinil também. A sensação ainda é ótima, ainda é maravilhosa, mas o primeiro foi quase uma experiência religiosa (risos).

Compreendo. Bom, falando do novo álbum, quando ouvi pela primeira vez o título, a primeira coisa que veio à mente foi o álbum *A Love Supreme* (1965), de John Coltrane. Existe uma conexão?

Danko: Claro que sim, com certeza! Ah, na verdade não é apenas uma conexão, nós realmente roubamos o título e mudamos uma palavra (risos).

Isso faz sentido, já que o Danko Jones também tem um álbum chamado *Fire Music* (risos).

Danko: Ah, meu Deus, você percebeu (muitos risos). É verdade, Archie Shepp lançou o álbum *Fire Music* em 1965, e o nosso álbum foi uma cópia descarada daquele título (risos). É até engraçado, pois daquela vez, nós estávamos gravando o disco e tentando decidir qual o título que usaríamos. Eu e Rich Knox estávamos conversando, e ficamos dizendo o tempo todo o quanto aquele disco do Archie Shepp tinha um título incrível, que nenhum outro nome era tão bom. Então JC (John Calabrese, baixo) disse, "ué, por que não pegamos o título? Ninguém nunca vai saber" (risos). Realmente, durante todas as entrevistas, ninguém nos perguntava sobre Archie Shepp. Até agora, pelo menos (risos).

Da minha parte, acho perfeito que tenham usado o nome deste álbum do Archie Shepp. Não acho que *The Magic Of Ju-ju* (1967) combinaria com a música de vocês (risos).

Danko: Não, definitivamente (muitos risos). No fim das contas, escolhemos o melhor.

E agora decidiram roubar o título de outro clássico do jazz (risos).

Danko: Exatamente (risos). Pois é, mais uma vez estávamos tendo problemas para encontrar o título perfeito, e então começamos a falar todos os títulos de álbuns de jazz que lembrávamos. O Rich sugeriu '*A Rock Supreme*' como um tipo de piada, já que estávamos todos falando de álbuns de jazz. Na hora pensei, 'espera um minuto. Isso é um sacrilégio, pois *A Love Supreme* é possivelmente o melhor disco de jazz que já foi gravado!'. Mas comecei a levar a sério, pois é um ótimo álbum, um disco que realmente amo. Já que estávamos nesta vibração de homenagear nossos velhos ídolos, que maneira poderia ser mais efetiva do que usar o nome de um álbum como esse? Enfim, escolhemos esse título e mantivemos o 'rock' no nome para não irritar demais os fãs de jazz (risos).

A ROCK SUPREME
AFM VALHALL - NAC.

Agora que falamos do título, o que pode nos falar sobre a capa de *A Rock Supreme*?

Danko: A primeira coisa que quero dizer é que amo essa capa, e amo o estilo de arte deste artista. A capa de *A Rock Supreme* foi elaborada por Ulf Lundén, que tem um grande prestígio no cenário atualmente. Nós gostamos muito do trabalho que ele fez para o Graveyard, se bem me lembro, ele fez a capa dos dois álbuns mais recentes deles. Bem, nós entramos em contato com Ulf, e ele nos disse que estava muito ocupado naquele momento, mas que tinha essa arte inédita, que nunca tinha sido utilizada em um álbum. Acho que a arte seria para a capa de um disco de uma outra banda, mas ele nunca nos disse qual. Enfim, a arte era incrível! Ele acabou fazendo algumas alterações para deixar com a nossa cara, incluiu imagens antigas da nossa banda, mas manteve a garota como imagem central. Acho que é uma das nossas capas mais icônicas, e realmente combinou com a aura do álbum.

Sim, concordo. E falando sobre a aura de *A Rock Supreme*, o álbum começa com *I'm In A Band*. Ela é uma música animada, cheia de energia e emoção, o tipo certo de música para iniciar um álbum do Danko Jones, certo?

Danko: Com certeza. Sabe, eu considero essa música como um retrato da minha jornada pessoal, através destes vinte e três anos de jornada musical intensa! É até engraçado, pois num desses dias alguém me perguntou se o título dessa música era uma espécie de piada. Como assim? Não tem como ser uma piada, está tudo na letra, tudo o que tenho feito nas últimas décadas (risos). Pessoalmente, gosto muito dessa música, tem guitarras muito legais, uma letra bacana, gosto como as coisas se encaixam. Ela realmente encapsula tudo o que eu gosto na música e em fazer música. Tudo o que sempre quis era estar numa banda, e esta música fala que consegui fazer isso.

Então, por que escolheram *Dance, Dance, Dance* como o primeiro vídeo oficial deste novo álbum?

Danko: Eu não saberia dizer. Na verdade eu nem sabia que essa música receberia um vídeo, é estranho isso. Mas é um vídeo bem legal, a música também é bem interessante. E, entendo o que você quer dizer, acho que por conta de todo o contexto eu também preferiria que o primeiro vídeo fosse *I'm In A Band* (risos).

E quanto a *Lipstick City*? Pelo que percebi na internet, os fãs estão amando esta música.

Danko: Sim, temos tocado essa música em praticamente todos os nossos shows, e a resposta está incrível! No geral, este álbum está recebendo ótimas críticas, tanto da imprensa como dos fãs. É um ótimo prêmio após tantos anos de banda e tantos álbuns.

O Danko Jones tem planos para tocar no Brasil?

Danko: Sim, estes planos sempre existem. Acho que poderemos passar por aí em 2020, existem conversas neste sentido, mas nada confirmado. Quando acontecer, tenha certeza, vamos colocar todo mundo para agitar, será uma honra e um prazer para nós!

O próximo álbum de vocês vai se chamar *Kind of Blue*?

Danko: Ah... (muitos risos). Não sei se o próximo, mas certamente Miles Davis também merece a nossa homenagem. Então, está anotado aqui (risos).

LEGADO INESTIMÁVEL

FELIPE MACHADO FALA DA TURNÊ VIPER & GUESTS QUE CELEBRA COM OS FÃS A OBRA DE UMA DAS BANDAS MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DO METAL NACIONAL

POR RAFAEL DUTRA

Guilherme Martin, Pit Passarell, Luis Mariutti, Fábio Ribeiro, Leandro Caçoilo, Hugo Mariutti, Felipe Machado e Ricardo Confessori: celebrando entre amigos um dos ícones do metal brasileiro

Eram apenas cinco garotos em 1985, ano em que o Viper deu o primeiro passo para se tornar, naquela segunda metade dos anos 80, um dos nomes mais importantes de um ainda jovem metal nacional. Mais de três décadas depois, os integrantes originais Felipe Machado (guitarra) e Pit Passarell (baixo) dão sequência a essa história ao lado dos veteranos Guilherme Martin (bateria) e Hugo Mariutti (guitarra) e do novato Leandro Caçoilo (vocal) na Celebration Tour, para comemorar o legado com antigos fãs e apresentá-lo aos mais novos. E o momento pedia um formato especial, batizado de Viper & Guests para receber o baixista Luis Mariutti, o batera Ricardo Confessori e o tecladista Fábio Ribeiro, do Shaman... Sim, a turnê também será uma homenagem ao saudoso maestro Andre Matos, e Felipe contou tudo numa entrevista tão sincera quanto bem-humorada – e você confere o restante da conversa no site da ROADIE CREW, assim como os bate-papos com Guilherme e Luis Mariutti. Boa leitura!

Como surgiu a ideia da Viper & Guests Celebration Tour? O show em homenagem ao Andre Matos, na Praça da República, em São Paulo, tem algo a ver?

Felipe Machado: O Viper nunca chegou a parar, e dois meses antes da morte do Andre nós tínhamos feito o Viper [illegible] um evento anual, no dia 8 de abril, o [illegible] que comemoramos o aniversário da banda do nosso primeiro show. O Viper estava na ativa, só que meio devagar, com poucos planos, e daí ocorreu a tragédia que todo mundo acompanhou, que foi o falecimento do Andre. Com isso, tivemos muito carinho dos fãs e várias mensagens de lembranças dele, o que nos tocou bastante. Daí surgiram dois shows, e o primeiro foi aquele Angra & Friends na Praça da República (N.R.: em 13 de julho, Dia do Rock), quando nós e o Shaman fomos convidados. Tocamos *Living for the Night* e até *Carry on*, e quando é que eu imaginaria tocar *Carry on* com o Angra! Não imaginava nem que eu saberia tocá-la, de tão complicada! (risos) Ainda rolaram algumas músicas com o Shaman, e a participação nesse show acabou nos aproximando, sendo que o Hugo, que também é do Viper, é um cara que sempre esteve muito próximo do Andre, desde o Shaman até a carreira solo. Depois disso, recebemos um convite da Kiss FM para participar de um show, com envolvimento até mesmo da Prefeitura de São Paulo, e acabamos montando uma apresentação que batizei de The Maestro, um show realmente em homenagem ao Andre. Tocamos algumas músicas do Viper e outras do Shaman, e esses dois eventos foram muito intensos, muito emocionantes para nós e também para o público. Bom, depois daquela apresentação na Praça da República, que foi uma experiência muito forte, [illegible] era amigo do Andre, e o mais curioso é que eu nem conhecia muito bem o Baron. Era mais de nome, de já tê-lo encontrado em outros lugares, mas não era um cara assim tão próximo, um amigo, só que naquele dia começamos a bater papo por volta das 14h e levantamos às 22h! Conversamos para caramba relembrando as coisas do Andre. Ele me falou um pouco da carreira dele, que eu não conhecia tão bem, e eu falei também um pouco do Viper, porque o Baron acompanhou o Andre, não a fase posterior da banda. Trocamos várias ideias, e daí veio para mim, e acredito que também para ele, a sensação assim de 'Porra, precisamos fazer alguma coisa!'. Depois disso, fiquei pensando bem, conversei com o Pit e o Guilherme e falei 'Porra, nós temos que tocar, meu!' (risos). Cheguei para o Baron e disse: 'Paulo, queremos voltar com o Viper, queremos tocar, mas teria que ser com alguém como você, um empresário legal, um cara que possa fazer uma turnê legal, para voltar essa história do Viper à altura do que a banda merece, porque foi ela que praticamente que deu origem a todas essas outras bandas'.

Eu iria chegar nesse ponto, ou seja, da celebração de uma banda cuja importância para o metal nacional é imensurável.

Felipe: Isso! Uma coisa mais ou menos [illegible], mas sem essa pompa e circunstância [illegible]. Mas eu falei para ele que, tirando [illegible] que era de Belo Horizonte, o [illegible] praticamente a banda de metal [illegible] o que deu origem a todo esse [illegible] Europa e tal. O Andre saiu [illegible]

formou o Angra, o Shaman, a carreira solo e os projetos dele, mas tudo começou no Viper. Começou comigo, Pit, Yves e Andre, então disse: 'Baron, só vale a pena entrarmos num projeto assim se for com alguém como você, que sempre faz umas produções muito legais'. E ele respondeu: 'Eu topo! Também estou a fim, então vamos fazer alguma coisa! Mas quero fazer algo maior, vamos chamar convidados, fazer uma homenagem não só ao Andre, mas ao Viper e sua história'. De certa forma, é uma homenagem ao metal nacional, tanto que o dia da morte do Andre (N.R.: 8 de junho) virou o Dia do Metal em São Paulo, né? E aí o Baron começou a se mexer, porque ele é assim mesmo. É tão rock star quanto os caras da banda (risos), tão artista quanto os músicos. 'Vamos colocar duas baterias no palco!', eu disse: 'Tem certeza? Que coisa louca!', e ele continuou: 'Não é, não. Chamamos o Ricardo Confessori, do Shaman, juntamos o Pit e o Luis Mariutti também, já tem o Hugo... E foi assim que começou a bolar esse show meio megalomaníaco (risos).

Fico imaginando se essas ideias megalomaníacas só aconteceram porque vocês ficaram oito horas bebendo cerveja e vinho...

Felipe Machado: A ideia agora surgiu muito do carinho que recebemos dos fãs com essa coisa toda do Andre; da nossa vontade de homenageá-lo e também a história do Viper, que deu origem a tantas coisas legais; e do fato de ter um parceiro como o Paulo Baron. Juntar tudo isso nos ajudou, nos impulsionou a anunciar essa Viper & Guests, e a turnê é uma celebração, não é para ser uma homenagem triste. É para celebrar e fazer uma homenagem para cima, mesmo, a tudo que o Andre fez e ao que Viper teve e tem de histórias bonitas. Vamos incluir músicas de várias épocas, então é um momento histórico, para nós, meio simbólico. Estamos comemorando 30 anos do *Theatre of Fate*, e isso tem muito a ver com a nossa vida também. Não é somente uma homenagem ao Andre. É uma homenagem a toda essa carreira tão longa que temos.

Mas como será o formato dessa turnê de celebração? Com duas baterias e os músicos também do Shaman, como é que estão os ensaios?

Felipe: Não faz pergunta difícil, Daniell (risos). Faz uma mais fácil, porque só agora que está tudo anunciado, está tudo marcado, é que vamos descobrir como vai ser (risos). Estou brincando!

Imagino! (risos), porque já tem até show marcado fora do Brasil...

Felipe: Exatamente! Tem um anunciado em Santiago, no Chile, mas a verdade é que estamos começando a ensaiar agora, e o que vai acontecer provavelmente é que teremos algumas músicas para os dois bateras, em outras o Guilherme e o Ricardo irão se revezar. Talvez não seja o show inteiro com os dois, mas várias músicas serão com as duas baterias. E também estamos começando a montar o repertório agora, mas a ideia é que seja um set do Viper, ou seja, que não toquemos Shaman, então vamos ver. Acredito que tocaremos algumas do Angra, por exemplo, e também alguns covers que fizeram parte da carreira do Andre. No geral, a ideia é que seja um trabalho do Viper, mesmo, com uma coisa ou outra do Angra e os covers de um jeito bem pontual. Vamos focar mais no repertório do Viper, mesmo que os convidados do Shaman façam com que as pessoas naturalmente imaginem que tenha Shaman. É o Viper com convidados, não Viperman ou Shiper (risos), mas agora que falei isso para você, surgiu essa ideia! Viperman seria um nome bom, né? (risos)

> É PARA CELEBRAR E FAZER UMA HOMENAGEM PARA CIMA, MESMO, A TUDO QUE O ANDRE FEZ E AO QUE VIPER TEVE E TEM DE HISTÓRIAS BONITAS

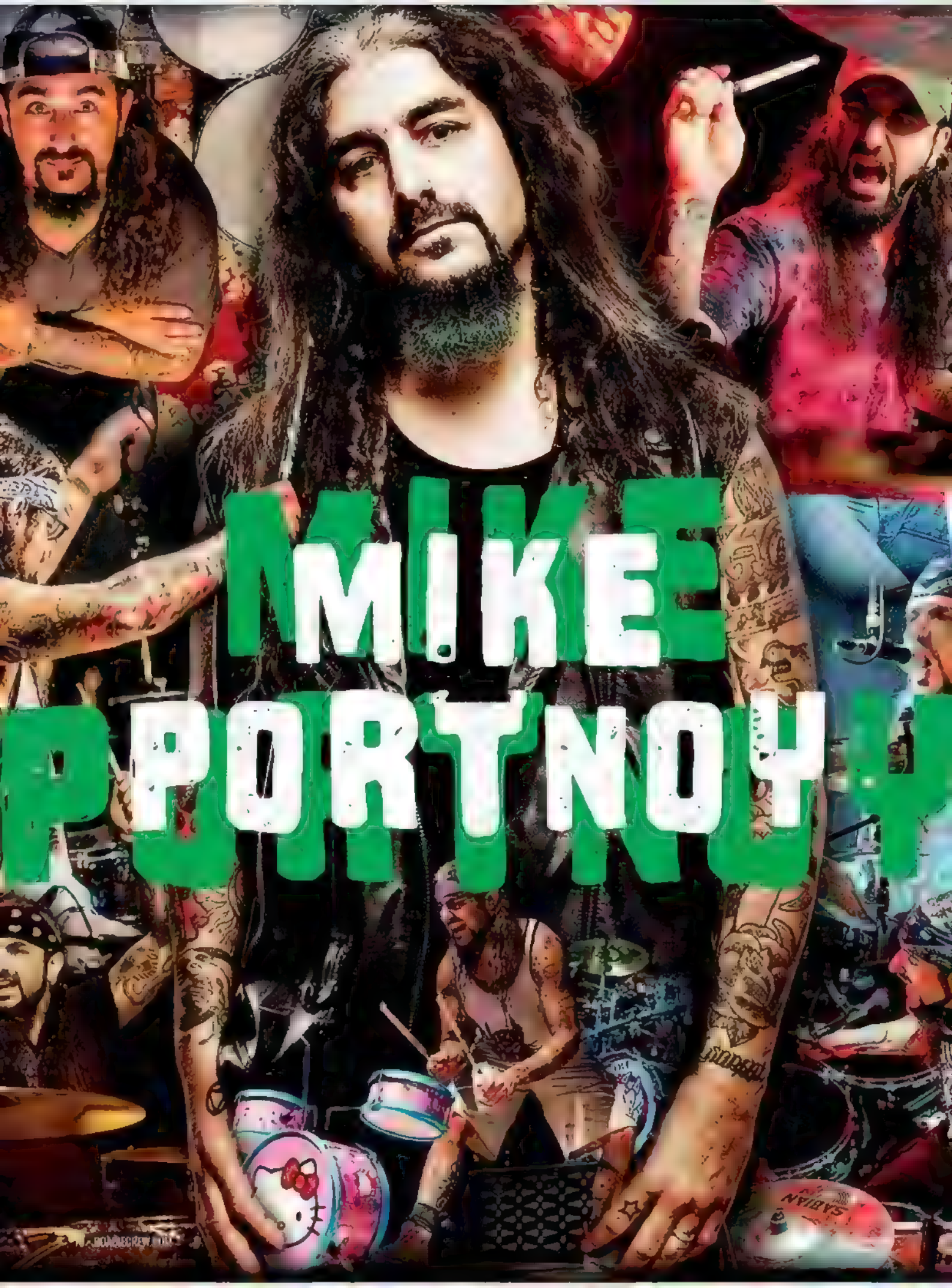
Mas a minha pergunta é a seguinte. Como você mesmo disse antes, o Viper começou uma cena bem particular no metal nacional, porque ultrapassou as fronteiras do Brasil e, por exemplo, fez muito sucesso no Japão, só que em determinado momento isso cessou. No entanto, durante muito tempo eu tive aquela sensação de que o Viper era para ter sido o Angra, o que o Angra conseguiu e manteve, por exemplo. Por que não aconteceu?

Felipe: Olha, eu não sei. Podem ter sido vários fatores, porque tantas coisas podem influenciar nesse tipo de coisa, então fica difícil falar em uma razão. Mas estávamos com a carreira indo para um caminho que era o caminho do Andre, do metal mais melódico, do lance das composições mais clássicas com o heavy metal, e depois fomos por outro caminho. Talvez eu possa atribuir isso às mudanças de estilo da banda. Por exemplo, tínhamos uma equipe toda formatada para o metal melódico, com gravadora no Japão e na Alemanha, e de repente partimos para fazer um som mais pesado, aí o Angra pegou esse caminho. Coincidentemente, encontrei com o Kiko Loureiro ontem, quando falei sobre isso com ele (N.R.: a entrevista foi realizada no dia 18 de setembro). O Angra pegou o esquema do Viper e levou para frente, então, se tivéssemos continuado com o Andre, se o Andre tivesse gravado o *Evolution*, por exemplo, vai saber o que poderia ter acontecido? No entanto, olhando para trás agora, conseguimos ver os erros que cometemos, e o disco em português talvez tenha sido um erro. As coisas pareciam fazer sentido quando o lançamos, mas hoje é muito fácil tentar reconstruir o passado ou tomar decisões que não tomamos na época. Tivemos que tomar várias decisões no passado, algumas foram acertadas, e outras não, e aí é muito difícil voltar e ver quais foram as certas e as erradas. É fácil pensar nelas hoje, mas não é tão fácil na hora de decidir. Há contextos diferentes. Se você lembrar bem, o Viper ficou mais famoso no Brasil com o Pit no vocal do que com o Andre.

Eu iria chegar nesse ponto, porque o *Evolution* foi um disco muito bem recebido, e o sucesso continuou pelo menos aqui. Lembro-me de um show que o Viper fez com o Overdose no Circo Voador, que estava cheio para caceta...

Felipe: Exatamente! Talvez a música tenha ficado um pouco pesada demais? Pode ser, mas tínhamos ido para Los Angeles, estávamos com outras influências, outras coisas na cabeça... E o disco em português foi um erro? Pensando bem agora, talvez sim. Mas na época convivíamos muito com o pessoal do rock cantando em português, o Capital Inicial era uma banda muito próxima, éramos muito amigos do pessoal da Legião Urbana, que nos apresentou ao produtor Mayrton Bahia, e o Dado Villa-Lobos ainda participou do disco (N.R.: com vocais na faixa *Dinheiro*)... Enfim, aquele contexto foi a decisão que julgamos ser o certo no momento. Olhando agora, depois de pouco mais de 20 anos, falamos: 'O que foi aquilo? Mas que cagada! Queria ter feito diferente...' e teria feito muitas coisas diferentes não só no Viper, mas na minha vida (risos). Acredito que todos nós pensamos assim, né? Mas nunca fomos uma banda em cima do muro, sempre tomamos as decisões e fomos atrás delas, mesmo as erradas. Sempre bancamos. Na época do *Evolution*, o Andre pensou em voltar para o Viper, mas mantivemos o Pit como vocalista, ou seja, tomávamos as decisões e as levávamos a sério porque eram decisões artísticas e, também, decisões que diziam respeito a quem éramos na época. Hoje, olhando para trás, consigo ver todas essas coisas que falei. De repente, o *Coma Rage* era muito pesado. Talvez tenha sido um erro gravar com o Bill Metoyer, que havia trabalhado com o Slayer? Deveríamos ter escolhido um cara mais do metal melódico? Há várias perguntas que hoje podemos responder 'Poxa, deveríamos', mas a vida não tem Ctrl + Z, né? (risos) No Word dá para voltar atrás, mas na vida não conseguimos (risos). A verdade é que nós arriscamos, assim acertamos algumas coisas e erramos outras. E aqui estamos novamente, 30 anos depois do *Theatre of Fate*, então nem todas as decisões foram erradas, né?

DREAM FESTIVAL
SÃO PAULO
DREAM THEATER
DISTANCE OVER TIME TOUR CELEBRATING 20 YEARS OF
SCENES FROM A MEMORY
KILLSWITCH ENGAGE
Sabaton
TURILLI / LIONE RHAPSODY
07/12 SÃO PAULO, BRAZIL @ ANHEMBI
anhembi
LIBERATION
VENDAS:
clubedo ingresso
www.liberationmc.com / www.dreamtheater.net


MIKE
PORTNOY

MEMÓRIAS DO BRASIL

MIKE PORTNOY FALA DA PARCERIA COM O NOTURNALL, DA RELAÇÃO ESPECIAL COM OS FÃS BRASILEIROS E DE MOMENTOS MARCANTES EM SUAS MUITAS VINDAS AO PAÍS

POR DANIEL DUTRA

Mike Portnoy deveria ter um passaporte apenas para os carimbos de entrada no Brasil, e muito disso se deve ao relacionamento construído com o fã brasileiro desde 1997, quando debutou no país ao lado do Dream Theater. Preparando-se para voltar, agora para uma turnê de nove datas como convidado especial do Noturnall, cuja parceria rendeu o videoclipe da música *Scream! For!! Me!!!*, o baterista – que hoje divide seu talento entre Sons of Apollo, Flying Colors, Metal Allegiance, The Winery Dogs, Transatlantic e Neal Morse Band – lembrou-se de momentos especiais nas suas várias andanças por aqui, falou do impressionante currículo e muito mais. Até de cinema, séries e de seus álbuns favoritos de 2019, mas aqui você confere os melhores momentos musicais como aperitivo para os shows especiais em Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, São Paulo, Nova Friburgo, Limeira, Porto Alegre, Recife e Criciúma, nos dias 1º, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 15 e 17 de novembro, respectivamente. Quer saber mais? Devore estas páginas.

Acredito que Mike Orlando tenha desempenhando algum papel nessa história, mas como surgiu o relacionamento com o Noturnall?

Mike Portnoy: Na verdade, surgiu antes mesmo de eu saber que o Mike estava envolvido com o Noturnall. Recebi um e-mail da banda perguntando se eu poderia tocar em uma música de seu próximo álbum, e levou um tempo até conseguirmos coordenar as agendas, porque eu não estava disponível à época. Só tive condições de fazer acontecer, finalmente, enquanto estava no estúdio gravando o novo disco do Sons of Apollo, mas foi somente depois de dizer 'sim' que recebi uma mensagem do Mike, que agradeceu e disse estar empolgado com a minha participação. Não sabia que ele era integrante do Noturnall, honestamente, e fiquei surpreso, agradavelmente surpreso quando descobri isso. Você sabe, nós temos uma história juntos no Adrenaline Mob, assim foi muito legal gravar novamente algo em que o Mike faz parte.

Mas você conhecia o Noturnall antes de tudo isso?

Mike: Sinceramente, não, mas fui conferir o som da banda assim que recebi o convite, afinal, precisava ter certeza de que era algo pelo qual eu me interessaria. Depois que ouvi, percebi que se trata de uma ótima banda, então topei participar.

E a participação em uma música acabou virando uma longa turnê no Brasil. Creio que não será algo como The Shattered Fortress, porque vai abranger muito mais do que o Dream Theater, então o que os fãs podem esperar?

Mike: Uma coisa que os fãs precisam saber é que não farei o show inteiro com o Noturnall, que tocará as suas músicas com o seu baterista, e só depois, no fim do set, é que participarei como convidado especial. Mas vamos tocar material do Dream Theater e do Adrenaline Mob, além de uma ou outra coisa diferente, então realmente será diferente. O Shattered Fortress foi a minha turnê, na qual escolhi as músicas e os músicos, assim foi o meu show, enquanto agora será o show do Noturnall comigo de convidado especial na segunda parte.

Isso é interessante, porque conheço muitos fãs que estão esperando por um show inteiro com você e apenas com músicas da sua carreira.

Mike: Não sei como os shows estão sendo promovidos, uma vez que estou nos Estados Unidos (risos), mas gostaria que não houvesse nenhum mal-entendido, o que poderia causar algum tipo de decepção. O show é do Noturnall, e sou apenas um convidado especial, mas isso não faz com que a turnê seja menos especial. Será algo divertido para todo mundo, inclusive para mim, porque não é toda hora que tenho a oportunidade de revisitar algumas das músicas do Dream Theater que iremos tocar, e é um momento especial para os fãs quando faço isso.

E falando dos fãs brasileiros, sempre achei muito legal a relação que tem com eles e com o Brasil. Você esteve aqui com quase todas as suas bandas e projetos desde a primeira vez com o Dream Theater, então quais são as suas melhores lembranças?

Mike: Cara, eu tenho tantas lembranças maravilhosas! Sinceramente, os fãs brasileiros são um dos meus públicos favoritos, e é curioso que esta turnê com o Noturnall será a mais longa da minha carreira no Brasil. Quando vou ao seu país, normalmente toco em São Paulo, às vezes no Rio de Janeiro, em Porto Alegre ou em Belo Horizonte, e fica apenas nisso. Desta vez, terei a oportunidade de tocar em cidades onde nunca estive, o que deixa tudo ainda mais empolgante para mim. Mas respondendo à sua pergunta (risos), foram vários grandes momentos, então me deixe pensar... Um que vem à memória foi o Rock in Rio em 2011, quando toquei com o Stone Sour porque estava substituindo meu amigo Roy Mayorga. Ele ficou em casa porque havia acabado de se tornar pai, e eu toquei para um dos maiores públicos da minha vida! Foi meio aterrorizante ser chamado para fazer apenas um show diante de todas aquelas pessoas (risos), mas foi memorável. Tocar com o Avenged Sevenfold também foi especial (N.R.: no festival SWU, em 2010), assim como foram os shows do Shattered Fortress (N.R.: em 2017) e do Adrenaline Mob (N.R.: em 2013) em São Paulo, e a Lzzy Hale ainda se juntou a nós para cantar uma música (N.R.: *Come Undone*, cover do Duran Duran que a vocalista e guitarrista do Halestorm gravou no primeiro álbum do Adrenaline Mob, *Omertá*, de 2012). Meu Deus, foram tantos shows! Claro, há muitas lembranças legais com o Dream Theater, e poder levar o Transatlantic ao Brasil (N.R.: em 2014) foi incrível! Deu para perceber que é muito difícil escolher apenas um ou outro (risos), porque todas as vezes que estive aí foram experiências maravilhosas.

Então eu gostaria de destacar duas delas, e a primeira foi exatamente a

estreia do Dream Theater no Brasil, em 1997. O show no Rio de Janeiro estava lotado, e a banda tocou em primeira mão música do *Falling Into Infinity*, que não havia sido lançado. Acredito que você não sabia o que esperar, certo?

Mike: Lembro-me claramente de tudo, porque foi a nossa primeira vez na América do Sul. Foi a primeira vez que vimos como os fãs brasileiros são incríveis, a lembrança mais vívida que tenho não foi exatamente do show, mas da sessão de autógrafos que fizemos numa loja de discos. Havia milhares de fãs na entrada, então não conseguíamos nem mesmo entrar na galeria onde ficava a loja! (risos) Parecia um hospício, porque as pessoas queriam qualquer contato conosco, assim tivemos de nos separar para conseguir entrar. Foi realmente quando vimos o quão louco é o fã brasileiro, mas louco no bom sentido (risos). Para mim, o melhor de tudo é que pude voltar umas 20 ou 30 vezes depois disso, com pelo menos uma dúzia de bandas diferentes. Fico feliz de sempre poder incluir o Brasil nas minhas turnês.

A segunda foi a sua vinda com o Fates Warning em 2012, abrindo para o Queensrÿche. Costumo dizer que as duas bandas mais o Dream Theater são a santíssima trindade do prog metal, e lá estava você para deixar o pacote completo (risos). Havia vários fãs seus naquela noite, então, a despeito do que aconteceu nos bastidores, quais são suas lembranças?

Mike: (rindo) Foi outra grande noite, e um momento especial para mim. Os caras do Fates Warning são grandes amigos meus desde os anos 80, então temos uma história juntos. Eu e Jim Matheos gravamos com o OSI (N.R.: os discos *Office of Strategic Influence*, de 2003, e *Free*, 2006) e o EP do John Arch (N.R.: *A Twist of Fate*, 2003), então foi um prazer fazer aquele show com eles. Eu já havia tocado com a banda uma vez nos anos 2000, na Holanda (N.R.: no Headway festival, em 2005), mas foi ótimo levar aquela experiência para os fãs brasileiros em São Paulo, porque esses caras são grandes amigos, e a música deles é fantástica. Claro, foi um show bem íntimo também para o Queensrÿche, por causa de todos aqueles fogos de artifício no backstage (gargalhadas), mas não deixa de ser mais um pedaço de história que posso compartilhar com vocês (N.R.: Portnoy refere-se à discussão que levou Geoff Tate a agredir Michael Wilton e a derrubar a bateria de Scott Rockenfield do praticável antes do show, além de vários outros problemas que selaram a saída do vocalista do Queensryche).

Mais cedo você mencionou o Sons of Apollo, e há poucos meses disse ao Jeff Scott Soto, durante uma entrevista, como fiquei agradavelmente surpreso com o rumo mais pesado da banda. Jeff respondeu que adora o fato de o grupo não soar como qualquer outro de prog metal, mas creio que este era o seu objetivo, não?

Mike: Quando eu e Derek (Sherinian) montamos o Sons of Apollo, nós imaginamos seguir no caminho do que fizemos no Dream Theater. No entanto, assim que completamos a formação, que iniciamos o processo de composição com Bumblefoot e que o Jeff começou a gravar seus vocais, a banda obviamente virou algo muito diferente do Dream Theater, o que acho ótimo. Claro, há aquele toque mais técnico e virtuoso que Derek e eu costumamos fazer na música progressiva, mas a voz do Jeff deixou nosso som mais acessível, por exemplo. A maioria dos grupos de prog metal tem aqueles vocalistas mais operísticos, enquanto o Jeff é um cara mais bluesy, funky e R&B, e isso adicionou um sabor diferente à música. Além disso, o estilo de compor do Bumblefoot é muito diferente, numa afinação em ré e com aquele som de guitarra fretless, o que também trouxe novos ingredientes. Ou seja, o Sons of Apollo se tornou algo diferente daquilo que havíamos visualizado, mais voltado para o campo de bandas como Deep Purple, Rainbow e Van Halen, mas misturado com elementos técnicos, virtuosos e progressivos. E isso é muito bom! Não queríamos soar exatamente como o Dream Theater, mas pensamos que poderíamos ir nessa direção, então fico satisfeito que não fomos. O Sons of Apollo transformou-se numa banda própria.

E outra coisa que discutimos foram os covers no *Live With The Plovdiv Psychotic Symphony* (2019), os quais eu adorei, e Jeff disse que a culpa é toda sua (risos). Assim, como foi o processo de escolha? Teve algum que você gostaria de ter gravado, mas que ficou fora?

Mike: Isso é interessante, porque gravei centenas e centenas de covers durante a minha carreira até o momento. De álbuns completos com o Dream Theater (N.R.: a banda lançou CDs ao vivo, numa série de bootlegs oficiais, tocando álbuns como *The Number of the Beast*, do Iron Maiden; *Dark Side of the Moon*, do Pink Floyd; e *Made in Japan*, do Deep Purple) às bandas-tributo que fiz com o Paul Gilbert (N.R.: a Led Zeppelin, Rush, The Who e The Beatles) aos discos bônus de cover com Neal Morse e Transatlantic, eu já fiz tanta coisa! É uma grande paixão minha prestar homenagem a outros artistas, simplesmente porque sou um grande fã de música, e tenho no meu celular uma lista com um sem-número de covers que gostaria de fazer futuramente (risos). Por isso, quando surgiu a oportunidade de gravar com uma orquestra e um coral em Plovdiv, não tive o menor problema em escolher os covers (risos). Foi muito fácil, mas estipulei dois critérios para fechar a lista. O primeiro é que as bandas precisam ter alguma similaridade com o estilo do Sons of Apollo, porque eu precisava escolher aquelas que fossem apropriadas ao nosso som, ao nosso instrumental, e essas bandas foram Led Zeppelin, Rainbow, Ozzy Osbourne, Aerosmith, Queen e Van Halen, ou seja, foram opções bem naturais. Depois, a escolha das músicas foi baseada no fato de que as tocaríamos com uma orquestra e um coral, então sabia que *Diary of Madman* ficaria ótima com o coral, que Gates of *Babylon* e *Kashmir* seriam perfeitas para a orquestra. *Comfortably Numb*, do Pink Floyd, foi outra que eu tinha certeza de que encaixaria nesse formato. Basicamente, foram esses dois elementos: o estilo das bandas e o estilo das músicas.

De fato, você é um músico bem prolífico, então tenho algumas perguntas que podem ser difíceis. Para começar, desde a sua saída do Dream Theater, em 2010, você gravou com cinco bandas novas e lançou discos com elas e com vários outros grupos dos quais já participava. Mas qual é o seu favorito?

Mike: Meu Deus, é impossível responder isso! (risos) Todas essas bandas são uma coceira musical diferente, mostram lados diferentes meus. O Metal Allegiance é o lado thrash metal; o The Winery Dogs é o meu power trio de classic rock; o Sons of Apollo abrange o material mais hard rock e progressivo; e o Flying Colors traz algo mais alternativo e pop (N.R.: a banda que completa a lista de novas é o Adrenaline Mob). Sem contar a Neal Morse Band e o Transatlantic, que são muito, mas muito rock progressivo. Cada uma delas funciona como uma saída musical para mim, e ainda tem as gigs para as quais fui contratado. Tive a oportunidade de fazer uma turnê com o Twisted Sister, antes pude tocar com Avenged Sevenfold, Stone Sour e Fates Warning, e todas foram muito divertidas, porque foi só aparecer para tocar bateria na banda de outra pessoa (risos). Honestamente, não consigo escolher apenas uma, porque todas elas fazem parte do que eu sou. Mas como estamos chegando ao fim desta década, comecei a fazer uma lista de todos os discos que gravei desde que saí do Dream Theater, e até agora foram 40! Se eu tivesse continuado no Dream

Theater, teriam sido apenas quatro (risos). A oportunidade de ser criativo, de ter liberdade e canais para explorar tantas coisas diferentes, foi a principal razão de eu romper com tudo aquilo. Eu precisava ser o que eu sou, afinal, sempre soube que eu era muito mais do que apenas o baterista do Dream Theater, então tinha que colocar para fora tudo que estava dentro de mim.

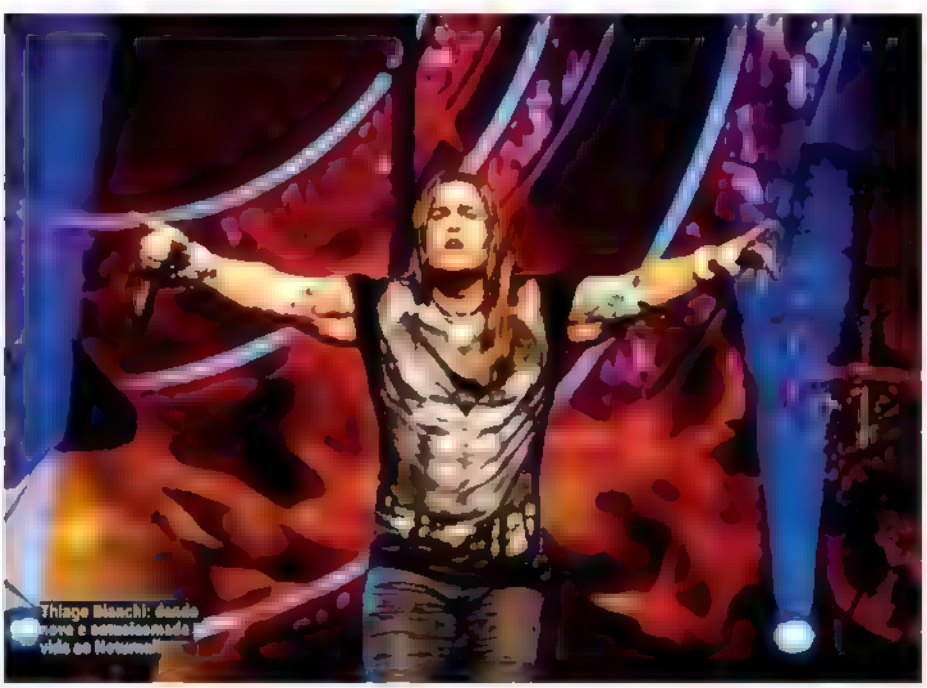
Bom, eu disse que não seria fácil responder (risos). Para terminar, agora falando de toda a sua discografia, se você tivesse de escolher cinco álbuns para definir o Mike Portnoy baterista, compositor e artista, quais seriam?

Mike: Oh, Deus, essa é difícil! (risos) Vou escolher os que vierem logo à cabeça, porque é uma lista que pode mudar amanhã ou se eu parar para pensar mais um pouco. O primeiro é o *Metropolis Pt. 2: Scenes from a Memory* (1999), do Dream Theater, um dos álbuns mais importantes que fiz com a banda... Eu gostaria de estar com eles comemorando o aniversário de 20 anos do disco, e é estranho que eu não esteja, mas essa é outra história (risos). *The Whirlwind* (2009), do Transatlantic, é muito especial para a banda, que, para mim, é uma combinação única e maravilhosa de pessoas e estilos. Preciso citar *The Similitude of a Dream* (2016) e *The Great Adventure* (2019), da Neal Morse Band, como se fossem apenas um, porque eles passeiam pela mesma história. Posso contá-los como um só? (risos) São dois discos conceituais muito, mas muito especiais para mim, também pela oportunidade de trabalhar com músicos e compositores tão talentosos. O quarto é o ao vivo do Sons of Apollo, não apenas porque tem todo o primeiro álbum (N.R.: *Psychotic Symphony*, de 2017), mas por causa de todos aqueles ótimos covers, do coral e da orquestra. Aquela noite vai ficar guardada para sempre, e *Live With The Plovdiv Psychotic Symphony* é um dos discos ao vivo que mais gosto da minha carreira. Falta um... Como isso é complicado! (risos) Não sei se escolho um do Flying Colors ou do Winery Dogs, porque gosto tanto de todos eles... (risos) Vou ficar com o novo do Flying Colors (N.R.: *Third Degree*, 2019), apenas porque é outra banda singular, mais uma combinação muito especial de pessoas, e acho que o terceiro álbum talvez seja o meu favorito, então vou representar o Flying Colors com ele. Aqui estão os cinco discos, mas eu posso citar uma lista completamente diferente, com obras igualmente importantes para mim, se conversarmos novamente qualquer dia desses (risos).

NOTURNALL, O ANFITRIÃO IDEALIZADOR

É inegável que Mike Portnoy seja o grande chamariz da turnê que chega a nove cidades brasileiras em novembro, mas há um nome por trás disso tudo. Na verdade, por trás, pela frente e pelos lados: Noturnall. Em mais uma de suas ações empreendedoras, a banda paulista é a responsável por levar um espetáculo sem precedente ao fã, e isso acontece no momento de reerguimento, como lembra o vocalista Thiago Bianchi. "Encontramo-nos na melhor fase de nossas carreiras como músicos, e com muitas coisas legais acontecendo. E a primeira é o clipe com a participação do Mike Portnoy, o que foi incrível, porque ele é um cara muito difícil no sentido de topar trabalhar com outro grupo. Apesar de fazer parte de um monte de bandas, são projetos dele. Até então, ele nunca havia participado como baterista de uma gravação assim. No máximo, tinha feito um backing vocal ou tocado um gongo num disco (risos)", lembra Bianchi, ressaltando o ineditismo da empreitada. "O Portnoy também nunca participou da turnê de outro grupo, então imagine fazer isso para tocar mais do que músicas de seus próprio projetos... É uma vitória muito grande para o Noturnall. O aval de um cara com o currículo dele é carimbo que mostra que somos uma banda grande e pronta para o mundo. Isso, inclusive, são palavras dele."

Uma banda que precisou mudar depois de três discos – *Noturnall* (2014), *Back to Fuck You Up!* (2015) e 9 (2017) – e de uma debandada: Léo Mancini (guitarra), Fernando Quesada (baixo), Junior Carelli (teclados) e Aquiles Priester (bateria) pularam fora, e o Noturnal se reinventou com as entradas do batera Henrique Pucci, do baixista Saulo Xako e do guitarrista americano Mike Orlando. "Vamos lançar um DVD chamado *Made in Russia*, registro de uma turnê incrível que fizemos com o Disturbed naquele país. O primeiro single será da música *Fight the System* (N.R.: original de *Back to Fuck You Up!*), e essa informação é fresquinha (risos). A revista sai antes, mas é o primeiro lugar onde estou falando", revela um bem-humorado Bianchi durante o papo que você confere na íntegra no site da ROADIE CREW. "E anunciaremos em breve uma turnê pelo Japão, e tudo isso é com o nosso próprio esforço, contando apenas com apoio da nossa cena, dos caras de camisa preta e de músicos como Edu Falaschi, que está na turnê, e o próprio Portnoy. Estão todos se empenhando para fazer algo diferente, e tenho muito orgulho disso. O Portnoy vai tocar músicas do Dream Theater e do Adrenaline Mob que ele não costuma tocar. Conseguimos dobrá-lo até nisso (risos). Estou muito feliz. Sinto-me preparado para representar o Brasil com um cara renomado, que vai levar nosso nome para o mundo inteiro."



Thiago Bianchi: dando nova e entusiasmada vida ao Noturnall

POR RICARDO BATALHA

SIAM

Andy Faulkner, Marcus D. Thurston, Pano Moullaris, Ian Richardson e Tony Mills, formação em Prayer

ORIGEM
INGLATERRA

ÉPOCA
ANOS 90

ESTILO
HARD'N' HEAVY

FORMAÇÃO CLÁSSICA

Tony Mills (vocal), Chris Ward Evans e Darren Horton (guitarras), Andy Faulkner (baixo) e Pano Moullaris (bateria)

DISCOGRAFIA

The Language of Menace (1994) e *Prayer* (1995)

No último dia 18 de setembro, o vocalista Tony Mills, que tinha acabado de lançar o álbum solo *Beyond the Law*, perdeu, aos 57 anos de idade, a batalha contra o câncer de pâncreas. Antes de homenageá-lo na seção "Eternal Idols", preferimos reviver seus momentos com a banda Siam, que o vocalista inglês, nascido Anthony Paul Mills, criou após deixar o Shy, com o qual tinha gravado os álbuns *Once Bitten... Twice...* (1983), *Brave the Storm* (1985), *Excess All Areas* (1987) e *Misspent Youth* (1989). Depois da turnê pelos EUA, ao lado do Enuff Z'Nuff e Sleeze Beez, e de um giro pela Europa, Mills cedeu o posto ao ex-XS e After Hours, Jon Francis, quando o Shy passou a adotar o nome Black Cat e, posteriormente, Crazy Crazy, com John Ward (vocal, Shame, Madam X e Oliver/Dawson Saxon) – o grupo depois voltou a adotar Shy e lançou *Welcome to the Madhouse*, em 1994, com John Ward nos vocais.

Antes de iniciar o Siam, Mills foi recrutado pela gravadora MCA para sair em carreira solo, em 1991. A intenção era gravar um álbum em Manchester (ING) ao lado do engenheiro de som Andy MacPherson (The Who), o guitarrista Bob Maxim e alguns integrantes do 10CC e Sad Café. Este material não foi finalizado e, então, o vocalista, agenciado por Linda Bruce, do Rich Bitch Studios, criou o Siam ao lado de Chris Ward Evans e Darren Horton (guitarras), Andy Faulkner (baixo, ex-Reckless Daughter, Iron Horse, Shock Tactics, Savage Messiah e Marshall Law) e Pano Moullaris (bateria).

O álbum de estreia, *The Language of Menace*, foi registrado no Rich Bitch Studioplex, em Birmingham, com Mills trabalhando na produção ao lado do engenheiro de som Mark Bruce (Magnum, Wraith, Dante Fox). O estilo das músicas mesclava hard rock e heavy metal, com os vocais mais agudos de Mills, em uma linha mais Geoff Tate, como nas faixas *Open Your Eyes*, *Signals of Intuition* e *Midnight Connection*.

Porém, um dos grandes orgulhos da carreira de Mills é *Prayer*, o sucessor de *The Language of Menace*, que foi lançado em 1995. À época, as guitarras estavam sob comando de Marcus D. Thurston e Ian Richardson, que se uniram a Mills. Faulkner e Moullaris no estúdio Sable Rose, em Coventry, para trabalhar com o engenheiro de som Spike.

Muito mais bem produzido, *Prayer* trouxe faixas marcantes, como *Sacrifice Divine*, *Interaction*, *Sleepwaves* e *Liberty*, mesclando hard'n'heavy a uma linha prog, próxima aos trabalhos do Queensrÿche e Fates Warning. "O Siam tinha elementos de Judas Priest, Queensryche, Racer X, Dokken, Hellion e outras influências mais antigas, como UFO e MSG", explicou o saudoso vocalista. "Era uma banda formidável, mas, de alguma forma, nunca teve sua realização completa", acrescentou Mills, que chegou a fazer trabalhos como vocalista de estúdio para Slade, Simon Harrison, Dave Saylor e Cozy Powell.

As turnês do Siam não deram tanto resultado e o grupo acabou se dissolvendo em 1996. Mills, curiosamente, passou um ano como vocalista do YYZ, um tributo ao Rush. Depois, em 2000, voltou a se reunir com Shy, com o qual gravou os álbuns *Unfinished Business* (2002) e *Sunset and Vine* (2005). Nesta mesma fase soltou os discos solo *Cruiser* (2002) e *Freeway To The Afterlife* (2005).

Mills, que seguiu em carreira solo, tendo lançado mais quatro discos – *Vital Designs* (2008), *Over My Dead Body* (2015), *Streets of Chance* (2017) e *Beyond the Law* (2019) –, ainda passou pelo The Sweet, The Andersson Mills Project, China Blue, Serpentine e pelo TNT, com o qual gravou quatro álbuns. Ele, no entanto, nunca se esqueceu do Siam e planejava retornar com a banda. "Depois de 17 anos, desde que o segundo álbum de Siam foi lançado, acho que é hora de produzir um último álbum da banda. Penso que é uma coisa boa! Há um 'negócio inacabado' e, então, pretendo terminar. O terceiro e último álbum se segue, com membros do Siam dos anos 90 e outros músicos talentosos, que também merecem exalar tanta paixão e profundidade de alma nesse encerramento", declarou Mills em 2012.

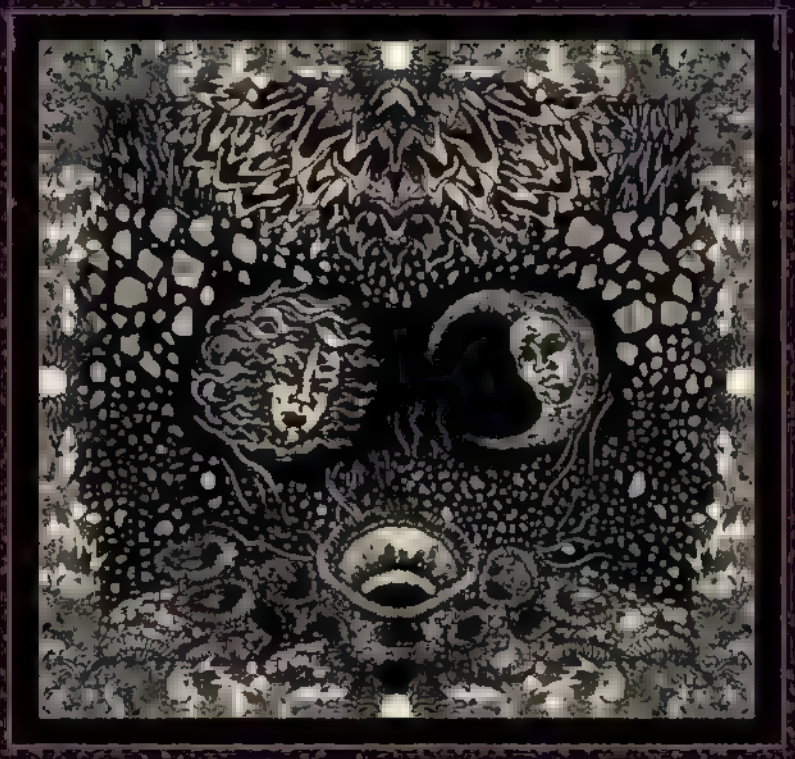
Não foi possível concluir este sonho, mas Mills conseguiu deixar uma grande obra para a posteridade, incluindo o Siam, pelo qual tinha o maior orgulho.

THE LANGUAGE OF MENACE (1994)

PRAYER (1995)

hatefulmurder.com

Hatefulmurder



Reborn - Novo disco do Hatefulmurder
Disponível em todas as plataformas digitais

- DESMOND CHILD -

OS SEGREDOS DE UM HITMAKER

TOR E PRODUTOR AMERICANO É U
RIADORES DE GRANDES SUCESSO

POR MITCH LAFON (*)

"Eu não sei fazer outra coisa." Assim se iniciou a conversa com o produtor e compositor americano Desmond Child, na qual discutimos a gênese de suas composições e como aprendeu o ofício com a sua mãe, a cubana Elena Casals. Nascido John Charles Barrett e hoje com 65 de idade, o hitmaker, que iniciou sua carreira no fim dos anos 1970 ao lado da banda Desmond Child & Rouge, acumulou sucessos. Criativo, compôs músicas e produziu para nomes como Aerosmith, Kiss, Alice Cooper, Bon Jovi, Ratt, Joan Jett & the Blackhearts, Bonnie Tyler, Michael Bolton, Cher, Steve Vai, Roxette, Scorpions, Dream Theater, Bonfire, Kane Roberts e até Ricky Martin e Hanson. Entre diversos assuntos da profissão e da vida pessoal, ele falou da importância de ter um bom título nas composições.

É incrível ler a lista de músicas que você compôs, mas como surgiu isso na sua vida até que se tornasse uma profissão?

Desmond Child: Minha mãe era cubana e compunha bolero. Cresci a seus pés, mas eu não sabia que as pessoas compunham com base no que estavam sentindo. Se ela estava de bom humor, eu percebia que a música era meio alegre, mas quando estava triste, que era a maior parte do tempo, as músicas saíam melancólicas. Eu ficava lá, vendo-a criar. Ficava sentado, me segurando no banco do piano, apenas olhando. Então, quando ela estava tentando compor, eu fazia algumas sugestões. Começou assim.

Mas ela lhe deu lições, como se fosse uma professora ou foi algo instintivo para você?

Desmond: Minha mãe tocava piano e violão de ouvido. As letras dela tinham uma poesia impressionante. Cresci numa família na qual todo mundo fez alguma coisa nessa área. Meus tios criavam música, e um deles era percussionista na boate Tropicana, em Havana (CUB). Meu outro tio começou a cantar num grupo no Latin Four Seasons chamado Los Bucaneros. Isso foi na década de 1950. Eu nasci num rancho em Gainesville, na Flórida (EUA), mas sempre estávamos indo para Havana. Lá havia sempre música acontecendo. Para mim, não era como um tipo formal de aprendizado. Depois da Revolução Cubana, no entanto, a minha família passou por momentos difíceis. Vivi naqueles mesmos projetos que constam no filme 'Moonlight' e minha mãe, nos fins de semana, estava com seus amigos poetas e compositores. Eles cantavam músicas que se tornaram clássicos nos anos 60. Ela começou a primeira organização de compositores exilados cubanos, sempre foi ativista pelos direitos dos compositores, e segui seus passos quando ela faleceu, em 2012. Ajudei a fundar o 'Latin Songwriters Hall of Fame' ao lado de Rudy Pérez, um dos maiores produtores e compositores latinos. Quando entrei no hall da fama de compositores, tomei ciência que era só o terceiro de herança latina a ser aceito, depois de Tom Jobim e Ernesto Lecuona. Eu sabia que, além do Brasil e Portugal, havia milhares de compositores incríveis de todos os países latinos. Então, me envolvi muito para promover isso e também faço parte do conselho da ASCAP (N.R.: a American Society of Composers, Authors and Publishers). Eu nunca parei de criar, e é por isso que nunca paro de lutar pelos direitos dos compositores!

O que pode falar sobre o documentário "Two: The Story of Roman & Nyro" (2013), que narra a história de sua família?

Desmond: São dois homens gays que querem ter os próprios filhos biológicos. Poucos casais tinham tentado a fertilização in vitro, e acho que éramos apenas o 60º casal que foi ao médico com essa finalidade. Fomos a uma conferência de meditação na Índia, com Deepak Chopra, e conhecemos Angela Whitaker e sua mãe, Ruby. Eu olhava para aquela mulher cheia de vida, tão linda... Então, ela me perguntou: 'Por que você me olha assim?'. Eu respondi: 'Porque você vai ter meu filho'. Ela falava: 'O quê? Do que você está falando?' (risos). Quando voltamos para os EUA, ela pediu para me ver e me confidenciou que havia sonhado que havia tido o meu filho. Segundo Chopra, ter tido aquele sonho era quase bíblico. Os bebês foram concebidos em 7 de setembro de 2001 e descobrimos, na 13ª ou 14ª semana, que seriam gêmeos. Documentamos todos os passos, pois sentimos que seria importante mostrarmos às pessoas que, primeiro de tudo, os gays não são inférteis. Penso que há muita ignorância sobre esse assunto, e foi por isso que mostramos ao mundo como fizemos.

Indo para o lado da composição, Jim Vallance me disse que primeiro você tem que ter um título e trabalhar a partir daí. Aí, lembrei-me que li uma matéria sua na Rolling Stone, na qual você também cita que precisa primeiro ter um título. Esse é mesmo o segredo?

Desmond: Eu trabalhei por dois anos com Bob Crewe, que tem muitos sucessos, como *Lady Marmalade*. Seu primeiro hit foi com o Silhouettes, ainda nos anos 50. Quando o conheci, ele estava meio que aposentado da música, estava pintando e esculpindo, mas decidiu trabalhar comigo. Apesar de ter tido um hit com o Kiss em *I Was Made for Lovin' You*, e outro com o Desmond Child & Rouge, em *Our Love Is Insane*, eu realmente não sabia o que estava fazendo. Bob sequer me deixou colocar as mãos no piano até termos um título matador ou, pelo menos, saber sobre o que a música seria. Ele dizia: 'Bem, você não abre a boca para falar a menos que tenha algo a dizer'. Ele sempre foi meticuloso sobre rimas e tudo mais. Eu ficava sentado lá, enquanto ele copiava tudo à mão. E dizia. 'Se cometeu um erro, rasgue a folha'. Não importa onde, comece tudo de novo, rotule o cassete e cante. Quando estou trabalhando, faço dessa forma.

E a sua lista de músicas compostas para artistas de renome impressiona: Ricky Martin, Aerosmith, Cyndi Lauper, Robin Beck, Meat Loaf, Michael Bolton, Vince Neil, Bon Jovi, Ratt... Eles não são do mesmo estilo, então qual é o mecanismo que aborda quando cria?

Desmond: Desde que coescrevi *I Was Made for Lovin' You* com Paul Stanley, e, mais tarde, o produtor Vini Poncia se juntou ao processo no estúdio para colocar os elementos que tinha, fico concentrado como num círculo sagrado. Então, um título me dá uma espécie de ritmo para seguir, pois vai gerar o humor da música. Quando conheci Bon Jovi, eu tinha um título guardado: *You Give Love a Bad Name*. Fui ao encontro de Richie Sambora, na casa onde ele morava com seus pais. Na cozinha, Jon estava falando no telefone com Doc McGhee. Eles pensavam em algumas estratégias. Richie, então, me deixou descer até o porão, que parecia o do filme 'Silêncio dos Inocentes'. Jon desceu, e, então, eu disse: 'Bem, tenho o título: *You Give Love a Bad Name*. Ele se animou e comentou que tinha uma música chamada *Shot Through the Heart*. Então, eu disse: 'Shot through the heart / and you're to blame...', e em seguida nós três emendamos 'you give love a bad name'. Depois, nos cumprimentamos. Aquele foi o início da química que tivemos juntos.

Você é uma espécie de colaborador e um coescritor com diferentes artistas ou a gravadora lhe recruta, pede para escutar algumas músicas e trabalhar para melhorá-las? É por isso que

veio aquele apelido de 'doctor song'?

Desmond: Muito raramente eu gosto de ter que corrigir músicas, mas claro que fiz isso muitas vezes, especialmente quando estava produzindo um disco. Sugeri mudanças, inversões de versos e edições, como cortar uma parte porque ela não iria a lugar algum. Faço coisas desse tipo para ajudar o artista, porque quanto mais forte o disco dele, melhor. Não sei quem veio com essa coisa de 'médico da canção'. Porém, muitas vezes a banda com a qual eu compus não queria admitir que estava colaborando comigo. Então, começaram a dizer 'bem, ele é como um 'doctor song', e a crítica foi atrás. Mas as melhores músicas são as que comecei do zero. Só que diziam que eles tinham composto e cheguei apenas para ajustar ou colocar um par de palavras. Acho que Steven Tyler disse isso sobre *Dude (Looks Like a Lady)*. É engraçado, porque Joe Perry fez uma autobiografia coescrita com David Ritz, que está fazendo a minha. E Tyler também tem a sua biografia, onde citou suas histórias sobre a origem dela. Ambos estavam errados! Há alguns anos, eu e Steven estávamos trabalhando em *Red White & You*, para o disco country dele. Ele a coescreveu com um dos meus parceiros de composição, e foi então que comentei com ele a história correta da *Dude (Looks Like a Lady)*: 'Você estava cantando 'cruisin' for the ladies''. Falei que o livro dele tinha saído, mas perguntei se lembrava daquilo.

E ele respondeu o que?

Desmond: Ele respondeu que sim. Bom, acontece que ele foi a um bar com Joe, alguns roadies e amigos, mas eles só estavam bebendo água com gás, porque estavam em algum tipo de programa de reabilitação. Estavam todos sentados no fundo do bar quando avistaram uma figura curvilínea e chamativa, com cabelos platinados e unhas pretas. Eles estavam disputando quem teria coragem de ir até lá e cumprimentar aquela figura no bar. De repente, uma criatura rude se vira no banquinho. Era Vince Neil, do Motley Crüe, e eles ficaram falando coisas como: 'Oh, meu Deus, você está brincando comigo? Esse cara parece uma dama!'. Steven ficou repetindo essa frase. Joe falou que não sabia o que aquilo queria dizer, e emendei falando: 'Espere aí, vocês estão com um título matador!'. Claro, eu tinha sido treinado por Bob Crewe e toda aquela tensão de opostos era boa. Encorajei-os a usá-lo, dei todo o enredo, e, no fim, Steven confidenciou a mim: 'Eu gostei muito mais da sua história do que a que escrevi'. Ele nem se lembrava (risos). É louco isso, pois na versão do livro dele eu mal contribuí!

Fale-me sobre como ter certeza que não compõe uma música que soa parecida com alguma banda. Vamos pegar *House of Fire* como exemplo. Bon Jovi gravou uma demo para ela, mas, no fim, foi gravada por Alice Cooper...

Desmond: (interrompendo) Não... *House of Fire* foi coescrita com Joan Jett, e, em seguida, a levamos para o Bon Jovi. Jett disse que sentiu que a música soava muito Bon Jovi. Eles gravaram a demo, mas sentimos que não seria mesmo para eles. Foi aí que a apresentei para Alice Cooper. Pensamos em coisas como *Heaven's on Fire*, do Kiss, com aquele tipo de coro que todos cantam junto. Então, fiquei surpreso que a demo dela saiu em uma coletânea do Bon Jovi. Acho que ele esqueceu que não a compuseram, mas tudo bem (risos). Recentemente, encontrei-me com Cooper na festa de aniversário de Bob Ezrin, e estávamos falando sobre como nos conhecemos e sobre o álbum *Trash*. Ele disse que quando está no palco e começa a tocar *Poison*, as pessoas enlouquecem assim que ouvem os primeiros acordes. Fico contente, porque este ano celebramos os 30 anos do lançamento de *Trash*.

Voltando ao que falou mencionando *I Was Made for Lovin' You*, como chegou a Paul Stanley e Vini Poncia para fazer uma música 'disco-rock', diferente do que o Kiss vinha fazendo?

Desmond: Eu fui homenageado com o prêmio ASCAP Founders, o que foi empolgante. Eles me surpreenderam, pois Alice Cooper e sua banda abriram meu segmento tocando *Poison*. Em seguida, Paul Stanley subiu no palco e disse que a primeira vez que me viu, eu estava em um pôster ao lado de três lindas garotas, do Desmond Child and Rouge. Ele ficou intrigado pela nossa imagem e começou a nos seguir. Depois, acabamos ficando amigos. Mas, antes, eu não sabia muita coisa sobre o Kiss. Aí, Paul me perguntou: 'Por que não fazemos uma música juntos?'. Respondi que tudo bem, mas falei que ele tinha que compor comigo para o Desmond Child and Rouge. Daí surgiu a música *The Fight*. Então, fui ao SIR Studios, onde eles estavam ensaiando, e, quando eles deram um tempo, sentei ao piano que havia lá e comecei a tocar alguns acordes. Eu estava pensando em coisas sombrias, obscuras. Na minha mente, eles pareciam monstros, vampiros, com rostos pálidos e sangue escorrendo. A música, com aqueles grandes acordes, começou assim, mas, ao mesmo tempo, eu tinha comprado uma das primeiras baterias eletrônicas, na qual tentava combinar música dançante com rock. Então, se você ouvir *I Was Made for Lovin' You* vai perceber isso tudo acontecendo. Quando você ouve *Livin' La Vida Loca*, percebe que eu trouxe o que tinha aprendido com Kiss, Bon Jovi e Aerosmith, no sentido de bandas de rock de arena. Levei isso para a música latina.

Gostaria de falar sobre a cantora e compositora Maria Vidal, a inspiração para *Livin' On a Prayer* (Bon Jovi). Ela é Gina Velvet, mas não sei quem é o Tommy mencionado na música...

Desmond: (interrompendo) Eu sou o Tommy! Quando trouxe a ideia desses dois personagens, disse Johnny e Gina porque meu nome verdadeiro é John Charles Barrett. Vivi como namorado de Maria por uns quatro anos. Você sabe, nós começamos o Desmond Child and Rouge juntos, e isso foi antes de eu perceber que era mais gay do que era. Mas ela ainda está perto de mim e é a madrinha dos meus filhos. Jon Bon Jovi é um dos padrinhos. Mas, bem, ela trabalhou em um pequeno restaurante, onde havia garçons que cantavam, e o nome artístico dela lá era Gina Velvet. Foi daí que veio a personagem Gina, de Gina Lollobrigida. Então, sugeri Johnny e Gina, mas Jon (Bon Jovi) disse que não poderia porque pareceria que ele estaria cantando sobre ele mesmo. Como Tommy tinha um som parecido, acabou ficando Tommy e Gina. É mais que uma música para mim. Lembro que meus filhos tinham ido deitar e eu estava conversando com Jon, tomando um vinho e jogando conversa fora, tentando resolver os mistérios da vida. Aí, em determinado momento, ele levantou a taça para brindar comigo, e eu disse: 'Você sabe que compusemos uma música que significa muito para várias pessoas'. Ele olhou para mim e respondeu: 'Obrigado'. São poucos os artistas que agradecem.

O que tem de tão especial nela, é a história dos dois personagens ou a música em si? Já ouvi diferentes versões, até mesmo ao piano, e ela sempre soa poderosa.

Desmond: Penso que é a melodia e as palavras, porque é uma canção de esperança. As partes tristes levam para baixo, mas, em seguida, há aquele tipo de mudança e, depois, explode na alegria, como se fosse um hino de esperança. Sei que tem uma filosofia incrível, especialmente na parte que diz 'Porque não faz diferença se conseguiremos ou não'. Nos anos 80, se você não fazia a diferença, era um perdedor. Mas a canção diz: 'Por amor, nós iremos

Hetmeker gravou um único álbum solo, *Discipline* (1991), que traure participações de Vivian Campbell, Steve Lukather, Richie Sambora, Tony Levin, Tico Torres, entre outros

tentar'. Contanto que nos mantenhamos positivos, ela continuará fazendo sentido. Lembro-me de ter recebido uma carta de um sujeito que disse que iria se matar. Ele estava em cima da ponte, sem ninguém por perto, e saiu do carro. Estava se inclinando, preparando-se para pular, quando começou a tocar esta música no rádio, que tinha ficado ligado. Ele disse que pensou: 'Ok, esta vai ser a última que vou escutar na vida, porque é a minha favorita'. Ele, então, entrou de novo no carro e voltou para casa

O que pode falar sobre a concepção de *Humanity: Hour I* (2007) do Scorpions?

Desmond: Muita gente me desaconselhou a fazê-lo, porque diziam que o Scorpions estava acabado. Não dei bola, porque sempre curti Scorpions. Concordei em fazer e tive essa inspiração para aquele tema apocalíptico. Então, cada música tem a ver com uma guerra mundial, onde você sabe que robôs vão assumir o controle e que, de alguma forma, a humanidade está unida em uma só para não deixar que isso aconteça. Antes de começarmos as gravações, fiz Klaus (Meine) tomar lições de voz com Eric Vetro, que estudou comigo na faculdade e se tornou o 'coach' de voz das estrelas. Meu parceiro James Michael, Eric Bazilian, o pessoal do Scorpions e eu nos reunimos em Nashville e compusemos todas as músicas. Uma que não fiz, mas se tornou minha favorita é *We Were Born to Fly* (N.R.: composta por Bazilian, Matthias Jabs e Marti Frederiksen).

Para finalizar, exceto por *Lady Liberty*, que fez para Barbra Streisand e considera sua melhor composição, quais seriam outros artistas com quem teria vontade de trabalhar e ainda não conseguiu?

Desmond: Eu curto todos esses novos artistas conhecidos, como Lady Gaga e Ariana Grande, com quem trabalhei quando ela estava em um de meus workshops do musical Cuba Libre. Ela tinha 16 anos. Nós a vimos crescer, e ela é magnífica. Gostaria de trabalhar com a cantora Sia, com Sam Smith, Troye Sivan, Dua Lipa... Quero dizer, há tantos novos artistas incríveis, mas, para mim, nunca foi sobre o estilo, mas sobre a mensagem que eu posso passar. Posso compor para qualquer estilo, porque busco ajudar a pessoa a mergulhar nas palavras e vir com o seu melhor. Se for assim, eu poderia fazer o que faço para sempre!

(*) Mitch Lafon é apresentador do podcast Rock Talk With Mitch Lafon

Quarenta anos atrás, Child estreara com o Desmond Child & Rouge, que emplacou Last of an Ancient Breed na trilha do filme "The Warriors" ("Os Selvagens da Noite")

NUCLEAR BLAST
NUCLEAR BLAST
A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA
EPICA
DESIGN YOUR UNIVERSE - GOLD EDITION
CD DUPLO
Relançamento do quarto álbum de estúdio dos titãs holandeses do Symphonic Metal. Inclui as versões acústicas de 'Burn To A Cinder', 'Our Destiny', 'Unleashed', 'Martyr Of The Free Word' e 'Design Your Universe'
THE 69 EYES
WEST END
NOVO ÁLBUM dos VAMPIROS DE HELSINKI com as participações especiais de DANI FILTH (CRADLE OF FILTH), WEDNESDAY 13 e CALICO COOPER, vocalista do Beastó Blancó e filha de Alice Cooper.
BATTLE BEAST
NO MORE HOLLYWOOD ENDINGS
Novo álbum da banda finlandesa de hard rock ganhadora do metal battle de [illegible] air 2010. Com vocais femininos. Inclui duas faixas bônus.
BEAST IN BLACK
FROM HELL WITH LOVE
Segundo e novo álbum da banda de power metal do ex-guitarrista do battle beast, anton kabanen. Inclui duas faixas bônus.
NAILED TO OBSCURITY
BLACK FROST
NOVO ÁLBUM da banda alemã de DEATH METAL. INCLUI COMO FAIXAS BÔNUS as versões 2019 das músicas "Abyss", "Autumn Memories" e "Fallen Leaves" do álbum de estreia "Abyss" de 2007.
NORTHTALE
WELCOME TO PARADISE
Álbum de estreia do guitarrista brasileiro Bill [illegible] (ex U.D.O. e Dirkschneider e ex Trans-Siberian Orchestra), do vocalista Christian Eriksson (ex Twilight Force) e do baterista Patrick Johansson (ex Yngwie Malmsteen)
www.shinigamirecords.com.br
11 3719-0993
loja@shinigamirecords.com

OZZY OSBOURNE

Parte 01

Com infância e adolescência difíceis e problemáticas, Ozzy Osbourne se tornaria um dos músicos mais respeitados do planeta

Um fracasso ambulante...

NUMA CIDADE EM RUÍNAS POR CONTA DA II GUERRA MUNDIAL, UM JOVEM REBELDE, DISLÉXICO E DESTINADO AO FRACASSO DÁ OS PRIMEIROS PASSOS RUMO À FAMA MUNDIAL

POR: ANTONIO CARLOS MONTEIRO

Localizada no centro da Inglaterra, Birmingham foi criada no século XII e com o tempo foi tomando ares de cidade grande – atualmente, conta com mais de um milhão de habitantes, sendo a segunda maior cidade da Inglaterra, perdendo apenas para Londres. Sempre teve grande vocação operária e muitas fábricas se instalaram por lá, o que acabou sendo um grande problema durante a II Guerra Mundial. Afinal, era nas fábricas que se produzia tudo aquilo que mantinha um país ativo durante uma guerra, de suprimentos a armas e veículos. Além disso, após a rendição da França, em 1940, a Inglaterra passou a ser o principal objetivo das forças alemãs. Tudo isso acabou fazendo de Birmingham um dos alvos preferidos das tropas comandadas por Adolf Hitler. A chamada "Birmingham Blitz" foi uma série de bombardeios à cidade ocorridos entre agosto de 1940 e abril de 1943 e que deixou números absurdos (como absurda, aliás, é toda e qualquer guerra): foram mais de 1.800 toneladas de bombas lançadas sobre a cidade, que mataram algo em torno de 2.200 pessoas e destruíram nada menos que 302 fábricas e mais de doze mil residências. Ou seja, quando o conflito acabou, em 1945, Birmingham era uma cidade em escombros, de economia em frangalhos e com uma população empobrecida e dilacerada emocionalmente.

Uma vida simples

Foi em Aston, no subúrbio dessa cidade que ainda tentava se reconstruir (o que aconteceria de fato nas duas décadas seguintes), que nasceu John Michael Osbourne em 3 de dezembro de 1948, filho de John Thomas "Jack" Osbourne e Lillian Unitt, ambos operários. O casal já tinha três filhas, Jean, Iris e Gillian, e ainda teria outros dois, Paul e Tony. Todos moravam em uma casa com dois quartos e que não tinha banheiro na área interna. "Eu não sei como meus pais arrumavam tempo para transar", declarou ele com a habitual sutileza em sua biografia "Eu Sou Ozzy", lançada em 2009.

Desde a escola primária foi chamado de Ozzy, uma espécie de abreviatura para Osbourne, e seu lar, apesar do, digamos assim, congestionamento humano, era relativamente normal. Seu pai não era violento com os filhos, nem era de beber até cair. Porém, sua avó paterna tinha transtornos mentais e adorava bater em Ozzy. Uma tia (irmã de sua mãe) chegou a ser internada em um sanatório, até o dia em que conseguiu fugir – e se matou. Por fim, sua avó materna ostentava tatuagens pelo corpo e deu umas pancadas no traseiro de Ozzy com um jornal enrolado quando ele começou a beber além da conta.

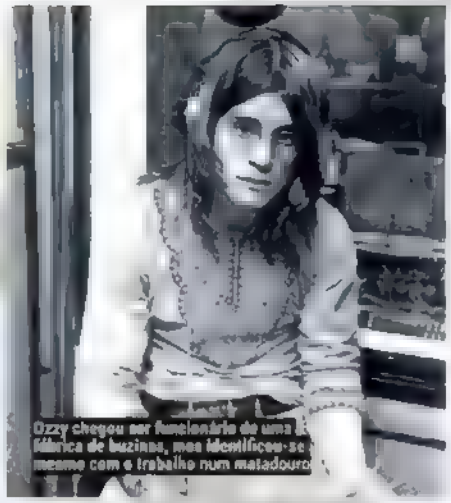
Já a música era algo bastante presente na vida dos Osbournes. Por ser numerosa, a família promovia verdadeiros shows nas noites de sábado, cantando sucessos de gente que despontava na época, como Chuck Berry, Elvis Presley e Everly Brothers. Ozzy fez sua estreia nessas apresentações cantando *Living Doll*, de Cliff Richard. "Nunca pensei que teria uma carreira como cantor", disse ele. "Para mim, a única forma de ganhar dinheiro era trabalhando numa fábrica, como todo mundo em Aston fazia, ou roubando." Chegou a fazer as duas coisas.

Ozzy, o disléxico

Só que, antes de tudo, Ozzy odiava a escola com todas as suas forças. Tinha

Desde a infância John Osbourne foi chamado de Ozzy

O pai de Ozzy ficou transtornado quando viu a tatuagem nos dedos do filho



Ozzy chegou ser funcionário de uma fábrica de buzinas, mas identificou-se mesmo com o trabalho num matadouro

dificuldade de aprendizado, o que complicava as coisas. "Eu olhava para as páginas de um livro e era como se estivesse escrito em chinês."

Havia uma explicação para isso: Ozzy seria diagnosticado com dislexia, transtorno que afeta as habilidades básicas de leitura e linguagem, o que afeta diretamente o aprendizado. "É um estigma muito ruim não conseguir ler como as pessoas fazem", disse ele a respeito. "Eu adoro livros e acho fenomenal se deixar envolver completamente por uma boa leitura. Todo mundo deveria fazer isso! Mas eu infelizmente só consegui isso poucas vezes na minha vida." E completou: "A única coisa boa nisso tudo é que os disléxicos normalmente são pessoas muito criativas", o que o futuro provou ser uma enorme verdade. Só que, sem saber, além da dislexia, Ozzy também tinha déficit de atenção e hiperatividade. Por conta disso, sua história nos bancos escolares só podia ser algo próximo a um desastre completo, o que significava as mais variadas punições por parte dos professores (era um tempo em que professores agrediam fisicamente os alunos como castigo) e muita zoeira por parte dos colegas, que desde sempre escolhem os "diferentes" como vítima.

Um desses colegas era Anthony Frank Iommi, chamado por todos de Tony. Praticamente um ano mais velho que Ozzy, Tony era o bonitão desejado pelas meninas e bom de briga. Os dois nunca chegaram a se pegar, "mas mesmo assim eu me sentia intimidado. Ninguém vencia Tony numa briga." Ele já era conhecido por saber tocar guitarra e todos o admiravam por isso, Ozzy incluído.

Buzinas e matadouro

A saga de Ozzy na escola durou dez anos, já que aos 15 resolveu que não iria mais estudar. Não dava para ficar à toa, então teria que trabalhar. Começou como encanador, durou uma semana. Depois, foi trabalhar numa fábrica como responsável por colocar as peças que chegavam num tanque com produtos químicos. Logo descobriu que cheirar aqueles produtos dava barato e passou a ficar maluco durante todo o expediente. Um dia, apagou em pleno horário de trabalho. Voou mandado para um hospital e depois para o olho da rua. Pensou em migrar para a Austrália e até mesmo tentou se alistar no exército. Foi recusado. Acabou aceitando um dos empregos mais insólitos do mundo: afinador de buzinas de automóvel, na mesma fábrica em que sua mãe trabalhava – pelo menos ela podia ficar de olho nele. Ozzy ficava numa sala sem qualquer proteção acústica testando as buzinas. Testava umas novecentas por dia. Só que, além dele, havia mais quatro sujeitos fazendo a mesma coisa no mesmo ambiente. Aguentou algumas semanas até sair andando pela porta da frente antes que enlouquecesse.

Em seguida, achou um trabalho com o qual se identificou e no qual ficou mais tempo: foi contratado por um matadouro. Teve várias funções no lugar, uma mais escatológica e mais cruel do que a outra, mas era feliz lá. Até o dia em que, após se desentender com um colega, espancou-o com uma das ferramentas que usava no trabalho. O cara acabou no hospital e Ozzy, na rua.

Pouco antes de ser contratado pelo matadouro, Ozzy começou a se interessar mais pela música. Chegou até a inventar uma "banda imaginária" – lembra que os disléxicos são muito criativos? Então... Arrumou um case velho de guitarra, rabiscou "The Black Panthers" nele e andava pra cima e pra baixo como se estivesse indo para um show. Às vezes, arrastava um sapato preso numa corrente e dizia que era seu cachorro. Era tomado como louco por todo mundo.

Até que em 1963, ele conheceu os Beatles. Conseguiu algum dinheiro e comprou o segundo álbum do Fab Four, *With the Beatles*. "Uma luz acendeu na minha cabeça quando ouvi aquele disco", confessou Ozzy em sua autobiografia. "Pela primeira vez, minha vida parecia ter algum sentido." Tornou-se um beatlemaníaco e resolveu que queria ser como John Lennon e Paul McCartney, também jovens oriundos da classe operária que acabaram se dando bem como músicos. Ozzy, então, começou a investir no visual de rockeiro. Deixou o cabelo crescer e fez algumas tatuagens. A primeira foi uma adaga no braço. Descobriu então como ele mesmo fazer as tatuagens e sua primeira obra foi o nome OZZY nos dedos da mão esquerda, que acabaria se tornando uma de suas marcas registradas. Seu pai, naturalmente, ficou furioso.

O pior ladrão do mundo

Mais furioso o velho Osbourne ficou quando o filho começou a se envolver em pequenos roubos. Todos eles com enredo mais digno de uma comédia de Peter Sellers. "Eu era um ladrão ruim pra caralho", admitiu ele sem meias palavras. Começou roubando uma loja de roupas durante a noite. Nem cogitou a possibilidade de levar uma lanterna e só no dia seguinte se deu conta de que era uma loja infantil e que havia carregado roupas de bebê. Depois, tentou afanar uma TV. Era um aparelho pesado (naquela época não existia tela plana, é bom lembrar) que acabou caindo no peito de Ozzy. E lá ficou ele por quase uma hora até conseguir tirar aquilo de cima de si e sair de mãos abanando. A última foi um furto mais elaborado, em outra loja de roupas – ele até usou luvas para não deixar digitais no lugar. Só não se deu conta de que havia um furo no dedão e sua impressão ficou por toda parte. Até o policial que o prendeu em casa, dias depois, debochou dele: "Você não é exatamente um Einstein, né?" Foi arbitrada uma fiança de quarenta libras, dinheiro que Ozzy não tinha e que seu pai se recusou a emprestar. "Você precisa aprender essa lição", disse Jack. Assim,

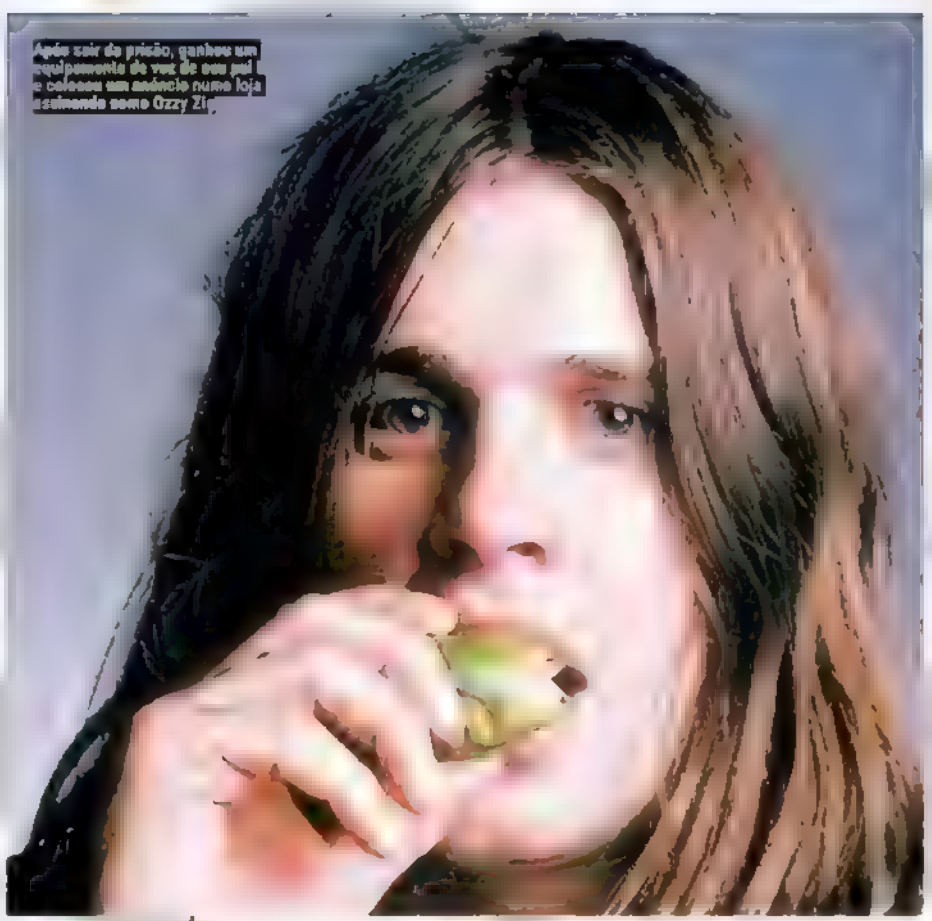
foi sentenciado a três meses de prisão em Winson Green, cumprindo mais uma profecia de seu pai: "Ou você vai fazer algo muito especial ou vai acabar na cadeia." Passou maus bocados em cana, mas aprendeu a lidar com a situação. Acabou tendo a pena reduzida para dois meses e de lá saiu decidido a se tornar cantor. Era 1966 e Ozzy estava com 18 anos.

Ozzy Zig precisa...

Nem ele sabe como, mas seu pai, disposto a ajudá-lo, conseguiu o dinheiro para comprar um equipamento de voz completo para ele. "Ele quase não conseguia colocar comida na mesa, não sei como arrumou 250 libras para comprar o equipamento." Mas isso abriu as portas para Ozzy. Passou a ser respeitado pelo fato de ter o equipamento e logo estava com sua primeira banda, Music Machine. Mas não dava pra chamar propriamente de banda, já que os caras passavam mais tempo no pub bebendo e imaginando como seria legal tocar lá do que estudando seus instrumentos e ensaiando. "Pra poder tocar em um pub era preciso saber tocar" resumiu o vocalista, "mas nunca chegamos a aprender, já que estávamos sempre bebendo no pub." Alguns meses depois, o Music Machine passou a se chamar Approach, mas, fora isso, nada mudou. Nos ensaios os caras tentavam tocar alguma música e Ozzy cantava com a voz mais aguda que conseguia emitir. "Dava pra saber que eu tinha trabalhado num matadouro, já que eu assassinava todas as músicas que tentávamos tocar", riu ele.

Foi então que resolveu colocar um anúncio oferecendo seus serviços como vocalista na Ringway Music, loja que reunia a galera interessada em música do lugar. "Ozzy Zig precisa de uma banda. Vocalista com experiência, possui sistema de PA", exagerava o anúncio. Nem Ozzy sabe dizer de onde surgiu o "Zig", mas não era isso que importava, mas o fato de ele ter o equipamento de voz.

Deu certo. Não demorou e bateram na porta de sua casa procurando por Ozzy Zig. Era um sujeito chamado Terry Butler, mas que preferia ser chamado de Geezer. Era um sujeito articulado, que havia estudado e tinha um bom emprego. Além disso, escrevia letras ótimas e era muito bem relacionado. Praticamente o oposto de Ozzy. Ele era guitarrista em uma banda chamada Rare Breed que havia acabado de perder seu vocalista. Geezer viu o anúncio de "Ozzy Zig" e foi atrás dele. O problema é que o Rare Breed fazia rock psicodélico, muito popular na época, e Ozzy simplesmente detestava isso. "Quem se importava com o que as pessoas estavam fazendo em São Francisco?", disse, referindo-se à cidade americana que mais representou o movimento hippie. Pra piorar, havia um integrante da banda que se vestia exatamente como um hippie de São Francisco. Ozzy fez apenas um show com a banda para uma plateia praticamente deserta, mas foi sua primeira vez. "Fiquei petrificado quando subi no palco. Quase mijei nas calças", confessou


Após sair da prisão, ganhou um equipamento de voz de seu pai e colocou um anúncio numa loja anunciando como Ozzy Zig.

Eu lembro de você

A experiência foi tão traumática que Ozzy decidiu que aquele negócio de cantar não era pra ele. Além disso, Geezer foi promovido no emprego e não daria conta de tocar a banda em paralelo ao trabalho. Assim, o Rare Breed encerrava uma curta e nada saudosa carreira, e Ozzy tinha que procurar o que fazer. Pediu para a Ringway Music retirar o anúncio "Ozzy Zig" de sua parede e implorou a sua mãe que conseguisse de volta o emprego de afinador de buzinas.

Já tinham se passado alguns meses quando bateram na porta da casa de Ozzy. Em frente à casa, estava estacionada uma van azul. De imediato ele pensou que era a polícia. Mas depois notou que a van estava em petição de miséria e que havia dois cabeludos espancando a porta da casa. Assim que abriu, um dos cabeludos olhou para sua cara e já soltou: "Ah, que merda. É você?" Era Tony Iommi, acompanhado de um sujeito que Ozzy não conhecia, Bill Ward. A essa altura, Iommi havia iniciado uma carreira com alguma solidez na música e já sofrera e superara o acidente que lhe custara a ponta de dois dedos da mão direita. Tocava numa banda chamada Mythology, sediada na cidade de Carlisle. Porém, o nome do grupo foi achado numa lista de clientes de um traficante que vendia maconha para os caras. Foram todos parar na delegacia, pagaram multas e ficaram estigmatizados. A banda acabava ali e Tony e Bill voltaram para Aston, dispostos a recomeçar a carreira. Como o anúncio ainda estava na Ringway Music, foram atrás de Ozzy a fim de chamá-lo para assumir o posto de vocalista. Mas Tony não gostou do que viu: "Ele não é Ozzy Zig, nem é cantor. É Ozzy Osbourne e é um idiota." Bill, no entanto, conseguiu acalmar o guitarrista e eles começaram a conversar na parte traseira da van. Já estava definido que Ozzy seria o vocalista, mas ainda faltava o baixista. O cantor lembrou de Geezer: "Ele é guitarrista, mas deve ser mais fácil tocar baixo, são só quatro cordas em vez de seis." Geezer topou e logo estavam os quatro reunidos e se dando bem. Parecia que ia dar certo. Porém, faltava o nome.

The Polka Tulk Blues Band

Ozzy se dispôs a pensar em algo quando estivesse "no lugar especial para onde vou quando tenho que resolver

No primeiro momento, Tony Iommi se recusou a tocar com Ozzy, já o conhecia e o considerava "um idiota"

Bill Ward, Ozzy Osbourne, Geezer Butler e Tony Iommi começaram a tocar juntos sob o nome The Polka Tulk Blues Band

coisas importantes como essa." Dias depois, encontrou com Tony, Bill e Geezer e disse que tinha tido uma ideia: "Eu estava na privada ontem à noite (sim, esse era o seu lugar especial) e vi na prateleira o talco que minha mãe usa. Polka Tulk. The Polka Tulk Blues Band é um nome sensacional pra uma banda, não acham?" Decidido isso, resolveram chamar mais músicos para o grupo, já que julgavam ideal para o som que pretendiam fazer, um blues pesado. Assim, integraram-se ao Polka Tulk um saxofonista e um guitarrista para fazer slide. Como não tinha dinheiro para comprar um baixo, Geezer se virava como podia com sua guitarra Fender Telecaster. E assim marcaram o primeiro show. Foi em agosto de 1968, na cidade de Carlisle, graças aos contatos que Tony manteve da época do Mythology. Apesar de Ozzy quase ter se borrado novamente de tão nervoso que estava, foi uma boa apresentação e a turma se animou para seguir em frente. Antes, porém, tinham que tomar duas decisões. A primeira foi mandar embora o saxofonista e o guitarrista slide e prosseguir como quarteto. O segundo era mudar de nome que, no fundo, todo mundo detestava. Bill foi muito zoado (ele era sempre a vítima principal das brincadeiras), mas sua sugestão foi aprovada: o Polka Tulk Blues Band passaria a se chamar Earth.

No mês seguinte, já de nome novo, voltariam a tocar em Carlisle e a partir de então a agenda começou a ficar mais cheia – a banda tinha como política nunca recusar um show, por pior que fosse o pagamento. Como o pai de Tony trabalhava com carros usados, o Earth sempre tinha uma van para se deslocar – sempre uma van caindo aos pedaços, diga-se. Todos apostavam na banda como uma forma de nunca mais terem que trabalhar numa fábrica na vida – até Geezer havia deixado seu emprego promissor.

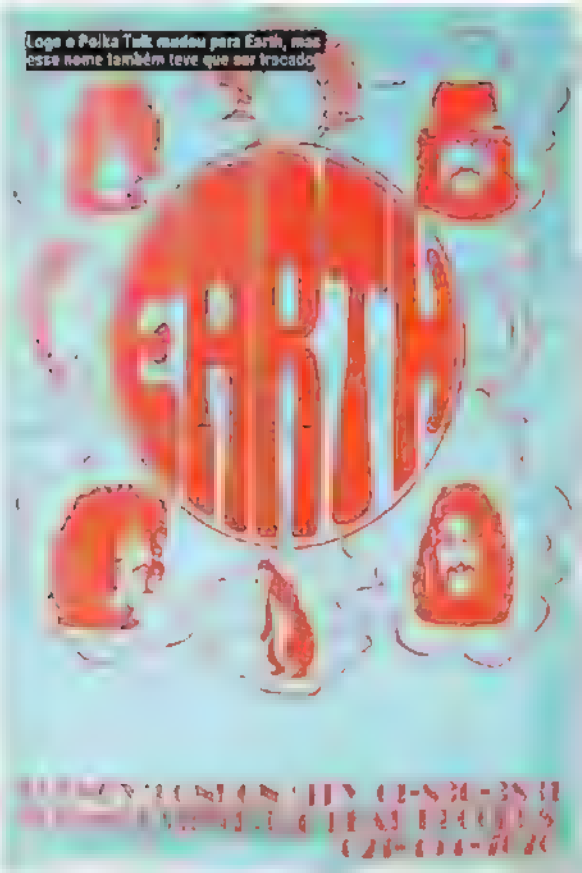
E a loucura deu certo!

Entre outras coisas, o Earth costumava fazer algo que pode ser chamado de loucura: quando estavam com a data vaga, descobriam onde haveria algum show e iam para lá com a van cheia de equipamentos. Se a banda não aparecesse, se ofereciam para tocar. Deu certo uma única vez, mas valeu a pena: a banda que não apareceu porque seu ônibus quebrou no caminho foi o Jethro Tull e o Earth tocou para uma casa lotada – e se deu muito bem. O próprio Ian Anderson apareceu lá pelo meio do show para se desculpar com o dono do lugar e curtiu o que ouviu (a essa altura, o Earth fazia versões pesadas de clássicos de blues e algumas músicas próprias). Isso acabou ajudando a banda a conseguir shows maiores e até um empresário interessou-se em trabalhar com eles, Jim Simpson.

Tudo parecia ir às mil maravilhas até que Tony deu a notícia: havia sido convidado para tocar no Jethro Tull. Todo mundo apoiou o cara, lógico, mas era o fim do Earth. Todos tinham certeza de que não haveria Earth sem Tony Iommi. Ele chegou a se apresentar com o Tull no show "Rock and Roll Circus", que os Rolling Stones promoveram em dezembro de 1968, mas dias depois apareceu de volta. Tinha saído do Jethro Tull porque queria ter sua própria banda em vez de ser empregado de alguém. Sua volta foi providencial, já que tinha começado a compor riffs bastante pesados e Geezer passara a escrever letras bem interessantes para esses temas. Porém, ele voltou com outra visão sobre o funcionamento de uma banda. E assim o Earth começou a ensaiar todas as manhãs: às 8h45 Tony saía com a van e pegava um por um em casa.

No mesmo palco dos Beatles

O empenho da banda somado aos esforços de Jim renderam ao Earth sua primeira tour europeia, que em abril de 1969 passou pelo famoso Star Club, de Hamburgo (ALE), mesmo local em que os Beatles tocaram exaustivamente no início de sua carreira. O quarteto de Ozzy também fez inúmeros shows na


Logo o Polka Talk mudou para Earth, mas esse nome também teve que ser trocado

No final dos anos 60, finalmente a banda passaria a se chamar Black Sabbath

casa (quem contou diz que chegaram a se apresentar mais vezes que os Beatles) e foi lá também que muitos dos futuros hits do Black Sabbath começaram a ser escritos.

Além do clube alemão, a banda tocou em vários outros locais, muitos deles verdadeiros buracos com meia dúzia de bêbados na plateia. Como sempre, a viagem foi feita numa van em péssimo estado que quebrava pelo menos uma vez a cada dois dias. E era aí que Ozzy entrava em ação: era sua missão correr atrás de ajuda já que Tony decidira que, como vocalista, ele era "o representante da banda". Essa incumbência rendeu toda uma sorte de episódios que ficam entre o hulário e o patético.

Música "do mal"

Aos poucos, o som do Earth ia se tornando mais sombrio – Tony queria fazer algo que soasse "do mal". Ele comentou, vendo filas que se formavam diante de cinemas quando era exibido um filme de terror: "Não é estranho as pessoas pagarem para sentir medo?" Ozzy e Bill gostaram da ideia e começaram a rabiscar a letra que se tornaria *Black Sabbath*. Tony, então, criou aquele riff que todo mundo conhece e Ozzy criou a linha melódica. A sequência harmônica do riff é conhecida como "diabolus in musica" e chegou a ser banida pela igreja na Idade Média. Já o título dela foi invenção de Geezer Butler, baseado em um filme de terror de mesmo nome (no Brasil, "As Três Máscaras do Terror") que tinha Boris Karloff no elenco e havia sido lançado em 1963 – o filme contava três diferentes histórias e foi inspiração para Quentin Tarantino escrever o roteiro de "Pulp Fiction" (1994).

E um episódio envolvendo essa música acabou sendo determinante para a mudança do nome da banda. Passando o som em um clube perto de Manchester, o gerente do lugar mandou a banda parar aos gritos antes mesmo de Ozzy cantar a primeira frase. Berra daqui, argumenta dali e o cara pergunta: "Vocês não vão tocar *California Dreamin'*? Foi quando a banda percebeu que não era a única chamada Earth... Na verdade, havia um outro Earth fazendo o mesmo circuito de shows que o grupo de Ozzy, Tony, Geezer e Bill, só que ele não fazia música "do mal", mas covers de sucessos pop das paradas e temas da Motown. Não tinha jeito, teriam que mudar de nome. E a escolha recaiu sobre o título da música mais legal que tinham feito até então. Assim, em agosto de 1969, diante de um Jim Simpson totalmente contrário à ideia ("vocês não vão conseguir nada com esse nome", disse ele), o grupo passaria a ser chamado pelo nome que o tornaria mundialmente conhecido.

Black Sabbath

Quando ainda estavam no processo de mudança de nome, Jim conseguiu a primeira gravação para a banda. Foi um single com as faixas *A Song For Jim* e *The Rebel*, gravado no Trident Studios, em Londres, mas que jamais chegou a ser lançado. A banda considerou que a primeira música tendia muito para o jazz, enquanto que a segunda era muito comercial.

Então, um produtor chamado Tony Hall se interessou pelo som do quarteto, mas disse que precisavam de um single. E sugeriu a música *Evil Woman*, do grupo americano Crow. A banda não se interessou muito, mas Tony sugeriu que fizessem uma versão com guitarras mais pesadas – aí sim ele convenceu os músicos

Gravada a música, no dia 30 de agosto de 1969 a banda estreou oficialmente como Black Sabbath num show em Worcestershire – para não haver dúvida, uma fita isolante com o novo nome foi colada no bumbo da bateria de Ward. A essa altura, a banda estava substituindo paulatinamente seu repertório de clássicos do blues por temas próprios, como *The Wizard* e *N.I.B.* e até músicas que só entrariam no segundo disco, a exemplo de *Fairies Wear Boots* e *War Pigs*.

O restante do ano foi tomado com shows no circuito habitual da banda, até que em janeiro de 1970 aconteceu o que eles mais almejavam: uma gravadora enfim se interessou em contratar o Black Sabbath. ***Continua...***

BULLET FOR MY VALENTINE

SOUTH AMERICA 2019

24/11/2019 (DOMINGO) SÃO PAULO
@ TROPICAL BUTANTÃ
AV. VALDEMAR FERREIRA, 93, SÃO PA[illegible] - SP
0XX11 3[illegible]-0399

ABERTURA DA CASA: 18H00

VENDA ONLINE: WWW.TICKETBRASIL.COM.BR
INGRESSOS FÍSICOS: BILHETERIA DO TROPICAL BUTANTÃ
REALIZAÇÃO: LIBERATION TOUR BOOKING
INFORMAÇÕES GERAIS: INFO@LIBERATIONMC.COM

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 ANOS
ENTRE 14-16 ANOS SOMENTE ACOMPANHADO
POR PAI OU MÃE MUNIDOS DE DOCUMENTOS.

ABERTURA:
SEA SMILE

WWW.LIBERATIONMC.COM

MANTAR

behemoth

GENOCIDIC

08/12/2019 (DOMINGO)
SÃO PAULO ● TROPICAL BUTANTÃ
Abertura da casa: 18h00
Vendas: www.ticketbrasil.com.br

www.liberationmc.com

Uganga

Mais pesado, versátil e ousado

Manu Joker, Marco Henriques, Thiago Soraggi, Christian Franco, Maurício "Murcego" e Raphael Franco gravaram o disco mais eclético do Uganga

BANDA MINEIRA RETORNA COM DISCO MAIS DIVERSIFICADO DE SUA CARREIRA

POR THIAGO PRATA

Os riffs brutais do thrash metal e a atitude punk/hardcore permanecem intactos. Mas seria raso (e injusto) dizer que *Servus*, quinto álbum do Uganga, se resume a isso. Ávida a sempre se reinventar, a banda do Triângulo Mineiro expandiu as fronteiras musicais, agregando novos elementos a seu cancioneiro. Parte dessas nuances se faz presente nas participações de músicos de distintos universos, como o grupo de rap chileno Lexico e a cantora pernambucana de MPB/pop Flaira Ferro. Ficou curioso? Então venha conferir mais sobre esse trabalho por meio das palavras dos irmãos Manu Joker (vocal) e Marco Henriques (bateria) – completam a formação os guitarristas Christian Franco, Thiago Soraggi e Lucas "Carcaça" (que substitui Maurício "Murcego") e o baixista Raphael Franco.

Como foi a repercussão do DVD *Manifesto Cerrado* (2017) e o que ele representa nesses mais 25 anos de carreira do Uganga?

Marco Henriques: A repercussão foi foda. Várias resenhas legais, e saímos em algumas listas de melhores do ano na categoria DVD nacional inclusive na ROADIE CREW. Mesmo numa era totalmente digital, o número de vendas do DVD nos surpreendeu. Felizmente ainda tem muito fã de música que valoriza o material físico.

Cinco anos separam *Opressor* (2014) de *Servus* (2019). O álbum caçula mantém intacta a aura do Uganga, mas quais diferenças vocês apontariam em relação a *Opressor* e aos demais trabalhos da discografia da banda?

Manu Joker: Musicalmente acho que, após dois álbuns que consolidaram nosso estilo, no caso *Vol. 3: Caos Carma Conceito* (2009) e *Opressor*, estávamos prontos para ir além. Conseguimos isso no *Servus*. É também nosso primeiro álbum como sexteto, e isso agregou muito à sonoridade do disco. Fez de *Servus* nosso álbum mais melódico e pesado.

Marco: O terceiro guitarrista (N.R.: "Murcego", que debutou a banda após a gravação do álbum) tem uma veia rock 'n' roll e blues rock e não thrash ou hardcore, rendendo novos elementos a *Servus*.

Manu, numa entrevista passada, conduzida pelo Valtemir Amlar (ROADIE CREW #233), você disse que o primeiro disco do Uganga, *Atitude Lótus* (2003), reverbera nos trabalhos atuais da banda. Em que sentido você enxerga isso em *Servus*?

Manu: *Atitude Lótus* reflete outro momento do Uganga, em que éramos uma banda muito diferente da de hoje. Porém, o acento melódico de *Servus*, seja nos vocais ou no instrumental, me remete ao primeiro álbum. Ambos são obras mais solares, mais otimistas, e com uma forte carga de experimentalismo.

O que os inspirou em termos musicais e líricos em *Servus*?

Manu: Musicalmente, nossas referên-

cias são primeiramente o thrash metal e o hardcore-punk. Experimentar mais desta vez ajudou a realçar outras influências que sempre estiveram em nossa música, mas que, em certos trabalhos, estão mais escondidas, como rap, metal tradicional, dub, doom, classic rock, regional, reggae... Liricamente, é talvez nosso álbum com maior variedade de temas e o mais pessoal que já escrevi.

Imagino que seja um grande desafio, mas também um grande mérito, compor riffs que grudam nos ouvidos dos fãs, como os da faixa-título. O que poderiam nos dizer sobre ela?

Marco: Escolher a música que vai abrir um trabalho muitas vezes é uma tarefa difícil. Queríamos começar com os pés na porta. E apesar desse disco ter vários riffs que fariam muito bem esse papel, a *Servus* tem aquele thrashcore que é nosso carro-chefe e, ao mesmo tempo, passa por partes mais lentas e extremas.

A variedade presente no álbum foi reforçada pelas participações. Uma das mais interessantes é a contribuição do grupo chileno de rap Lexico em *Hienas*.

Manu: Conheci o som do Lexico por intermédio de um amigo chileno da cena hardcore de Santiago, mas que cola com o pessoal do rap. Enquanto trabalhávamos em *Hienas* me ocorreu a ideia de colocar um rapper fazendo algo na parte do breakdown, e fiz o convite ao César (Dr. Lexico) que prontamente aceitou e detonou.

Já *O Abismo* traz Casito Luz, do Witchhammer, e o saxofonista Marco Melo. O quanto esses dois mundos antagônicos adicionaram à fórmula musical do Uganga?

Manu: Casito é um amigo de mais de 30 anos, um camarada de cachaça na porta da Cogumelo Records na BH dos anos 80 (risos). Como a letra de *O Abismo* trata de um diálogo entre um caminhante e o guardião do referido abismo, pensei em convidá-lo para esse papel. Foi uma honra tê-lo no álbum e ainda por cima cantando em português. O cara é foda, e o Witchhammer é uma banda-irmã! Já o convite para Marco Melo veio da vontade que eu tinha de ouvir um sax em algum som do Uganga. Adoro Stooges, Dog Eat Dog, Living Colour, bandas de rock que jauzeiram desse artifício, e amo jazz. Ô Marco Melo chegou no estúdio e matou tudo no segundo take. Monstro!

Talvez as participações mais inusitadas sejam de Flaira Ferro e do espiritualista Sr. Waldir. Vamos abordar primeiro a parceria com Flaira, em *E.L.A.*, que, apesar de ser uma boa música, com ótima interpretação dela, me soou como "estranho no ninho" no álbum. Como foi fazer uma música que não é rock ou metal?

Manu: Definitivamente *E.L.A.* é a faixa que mais destoa do resto do álbum, e tínhamos total clareza disso. Porém, se encaixa no conceito geral e na fluidez do disco. Se é natural uma banda de folk norueguês trazer referências do seu meio, é totalmente aceitável o Uganga fazer a mesma coisa do lado de cá. Além disso somos provocadores por natureza (risos). Estou muito orgulhoso do resultado final.

Marco: É uma música que você não vai ouvir nos shows, mas que se encaixa no conjunto da obra. Confesso que muitas vezes tive dúvidas sobre essas "quebradas" no ritmo do álbum, mas o resultado final desse som me agradou muito.

E com relação ao Sr. Waldir em *Depois de Hoje*...

SERVUS
INDEPENDENTE-MAC

Manu: A ideia era ter uma voz forte, e ele tem uma voz forte como um trovão. O Sr. Waldir é um espiritualista daqui da região ligado à umbanda e antes de tudo um homem sábio pra bem. *Depois de Hoje* faz referência ao amanhã, a uma nova forma de lidar com a terra, com o semelhante, com a natureza e com nós mesmos. Usamos trechos de um discurso de Mahatma Gandhi nessa faixa.

Como vem sendo a repercussão do disco até agora? Existe a possibilidade de o grupo desbravar novos lugares para shows?

Marco: Até o momento só temos visto boas resenhas e bons comentários a respeito do disco. Agora é hora de colocar o pé na estrada e mostrar esse trabalho ao vivo. Temos uma proposta para tocar na Amazônia, planos na América Latina, voltar à Europa e, claro, queremos rodar o Brasil.

Servus foi financiado pela Wacken Foundation, do Wacken Open Air, e do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC) de Uberlândia. **Qual a importância disso para a banda, ainda mais após o fim da parceria com a Sapólio Radio?**

Marco: A questão financeira muitas vezes é um problema, e ter esse financiamento nos possibilitou focar exclusivamente na parte musical e não quebrar tanto a cabeça com gastos e despesas. O PMIC tem ajudado bastante bandas e eventos em nossa região. E ter um selo ligado a um dos maiores festivais de metal do mundo em nosso disco foi algo fantástico. Um dos sonhos da banda é participar do Wacken Open Air, e esse foi um primeiro passo.

Manu, sei que você já falou sobre passado no Sarcófago várias vezes, mas queria abordar esse assunto novamente, porque o EP *Rotting* (1989) está completando três décadas. Quais as maiores lembranças que você tem daquela época? O quanto aquele disco influenciou você a seguir a carreira como músico?

Manu: As lembranças são de um período muito divertido, diria até selvagem (risos). Éramos jovens, toscos e cheios de vontade. De 1986 a 1990 eu vivi bem a cena de BH, tinha contato com Witchhammer, Sextrash, Mayhem, Overdose, Holocausto, Butcher, R.I.V., entre outras bandas. Também teve a dobradinha com o D.R.I. em São Paulo, que foi outro momento memorável. Um período que marcou minha trajetória para sempre.

Tem saudades de tocar bateria?

Manu: Um pouco. Tive uma lesão no pulso esquerdo no jiu-jitsu anos atrás, e ela progrediu para um tipo de LER. Creio que o fato de trabalhar no computador somado a tour do Tributo Ao Sarcófago em 2007-2008 agravou um pouco a situação. Hoje estou bem melhor, não tenho nenhuma limitação, só não ser tocar bateria (risos). No *Servus*, toquei percussão.

O que podemos esperar do Uganga daqui pra frente? Já pensam em um novo álbum?

Marco: Novo álbum ainda não. O foco agora é tocar e rodar o máximo possível. Temos também uma participação numa coletânea de tributo ao Iron Maiden, com *Running Free*. Outra novidade é que o *Servus* está prestes a ser lançado em K7 (N.R.: anúncio feito no início de julho, após a realização da entrevista). Tem muita coisa pela frente.

Por fim, uma curiosidade: por que todos os discos do Uganga têm 13 faixas (risos)?

Manu: Adoro o número 13 e nunca soube explicar o porquê. Virou mais uma mandinga da banda. Nossa história tem alguns fatos bem misteriosos, e aceitamos isso (risos).

Lacuna Coil

Richard Meiz, Marco Coti Zelati, Cristina Scabbia, Andrea Ferro e Diego Cavallotti merguiham fundo na alma humana em *Black Anima*

O lado obscuro de cada um de nós

MODERNO, PESADO, INTENSO E COM AURA GÓTICA, *BLACK ANIMA* MOSTRA O LACUNA COIL EXPLORANDO O LADO OBSCURO DA ALMA HUMANA

POR VALTEMIR AMLER

Dezessete anos atrás, em 2002, o Lacuna Coil lançou o álbum que colocaria a banda de vez no grande circuito mundial do metal, *Comalies*. O que encantava naquele álbum era uma aura densa e pesada, ilustrada de forma lúgubre em canções que se tornaram clássicos no repertório dos italianos: *Swamped*, *Heaven's A Lie*, *Entwined*, *Comalies*, todas elas traziam em seu âmago a ânsia de almas torturadas, presas à treva e clamando para a luz. Os anos passaram, o Lacuna Coil se manteve em constante crescimento, mas nunca se deixaram levar pelo caminho mais fácil, o desejo de repetir a fórmula de seu álbum mais aclamado. Eles nunca repetiram a fórmula, nunca buscaram os mesmos resultados, e nunca lançaram duas vezes o mesmo disco. De uma banda alocada – mas pouco confortável – sob o rótulo 'gothic metal', eles migraram para um som mais moderno e pesado, ora inegavelmente pop ora arranhando o solo do extremo, mas sempre com a mesma classe e elegância. Com a carreira estabilizada, dezenas de turnês com ingressos esgotados ao redor do mundo, considerados uma das melhores de sua geração, eles não pararam de se reinventar, não pararam de tocar em temas 'desconfortáveis' em suas letras, não deixaram de assumir o papel que sempre deveria ser desempenhado pelas bandas de metal. E em *Black Anima*, mais uma vez o Lacuna Coil dá um passo adiante. Com alma gótica, riffs modernos e letras que desafiam nossa compreensão da alma, Cristina Scabbia e seus companheiros mergulham na lama caudalosa dos sentimentos humanos. O resultado desse mergulho, você confere em *Black Anima*. O passo a passo dessa jornada você confere aqui.

Depois de duas décadas gravando e compondo, você sente que está ficando mais fácil encontrar o momento ideal para escrever novas músicas?

Cristina Scabbia: Bem, não é como se eu sentisse algo do tipo 'quanto mais você escreve, mas fácil se torna escrever'. Eu digo isso porque, por mais experiente que seja, têm momentos em que você fica travado, parece que a inspiração não vem. E aí você precisa ser sábio para decidir se você fica parado, espera o tempo necessário e então retoma de onde parou, ou se você prefere jogar tudo para o alto e começar algo totalmente novo, do zero. Acho que essa é a principal lição que aprendemos com o tempo, o momento certo de voltar para uma ideia e o momento certo de pensar em outra coisa. Claro que também nos desenvolvemos como músicos, instrumentistas e tal, isso vem até naturalmente, desde que estejamos cientes dos erros que estamos cometendo. Então, bem, não é que esteja mais fácil, mas eu diria que nós sabemos melhor como estruturar uma nova música.

A parte mais complexa é que uma música sempre é produzida em diferentes elementos.

BLACK ANIMA
VALHALL · NAC.

Cristina: Sim, compreender isso é o que torna mais 'fácil' encontrar o momento que lhe oferece a vibração ideal. Como você disse, cada música possui múltiplos elementos: instrumental, letra, vozes, melodia, vibração, tantas coisas... Às vezes é muito complicado, ficamos presos por semanas a uma ideia que não conseguimos evoluir. Outros dias, você escreve duas ou três músicas. Então, é difícil dizer se está mais fácil. Mas eu digo uma coisa com certeza: estamos melhores.

Concordo. E diria que isso tem a ver com um fato simples: vocês nunca se repetiram. Quando você sempre repete uma tarefa, a tendência é ela se tornar mais fácil. Quando você procura maneiras diferentes de fazê-la, você melhora.

Cristina: Uau, eu concordo, vou usar suas palavras nas próximas entrevistas (risos). Você está muito certo, em tudo o que disse. E nós realmente nunca quisemos nos repetir. Na verdade, eu nem entendo como uma banda consegue fazer isso, ano após ano, repetindo e repetindo... Como seres humanos, nós evoluímos, nós envelhecemos, descobrimos coisas, temos experiências diferentes. Para nós é impossível não colocar elementos diferentes na nossa música, pois ela é quem nós somos. A música está dentro de você o tempo todo, e então você senta com um instrumento e compõe, põe ela para fora. Quer dizer, você interpreta a pessoa que você é através de notas e letras, e eu não acredito que seja possível permanecer exatamente a mesma pessoa por vinte anos ou mais. Para nós cada álbum é a representação de um momento. Cada um deles lida com quem somos na época de sua criação, e realmente não ligamos se um deles é mais acessível, o outro mais pesado, o outro tem uma aura melancólica, enfim. Não queremos o caminho mais fácil.

E nada fica no caminho de vocês, certo? (N.R: Paço uma referência óbvia ao

título de uma das músicas de maior sucesso do Lacuna Coil)

Cristina: Sim, exatamente (risos). Sabe, seria muito fácil para nós sentar e tentar criar um *Comalies 2* ou um *Karmacode 2*, simplesmente por eles serem álbuns extremamente bem sucedidos. E eu tenho certeza absoluta que muita gente nos agradeceria e adoraria (risos), mas até hoje nosso coração não nos levou para esse caminho. Continuaremos seguindo o nosso coração. No fim das contas, é isso que nos torna uma banda única.

Com o coração como guia, vocês não precisam fazer muitas mudanças no processo de composição, estou certo?

Cristina: Sim, é isso mesmo! Todos os nossos álbuns funcionam basicamente da mesma maneira; Marco (Coti Zelati, baixista) é o nosso compositor principal, além de nosso produtor. As ideias começam a ser desenvolvidas a partir da perspectiva musical. Ele cria uma demo, mostra para Andrea (Ferro, vocalista) e eu, e então começamos a ter ideias para linhas de voz e conceito, por assim dizer. Não precisamos de mudanças abruptas no processo quando aceitamos a mudança que ocorre naturalmente em nós.

Bem, em *Black Anima* vocês novamente optaram por seguir adiante, arriscando novos elementos. Lembro que numa das suas primeiras declarações sobre este novo álbum, você disse que muitos ficariam chocados com ele. Você tem visto isso se confirmar?

Cristina: Sim, sem dúvida. Claro que muitas pessoas já sabem que devem esperar mudanças do Lacuna Coil, mas ainda existe muita gente que não sabe o que esperar, ou que não aceita a mudança. *Black Anima* é um álbum diferente, ele lida com algo diferente, desconfortável para a maior parte das pessoas, então, acho que isso acaba chocando um pouco.

Boa parte da diferença que sentimos ao ouvir este novo álbum está na vibração que ele transmite. Musicalmente, sinto muitos dos elementos típicos do Lacuna Coil, mas a emoção vai por outro caminho.

Cristina: Mas é isso mesmo, você matou a charada! Claro que tentamos novos elementos musicalmente, mas somos uma banda com mais de vinte anos de carreira, alguns elementos têm nos acompanhado por todo esse tempo, é natural, é parte de quem somos. Mas, de acordo com as letras e com a vibração delas, nós sempre criamos um ambiente em que tudo se encaixe. Se o tema é sombrio, a vibração precisa ser sombria, entende? Então nós tínhamos esta temática se desenvolvendo, essa coisa do lado negro das pessoas, esse pingo de obscuridade que habita cada um de nós. Não queremos dizer que todos são maus, que somos programados para a maldade, isso não seria verdade de maneira nenhuma. Temos trabalhado as emoções humanas nas nossas letras desde o começo, e as trevas também fazem parte da vida. De certa forma, todos somos atraídos pelo lado obscuro. Está nas artes, na música, na pintura, na literatura. Gostar disso, ser atraído por isso não significa que você é uma pessoa negativa. Significa apenas que você sabe que é yin e yang, que existem dois lados para tudo. Sabíamos que algumas pessoas ficariam chocadas por abordarmos isso musicalmente. Mas não estamos aqui para passar a mão na cabeça de ninguém. Todos têm um lado obscuro, quer admitam ou não.

Concordo. Esse tom de obscuridade do álbum acabou gerando um efeito muito interessante. Existe uma aura gótica, embora eu não ache que *Black Anima* seja um disco gótico.

Cristina: Entendo exatamente o que quer dizer, e compartilho dessa opinião. Definitivamente existem elementos e uma vibração gótica neste álbum, algo que vem do tema abordado, e não propriamente de uma influência musical, por isso que você se sente assim. Definitivamente, não criamos um álbum que soe parecido com The Sisters Of Mercy, Lacrimosa, Bauhaus ou algo do tipo, embora realmente tenha uma dose dessa vibração nas entrelinhas.

O que chega a ser curioso, não? Lembro que no início da carreira, o Lacuna Coil, assim como praticamente todas as bandas com uma vocalista mulher, era chamado de gothic metal. Como você via isso na época?

Cristina: Eu lembro disso (risos). Realmente era bem estranho, pois 'gothic metal' era usado para definir bandas que não tinham nada de realmente gótico na música. Nós, por exemplo, nunca fomos uma banda realmente gótica, assim como Epica e tantas outras, mas acho que foi mais um momento de mercado. Aquilo parecia bom para vender e, então, os selos usaram a definição como acharam mais interessante. Pessoalmente, não sou fã de rótulos, é difícil limitar a maior parte das bandas em um único estilo.

Pessoalmente, não sou fã de rótulos, é difícil limitar a maior parte das bandas em um único estilo.

Talvez por isso os rótulos estejam ficando cada vez mais genéricos e sem nenhum sentido. O que você acha de 'female fronted metal'?

Cristina: Sim, esse é o pior de todos (muitos risos). Afinal de contas, o que seria exatamente 'female fronted metal'? O que significa isso, musicalmente (risos)? E é incrível, pois aí você pode encaixar Lacuna Coil, Arch Enemy, Epica, um milhão de bandas que musicalmente não se assemelham em nada.

Bem, dentro do que ofereceram em *Black Anima*, existem momentos surpreendentes. Ainda não consigo processar a informação de que é você cantando em *Anima Nera*. Seria muito fácil botar tudo a perder, mas você consegue.

Cristina: Obrigado, que bom ouvir isso. E eu entendo o que quer dizer, já que todos conhecemos certos filmes com adultos dublando crianças (risos). Bem, eu resolvi encarar a tarefa, pois fazia parte de eu me conectar com a vibração, com a personagem, com essa garotinha mentalmente instável, que procura ao mesmo tempo uma saída e um porto seguro. Foi desafiador trabalhar nesta introdução, mas gostei do resultado.

Outro momento excelente é *Reckless*. Na minha opinião, esta é a música que melhor exprime a variedade de elementos que você pode explorar com a sua voz, e a parte instrumental também é ótima, cativante.

Cristina: Que bom que gostou! Temos recebido muitos comentários positivos sobre essa música, é impressionante. Pessoalmente, trabalhei para dar voz aquela personagem da introdução. Não é realmente difícil fazer isso, quando você observa uma geração inteira de pessoas que está se ferrando por conta de mídias sociais e outras bobagens. Não sou contra isso, mas se você não souber lidar com isso, a sua vida simplesmente é destruída, especialmente quando você é mais novo e inexperiente. Então, bem, observar foi importante para me inspirar. E na hora de gravar foi questão de deixar a emoção fluir na proporção adequada para cada momento.

***Reckless* foi a segunda a ganhar um videoclipe, logo após *Layers of Time*. Achei interessante terem usado um trecho do segundo vídeo no primeiro. Isso não acontece sempre.**

Cristina: Não mesmo (risos). É a nossa habilidade de pensar ao contrário (risos). Foi uma forma de conectarmos os dois vídeos, mas de maneira que as pessoas só percebessem ao ver o segundo. E se tivessem assistido ao primeiro com atenção (risos). Muito obrigada pela ótima conversa. Nos vemos em breve!

IGNITED
STEELBOUND
DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS
Spotify
iTunes
DEEZER
Google Play
napster
@ignited_official
www.ignitedmetal.com
/ignitedofficialband

Com temas que vão do pop ao progressivo, Merlin Sutter, Anna Murphy e Ivo Henzi criaram um álbum conceitual em *The Spell*

COM A MORTE NA ALMA

CHEGANDO AO SEU SEGUNDO ÁLBUM, SUÍÇOS CONTINUAM FIRMES NA MISSÃO DE CONTAR HISTÓRIAS E ENFEITIÇAR OS OUVINTES

POR WALTHER AMLER

Era uma vez três músicos que tocavam em uma das maiores bandas de seu país, e percorriam o mundo com seus instrumentos e suas canções, encantando plateias e angariando fãs. Esta seria uma boa maneira para iniciar a narrativa da trajetória de Anna Murphy (voz/hurdy gurdy), Ivo Henzi (guitarra) e Merlin Sutter (bateria), trio responsável por um dos nomes que mais cresce no cenário folk. Fato é que um dia, em 2016, os heróis desta história resolveram se separar do Eluveitie e começar uma nova banda do zero: nascia o Cellar Darling, nome tirado do álbum solo de Anna Murphy, lançado em 2013. Como em um 'plot-twist' digno dos velhos contos germânicos, parecia que a coisa já estava prevista muito antes de acontecer. Mas, a melhor parte é a maneira como o Cellar Darling encarou a sua missão no seu álbum de estreia, *This Is The Sound* (2017): Eles são contadores de histórias. Bardos que viajam pelo mundo com sua música, relembrando antigos contos esquecidos, sussurrando histórias de amor e ódio, medo e bravura, beleza e terror, luz e treva. Agora, o segundo álbum, *The Spell*, chega com um pano de fundo ainda mais cativante e aterrador. A história de uma garota que vive sob o fascínio da morte, apaixonada por ela. São treze capítulos de uma história intrincada, de um amor que só tem um fim possível. Ou será que não? Confira o que Anna Murphy tem a nos dizer sobre esta incrível história e sua adaptação musical. Com você, os vencedores do Progressive Music Award 2019.

Lembro que na época do lançamento de *This Is the Sound* (2017), muita gente ficou confusa, por conta do seu álbum solo, de 2013. Pessoalmente, você encara *The Spell* como o segundo ou o terceiro do Cellar Darling?

Anna Murphy: É, no começo foi uma confusão (risos). Muita gente pensou que se tratava de um novo capítulo do meu álbum solo. Então, expliquei que o Cellar Darling era uma banda, mas pensaram que era a minha banda solo (risos). Porém, hoje penso que a maior parte das pessoas já percebeu que nós apenas usamos o nome do meu álbum solo, e, além disso, a única relação é o fato de eu estar na banda. Da minha parte, sempre compreendi o álbum solo e os discos do Cellar Darling como coisas diferentes. Então, não tenha dúvida, esse é o segundo álbum do Cellar Darling (risos).

Então, por favor, comente conosco como começou o processo de criação deste novo álbum.

Anna: Eu diria que tudo começou quando nós terminamos a primeira perna de nossa primeira turnê. Eu queria começar tudo muito rápido, queria que fosse algo muito imediato, pois sentia

que aquele era o momento certo. A ideia de um álbum temático também nasceu muito rapidamente, e foi nesse ritmo que ela se materializou. Quer dizer, o conceito já estava ali muito antes da música, o que acho que é uma maneira muito interessante para trabalharmos.

Por que você se sente assim?

Anna: Acredito que essa forma de trabalho aproveita melhor a nossa criatividade. Nós desenvolvemos ao máximo a história, e, então, precisávamos desenvolver ao máximo a música para combinar com o que tínhamos composto. E isso demanda muita criatividade! Realmente, acho que foi esse método de trabalho que nos rendeu resultados tão rápidos. Basta ver que o álbum anterior saiu apenas a cerca de dois anos.

Realmente bastante rápido, principalmente levando em conta os padrões atuais. Qual foi a primeira etapa desse trabalho?

Anna: Acho que só poderíamos ter começado com uma música. É engraçado, pois não percebi isso naquele momento, mas hoje faz todo o sentido pensar que começamos com a *Death*. Eu escrevi essa música, trabalhei no conceito e na demo, e depois mostrei para a banda. Eles imediatamente aprovaram, e, então começamos a trabalhar nela.

Todos juntos, ou você já tinha uma ideia muito avançada sobre essa música?

Anna: Não, nós realmente gostamos de trabalhar em todas as ideias juntos. Claro que alguém tem a ideia inicial, mas apresentamos essa ideia e todos nós, juntos, desenvolvemos a música. Não gostamos daquele método de ter alguém na banda que produz as ideias e então delega para os outros o que eles devem fazer. É um processo colaborativo, que exige bastante de cada um de nós.

Sim, e também mantém a banda em sintonia, já que todos estão focados na mesma coisa.

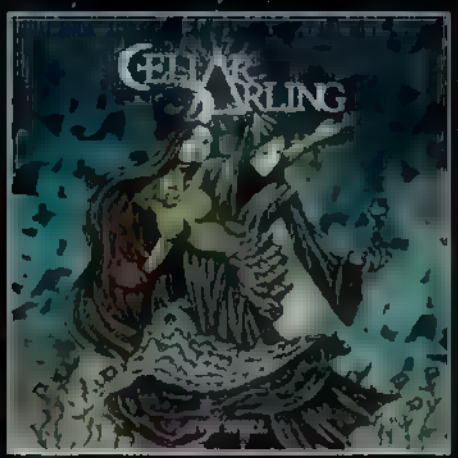
Anna: Exatamente. Bem, *Death* foi o ponto de partida, e com ela pronta, eu me senti confiante para apresentar aos meus colegas o conceito que girava na minha cabeça. O próximo passo foi criar o repertório... Quer dizer, foi um processo meio que 'às avessas'. Nós definimos o nome das músicas antes, definimos a ordem delas, e então começamos a desenvolver a história naquele ritmo, para encaixar cada parte.

No fim das contas, ouve-se no álbum uma sonoridade bem natural, o que pode vir deste método de trabalho.

Anna: Sim, e queríamos manter essa naturalidade, esse frescor das músicas. Mas deixe eu lhe contar outra coisa que sinto que fez toda diferença neste sentido: desta vez nós trabalhamos no estúdio, ao lado do produtor Tommy Vetterli (Coroner, ex-Kreator). Ele estava presente o tempo todo, participou ativamente do processo. Ele é um tipo de gênio, uma pessoa incrível e muito dedicada ao seu trabalho. Sempre que tínhamos uma ideia interessante, ele já estava pronto para gravar. Isso fez toda a diferença. Muito do que está no álbum foi registrado assim, em uma única tomada!

Sem internet ou troca de arquivos, é o registro daquele momento. Parece até o óbvio a ser feito, mas nem sempre é possível.

Anna: Eu pessoalmente gosto de



THE SPELL
NUCLEAR BLAST SHINIGAMI - MAC.

trabalhar das duas formas, mas quando se trata da banda, eu curto discutir as ideias na sala de ensaio, sem internet, sem arquivos, sem nada dessas coisas. Mas eu gosto de trabalhar nas minhas ideias por mim mesma, e gosto de fazer isso em casa, pois tenho o sentimento de que funciona melhor. Eu tenho mais tempo para transformar uma fagulha em uma fogueira de ideias e aí eu meio que misturo as duas coisas.

Esse processo é muito diferente daquele que experimentaram no Eluveitie?

Anna: Sim, eu diria que o nosso processo é muito diferente. Na verdade, não existe um padrão realmente comparativo entre as duas bandas, a única semelhança entre as duas é que eu, Ivo e Merlin tocávamos no Eluveitie, mas musicalmente é muito diferente. E eu acho isso incrível, não é um problema. O Chrigel é simplesmente o maior mestre da composição folk, ele tem um nível de excelência no que faz. No Cellar Darling nós simplesmente seguimos outro caminho, e esse exige outro processo.

Qual é a sua parte favorita nesse novo caminho?

Anna: Acho que é o processo em si, a composição mesmo. Escrever música sempre foi minha coisa favorita, o que mais gosto de fazer. É como se fosse o núcleo da minha existência, ter ideias, colocá-las dentro de um contexto, materializá-las. Eu amo isso no Cellar Darling, eu amava isso no Eluveitie, eu amo muito esse processo de criação, até mais do que o que vem depois. Não me entenda errado, eu amo tocar ao vivo (risos), mas amo ainda mais o tempo que me dedico a criação da música e das histórias que ela evoca.

Poucos sabem, mas você também é engenheira de som, então faz muito sentido.

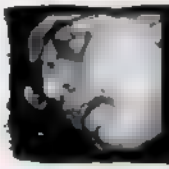
Anna: Sim, é verdade (risos). Eu gosto de estar no estúdio, é quase um processo alquímico, misturar diferentes elementos para chegar a um resultado específico. É mágico, eu amo fazer isso (risos). É quase tão bom quanto estar numa banda, e eu posso fazer as duas coisas, então, estou muito feliz (risos).

Bem, uma das coisas que mais chama atenção em *The Spell* é o conceito que você criou. Por favor, nos guie pelos primeiros estágios dessa história.

Anna: Com prazer. Bem, o ponto de partida foi uma imagem cultural muito antiga, 'a morte e a garota'. Essa imagem está presente em muitas histórias, livros, quadros, há centenas de anos. Mas eu queria absorver essa imagem e criar uma história nova, e foi assim que tudo começou. Eu imaginei essa garota perdida, apaixonada pela Morte. Ela tem uma vida terrível, repleta de dor e sofrimento, e é assim que ela conhece a Morte, assim que ela se encanta pela morte. A garota da nossa história persegue a Morte, mas ele (Morte) lança sobre ela o feitiço da vida eterna, então ela não poderá se reunir a ele por suas próprias mãos. Ela passa a tentar encontrar a morte, tenta forçar esse momento. Ela se submete a uma jornada infinita de muita dor, tentando se reconciliar com a Morte, e falhando em cada tentativa. Essa é a linha de fundo da história, narrada em treze capítulos.

Transformar todos esses capítulos em música é algo desafiador, certo?

Anna: Sim, muito. Às vezes nos sentávamos no estúdio e pensávamos em como fazer as coisas. Como em *Freeze*, o que fazer para que essa música ganhasse o aspecto frio que a letra exigia? No fim, foi muito recompensador. Sinto que atingimos o nosso auge com essa história, com este álbum.



IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO
ANTONIO CARLOS MONTEIRO É JORNALISTA, MÚSICO, MANTÉM O SITE TONYMONTEIRO.ROCK.BLOGSPOT.COM.BR E É REDATOR DA ROADIE CREW

STONES E BEATLES: CLARO QUE SIM!

Quem me conhece sabe da minha adoração por Rolling Stones. Dentre tantas e tantas bandas maravilhosas que tive a enorme satisfação de conhecer ao longo de minha não tão curta existência, foi a que mais teve a me dizer. Não tem explicação, simplesmente bateu do jeito certo desde a primeira vez que ouvi – e olha que faz tempo (leia minha coluna da última edição). Mas uma vez alguém um pouco fora do prumo quis me intimar: como eu poderia gostar de Beatles sendo fã dos Stones?

Pra começar, essa é uma das maravilhas da música. Não é como no futebol, que você escolhe um time e ponto final – e caso diga que torce para mais de um torna-se um cidadão desmoralizado (com razão) no mesmo momento. Na música (e quando eu escrevo "música", por favor, leia "rock") não é assim. Tem pelo menos umas seis bandas que admiro profundamente, daquelas que até me emocionam quando ouço – tipo The Who, Led Zeppelin, Black Sabbath, Deep Purple. Beatles está entre elas e em lugar nobre. Cada vez que me pedem para falar quais são meus dez discos favoritos sai uma lista diferente. Uma coisa não muda, no entanto: *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* vem em primeiro lugar. Isso explica, inclusive, o fato de eu nunca dar nota 10 na seção Releases. Afinal, se eu der nota 10 para qualquer outro disco, que nota daria para *Sgt. Pepper's*?

Costumo dizer que se você pegar aleatoriamente qualquer um dos álbuns que os Beatles e colocar para tocar qualquer faixa, também de forma aleatória, certamente vai ouvir boa música – mesmo que a brincadeira leve você a pôr para tocar *Revolution 9*, colagem sonora que mais se aproxima de uma maluquice e está no disco *The Beatles* (1968, conhecido como "White Album").

E o fato de ter sido lançado no final de setembro uma edição especial comemorativa dos cinquenta anos de *Abbey Road* (1969) só comprova isso. Os caras, especialmente John e Paul, estavam em pé de guerra, mas isso não diminuiu em nada a genialidade da dupla – e de George e Ringo, é claro. A espetacular remixagem ficou a cargo de Giles Martin, filho de George Martin, que produziu praticamente todos os discos do Fab Four – só ficou de fora do último, *Let it Be* (1970). E ouvindo-se essa nova versão percebe-se muitos detalhes que ficaram meio que "escondidos" no disco original e que mostram uma banda coesa, inovadora e tocando muitíssimo bem.

Recentemente também esteve em cartaz o genial filme "Yesterday", comédia de roteiro sensacional que mostra um suposto mundo em que os Beatles não existiriam. Pra mim, ao menos, não há dúvida: o mundo seria um lugar muito pior.

BROTHERHOOD

POR LUIZ CESAR PIMENTEL
LUIZ CESAR PIMENTEL É JORNALISTA, ESCRITOR

ROCK IN RIO - EU NÃO FUI

Talvez seja a idade (avançada). Certamente ela contribui significativamente para que eu seja bem mais seletivo ao escolher um show para ir.

O fator São Paulo (ou Rio, no caso) é outro componente. Parece que transformam a logística dos grandes shows em gincana. Quando rola show de estádio, então, é preciso contratar um gerente de projetos para organizar deslocamento, movimentação, portão, chegada e saída ao local.

Fora que quase todos os festivais oferecem transmissão ao vivo pela TV. O citado Rock in Rio, por exemplo, foi transmitido até em 4K. Com tudo isso, sabe quando eu vou me dispor a sair de casa para ir a uma apresentação? A resposta não é nunca. Mas quando o ritual delicioso de se ir a um show é preservado. E isso passa muito pela camada abaixo do mainstream, onde moram quase todas as bandas de metal.

São eventos que ainda mantêm os atrativos todos que cercam a experiência única de se assistir uma banda ao vivo. Não terá aquele chato com celular levantado na sua frente gravando ou tirando uma selfie com o palco de fundo, não terá bebida com preço impeditivo ou estacionamento que decuplica a taxa no dia do evento. Neste ponto, o texto acaba sendo até uma defesa da cena rockeira de verdade.

Ela só continuará a existir se conservarmos essa faixa média de consumo, que inclui espaços confortáveis e com estrutura decente de pequeno e médio portes, consumo de merchandising, pagar pelo ingresso (garanto que, se você não tem ideia, os tíquetes são bem mais baratos do que imagina, já que os festivais subiram o parâmetro de preço às nuvens) e, principalmente, exigir ser bem tratado.

Os dois últimos pontos provavelmente são os que me fizeram não ir ao Rock in Rio. E também a olhar com desconfiança cada vez que um festival é anunciado, mesmo que fique tentado a assistir mais uma vez àquela banda do coração.

A vez mais recente que despenquei na louca para o Rio de Janeiro foi na base do desespero, já que perdera o primeiro show do Mötley Crüe no país e o Rock in Rio marcaria a última chance de vê-los ao vivo. Só que desde aquele instante, em 2015, sabia que dificilmente me disporia a repetir a operação. A menos que uma das bandas a que nunca assisti ao vivo na vida marcasse apresentação exclusiva em festival. De cabeça, lembro apenas do Van Halen.

Se não existir essa somatória ou combinação de fatores, opto exclusivamente pelos shows menores ou pelo sofá de casa. Dois lugares onde sei que sou bem tratado

A LOOK AT METAL

POR CLAUDIO VICENTIN
CLAUDIO VICENTIN É EDITOR DA REVISTA ROADIE CREW

ROCK IN RIO: SLAYER, MAIDEN E AS BANDAS NACIONAIS

O Rock in Rio acabou e o saldo para nós, amantes do heavy metal, é enorme. O dia exclusivo do metal retornou e mostrou a sua força. Afinal, foi o dia que teve a venda dos ingressos esgotadas mais rapidamente.

Iron Maiden, Scorpions, Helloween, Sepultura no palco Mundo. Bom Jovi tocou nesse palco dias antes. Slayer, Anthrax, Torture Squad e Claustrofobia com Chuck Billy do Testament e Nervosa no palco Sunset. Whitesnake também tocou nesse palco dias antes.

O palco Supernova contou com Armored Dawn, Noturnall, Eminence, Jimmy & Rats e Fire Strike. E teve ainda o Rock District com o The Raven Age, Sioux 66, entre outros.

Muitos desses shows percorreram o país engrandecendo mais ainda a cena! Vide o Rock Fest, um festival de sucesso e que colocou em São Paulo Scorpions, Whitesnake, Helloween, Europe e Armored Dawn tocando para mais de 35 mil fãs. Teve ainda o Rock ao Vivo em Porto Alegre, com Scorpions, Whitesnake, HeLoween e Cartel da Cevada. Scorpions e Helloween tocando em São José (SC).

Não há como negar que, independentemente dos grandes shows que vimos das bandas nacionais e internacionais, o Slayer e o Iron Maiden chamaram mais a atenção. Slayer, por ser a última turnê e também por sempre fazer um show de extrema energia. Iron Maiden, por ser a maior banda de metal do mundo e sempre fazer um show de emocionar, e dessa vez com mais um set arrebatador.

Além disso, a vinda das bandas gerou eventos paralelos, como o jantar que a Nuclear Blast organizou com o Slayer no restaurante Sal, de Henrique Fogaça. Estive presente e foi algo de extremo bom gosto. Uma ótima homenagem a uma das maiores bandas de todos os tempos em nosso segmento.

Sobre as bandas nacionais, nada mais legal do que vê-las tocando em um palco grande e com ótima qualidade de áudio e luz. Necessitamos de mais apoio para elas. Hoje, pela qualidade que vemos por aí, teríamos que ter pelo menos umas 20 bandas nacionais em gravadoras internacionais e excursionando pelo mundo. Não basta apenas o mercado brasileiro dar mais apoio a elas, mas gravadoras e agências de shows de fora começarem a dar atenção para esse lado do mundo.

Faz 34 anos que ocorreu o primeiro Rock in Rio, divisor de águas em termos de shows de rock no Brasil. E não vai levar mais 34 anos para as bandas nacionais estarem em igualdade de competição, principalmente com as bandas europeias e americanas. O momento está mais próximo, mesmo em um país que dá pouca atenção à cultura e economicamente fraco por pura incompetência.

CAMPO DE BATALHA

POR RICARDO BATALHA
RICARDO BATALHA É REDATOR-CHEFE DA REVISTA ROADIE CREW

"BATALHA SLAYER"

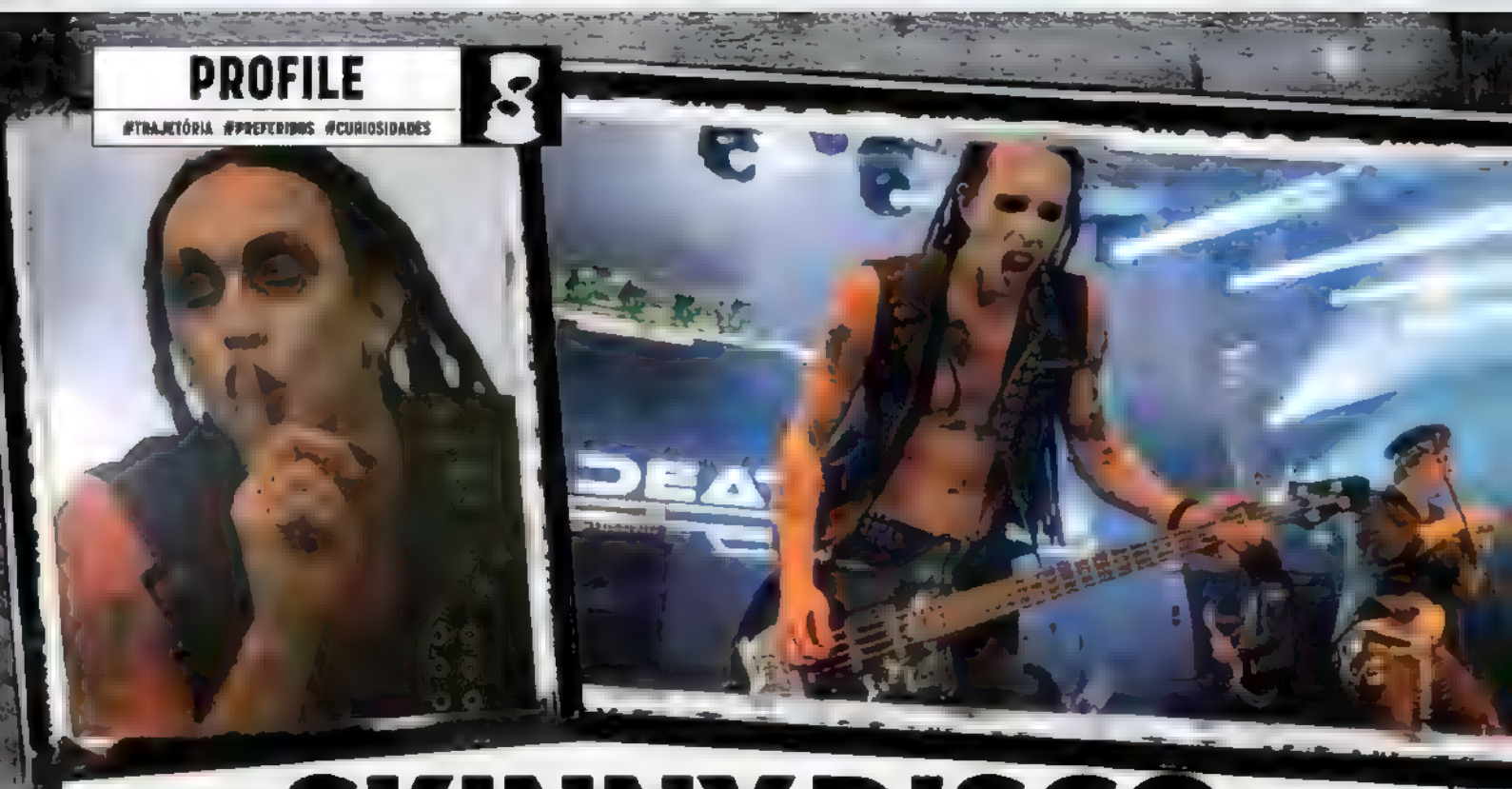
Depois de cobrir os derradeiros shows do Black Sabbath e Ozzy Osbourne em São Paulo, ter visto Slayer no Rock in Rio como fã, e não trabalhando como imprensa, foi um alívio. Pude voltar a ser o "Batalha Slayer" por alguns momentos. Posso não ter orgulho do meu passado no auge do radicalismo, quando ostentava este apelido de peito aberto e mente fechada, mas precisava estar na pista da Cidade do Rock. Claro que não fui ao Rio dirigindo a "Paraty Slayer", que lembro com carinho por ter levado meu irmão e meus amigos, em 10 de dezembro de 1986, ao show do Venom, Exciter e Vulcano. Fui na van dos músicos e da equipe do Sioux 66.

Desta vez, após o trabalho com o Sioux 66, que fez um show absurdamente energético no palco Rock District, a minha única meta era ver Slayer, que não tinha visto dias antes em São Paulo. E eu precisava, e queria, estar sozinho, sem ninguém do meu lado, para poder reviver na minha mente tudo que passei até aqui. É por isso que fiquei estático por alguns momentos na pista. Sim, foi mesmo uma bela despedida de tudo.

Eu já falei muito sobre isso, mas não custa repetir. Como "Batalha Slayer", cheguei ao cúmulo de chamar várias bandas, que há tempos curto demais, de "falso metal". Discos com teclado, saxofone, metais e bateria eletrônica eu descartava. Lia as informações da contracapa ou do encarte e não comprava. Ainda bem que não sou mais assim há décadas. Nem estaria aqui se fosse, registre-se.

Uma pena que o repertório no Palco Sunset foi menor que o do show de São Paulo. Assim, aquela memória da primeira música apresentada no extinto programa Comando Metal não foi tocada. Estou falando de *Chemical Warfare*. Lembro que no dia em que conheci o amigo Marcelo Csermak Garcia, que havia tomado borrachada da PM no show do Venom no Corinthians, nosso papo no salão nobre do Ipê Clube foi justamente sobre esta composição. Nós ficamos discutindo se era ou não a mais rápida do metal até então. Outro que sempre comenta sobre ela é o guitarrista Andreas Kisser, do Sepultura, um entusiasta do EP *Haunting the Chapel*, lançado em 1984. E veja como são as coisas. Eu peguei o filho de Andreas, Yohan Kisser, no colo quando fomos fazer o "Blind Ear" na casa dele. Agora, lá estava Yohan brilhando ao lado de Igor Godoi, Fabio Bonnies, Bento Mello e Gabriel Haddad no palco Rock District do Rock in Rio.

Por fim, qual banda do Universo acabaria um show, em sua turnê de despedida, com *Angel of Death*? Eu nunca vou me esquecer. Muito obrigado, Slayer!



SKINNY DISCO

(DEATHSTARS)

POR LEANDRO NOGUEIRA CORPI

Primeiro disco que comprou: "*The Final Countdown* (Europe)."

Melhor disco de Heavy Metal: "*Sabbath Bloody Sabbath* (Black Sabbath)."

Último disco que comprou: "Comprei dez discos de uma só vez. Não me lembro de cada um, mas tinham alguns do Judas Priest e do Ozzy."

Disco que mudou sua vida: "*Axis: Bold as Love* (The Jimi Hendrix Experience)."

Disco que mais ouviu na vida: "*Axis: Bold as Love* (The Jimi Hendrix Experience)."

Melhor capa de disco: "*In the Court of the Crimson King* (King Crimson)."

Disco que daria a seu pior inimigo: "Algum do Sabaton. Entendo que eles tenham muitos fãs, mas..."

Disco que gostaria de ter gravado: "Acho que algum disco do Rush."

Música que gostaria de ter composto: "*Little Wing* (Jimi Hendrix)."

Disco dos anos 70 que recomenda: "Nossa, existem tantos. Que pergunta horrível (risos). Que merda. Bem, *In the Wake of Poseidon* (King Crimson)."

Disco dos anos 80 que recomenda: "*Too Fast for Love* (Mötley Crüe)."

Disco dos anos 90 que recomenda: "Essa é a pior (risos). Não tenho certeza sobre algum bom álbum dos anos 90."

Disco dos anos 2000 que recomenda: "*Blackwater Park* (Opeth)."

Quatro bandas que chamaria para um festival: "Judas Priest, Rammstein, Dolly Parton e King Crimson."

Música que mais gosta de tocar: "*Blood Stains Blondes*."

Música que melhor define sua carreira: "*Cyanide*."

Três hinos do Rock/Metal para você: "*Iron Man* (Black Sabbath), *Shout at the Devil* (Motley Crüe) e *Painkiller* (Judas Priest)."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso: "Algumas músicas da Miley Cyrus. Não são ruins, eu realmente gosto, mas me surpreendo por isto. Soam como *Jolene* da Dolly Parton, quase isso. Me sinto um pouco envergonhado, mas curto a Miley Cyrus, a acho legal."

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo? "Há uma banda americana de bluegrass chamada Hayseed Dixie, que faz versões de metal. Eles começaram fazendo versões do AC/DC e são incríveis."

Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia? "(rindo) Eu não poderia tocar em minhas bandas favoritas. Eu ficaria nervoso de tocar com alguns dos meus ídolos. Desculpe, vou passar essa pergunta."

Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão? "*Touch Me (I Want Your Body)* (Samantha Fox)."

Um músico que definitivamente não o agrada: "Não gosto do Drake."

Uma banda que você é tão fã que o faria comprar o tributo deles a Kenny G.: "Quem é Kenny G? (risos)."

Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar? "Piano. Eu sei um pouco, mas gostaria de aprender mais."

Quando você acorda, qual música prefere ouvir? "Toda vez que ponho algo do Black Crowes ou do Thin Lizzy meu humor melhora o dia todo. Costumo ouvi-los pra me acalmar ou quando termino com uma garota. Ponho Thin Lizzy e digo: 'vamos em busca de uma nova garota!' (risos)."

Além de Rock e Metal, quais são os seus estilos musicais prediletos? "Amo música. Ouço muita música country, jazz, bossa nova... Não ouço só heavy metal ou hard rock. Música boa é música boa!"

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser? "Piloto de Fórmula 1."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã? "Fiquei realmente triste com uma garota que lhe autografamos no estômago. Ela rapidamente foi tatuar. Me senti mal por ela, pois soubemos que ela se esforçou pra tatuar com uma faca. Mas a mãe dela ficou dizendo: "Uau, ficou perfeito!". Acho que ela deve ter se arrependido".

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...: "Me divirto, quando planto minha comida, quando durmo. Você precisa amar o que você faz, acho que essa é a única hora que você se torna um sucesso. Se você não ama o que faz, nada vai acontecer."

Site: deathstars.net

ROADIE CREW.COM

VISITE NOSSO SITE!

Você também pode conferir as notícias do mundo do rock e do metal atualizadas

Onde VOCÊ estiver!

ROADIECREW.COM

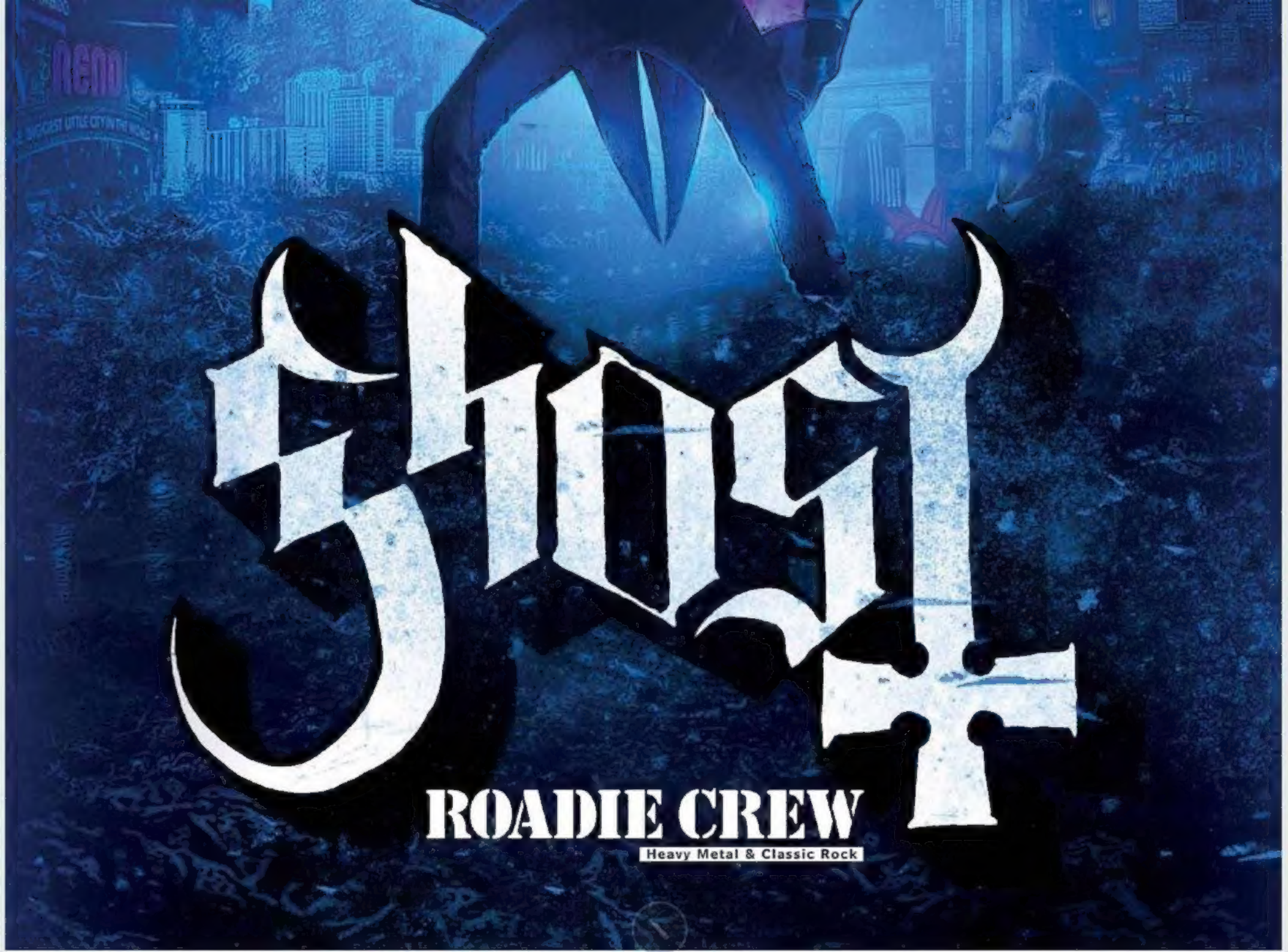
ACESSE E FIQUE POR DENTRO DE TUDO QUE ACONTECE EM NOSSA CENA

- **Roadie Shop** – Faça sua assinatura (física e digital), adquira as edições anteriores, adquira CDs e DVDs. Várias formas de pagamento
- **Newsletter** - Assine e receba em seu e-mail todas as novidades
- **Compartilhamento** - Compartilhe suas matérias favoritas com seus amigos
- **Nova Loja** - Nossas edições, diversos produtos e diversas formas de pagamento
- **Novas Seções** - Agora você pode divulgar os eventos de sua cidade, procurar por músicos, vender e trocar CDs, DVDs, Instrumentos Musicais e etc...
- **Site Multi-idiomas** - Nosso novo site pode ser lido em diversos idiomas, basta você escolher nas opções a bandeira dos seu país e aproveitar todo nosso conteúdo.

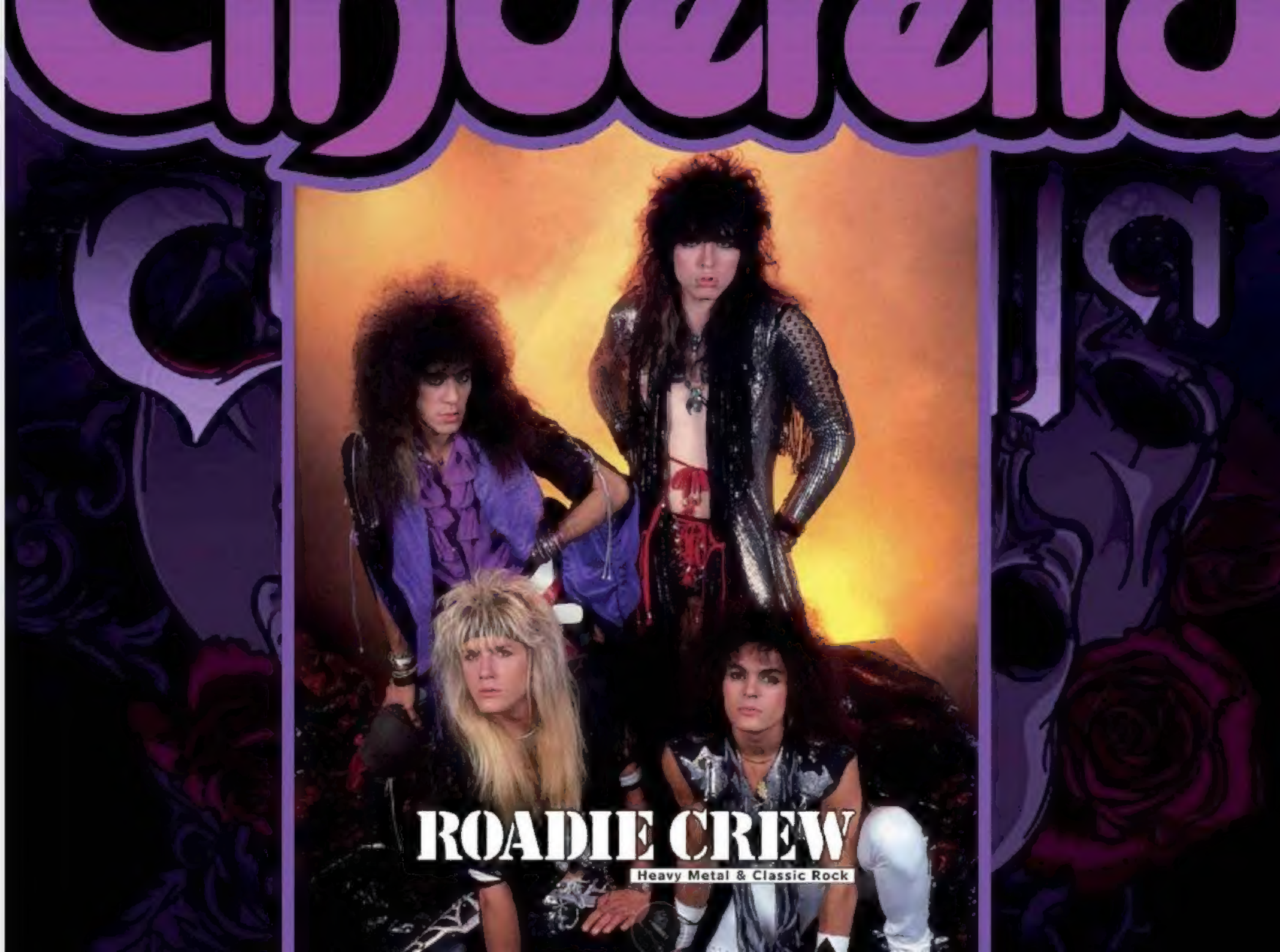
Exclusivo em Nossa Loja

Se não estiver no Brasil você também pode adquirir nossos produtos em sua moeda local

vicweb


Ghost
ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Cinderella



ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST

A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami 死神 Records

SOUND CITY RECORDS

Versão dupla DIGIPACK.
As versões BLU-RAY e LPs disponíveis em versões importadas

SLAYER

THE REPENTLESS KILLOGY

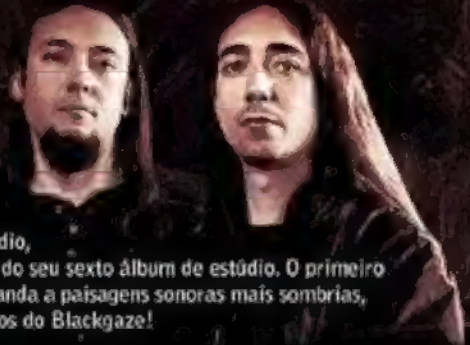
A banda que personifica o espírito do thrash metal!
SLAYER apresenta os grandes clássicos do thrash metal: 'Raining Blood', 'Angel of Death', 'South of Heaven', 'War Ensemble', 'Mandatory Suicide', 'Dead Skin Mask'...

anúncio: www.jduartedesign.com

NILE

VILE NILOTIC RITES

Existe o death metal e então existe o NILE!
O criativo Karl Sanders e o baterista George Kollias mantêm a banda como uma das mais importantes da cena extrema!



ALCEST

SPIRITUAL INSTINCT

Após um longo e intenso período de trabalho no Drudenhaus Studio, a ALCEST pode finalmente anunciar que terminou as gravações do seu sexto álbum de estúdio. O primeiro CD via Nuclear Blast intitulado "Spiritual Instinct". Levando a banda a paisagens sonoras mais sombrias, porém ainda sonhadoras e espiritualmente profundas. Os pioneiros do Blackgaze!

www.shinigamirecords.com.br 11 3719-0993 loja@shinigamirecords.com